



Seia | Portugal

CineEco2010

XVI Festival Internacional de Cinema e Vídeo de Ambiente da Serra da Estrela
16 a 23 de Outubro

CineEco2010

Organização:



seia



MINISTÉRIO DO AMBIENTE E DO
ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO.

Alto Patrocínio:

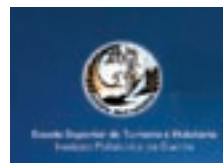
Patrocínio:



Apoios:



Comissão Nacional da UNESCO
PORTUGAL



terras da beira



Porta Estrela



cineeco2010

XVI festival internacional de cinema e vídeo de ambiente
serra da estrela seia_portugal



2010 Ano Internacional da Biodiversidade





ANO INTERNACIONAL DA BIODIVERSIDADE



Em 2010 comemora-se o Ano Internacional da Biodiversidade. O Cine Eco, único festival de cinema português dedicado aos problemas relacionados com o ambiente, não podia alhear-se de tal iniciativa internacional. Por isso, grande parte da sua programação lhe é dedicada. O que não modifica muito a programação desta edição em relação às anteriores. Para nós, todos os anos têm sido dedicados também à defesa da biodiversidade.



A biodiversidade que se manifesta das mais variadas formas. Assim como se deve defender a manutenção da diversidade da fauna e da flora, assim se deve defender a diversidade cultural e étnica, a diversidade de costumes e de tradições, a diversidade estética, a diversidade cinematográfica.



Em cinema também se defende o ambiente, lutando contra a poluição audiovisual e defendendo a pluralidade temática, geográfica, estilística.



O Cine Eco tem sido, ao longo dos seus 16 anos de existência, uma verdadeira força de resistência contra a massificação e o pior da globalização. Por isso estamos, como sempre estivemos, a defender hoje a biodiversidade. No vida do dia a dia, na cidade e no campo, na natureza e na ficção cinematográfica, no documentarismo e na animação.



Por isso esta edição do nosso programa se encontra comemorativamente engalanada com muitos dos mais célebres desenhos animados da História do Cinema.



cineeco2010

XVI festival internacional de cinema e vídeo de ambiente
serra da estrela seia_portugal

PRÉMIO NACIONAL DO AMBIENTE 2006
atribuído pela Confederação Portuguesa de
Associações de Defesa do Ambiente

membro fundador da
ASSOCIAÇÃO DE FESTIVAIS DE CINEMA DE MEIO AMBIENTE
(EFFN - ENVIRONMENTAL FILM FESTIVAL NETWORK)

parceiro dos
FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINEMA E VÍDEO AMBIENTAL GOIÁS . BRASIL
FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINEMA DO AMBIENTE WASHINGTON . EUA
VIZIONÁRIA . INTERNATIONAL VIDEO FESTIVAL . SIENA . ITÁLIA
WILD AND SCENIC ENVIRONMENTAL FILM FESTIVAL . NEVADA CITY . EUA

últimas extensões do cineeco
DEP. AMBIENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA
SEC. REGIONAL DO AMBIENTE . AÇORES:
ILHAS DE SÃO JORGE, S. MIGUEL, FAIAL, TERCEIRA E PICO
CENTRO DAS ARTES . CASA DAS MUDAS . CALHETA . MADEIRA
INATEL . ALBUFEIRA . VIDIGUEIRA. QUARTEIRA . BEJA
BIBLIOTECA MUNICIPAL . BRAGA
CENTRO DE CIÊNCIA VIVA . BIO BLITZ . SEMANA DE CULTURA CIENTIFICA . TAVIRA
QUINZENA DO COMÉRCIO JUSTO . ALMADA
MÓ DE VIDA . COOPERATIVA DE CONSUMO, CRL, ALMADA
TMG . TEATRO MUNICIPAL DA GUARDA
MUNICÍPIO DE OLIVEIRA DO HOSPITAL
ASSOCIAÇÃO JUVENIL VIZELA IMAGINACTIVA (VIA)
MUNICÍPIO DE ALCANENA
FREGUESIAS DO CONCELHO DE SEIA



Edição: CineEco

Título: Programa do CineEco'2010

XVI Festival Internacional de Cinema e Vídeo de Ambiente da Serra da Estrela

Coordenação, textos e design gráfico: Lauro António

(os textos assinados são da responsabilidade dos seus autores)

Capa segundo imagem de Avatar de James Cameron (Zon-Lusomundo Audiovisuais)

Tiragem: 1000 exemplares

Impressão: DPI · Cromotipo

Depósito Legal: 116857/97



O CineEco é, hoje, uma referência cultural incontornável do panorama audiovisual nacional e internacional, constituindo-se como um factor de promoção e afirmação do nosso Concelho, enquanto território intimamente associado à promoção dos valores ambientais.

Trata-se de um referencial estratégico, a afirmação de Seia como um espaço atractivo para viver, visitar e investir.

Contudo, a consolidação da sua imagem como um território envolvido com as questões ambientais, implica que, para além da sua localização num contexto ambiental de excelência, atribuída pelo Parque Natural da Serra da Estrela, disponha de excelentes indicadores de ambiente urbano e se afirme pela inovação e vanguardismo das políticas urbanas sustentáveis.

É um caminho longo e difícil, mas que estamos a percorrer na base de acções, com persistência e determinação.

Entre outros projectos está em curso a construção de cerca de duas dezenas de estações de tratamento de águas residuais, permitindo despoluir os nossos rios e ribeiras que, gradualmente, estão a ser devolvidos às pessoas e às comunidades locais, constituindo-se como mais um factor de atracção.

Um hino ao ambiente e à qualidade de vida.

Expresso, em meu nome pessoal e da Câmara Municipal, um agradecimento a todos aqueles que organizam e colaboram com o CineEco, convidando todos os munícipes a participarem e a se associarem a este importante evento cultural, de Seia para o Mundo.

Bom cinema e bom ambiente.

Carlos Filipe Camelo Miranda de Figueiredo
O Presidente da Câmara



CINE ECO 2010
“Bom Cinema e Bom Ambiente”
em (Bio)Diversidade

Nesta décima sexta edição do Cine Eco, Festival Internacional de Cinema e Vídeo do Ambiente da Serra da Estrela, que se organiza anualmente em Seia, desde 1995, acompanhamos as celebrações mundiais do Ano Internacional da Biodiversidade. Mas, para nós, todos estes anos foram anos de diversidade e de biodiversidade, porque durante todas as nossas anteriores edições esta foi sempre uma das nossas prioridades. Consciencializar para a necessidade de preservar a biodiversidade e a diferença, quer ao nível dos seres vivos, quer ao nível das variadas culturas de diferenciados povos, quer no âmbito das cinematografias e dos valores humanos. Não é por acaso que, desde muito cedo, apresentamos, fora de concurso, uma secção que se chama “Outros Povos, Outras Gentes”. Também não é por simples casualidade que, a concurso, temos privilegiado sempre as mais diversas temáticas, vistas por olhos de cineastas das mais distintas proveniências dos cinco cantos do mundo. É bom saber e fazer constar que não somos únicos no mundo, que há outros, “diferentes” de nós, e que a harmonia entre os diferentes é essencial para a preservação desta Terra, desde sempre em risco, precisamente por defeitos e vícios que o não têm em conta. Ou que violam este princípio de sã convivência.

Este Festival nasceu do querer de um grupo empenhado de cidadãos que acreditava ser possível (e cada vez mais imperativo) melhorar a situação do ambiente da nossa Terra e que, simultaneamente, amavam o cinema. De ano para ano, fomos acompanhando a produção mundial e nacional que rapidamente passou de um aflorar cauteloso e muitas vezes “provinciano” de algumas das causas que ameaçavam o ambiente para a discussão planetária de um dos temas de maior pertinência da actualidade. Julgo mesmo que esta é, presentemente, a única causa global, que pode ser vista sob diversas perspectivas, é certo, mas que não deixa de causar preocupações em cada mulher e homem de boa vontade.

O que nos move desde a primeira edição surge cada vez mais como uma evidência: defender o bom ambiente e o bom cinema. Não se trata tanto de “procurar sofregamente novidades” todos os anos. A realidade encarrega-se de nos trazer as “novidades”, muitas vezes trágicas, outras bem agradáveis de conferir, ao assistirmos a transformações graduais para a melhoria do planeta.

Não é, pois, necessário alinhar nesse rosário de mediocridades rançosas que quer tratar tudo muito rápido e muito pela rama, para atrair clientela, que nada retém e nada compreende. Um festival de cinema sobre ambiente tem de ser, por óbvias razões, um local de reflexão, de consciencialização, de debate interno e externo. Não se pode cativar multidões de um dia para o outro. Mas se, ano após ano, se for ganhando alguns mais para as causas que aqui se propõem a debate, já será uma batalha vencida, de uma longa guerra que terá de ser ganha por todos, se todos quiserem manter este planeta vivo, para si e para os seus descendentes.

Neste sentido, o Cine Eco não podia viver fechado nestes dias de Outubro passados em Seia. A sua actividade e a sua influência é, hoje em dia, muito mais vasta. Entre Outubro de 2009 e Outubro de 2010, o Cine Eco organizou mais de duas dezenas de extensões por todo o Portugal continental e insular: em Lisboa (Câmara Municipal de Lisboa, do Cinema S. Jorge ao Auditório de Monsanto) ou nos Açores (através da Secretaria Regional de Ambiente, em São Miguel, Terceira, São Jorge, Pico, Faial, com a participação de alguns milhares de espectadores), nas freguesias de Seia, no Algarve, no Norte, no Centro, etc. Contabilizamos assim muitos mais milhares de espectadores e uma invulgar projecção do nome do Festival e de Seia. Com uma curiosa confirmação: se há quinze anos havia cinco ou seis filmes de produção portuguesa, agora chegam à centena; se não havia uma única obra de produção local, de Seia e da região da Serra da Estrela, agora há quase uma dezena; se não havia escolas de cinema a projectar trabalhos de fim de curso com esta temática, agora há diversos. Finalmente, uma realidade recente que muito nos apraz registar. Há três anos que se realizam extensões no arquipélago dos Açores. Este ano temos meia dúzia de filmes, governamentais e particulares, a concurso. Este é, pois, o caminho certo, aquele que dá frutos. Visíveis.

Internacionalmente, o Cine Eco continua a impor-se: é membro fundador da Associação de Festivais de Cinema de Meio Ambiente (EFFN - Environmental Film Festival Network), de colaboração com o Festival Internacional de Cinema del Medi Ambient, de Barcelona (Espanha), de que faz parte igualmente o FICA, de Goiás. Este ano temos o prazer de saudar a presença, no Júri Internacional, de Cláudio Lauria, director do Cinema del Medi Ambient, de Barcelona (Espanha), e de Lisandro Nogueira, coordenador do FICA, Festival Internacional de Cinema Ambiental de Goiás.

O Cine Eco mantém parcerias com o Festival de Ambiente de Washington,

um dos mais prestigiados do mundo, de quem recebemos no ano passado a visita da sua Presidente e fundadora, Flo Stones. Não esquecemos as parcerias já existentes com o Vizionária, International Video Festival, de Siena (Itália) e o Wild and Scenic Environmental Film Festival, de Nevada City (EUA) e o “Festival de Inverno”, de Sarajevo (na Bósnia-Herzegovina). E novas parcerias se avizinham, com propostas chegadas de outros festivais para se aliarem connosco nesta luta comum.

Passemos então a um relance rápido sobre o que vamos ver. Obras a concurso: Em 2010, o Cine Eco recebeu a inscrição de mais de quatro centenas de obras (423, para ser preciso) provenientes de mais de sessenta países. Um record, em termos de diversidade. A quantidade e a qualidade da grande maioria dos títulos visionados impuseram algumas alterações na sua pública apresentação e na organização das respectivas competições.

Assim, continuarão a coexistir um Júri Internacional e um Júri da Lusofonia, destinado este último unicamente à produção lusófona que não se enquadrou na competição internacional, mantendo-se a secção “Mostra Informativa”, onde poderão ser vistas obras de reconhecido mérito, mas impossibilitadas de estarem a concurso, quer por fugirem um pouco à temática deste certame, quer igualmente em função da impossibilidade física de horário e de disponibilidade dos jurados.

Deve sublinhar-se ainda a quantidade (e muita qualidade, nalguns casos) das obras lusófonas, com particular relevo para as produções portuguesas e brasileiras, que atingiram percentagens no cômputo geral nunca antes alcançadas. Uma menção muito especial para a produção com origem na região de Seia, e das Beiras, o que demonstra bem o impulso que a existência deste festival representa para este tipo de produção. Não são ainda obras-primas, mas demonstram um querer que justifica amplamente a sua projecção.

Secções paralelas: Para promover o cinema de qualidade, o Cine Eco criou, igualmente desde a sua primeira edição, secções paralelas, como “Outras Terras, Outras Gentes”, que pretende difundir um cinema menos visto pelo grande público, mas de grande qualidade, de cinematografias não muito habituais no nosso país. Em 2008, assim continuará a ser. Anualmente, o Cine Eco exhibe ainda alguns “Clássicos do Cinema”. O bom ambiente ganha-se também com bom cinema. Bom cinema que os clássicos testemunham de forma brilhante. Este ano, aderindo à causa do Ano Internacional da Biodiversidade, escolhemos uma dezena de clássicos do cinema, na maioria documentais, onde este tema é uma realidade sempre presente. Ainda um pouco nesse sentido, e aproveitando a estreia de mais uma versão do também clássico “Robin Hood”, organizou-se um ciclo, “Na Floresta de Sherwood”, que, como se tentará demonstrar, é um tema ecológico.

O triunfo de Kathryn Bigelow na cerimónia dos Oscars de 2010, impôs o estudo da obra desta realizadora. Dedicamos-lhe uma retrospectiva (quase) integral.

A presença de Fernando Lopes, um dos mais prestigiados cineastas portugueses, como Presidente do Júri Internacional, foi motivo para rever alguns dos seus momentos de eleição, de “Belarmino” a “Sorrisos do Destino”.

As mortes recentes de Arthur Penn, Claude Chabrol e Tony Curtis colocaram a imperiosa necessidade de os recordar através de algumas das suas obras mais representativas. O desaparecimento de Maria Dulce levou igualmente a regressar a “Frei Luís de Sousa”, para a lembrar com saudade.

“Só Animação” é o habitual ciclo dedicado ao público infantil e juvenil, em idade escolar, conservando uma relação íntima com as escolas e as crianças.

Finalmente agradecemos a presença e a entrega de todos os elementos que integram os diferentes Júris (Internacional, Lusofonia, Extensões e Juventude) que se disponibilizaram com amizade a acompanhar este evento. A todos os autores e instituições com obras a concurso, o nosso mais sincero obrigado – sem eles não haveria festival, e não haveria sobretudo um festival com um tão bom nível de participação.

A todos quantos ajudam a erguer esta iniciativa, quer seja nos contactos internacionais ou na recolha de elementos para fichas, na elaboração do catálogo ou na projecção das obras, na promoção publicitária do evento, a todos o nosso profundo agradecimento. Finalmente, e como sempre, a gratidão que não é (não deve ser) só de quem organiza este Festival, mas de todos os senenses, de todos os portugueses, e mesmo de todos os cidadãos do mundo a quem as questões do ambiente preocupam, à Câmara Municipal de Seia, na pessoa do seu novo presidente Carlos Filipe Camelo, que empenhadamente continua a apostar neste certame, e ainda aos companheiros de percurso Carlos Teófilo e Mário Jorge Branquinho.

Lauro António | director artístico do CineEco



CineEco2010

ORGANIZAÇÃO E AGRADECIMENTOS

CINE ECO 2010

PROMOTORES

CÂMARA MUNICIPAL DE SEIA
EMPRESA MUNICIPAL DE CULTURA
E RECREIO – EMCR I SEIA
*

COMISSÃO EXECUTIVA

CARLOS TEÓFILO FURTADO
LAURO ANTÓNIO
MÁRIO JORGE BRANQUINHO
*

DIRECÇÃO ARTÍSTICA

LAURO ANTÓNIO
*

SECRETARIADO DO FESTIVAL

em Lisboa
FREDERICO CORADO
MARIA EDUARDA COLARES
colaboração
VANESSA PELERIGO
*

ALTO PATROCÍNIO

Ministério do Ambiente
*

APOIOS

ICA – Instituto de Cinema e
Audiovisual
EDP
FUNDAÇÃO LUSOAMERICANA
PARA O DESENVOLVIMENTO
VODAFONE
INSTITUTO DA CONSERVAÇÃO DA
NATUREZA E BIODIVERSIDADE
COMISSÃO NACIONAL DA UNESCO
ESCOLA SUPERIOR DE TURISMO
E HOTELARIA / IPG – INSTITUTO
POLITÉCNICO DA GUARDA
SEIA INVESTIMENTOS FUTUROS
MUSEU DO PÃO
CAIXA AGRÍCOLA
DA SERRA DA ESTRELA
LIBERTY SEGUROS – SEIA
AUTOMARTINAUTO – PEUGEOT
DELTA CAFÉS
CASAS DA LAPA
*
MEDIA PARTNERS
RTP – RÁDIO TELEVISÃO
PORTUGUESA
VISÃO
JORNAL TERRAS DA BEIRA
PLANETA AZUL

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

ALBERTO TOSCANO PESSOA
CONSERVATÓRIO DE MÚSICA
DE SEIA
MOEMA SILVA
INTERBEIRAS – AGÊNCIA DE
VIAGENS
ESCOLA SECUNDÁRIA DE SEIA
QUINTA DO PERDIGÃO
QUINTA DO ESCUDIAL
QUINTA DA BICA
ÁGUAS SERRA DA ESTRELA
JORNAL DE SANTA MARINHA
JORNAL PORTA DA ESTRELA
JORNAL A GUARDA
TURIVIAJAR.TV
Blogs de Seia
Bares da cidade de Seia
*

Um agradecimento muito especial aos elementos dos diferentes

Júris do Cine Eco

Júri Internacional

Fernando Lopes
Lisandro Nogueira
Io Apoloni
Cláudio Lauria
Danae
Cristina Gomes
Nucio Banja Fernandes
Humberto Pinto
Peter Vogelaere
Paulo Magalhães

Júri da Competição Lusófona

Amândio Silva
Ana Bilbao
Cristiano França Lima
Herman Mertens
João Pereira Bastos
Licinia Girão

Júri das Extensões

Carolina Leão
Cristina Gomes
Sandra Silva
Silvina Pereira

Júri da Juventude

Ana Schefer
Patrícia Guedes
Teófilo Furtado, Jr.
Cláudia Teixeira de Almeida
Miguel Ribeiro
Isac Martins
Diogo Blanco

**Agradecimentos dispersos
pelos quatros cantos do mundo,
pela participação de obras a
concurso:**

Alemanha

Bertram Verhaag
Christiane Goetz-sobel
Juergen Grosse
Kai Voigtländer
Lena Kampf
Reinhard Schodler

Argentina

Pablo D'alo Abba
Christian Harbaruk

Austrália

Jeremy Hogarty

Bélgica

Geert De Belder
Sonia Ringoot

Bósnia e Herzegovina

Nisvet Hrustic

Brasil

Amarildo Pessoa
Ana Maria Magalhães
Ângelo Lima
Camilo Cavalcante
Cardes Amâncio
Cassia Mary Itamoto
Celina Kurihara
Diego Mendonça
Frederico Machado
Kleber Mendonça Filho
Lorival Belém Júnior
Luís Valentim
Marcelo De Paula
Mariley Carneiro
Marly Mendanha
Pedro Barbosa
Sean Walsh
Sérgio Bernardes
Washington Novaes

Canadá

David Geiss
Kevin McMahon

Chile

Pablo D'alo Abba
Christian Harbaruk

China

Huanqing Jin
Fanjiaju
Wangjun

Costa Rica

Luciano Capelli

Croácia

Branko Istrvancic

Dinamarca

Michael Madsen

Escócia

Anna Ewert

Espanha

Guilhermo Garcia-ramos
Isidro Gimenez Gomez
Javier Estella
João Luís Azevedo
Jorge Tsabotzoglu
Lilian Rosado González
Paul Camarasa

Eua

Alan Gorg
Cambri Matlow
Jason Blalock
Jennifer Redfearn
Morgan Robinson
Tom Metzger

Finlândia

Gyula Nemes

França

André Charles-dominique
Blandine Huk
Chantal Lasbats
David Martin
Frédéric Cousseau
José Bourgarel
Marc Barrat
Nathalie Granger-charles-dominique
Quincy Russell
Sabrina Guitart
Tessa Joosse

Grécia

Andreas Apostolis
Stelios Apostolopoulos
Yorgos Avgeropoulos

Holanda

Joshka Wessels
Monique Stool
Wijmand Geraerts

Hungria

Gyula Nemes

Inglaterra

Pezhman Mazaheripour

Islândia

Ava Lanche

Israel

Tamar Shippony

Irão

Pezhman Mazaheripour
Jafar Nornohammandi

Itália

Alessandro Acito
Anja Medved
Antonio Martino
Caterina Gueli
Leonardo Valderrama
Nadia Veluscerr
Paolo Balmas
Thomas Fazi

Malásia

Yow Chong Lee

Nova Zelândia

David Joseph Ryan

Perú

Carlo Brescia Seminário

Polónia

Andrej Bojanczyk
Bozrena
Jan Walentik
Maciej Gorski
Uladzimir Kolas

Portugal

Adriano Smaldone
Ana Pinto
Andreia E Sérgio Soares Luís
António Barreto
Aurélio Faria
Carlos Amaral
Colectivo De Alunos Da Escola E/b
2-3 Do Sardeal
F. Cunhal Saraiva
Fernando Nascimento
Francesco Giarrusso
Francisco Manso
Humberto Filipe
Jerónimo Rocha
Joana Pontes
Jorge Ramalho
Madalena Boto
Manuel Matos Barbosa
Mariana Castro
Media 9
Patrícia Santos
Paulo Bicudo
Paulo César Fajardo
Pedro Ferreira
Pinto Machado
Ricardo Machado
Rita Alcaire
Rodrigo Lacerda
Rodrigo Lacerda

Rui Filipe Torres

Sílvio Santana

Sofia Borges

Vítor Manuel Martins De Brito

Vítor Roque

República Checa

Gunnar Raimann

Roménia

Alexei Gubenco

Sérvia

Nebojsa Pjevió

Suécia

Michael Madsen

Suíça

Carol Haefliger
Daniel Schweizer

Taiwan

Huang Hsin-yao

Turquia

Ruyo Arzu Koksall

Ucrânia

Igor Parfenov

União Indiana

Shweta Kishore
Venu Nair
Yask Desai

Venezuela

Laura Graham
David Hernandez Palmar
Caimi Waiásse

Pelo aluguer de filmes:

Atalanta Filmes
Columbia, Tristar
Filmes Castello Lopes
Prisvideo.Vitória Filmes
Valentim de Carvalho
Zon Lusomundo

*

DPI Cromotipo
Pelo empenho manifestado
na execução dos trabalhos
tipográficos

*

Anúncio para televisão:

Frederico Corado



CineEco2010

PROGRAMAÇÃO

- horas** **16outubro** **10** _sábado
- 11,00** Só animação: **TOY STORY 3**, de Lee Unkrich (EUA, 2010); Animação; 103 minutos; M/ 6 anos;
- 21,30** **ABERTURA OFICIAL | CONCERTO COM BERNARDO SASSETI TRIO**
- horas** **17outubro** **10** _domingo
- 11,00** Só animação: **SHREK PARA SEMPRE!** ou **SHREK 4 (Shrek Forever After)**, de Mike Mitchell (EUA, 2010); Animação; 93 minutos; M/6 anos.
- 15,30** Outras Terras, Outras Gentes: **HOMENS QUE MATAM CABRAS SÓ COM O OLHAR (The Men Who Stare at Goats)**, de **Grant Heslov (EUA, 2009)**; com George Clooney, Ewan McGregor, Jeff Bridges, Kevin Spacey, etc. 94 minutos; M/12 anos.
- 18,00** Outras Terras, Outras Gentes: **O LAÇO BRANCO (Das Weisse Band)**, de Michael Haneke (Áustria, Alemanha, França, Itália, 2009); com Christian Friedel, Ernst Jacobi, Leonie Benesch, Ulrich Tukur, etc. 144 minutos; M/ 16 anos.
- 21:30** Outras Terras, Outras Gentes: **O ESCRITOR FANTASMA (The Ghost Writer)**, de Roman Polanski (Inglaterra, França, Alemanha, 2010); com Ewan McGregor, Kim Cattrall, Pierce Brosnan, Olivia Williams, Timothy Hutton, etc. 128 minutos; M/ 12 anos.
- horas** **18outubro** **10** _segunda-feira
- 10,00** Só animação: **TOY STORY 3**, de Lee Unkrich (EUA, 2010); Animação; 103 minutos; M/ 6 anos;
- 15,00** Outras Terras, Outras Gentes: **AVATAR**, de James Cameron (EUA, Inglaterra, 2009); com Sam Worthington, Zoe Saldana, Sigourney Weaver, Stephen Lang, etc. 162 minutos; M/ 12 anos.
- 18,00** Outras Terras, Outras Gentes: **EU SOU O AMOR (Io Sono l'Amore ou I Am Love)**, de Luca Guadagnino (Itália, 2009); com Tilda Swinton, Flavio Parenti, Edoardo Gabbriellini, etc. 120 minutos; M/ 12 anos.
- 21,30** Outras Terras, Outras Gentes: **A ORIGEM (Inception)**, de Christopher Nolan (EUA, 2010); com Leonardo DiCaprio, Joseph Gordon-Levitt, Ellen Page, etc. 148 minutos; M/ 12 anos.
- Programação**
- horas** **19outubro** **10** _terça-feira
- 10,00** Só animação: **SHREK PARA SEMPRE! OU SHREK 4 (Shrek Forever After)**, de Mike Mitchell (EUA, 2010); Animação; 93 minutos; M/6 anos.
- 15,00** Outras Terras, Outras Gentes: **TUDO PODE DAR CERTO (Whatever Works)**, de Woody Allen (EUA, 2009); com Larry David, Evan Rachel Wood, Adam Brooks, etc. 92 minutos; M/ 12 anos.
- 18,00** Outras Terras, Outras Gentes: **AS ERVAS DANINHAS (Les Herbes Folles)**, de Alain Resnais (França, Itália, 2009); com André Dussollier, Sabine Azéma, Emmanuelle Devos, etc. 104 minutos; M/ 12 anos.
- 21,30** Outras Terras, Outras Gentes: **GREEN ZONE, COMBATE PELA VERDADE (Green Zone)**, de Paul Greengrass (EUA, França, Inglaterra, Espanha, 2010); com Matt Damon, Greg Kinnear, Brendan Gleeson, etc. 115 min minutos; M/ 12 anos.
- horas** **20outubro** **10** _quarta-feira
- 10,00** Só animação: **TOY STORY 3**, de Lee Unkrich (EUA, 2010); Animação; 103 minutos; M/ 6 anos;
- 21,45** **NICOLAU BREYNER - 50 ANOS DE CARREIRA LEVADOS À CENA**
- horas** **21outubro** **10** _quinta-feira
- 10,00** Só animação: **SHREK PARA SEMPRE! OU SHREK 4 (Shrek Forever After)**, de Mike Mitchell (EUA, 2010); Animação; 93 min.; M/6 anos.
- 15,00** Na Floresta de Sherwood: **ROBIN HOOD**, de **Ridley Scott (EUA, Inglaterra, 2010)**; com Russell Crowe, Cate Blanchett, Max von Sydow, William Hurt, etc. 140 minutos; M/ 12 anos.
- 18,00** Outras Terras, Outras Gentes: **UM HOMEM SINGULAR (A Single Man)**, de Tom Ford (EUA, 2009); com Colin Firth, Julianne Moore, Nicholas Hoult, etc. 99 minutos; M/ 16 anos.
- 21,30** Na Floresta de Sherwood: **ROBIN HOOD**, de Ridley Scott (EUA, Inglaterra, 2010); com Russell Crowe, Cate Blanchett, Max von Sydow, William Hurt, etc. 140 minutos; M/ 12 anos.
- horas** **22outubro** **10** _sexta-feira
- 10,00** Só animação: **COMO TREINARES O TEU DRAGÃO (How to Train Your Dragon)**, de Dean DeBlois, Chris Sanders (EUA, 2010); Animação; 98 minutos; M/6 anos.
- 15,00** Outras Terras, Outras Gentes: **ASSALTO AO SANTA MARIA**, de Francisco Manso (Portugal, 2010); com Pedro Cunha, Leonor Seixas, Carlos Paulo, Vítor Norte, etc. 98 minutos; M/ 12 anos. (escolas, com presença de realizador e actores)
- 18,00** Outras Terras, Outras Gentes: **ASSALTO AO SANTA MARIA**, de Francisco Manso (Portugal, 2010); com Pedro Cunha, Leonor Seixas, Carlos Paulo, Vítor Norte, etc. 98 minutos; M/ 12 anos. (público em geral, com presença de realizador e actores)
- 21,30** Outras Terras, Outras Gentes: **A ESTRADA (The Road)**, de John Hillcoat (EUA, 2009); com Viggo Mortensen, Kodi Smit-McPhee, Robert Duvall, Guy Pearce, etc. 111 minutos; M/ 16 anos.
- horas** **23outubro** **10** _sábado
- 11,00** Só animação: **COMO TREINARES O TEU DRAGÃO (How to Train Your Dragon)**, de Dean DeBlois, Chris Sanders (EUA, 2010); Animação; 98 minutos; M/6 anos.
- 21,30** **ENCERRAMENTO | ENTREGA DE PRÉMIOS E CONCERTO | COUPLE COFFEE & BAND**



Programação

Casa Municipal da Cultura

Auditório

- horas **17outubro´10** _domingo
22,00 **OBRAS A CONCURSO: INTERNACIONAL** | **Ocidente no Oriente**, de Nisvet Hrustic (Bósnia) 23'; **Seminário sobre Investimento no Terceiro Mundo**, de Alan Gorg (EUA) 36'; **100.000 Caixões, o Escândalo do Amianto** de José Bourgarel (França) 75'
- horas **18outubro´10** _segunda-feira
22,00 **OBRAS A CONCURSO: INTERNACIONAL** | **Em Direção à Eternidade**, de Michael Madsen (Dinamarca, Finlândia, Suécia, Itália) 75'; **A Bacia**, de David Geiss (Canadá) 8' **Soprado pelo Vento Blown**, de Carol Haefliger (Suíça) 27'.
- horas **19outubro´10** _terça-feira
22,00 **OBRAS A CONCURSO: INTERNACIONAL** | **Reidy, a Construção da Utopia**, de Ana Maria Magalhães (Brasil) 77'; **O Céu está a Arder**, de Luciano Capelli (Costa Rica / Itália) 57'; **Viva a Crise**, de Alexei Gubenco (Roménia) 3'.
- horas **21outubro´10** _quinta-feira
22,00 **OBRAS A CONCURSO: INTERNACIONAL** | **Quando os Pólos Derretem – a Expedição à Antártica** de Kai Voigtländer (Alemanha) 52'; **Movimento Copenhaga**, de Lena Kampf (Alemanha); 67'; **Brilhando no Escuro**, de David Joseph Ryan (Nova Zelândia) 7'
- horas **22outubro´10** _sexta-feira
22,00 **OBRAS A CONCURSO: INTERNACIONAL** | **Caos Climático no Sul, A História das Vítimas**, de Geert De Belder (Bélgica) 53'; **Sob o Sol Verde**, de Chantal Lasbats (França) 52'; **Um futuro a que Preço?**, de David Martin (França) 52'.

Casa Municipal da Cultura

Sala “Mostra Paralela”

Neste espaço estarão disponíveis as obras da Mostra Paralela.

Centro de Interpretação da Serra da Estrela

CISE Auditório

- horas** **17outubro** **10** _domingo
- 11,00** **OBRAS A CONCURSO: LUSOFONIA** | **Pantanal no Ar**, de Marcelo de Paula (Brasil) 87'; **Vela ao Crucificado**, de Frederico Machado (Brasil) 13'; **Sonho de Humanidade**, de Amarildo Pessoa (Brasil) 14'; **A Terra a Gastar**, de Cassia Mary Itamoto e Celina Kurihara (Brasil) 6'.
- 15,00** **OBRAS A CONCURSO: INTERNACIONAL** | **Tamboro**, de Sérgio Bernardes (Brasil) 100'; **Semeador Urbano**, de Cardes Amâncio (Brasil) 8'; **Priolo**, de Madalena Boto (Portugal) 10'; **A Ria, a Água e o Homem**, de Manuel Matos Barbosa (Portugal) 5'
- 18,00** **OBRAS A CONCURSO: INTERNACIONAL** | **Chaparrí, os Sete Ursos da Montanha Sagrada**, de Nathalie Granger-Charles-Dominique e André Charles-Dominique (França) 94'; **Escavando Piedade**, de Venu Nair (Índia) 14'

- horas** **18outubro** **10** _segunda-feira
- 11,00** **OBRAS A CONCURSO: LUSOFONIA** | **Pacto de Autarcas**, de Pedro Ferreira (Portugal) 72'; **Breu**, de Jerónimo Rocha (Portugal) 14'; **Arte Xávega, o Chamamento do Mar**, de Paulo César Fajardo (Portugal) 26'.
- 15,00** **OBRAS A CONCURSO: INTERNACIONAL** | **As Horas do Douro**, de António Barreto e Joana Pontes (Portugal) 98'; **Amigos do Ambiente, 6 capítulos**, de João Luís Azevedo e Isidro Gimenez Gomez (Espanha, Portugal) 6'; **Uma Terra, Muitas Vidas**, de Francisco Manso (Portugal) 11'; **Justino**, de Carlos Amaral (Portugal) 8'.
- 18,00** **OBRAS A CONCURSO: INTERNACIONAL** | **Vida à Venda**, de Yorgos Avgeropoulos (Grécia) 61'; **Um Lugar sem Pessoas**, de Andreas Apostolis (Grécia) 55'; **Karez no Curdistão**, de Joshka Wessels (Holanda) 20'.

Programação

- horas** **19outubro** **10** _terça-feira
- 11,00** **OBRAS A CONCURSO: LUSOFONIA** | **Quintã – Memórias**, de Ricardo Machado (Portugal) 50'; **Verde às Cinzas**, de Colectivo de Alunos da Escola E/B 2-3 do Sardoal (Portugal) 5'; **Pouco Barulho**, de Alunos da Escola E/B 2-3 do Sardoal (Portugal) 6'; **A Água e a Natureza**, de Vítor Manuel Martins de Brito (Portugal) 20'; **Castelos da Nossa História**, de Ana Pinto, Patrícia Santos e Vítor Roque (Portugal) 17'; **Senhora do Desterro, um Paraíso Adiado**, de F. Cunhal Saraiva (Portugal) 10'; **Vamos**, de Paulo Bicudo (Portugal) 18'.
- 15,00** **OBRAS A CONCURSO: INTERNACIONAL** | **Xingu, A Terra Ameaçada**, de Washington Novaes (Brasil) 105'; **Canto da Terra d' Água**, de Francesco Giarrusso e Adriano Smaldone (Portugal) 32';
- 18,00** **OBRAS A CONCURSO: INTERNACIONAL** | **Nimbus**, de Huang Hsin-yao (Taiwan) 36'; **Heavy Metal**, de Huanqing Jin (China) 50'; **Lágrimas de Shuangxi**, de Fanjiaju e Wangjun (China) 20'

- horas** **20outubro** **10** _quarta-feira
- 11,00** **OBRAS A CONCURSO: INTERNACIONAL** | **A Onda que se Levanta**, de Shweta Kishore e Yask Desai (Índia) 65'; **Os Cruzados Verdes**, de Yow Chong Lee (Malásia) 14'; **Yaku Patsa**, de Carlo Brescia Seminário (Peru) 34'; **Ona**, de Pau Camarasa (Espanha) 10'.
- 15,00** **OBRAS A CONCURSO: INTERNACIONAL** | **Veneno de Arena**, de Igor Parfenov (Ucrânia) 25'; **Aldeia Perdida**, de Gunnar Raimann (República Checa) 51'; **U.S.S02 Sérvia**, de Nebojsa Pjevió (Sérvia) 56'

- horas** **21outubro** **10** _quinta-feira
- 11,00** **OBRAS A CONCURSO: LUSOFONIA** | **Coperogra – A Superação de uma Comunidade**, de Pedro Barbosa (Brasil) 25'; **Dunas e Falésias – Monumentos Ameaçados**, de Pedro Barbosa (Brasil) 25'; **A Cor do Ouro**, de Marly Mendanha (animação) (Brasil) 2'; **Água Viva**, de Marly Mendanha (Brasil) 5'; **Avé Maria ou Mãe dos Sertanejos**, de Camilo Cavalcante (Brasil) 12'.
- 15,00** **OBRAS A CONCURSO: INTERNACIONAL** | **Pelos Trilhos do Andarilho**, de Rodrigo Lacerda (Portugal) 60'; **Aldeias sem Caminho**, de Javier Estella e Jorge Tsabotzoglú (Espanha) 46'; **Onze Graus**, de Anna Ewert (Escócia) 17'.
- 18,00** **OBRAS A CONCURSO: INTERNACIONAL** | **Um Grau Faz a Diferença**, de Eskil Hardt (Dinamarca) 60'; **Cientistas Sob Ataque**, de Bertram Verhaag (Alemanha) 60'; **Reciclar**, de Branko Istrvancic (Croácia) 15'

- horas** **22outubro** **10** _sexta-feira
- 11,00** **OBRAS A CONCURSO: LUSOFONIA** | **Diga 33**, de Ângelo Lima (Brasil) 18'; **O Paradoxo da Salamandra**, de Francisco Manso e François Binggeli (Portugal) 52'; **Mar Português**, de Francisco Manso (Portugal) 52'.
- 15,00** **OBRAS A CONCURSO: INTERNACIONAL** | **Efeito Reciclagem**, de Sean Walsh (Brasil) 93'; **Recife Frio**, de Kleber Mendonça Filho (Brasil) 24'; **Mundo Perdido**, de Gyula Nemes (Hungria / Finlândia) 20'.
- 18,00** **OBRAS A CONCURSO: INTERNACIONAL** | **Eles Vêm Buscar o Ouro e Levam Tudo**, de Pablo D'Aló Abba e Christian Harbaruk (Argentina, Chile) 81'; **A Canção de Baran**, de Jafar Nornohamandi (Irão) 17'; **No Meio**, de Tamar Shippony (Israel) 2'; **Sê Água, Meu Amigo**, de Antonio Martino (Itália) 15'

CISE Sala 1

- horas** **16outubro** **10** _sábado
- 11,00** Ano Internacional da Biodiversidade. Cinema e Ambiente: **UM VERDADE INCONVENIENTE (An Inconvenient Truth)**, de Davis Guggenheim e Al Gore (EUA, 2006). Documentário. 93 min.; M/ 6 anos.
- 15,00** Na Floresta de Sherwood: **AS AVENTURAS DE ROBIN DOS BOSQUES (The Adventures of Robin Hood)**, de Michael Curtiz, William Keighley (EUA, 1938); com Errol Flynn, Olivia de Havilland, Basil Rathbone, Claude Rains, etc. 90 min.; M/ 6 anos.
- 18,00** Ciclo Catheryn Bigelow: **THE LOVELESS**, de Kathryn Bigelow, Monty Montgomery (EUA, 1982); com Willem Dafoe, Robert Gordon, Marin Kanter, etc. 82 min; M/ 16 anos. Versão original inglesa, sem legendas.
- horas** **17outubro** **10** _domingo
- 11,00** Ano Internacional da Biodiversidade. Cinema e Ambiente: **KOYAANISQATSI**, de Geofrey Régio (EUA, 1983). Documentário. 83 min.; M/ 6 anos.
- 15,00** Na Floresta de Sherwood: **A FLECHA E A ROSA (Robin and Marian)**, de Richard Lester (EUA, 1976); com Sean Connery, Audrey Hepburn, Robert Shaw, Richard Harris, etc. 106 min.; M/ 12 anos.
- 18,00** Ciclo Catheryn Bigelow: **DEPOIS DO ANOITECER (Near Dark)**, de Kathryn Bigelow (EUA, 1987); com Adrian Pasdar, Jenny Wright, Lance Henriksen, Bill Paxton, etc. 94 min; M/18 anos.
- horas** **18outubro** **10** _segunda-feira
- 11,00** Na Floresta de Sherwood: **ROBIN DOS BOSQUES (Robin Hood)**, de Wolfgang Reitherman, Walt Disney (EUA, 1973); Animação; 83 min.; M/ 6 anos.
- 15,00** Ano Internacional da Biodiversidade. Cinema e Ambiente: **A 11ª HORA (The 11th Hour)**, de Leila Conners Petersen, Nádia Conners e Leonardo DiCaprio (EUA, 2007). Documentário. 89 min.; M/ 6 anos.
- 18,00** Ciclo Catheryn Bigelow: **AÇO AZUL (Blue Steel)**, de Kathryn Bigelow (EUA, 1989); com Jamie Lee Curtis, Ron Silver, Clancy Brown, Louise Fletcher etc. 102 min.; Versão original inglesa, sem legendas.
- horas** **19outubro** **10** _terça-feira
- 11,00** Ano Internacional da Biodiversidade. Cinema e Ambiente: **AS ASAS DA NATUREZA (Les Ailles de la Nature)**, de Jacques Cluzaud (França, 2003). Documentário. 151 min.; M/ 6 anos.
- 15,00** Ano Internacional da Biodiversidade. Cinema e Ambiente: **MICROCOSMO, O POVO DA ERVA (Microcosme)**, de Claude Nuridsany, Marie Pérennou (França, 2001). Documentário. 73 min.; M/ 6 anos.
- 18,00** Ciclo Catheryn Bigelow: **ESTRANHOS PRAZERES (Strange Days)**, de Kathryn Bigelow (EUA, 1995); com Ralph Fiennes, Angela Bassett, Juliette Lewis, etc. 145 min.; M/ 18 anos.
- horas** **20outubro** **10** _quarta-feira
- 11,00** Ano Internacional da Biodiversidade. Cinema e Ambiente: **AVES MIGRATÓRIAS (Le Peuple Migrateur)**, de Jacques Cluzaud, Jacques Perrin, Michel Debats (França, 2002). Documentário. 94 min.; M/ 6 anos.
- 15,00** Ciclo Catheryn Bigelow: **RUPTURA EXPLOSIVA (Point Break)**, de Kathryn Bigelow (EUA, Japão, 1991); com Patrick Swayze, Keanu Reeves, Gary Busey, Lori Petty, etc. 120 min.; M/ 12 anos.
- 18,00** Na Floresta de Sherwood: **ROBIN DOS BOSQUES (Robin Hood)**, de Allan Dwan (EUA, 1922); com Douglas Fairbanks, Wallace Beery, Sam De Grasse, etc. 127 min.; M/ 6 anos.
- horas** **21outubro** **10** _quinta-feira
- 11,00** Ano Internacional da Biodiversidade. Cinema e Ambiente: **MINÚSCULOS (Minuscule)**, de Thomas Szabo (EUA, 2006). Animação; 114 minutos; M/ 4 anos.
- 15,00** Ano Internacional da Biodiversidade. Cinema e Ambiente: **A FAMÍLIA SURICATA (The Meerkats)**, de James Honeyborne (Inglaterra, 2009). Documentário. 83 min.; M/ 6 anos.
- 18,00** Ciclo Catheryn Bigelow: **TEMPESTADE NO MAR (The Weight of Water)**, de Kathryn Bigelow (EUA, França, 2000); com Sean Penn, Catherine McCormack, Elizabeth Hurley, etc. 113 min.; M/ 16 anos.
- horas** **22outubro** **10** _sexta-feira
- 11,00** Ano Internacional da Biodiversidade. Cinema e Ambiente: **HOME**, de Yann Arthus-Bertrand (França, 2009). Documentário. 95 min.; M/ 6 anos.
- 15,00** Ano Internacional da Biodiversidade. Cinema e Ambiente: **BARAKA**, de Ron Fricke (EUA, 1992). Documentário. 92 min.; M/ 6 anos.
- 18,00** Ciclo Catheryn Bigelow: **K-19 (K-19: The Widomaker)**, de Kathryn Bigelow (EUA, Inglaterra, Canadá, Alemanha, 2002); com Harrison Ford, Liam Neeson, Joss Ackland, etc. 138 min.; M/ 12 anos.
- horas** **23outubro** **10** _sábado
- 11,00** Ano Internacional da Biodiversidade. Cinema e Ambiente: **POWAQQATSI**, de Geofrey Régio (EUA, 1988). Documentário. 96 min.; M/ 6 anos.
- 15,00** Na Floresta de Sherwood: **ROBIN HOOD: PRÍNCIPE DOS LADRÕES (Robin Hood: Prince of Thieves)**, de Kevin Reynolds (EUA, 1991); Kevin Costner, Morgan Freeman, Mary Elizabeth Mastrantonio, Alan Rickman, etc. 145 min.; M/ 12 anos.
- 18,00** Ciclo Catheryn Bigelow: **ESTADO DE GUERRA (The Hurt Locker)**, de Kathryn Bigelow (EUA, 2008); com Jeremy Renner, Anthony Mackie, Brian Geraghty, Guy Pearce, Ralph Fiennes, etc. 131 min.; M/ 16 anos.

- horas** **16outubro** **10** _sábado
15,00 **MOSTRA DE CINEMA GOIANO I** *Sonho de Humanidade*, de Amarildo Pessoa (Brasil) 14'; **A Copeira de Mestre Sabú**, de Luís Valentim (Brasil) 20'; **Marimbondo Amarelo**, de Amarildo Pessoa (Brasil) 20'; **Diga 33**, de Ângelo Lima (Brasil) 18'; **Recordação de um Presídio de Meninos**, de Lorival Belém Júnior (Brasil) 28'; **Olhar de João**, Mariley Carneiro (Brasil) 21'.
- 18,00** **CICLO FERNANDO LOPES: BELARMINO**, de Fernando Lopes (Portugal, 1964), com Belarmino Fragoso, Baptista Bastos, etc. 74 min.; M/ 12 anos.
- horas** **17outubro** **10** _domingo
15,00 **MOSTRA DE CINEMA GOIANO I** *Xingu, A Terra Ameaçada*, de Washington Novaes (Brasil) 105'; **Vida Seca – Som da Sucata**, de Diego Mendonça (Brasil) 13'.
- 18,00** **CICLO FERNANDO LOPES: UMA ABELHA NA CHUVA**, de Fernando Lopes (Portugal, 1971), com Laura Soveral, João guedes, etc. 65 min.; M/ 12 anos.
- horas** **18outubro** **10** _segunda-feira
15,00 **CICLO FERNANDO LOPES: CRÓNICA DOS BONS MALANDROS**, de Fernando Lopes (Portugal, 1984), com Nicolau Breyner, Lia Gama, João Perry, Maria do Céu Guerra., etc. 79 min.; M/ 12 anos.
- 18,00** **COMPETIÇÃO LUSOFONIA I** *O Pessoal do Pico Toma Conta Disso*, de Rodrigo Lacerda e Rita Alcaire (Portugal) 24'; **O que aconteceu aos Resíduos nos Açores?**, de Fernando Nascimento (Portugal) 16'; **Valorize os Açores**, de Média 9 (Portugal) 1'; **O Ambi e a Valorização dos Resíduos** (Portugal) 6'; **Arquitectura Contemporânea nos Açores – Três Casas em São Miguel**, de Andreia e Sérgio Soares Luís (Portugal) 38'; **África Minha, Perdidos e Achados “Lagoa da Cufada”**, de Aurélio Faria e Jorge Ramalho (Portugal) 16'.
- Programação**
- horas** **19outubro** **10** _terça-feira
15,00 **HOMENAGEM A MARIA DULCE: FREI LUIS DE SOUSA**, de António Lopes Ribeiro (Portugal, 1954), com Raul de Carvalho, Maria Dulce, João Perry, Maria Sampaio, etc. 118 min.; M/ 12 anos.
- 18,00** **COMPETIÇÃO LUSOFONIA I** *Paraíso*, de Humberto Filipe e Pinto Machado (Portugal) 6'; **“Les Portugaises” (Ostras de Portugal)**, de Rui Filipe Torres (Portugal) 56'; **Tempo Reflectido**, de Mariana Castro e Sílvio Santana (Portugal) 28'; **Aldeia do Lado**, de Sofia Borges (Portugal) 41'.
- horas** **20outubro** **10** _quarta-feira
11,00 **HOMENAGEM A ARTHUR PENN: BONNIE E CLYDE (Bonnie and Clyde)**, de Arthur Penn (EUA, 1967), com Warren Beatty, Faye Dunaway, Michael J. Pollard, Gene Hackman, Estelle Parsons, etc. 116 min.; M/ 16 anos.
- 15,00** **CICLO FERNANDO LOPES: O DELFIM**, de Fernando Lopes (Portugal, 2002), com Alexandra Lencastre, Rogério Samora, etc. 83 min.; M/ 12 anos.
- horas** **21outubro** **10** _quinta-feira
15,00 **HOMENAGEM A ARTHUR PENN: PERSEGUIÇÃO IMPIEDOSA (The Chase)**, de Arthur Penn (EUA, 1966), com Marlon Brando, Jane Fonda, Robert Redford, Angie Dickinson, etc. 135 min.; M/ 16 anos.
- 18,00** **CICLO FERNANDO LOPES: SORRISOS DO DESTINO**, de Fernando Lopes (Portugal, 2009), com Ana Padrão, Rui Morisson, Alexandra Lencastre, Rogério Samora, etc. 90 min.; M/ 12 anos.
- horas** **22outubro** **10** _sexta-feira
15,00 **HOMENAGEM A CLAUDE CHABROL: A COMÉDIA DO PODER (L'ivresse du Pouvoir)**, de Calude Chabrol (França, 2006), com Isabelle Huppert, François Berléand, Patrick Bruel, Marilyne Canto, etc. 112 min.; M/ 12 anos.
- 18,00** **HOMENAGEM A CLAUDE CHABROL: A RAPARIGA CORTADA AO MEIO (La Fille Coupée en Deux)**, de Caudé Chabrol (França, 2007), com Ludivine Sagnier, Benoît Magimel, etc. 116 min.; M/ 12 anos.
- horas** **23outubro** **10** _sábado
15,00 **HOMENAGEM A TONY CURTIS: QUANTO MAIS QUENTE MELHOR (Some Like it Hot)**, de Billy Wilder (EUA, 1959); com Marilyn Monroe, Tony Curtis, Jack Lemmon, George Raft, etc. 120 min.; M/ 12 anos.
- 18,00** **CICLO FERNANDO LOPES: FERNANDO LOPES, PROVAVELMENTE**, de João Lopes (Portugal, 2008); Documentário. 94 min.; M/ 12 anos.



JÚRIS

Júri Competição Internacional



FERNANDO LOPES | REALIZADOR (PORTUGAL)

Presidente do Júri

Fernando Lopes (1935) estreia-se no cinema com vários documentários, alguns dois quais para televisão, neles revelando uma linguagem moderna, longe do que era habitual nesse tipo de projectos: Domingos Sequeira (1961), O Voo da Amizade (1961), As Pedras e o Tempo - Évora (1961), As Palavras e os Fios (1962). Em 1964 realiza Belarmino, um filme-documento tomando como ponto de partida a figura do pugilista Belarmino Fragoso, um antigo campeão em fase de decadência. Depois dum estágio de três meses em Hollywood, em 1965, retoma a realização de trabalhos para televisão e de mais alguns documentários, como Cruzeiro do Sul (1966), Hoje, Estreia (1967), Tejo - Rota do Progresso (1967) e Aventura Calculada (1970). Em 1970 é nomeado presidente do Centro Português de Cinema, cooperativa de cineastas apoiada pela Fundação Calouste Gulbenkian. Um ano depois realiza Uma Abelha na Chuva, com base no romance homónimo de Carlos de Oliveira. O documentário Nacionalidade: Português (1972), e a direcção da renascida revista Cinéfilo (1973-1974) são os seus trabalhos de maior vulto antes da Revolução de 25 de Abril de 1974, cujos desenvolvimentos filmou na colectiva As Armas e o Povo (1975). Data ainda de 1975 o seu documentário O Encoberto, dedicado à polémica estátua de D. Sebastião, criada pelo escultor José Cutileiro. Nós Por Cá Todos Bem é de 1976. Findas as funções na RTP 2, Fernando Lopes regressa ao cinema, em 1984, com a adaptação do romance de Mário Zambujal Crónica dos Bons Malandros. A próxima longa-metragem é Matar Saudades (1987). Em O Fio do Horizonte (1993) adapta um original de Antonio Tabucchi. Fernando Lopes volta a obter o reconhecimento unânime da crítica com a adaptação da obra emblemática de José Cardoso Pires "O Delfim", que foi Grande Prémio no Famafest de 2002. Últimos trabalhos: "Lá Fora" (2004), "98 Octanas" (2006) e "Os Sorrisos do Destino" (2009).

IO APOLLONI | ACTRIZ (ITÁLIA/PORTUGAL)

Giuseppa Appolloni nasceu em Itália, Camino Di Verchiano, Comune Di Foligno, Província Di Perugia, mas tem nacionalidade portuguesa, Jusepa Appolloni. Curso de representação - Centro Sperimentale di Cinematografia di Roma - (1963) Diplomada. Cursos de Dança Clássica e Flamenco (Espanha - 1964/65), de Canto (Espanha - 1965) e de Cozinha - Escola de Hotelaria de Lisboa (Lisboa - 1990)

Cinema: em Itália, "Comizi Dámore", Pier Paolo Pasolini (1963), "I Nuvoloni", "Le Stregate" (1963), em Espanha, "Louca Juventude", de Mur Oti (1963/64) e "Pianos Mecânicos", de Barden (1964), em Portugal, "A Derapagem", de Constantino Esteves (1970), "Sofia e a Educação Sexual", de Eduardo Geadá (1973), "Funeral do Patrão", de Eduardo Geadá - coo. RTP (1975), "A Santa Aliança", de Eduardo Geadá (1978), "A Vida é Bela", de Luís Galvão Teles (1980), "Os Três Irmãos", de Teresa Vilaverde (1997), "Tráfico", de João Botelho (1998), "A Mulher que Julgava Ser...", de João Botelho (2005) ou "Transe" de Teresa Vilaverde. Em televisão, várias actuações em programas de variedades (1965/1999), como atriz e cantora. Interpreta diversas telenovelas, como "O primeiro Amor", "O Último Beijo", "Floribela" ou "Sete Vidas". Vários discos de canções e dezenas de peças no teatro, desde revistas, musicais, comédias e dramas. Apenas alguns exemplos: "Sopa no Mel" (1965), "E Viva o Velho" (1966), "Esta Lisboa que Eu Amo" (1967), "La Rompeplatos" (1968) Madrid, "Alto Lá com Elas" (1969), "É Pró Menino é Prá Menina" (1973), "Como Vencer na Vida Sem Fazer Força" (1967), "Duas Pernas, Um Milhão" (1969), "O Vison Voador" (1969/70/71), "A Cama Para Toda a Gente" (1972), "As Relações Sexuais" (1974), "Os Bancários Também Têm Alma" (1990), "O Funeral do Patrão", "Viver Mulher", "Casal Aberto" "Ocarina" "Roma Amor", "Itália Anos 60", "Socorro...Sou Uma Mulher de Sucesso", etc.

No domínio da gastronomia é igualmente célebre. Introduz em Portugal pela primeira vez o doce "Tramisú" com grande sucesso. Em 2019 é distinguida com o "Garfo Literário" pelo Instituto do Gosto e Aromas pelo seu livro "Os Doces da Io", edição Círculo de Leitores e D. Quixote. Presentemente encontra-se em tournée com "Poemas na minha vida", estreado em 2009 no Auditório do Casino Estoril.



LISANDRO NOGUEIRA | PROFESSOR UNIVERSITÁRIO, DIRECTOR DE FESTIVAL (BRASIL)

Professor de Cinema na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Goiás, desde 1989; Consultor de cinema no V, VII e VIII, IX e X FICA – Festival Internacional do Cinema Ambiental de Goiás, entre 2003 e 2010; Criador e coordenador da mostra de Cinema “O Amor, a Morte e as Paixões” (2002- 2005); Crítico de cinema na TV Anhanguera, afiliada da TV Globo, 1989-2001; 2006-2008, e na TV Brasil Central/Cultura: 2003/2005; Júri do Prêmio Profissionais do Ano da TV Globo: 1991, 1996, 2000; Coordenador de programação do Cineclub Antônia das Mortes, fundado em 1977; Gerente de Sistemas de Informação na empresa de comunicação Organização Jaime Câmara, afiliada da TV Globo – 1985-1991; Autor do livro “O autor na televisão” (editora da USP-UFG); Mestre em Cinema e Televisão, pela Escola de Comunicações e Artes da USP – 1992-1995 (Departamento de Ciências da Comunicação); Doutor em Cinema e Jornalismo, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.



CLAUDIO LAURIA | REALIZADOR, DIRECTOR DE FESTIVAL (ESPAÑA)

Produtor e realizador de documentários. Foi Director Técnico de Unidade Móvel (Jogos Olímpicos de Barcelona, 1992); Fundador, Proprietário e Director de Televisión Castelledels-Canal 29 (Barcelona, 1993/98); Realizador de Making Of para TV do Festival Internacional de Cine de Sitges (1993/94); Produtor dos programas de TV (Documanía –Canal Satélite-, TVE Internacional) (1993/1999); Realizador e Co-Produtor com a Televisio de Catalunya (TV3) de “Don Pepe Figueres” (2004/5) e ainda da série documental: “Patagonia Humanos” (2009/10), “Pensar Como Un Caballo”(2010) e produtor de “Huyendo de Rita” (2005/2006), Proprietário sa produtora Media Soluciones – Barcelona (desde 2005). Fundador, Director e Presidente do Festival Internacional de Cine de Medio Ambiente de Barcelona (desde 1993). Co-Fundador da Environmental Film Festival Networks (EFFN) (desde 2000). Júri em diversos festivais internacionais: Muestra de Cine Costarricense (Costa Rica, 1998), Festival de Cine de Cortometrajes de Barcelona (1998), Festival Madre Fértil Tierra Nuestra (Costa Rica, 2000), 7º Festival de Cine Latinoamericano de Rosario (Argentina, 2000), Festival Cinemambiente (Italia, 2003), Festival de Cine Cinemaplaneta (Mexico, 2009).



DANAE ESTRELA | CANTORA, COMPOSITORA (CABO VERDE)

Filha de mãe cubana e pai cabo-verdiano, Danae nasce em Havana em 1979 e cresce em Cabo Verde. Vem estudar para Portugal, em Coimbra, e em 2003 grava o seu primeiro álbum “Condição de Louco” com a direcção musical de Pedro Renato músico dos “Belle Chase Hotel”. O álbum é editado em 2005 pela NorteSul – Valentim de Carvalho. A imprensa define a Danae “*como uma das revelações musicais do ano*” e o seu álbum Condição de Louco é considerado um dos dez melhores álbum de 2005 pela revista musical Blitz. Na primavera de 2005, Danae inicia-se ao cinema com o cineasta independente lituano Sharunas Bartas com o qual começa uma colaboração orientada à criação de músicas para o seu próximo film. Em 2006, Danae faz uma série de concertos em Cabo Verde com músicos locais convidados. Nesta ocasião a eleição de um formato diferente de espectáculo leva-a a demarcar um estilo próprio e imprevisível. Em Março de 2007 participa na gala da revista “África Today” no Cine-Tropical de Luanda, Angola. Dá continuidade ao seu trabalho de pesquisa, recolha e elaboração de materiais para a gravação de fonogramas originais tendo já editado em 2009 o álbum “cafuca” com a formação de banda “danae & os novos crioulos”. Fez parte do Júri no “Festim”, Festival de Cinema Africano (São Jorge, em Lisboa).



NUCIO BANJA FERNANDES | PROFESSOR DA ESCOLA PERNAMBUCO (BRASIL)

Formado em Ciências Biológicas. Mestrado em Oceanografia pela UFPE (1991). Doutorado em Oceanografia (Oceanografia Biológica) pela Universidade de São Paulo (2000). Actualmente é Professor Adjunto da Universidade de Pernambuco no curso de Ciências Biológicas e no Programa de Mestrado em Gestão do Desenvolvimento Local e Sustentável. Professor auxiliar na Faculdade Frassinetti do Recife. Actualmente coordena o Projecto P&D 023 da TermoPE, com Estudos de Viabilidade para Implantação de Recifes Artificiais em Áreas de Fábricas Termoelétricas. Trabalhou na área de Oceanografia, especialmente em Interação entre os Organismos Marinhos e os Parâmetros Ambientais, em temáticas como bioincrustação marinha, aspectos ecológicos e impactos em ambientes costeiros.





CRISTINA ANDRADE GOMES | EDUCAÇÃO E SENSIBILIZAÇÃO AMBIENTAL, CML (PORTUGAL)

Cristina Pereira Santos de Andrade Gomes e Silva Ferreira, licenciada pela Universidade Clássica de Lisboa em 1989 no curso de Geografia variante de Planeamento Regional e Local (conclusão em 1989) e Formação Educacional (1991) da Faculdade de Letras de Lisboa, inicia a sua actividade profissional leccionando em escolas do ensino secundário de Lisboa e, especializando-se em Detecção Remota, colabora com a empresa Ecos, consultores técnicos para o Ambiente. Em 1992 integra a equipa de Planeamento Urbanístico da Câmara Municipal de Loures, participando em diferentes Projectos e Planos de Urbanização. Em 1995 entra no grupo de implementação do Sistemas de Informação Geográfica do Município e, em 1996, é convidada para chefiar a Divisão de Planeamento de Equipamentos e Infraestruturas e promove um conjunto diversificado de instrumentos de planeamento que se vêm a traduzir em investimentos e obras, na área da Educação, da Saúde, da Cultura, Recreio e Lazer, da Acção Social e Desportiva, hoje concretizadas no município de Loures. Em 2004 passa pelo Gabinete de Actividades Económicas da Câmara Municipal de Grândola, onde incentiva a criação de um sistema estratégico de informação georreferenciada aplicada ao planeamento e, em 2005 assume funções de Técnica Superior no Departamento de Ambiente e Espaços Verdes da Câmara Municipal de Lisboa. Em 2006 é convidada para chefiar a Divisão de Educação e Sensibilização Ambiental deste Departamento de Ambiente, com a responsabilidade de gerir o Espaço Monsanto, Equipamento Público de dinamização do Parque Florestal de Monsanto e promoção das Boas Práticas Ambientais. Desenvolve inúmeros projectos para diversificados públicos, procurando diversificar as estratégias de abordagem, na procura de cumprir a missão de provocar o aumento da consciencialização ambiental da população. É neste papel que entra em contacto com a Organização do Festival Cine-Eco, trazendo para Lisboa a extensão que já se concretizou em 3 anos consecutivos, associada às comemorações do Dia Mundial do Ambiente nesta Cidade, com um público e divulgação crescente.



PETER VOGELAERE | PSICÓLOGO (BÉLGICA)

Peter Vogelaere, nasceu em Gent, Bélgica em 20-05-1943. É doutorado em Psicologia, pela Universidade de Bruxelas, Bélgica e Biologia Humana pela Universidade de Franche Comté, França. Foi Professor em diversas Universidades, designadamente, na Universidade de Vrije, Bélgica, onde leccionou durante 25 anos, na Universidade Lusófona, na Universidade de Évora, na Universidade Livre de Bruxelas e foi Professor convidado em muitas outras das quais se destacam as Universidades de Québec, Canadá, Lille, França, Desportiva de Andalusia, do Porto, da Madeira, e Técnica de Lisboa. Tem inúmeros trabalhos publicados no âmbito da sua área académica e de investigação.



PAULO MAGALHÃES | QUERCUS, CONDOMÍNIO DA TERRA (PORTUGAL)

Licenciado em Direito pela Universidade Católica, fez uma pós-graduação em Direito do Ordenamento, do Urbanismo e do Ambiente, na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra. Em 2003, frequentou o programa de doutoramento 'El médio ambiente natural y humano e las ciencias sociales' da Universidade de Salamanca, sendo actualmente aluno de doutoramento em Ecologia Humana na Universidade Nova de Lisboa. Leccionou Direito do Ambiente entre 1999 a 2006 na Escola Superior Agrária de Castelo Branco. Foi um dos membros fundadores da QUERCUS (Associação Nacional de Conservação da Natureza) e seu coordenador jurídico de 2005 a 2008. Como fotógrafo e ambientalista foi autor de vários livros, entre os quais o "Seia -Tecto de Portugal". No seu livro mais recente, *O Condomínio da Terra: das Alterações Climáticas a uma Nova Conceção Jurídica do Planeta* (2007), propõe um enquadramento para gestão da Casa Comum da humanidade baseado na experiência jurídica, amplamente testada, da propriedade condominial. Actualmente coordena os projectos Condomínio da Terra (www.earth-condominium.com) e EcoSaldo, os quais procuram de forma complementar desenvolver um conceito que proceda a uma organização e contabilidade da relações de vizinhança global, e aos quais se tem dedicado em exclusivo desde 2007. Em 2009 organizou *Gaia Commitment - Fórum Internacional do Condomínio da Terra*, que se realizou simbolicamente na cidade de Gaia, nos dias 4 e 5 de Julho.



HUMBERTO PINTO | PROFESSOR DA ESTH (PORTUGAL)

Nascido em França em 1978, é actualmente responsável pelo Gabinete de Estágios e Saídas Profissionais da Escola Superior de Turismo e Hotelaria do Instituto Politécnico da Guarda, onde desenvolve parcerias institucionais com empresas nacionais e estrangeiras. Licenciado em Comunicação e Relações Públicas pelo IPG é um adepto das áreas de fotografia, ilustração *design gráfico* e tipografia. Ao nível da 7ª arte as suas grandes referências são Quentin Tarantino, Jonathan Dayton e David Fincher.

Júri Competição Lusófona

AMÂNDIO SILVA | ASSOCIAÇÃO MARES NAVEGADOS (PORTUGAL)

Presidente do Júri

Nasceu em Lisboa a 21 de Abril de 1938, cidade onde mora, além da segunda morada em Seia. Possui uma forte ligação ao Brasil. Após o 25 de Abril, foi Chefe de Gabinete do Secretário de Estado da Emigração (1974/75), Administrador de empresas (1977/84), Conselheiro Social da Embaixada de Portugal no Brasil (1984/92), Secretário-geral da Fundação Luso Brasileira (1992/2004) e desde 2005 dirigente da Associação Mares Navegados, que preside desde 2008. Como Secretário-geral da Fundação Luso-Brasileira, coordenou de 1998 a 2001 os grupos de trabalho de pesquisa do espólio de Agostinho da Silva no Brasil, nas cidades de João Pessoa, São Paulo, Florianópolis, Brasília e Salvador, de cujo levantamento resultou o livro “Presença de Agostinho da Silva”, lançado em 2007 sob os auspícios do Ministério da Cultura do Brasil no âmbito das comemorações do Centenário do notável pedagogo português. Quanto à área do cinema, participou em vários Festivais no Brasil e em Portugal, tendo promovido a angariação de filmes brasileiros para exibição entre nós e portugueses para exibição no Brasil. Participou ainda na cedência à Cinemateca Nacional do espólio do realizador Chianca de Garcia. Integrou o Júri Internacional do CINECCO em 2007.



JOÃO PEREIRA BASTOS | DIRECTOR ARTÍSTICO, ENCENADOR E PRODUTOR TEATRAL E DE RÁDIO (PORTUGAL)

Ingressa em 1967 na Emissora Nacional. Em 1977 inicia a sua colaboração regular com o Jornal Diário de Notícias como crítico musical. Como produtor discográfico desenvolve profunda actividade como desenhador de som da era digital. Em 1981 ingressa no Teatro Nacional de São Carlos desempenhando sucessivamente as funções de Coordenador da Produção, Director da Técnica e da Produção e Director Artístico. Em 1988 integra a Direcção da Fundação Musical dos Amigos das Crianças. Apoiou diversas actividades musicais no Centro Calouste Gulbenkian em Paris. Em 1992 é convidado por Lord Yehudi Menuhin para Director em Portugal da International Menuhin Association. Opta, no entanto, pelo cargo de Director Artístico do Festival Internacional de Música de Macau, cargo que acumula com as actividades em Portugal, durante 8 anos e até à realização do último Festival em 1999 até ao final, portanto da Administração Portuguesa. Em 1996 regressa à RDP como Director da Antena 2. A sua acção conduz à atribuição do Prémio Bordalo da Casa da Imprensa em 1997 e a nomeação, da Rádio Clássica em dois anos consecutivos, para os Globos de Ouro da SIC (1999-2000). Nos anos 80 analisa *OF THEE I SING* de George Gershwin, logo após se ter encontrado a partitura num armazém da Warner Brothers, que se julgava perdida. Desde sempre investigador do Musical Americano, é convidado, também na década de 80, a realizar programas de rádio sobre o Musical Americano para a RDP- Antena 2 (*Da Broadway ao West End- o Musical, e Da Broadway a Hollywood*) que se prolongam até 2005. Encena pela primeira vez *OF THEE I SING* em 1998. Na Expo 98 desenha o som do Pavilhão da Ordem Soberana e Militar de Malta e idealiza o grande concerto de encerramento do certame. Assina ainda mais 9 encenações na série *Grandes Mestres do Musical Americano*, no São Luiz, a convite de Jorge Salavisa. Nos Açores, a convite de Gabriela Canavilhas, inaugura o novo Centro Cultural Micaelense, com espectáculos que alternaram com o concerto de José Carreras e da Orquestra Metropolitana de Lisboa. Na Antena 2, recupera e edita em CD, *La Traviata-Lisboa 1958* com Maria Callas como protagonista, cujo som da bobine original se julgava apagado acidentalmente há mais de 40 anos. Com características idênticas produz em 2005 outro CD: *Pedro de Freitas Branco e Victoria de Los Angeles/ São Luiz 1957-* edição que assinalou a passagem dos 48 anos da RTP e dos 70 anos da RDP. Membro permanente do Júri dos Concursos de Canto Luísa Todí, ao lado de Mara Zampieri, Elisabete Matos, Ernesto Palácio entre outros cantores e maestros portugueses. Júri em Festivais Internacionais de Cinema em Famalicão, Seia e Portel. Em Outubro de 2005 presidiu ao Júri Internacional do 17º Grande Prémio Internacional da Rádio (Grand Prix Radio URT). Foi ainda convidado pela Universidade Autónoma de Lisboa para apresentar uma série de palestras dedicadas à História da Música e é actualmente comentador contratado para as transmissões de ópera do Metropolitan de Nova Iorque. Convidado pela Presidente da Câmara Municipal de Setúbal para Director do novo Centro Cultural Luísa Todí a inaugurar brevemente. Agradaciado com a Cruz da Ordem Soberana e Militar de Malta e com a Medalha de Mérito Cultural da República Portuguesa.





ANA BILBAO | ARTISTA PLÁSTICA (PORTUGAL)

Ana Bilbao nasceu em Lisboa em 1986, cidade onde vive e trabalha. Estudou História da Arte na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – UNL, concluindo a respectiva licenciatura no ano de 2007. Em 2007-08 frequentou os departamentos de Pintura e Cinema/ Imagem em Movimento do Ar.Co. A par com a formação académica desenvolveu, entre 2006-07, actividades pedagógicas no Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado e, entre 2007-08, trabalhou essencialmente como criativa *freelancer* realizando logótipos, cartazes para concertos e capas de alguns EP's. Actualmente frequenta o último ano do mestrado Arte Contemporânea da Faculdade de Ciências Humanas – UCP e é, desde 2008, *studio manager* do artista plástico João Onofre. Tem também, desde 2009, trabalhado pontualmente como assistente do artista plástico João Pedro Vale.



CRISTIANO FRANÇA LIMA | SOCIOLOGO (PORTUGAL - BRASIL)

Doutorando em Sociologia, Centro de Estudos Sociais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e Membro do Colectivo de Estudos, Investigação e Intervenção Brasil/Portugal. Mestre em Sociologia, no Centro de Estudos Sociais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e Licenciado em Estudos Sociais. Habilitação em História – Faculdades Integradas da Vitória de Santo Antão, Pernambuco – Brasil.



LICINIA GIRÃO | JORNALISTA FREELANCER (PORTUGAL)

Nascida a 16 de Junho de 1965, desde cedo que se habituou a escrever sobre os outros, porque de si pensa sempre mais do que redige... Olha para “a palavra como a obra de quem a escreve e a arte de quem a lê”. É neste meio que trabalha com o objectivo de alcançar o esplendor de criar. Autora de “Mário Silva: pintor-minotauro numa espécie de biografia” e do livro Infantil “Beatriz viaja pelo fantástico reino de Mário Silva”, é ainda autora dos textos de quatro roteiros turísticos, diversas publicações em co-autoria e bloguista. Com formação diversa na área do Jornalismo (tirada em Portugal, Bélgica e Inglaterra), Teatro, Animação Sociocultural e a nível superior, a licenciatura em Português /História, detêm também uma pós-graduação em Direito da Comunicação, o curso de Introdução às Ciências Médico-legais e Forenses, frequentando actualmente o curso de Direito da FDUC. Tem participado em diversos concursos ligados às artes em geral como membro do júri. É frequentemente convidada como palestrante e moderadora de conferências e debates, bem como para comissária de diversas exposições. Tem sido voluntária no desenvolvimento de diversos projectos de cariz ambientalista e social, e Prémio Imprensa Regional / 94 (atribuído pelo Clube de Jornalistas do Porto), Prémio Literatura e Fotografia do concurso promovido pelo Parlamento Europeu em 1990: “Descobre a Tua Terra”.



HERMAN MERTENS | FOTÓGRAFO (BÉLGICA)

Hermen Martins tem 59 anos. Nasceu na Bélgica perto de Antuérpia. Fez estudos de publicidade e decorador de interiores, montras e exposições. Vive em Portugal desde 2000. Nos últimos anos retomou a sua primeira paixão, a fotografia. Desde jovem que trabalha na Câmara escura, tendo-se convertido mais recentemente ao digital. Frequentou vários cursos de fotografia e participou em várias exposições individuais.

Júri

“CineEco em Movimento”

(Representantes das extensões do CineEco e colaborações especiais)

SILVIA PEREIRA | ACTRIZ, ENCENADORA E REPRESENTANTE ALCANENA

Actriz, encenadora e dramaturgista. Doutorada em Estudos de Teatro pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa com a tese *Tras a nevoa vem o sol* – as comédias de Jorge Ferreira de Vasconcelos. Integra como investigadora o Centro de Estudos Clássicos da mesma Faculdade, onde desenvolve, um Pós-Doutoramento na área do teatro clássico português, uma reflexão teórica sobre Encenar o teatro clássico, hoje. Fundou e é directora artística do Teatro Maizum, onde tem desenvolvido um trabalho continuado de dramatização e encenação de textos literários de autores portugueses, como *Fialho de Almeida*, *Florbelá Espanca*, *Wenceslau de Moraes*, *Manuel Teixeira Gomes*, *Almeida Garrett*, *Eça de Queirós*, *Padre António Vieira*, entre outros. Nos últimos anos encenou autores do teatro clássico português como Jorge Ferreira de Vasconcelos e Luís de Camões. Tem publicadas as versões cénicas da *Comédia Eufrosina* e *Comédia Ulissipo* de Jorge Ferreira de Vasconcelos, *Garrett – Uma cadeira em S. Bento*, *Alegre Campanha* e o CD-ROM *Camões – Tanta guerra, tanto engano*. Em televisão e cinema, trabalhou com Artur Ramos, Ferrão Katzenstein, Carlos Vasconcellos, Valéria Sarmiento, James Cellan Jones em *Slip-up* (produção da BBC), Jorge Silva Melo, António Macedo e Paulo Rocha, que filmou dois dos seus espectáculos: *Portugaru-San - O Sr. Portugal em Tokushima* e *Camões - Tanta Guerra, Tanto Engano*.



CRISTINA ANDRADE GOMES | EDUCAÇÃO E SENSIBILIZAÇÃO AMBIENTAL, CML (Ver Juri Internacional)



CAROLINA LEÃO | ASSOCIAÇÃO COMÉRCIO JUSTO, ALMADA

Fundadora da Cooperativa/ONG *Mó de Vida*. Doutoranda em Sociologia Económica e das Organizações da Universidade Técnica de Lisboa/SEG. Membro do Colectivo de Estudos, Investigação e Intervenção Brasil/Portugal e do SOCIUS (UTL).



SANDRA SILVA | REPRESENTANTE, SEC. REGIONAL AMBIENTE, AÇORES

Licenciada em Psicologia pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, com estágio realizado na área de Psicologia do Ambiente. Desde Setembro de 2000 a trabalhar como profissional liberal ao serviço da Secretaria Regional do Ambiente e do Mar/Gabinete de Promoção Ambiental, onde exerce funções nas áreas de formação, informação e sensibilização ambiental.



Júri da Juventude



ANA SCHEFER | DESIGNER DE COMUNICAÇÃO

Licenciada em Design de Comunicação, pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Foi aluna do Curso Tecnológico de Artes Visuais da Escola Secundária Artística Soares dos Reis, Porto. Integrou o Programa Erasmus, Koninklijk Academie voor Schone Kunsten, Antuérpia Bélgica. Participou em vários workshops e exposições temáticas e publicou neste ano “Homenagem à Nova Emoção”, Publicação Independente, Porto.



DIOGO BLANCO | DESIGNER

Diogo Blanco, nascido em 12 de Maio de 1983, formado em design gráfico pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) no final de 2005. No começo de 2007 mudou-se para São Paulo e estudou cinema na Academia Internacional de Cinema (AIC). Realizou algumas curtas pela escola até criar com mais dois sócios um estúdio de design chamado “Deveras”. Trabalhou em filmes comerciais, vinhetas, motion graphics e videoclipes, além de ilustração e design gráfico. No final de 2009, com a produtora paulista Videocubo, projectou a identidade visual, sequência de título e vinhetas da longa “Pandemonium”, de Jorge Bodansky. Em 2010, deixou São Paulo e voltou a morar em Londrina, Paraná, onde co-fundou um novo estúdio de design, vídeo e animação.



MIGUEL RIBEIRO | GESTÃO COMERCIAL E MARKETING

Miguel Neiva Correia Ribeiro é licenciado em Gestão Comercial e Marketing por ESIC-Escuela Superior de Gestión Comercial y Marketing (Madrid). Consultor Financeiro/Asset Manager. Fotógrafo freelancer, formado pela ArCo e pela ETIC.

TEÓFILO OLIVEIRA | DESIGNER DE COMUNICAÇÃO

Licenciado em Design de Comunicação, pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Foi aluno do Curso Tecnológico de Artes Visuais da Escola Secundária de Seia. Participou no Programa Erasmus, Koninklijk Academie voor Schone Kunsten, Antuérpia Bélgica. Participou em vários workshops e exposições temáticas e publicou neste ano “Homenagem à Nova Emoção”, Publicação Independente, Porto.



ISAC MARTINS

Isac Correia Martins, 22 anos, natural dos Açores, frequenta o 3º ano da Licenciatura em Gestão Hoteleira na Escola Superior de Turismo e Hotelaria do IPG. É um dos membros Fundadores e Presidente da Senatuna (Tuna Académica da ESTH/IPG).



CLÁUDIA TEIXEIRA DE ALMEIDA

Assistente de produção no Nextart - Centro de Formação Artística, em Lisboa. Licenciatura em Gestão de Actividades Culturais. Frequentou 2 anos na área de Audiovisuais e Multimédia, Curso de Ciências da Comunicação e da Cultura, pela Univ. Lusófona de Lisboa. Formação teórica na Gulbenkian e no Ar.co, na área do cinema e do vídeo.



PATRÍCIA GUEDES

Nasceu em Espinho, licenciou-se em Antropologia pela Universidade Nova de Lisboa. A sua paixão por Cinema levou-a a colaborar em vários festivais de Cinema tais como o FEST- Festival de Cinema e Vídeo Jovem de Espinho, o FIKE- Festival Internacional de Curtas-Metragens de Évora. Programou e produziu um programa de televisão de curtas-metragens – CURTAS FEST- na Sic Radical. A par de Festivais organizou masterclasses, workshops e concertos com cineastas e músicos conceituados tendo como convidados: Ken Russell, Kamran Shirdel, Manuel João Vieira, Legendary Tigerman, etc.



CineEco2010



A CONCURSO

COMPETIÇÃO INTERNACIONAL

100.000 Caixões, o Escândalo do Amianto



Competição
Internacional

Título original: 100.000 Cercueils. Le Scandale de L'Amiante; **Título em inglês:** The Asbestos Scandal;

Realização: José Bourgarel (França, 2010); **Argumento:** José Bourgarel; **Produção:** Compagnie des Phares & Balises; **Fotografia (cor):** Christian Fienga, **Montagem:** Véronique Leroy; **Som:** Julien Chaumat;

Duração: 75 minutos;

Contacto: 108 avenue Ledru Rollin, 75011 Paris, França; Tel: +33 (0)1 4475 1133 Fax: +33 (0)1 4475 1135 E-mail: jose.bourgarel@free.fr;

Categoria em que se inscreve: Competição Internacional

Distribuição: Compagnie Des Phares & Balises (Yasmine Benttiran)

Sinopse > 100.000 pessoas morreram ou morrerão em França, entre agora e 2025, de uma doença que mata no prazo de 18 meses e causa dor física atroz: mesotélio. Essa forma de cancro de pulmão não é o resultado do acaso ou destino. Infectou esses 100 mil, por causa de um sistema global que prefere há décadas a rentabilidade em detrimento da saúde. Muitos, com pleno conhecimento dos factos, deixaram que homens e mulheres inalassem durante anos o que iria inevitavelmente matá-los: a fibra de amianto.

Synopsis > 100,000 persons died or will die in France between now and 2025 of a disease that kills within 18 months and causes atrocious physical pain: mesothelium. This form of lung cancer is not the result of chance or fate. It infected these 100,000 because an entire system for decades preferred profitability in matters of health. All those who knew, with full knowledge of the facts, let men and women inhale for years what was inevitably to kill them: asbestos fiber.

José Bourgarel

Diplomado pelo Centro de Formação dos Jornalistas, depois de estudos em Economia Social. É um realizador autodidacta, com mais de 25 documentários. Colaborou em algumas emissões do Canal + e a France 3.



Competição
Internacional

Título original: Lost Village; **Título em inglês:** Lost Village;

Realização: Raimann Gunnar (República Checa, 2010); **Argumento:** Raimann Gunnar; **Produção:** Veda Vision; **Música:** Jirka Mucha; **Fotografia (cor):** Audrey Borchnakov; **Montagem:** Ivana Davidova; **Som:** Tat Purusha; **Intérpretes:** Lokanatha Swami;

Duração: 50 minutos e 55 segundos;

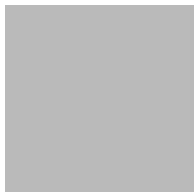
Contacto: Jilova 290, 15521, Praga, República Checa; Tel. 420731903431 E-mail. marketing@lostvillagemovie.com;

Categoria em que se inscreve: Competição Internacional

Sinopse › Economia, sustentabilidade, meio ambiente, os dilemas sociais e outras questões relacionadas com a globalização são muito importantes e todos eles são abordados em “Lost Village”. É isso que queremos realmente? O que é simples e essencial na vida da aldeia está a morrer. Qual é o preço que temos de pagar?

Synopsis › Economy, sustainability, environment, social dilemmas and other issues related to globalization are very relevant and they’re all addressed in “Lost Village”. Is this what we really want? What is simple and essential in village life is dying off. What is the price we have to pay?

Raimann Gunnar





Competição
Internacional

Título original: Pueblos Sin Camino; **Título em inglês:** Village Without Road;
Realização: Jorge Tsabutzoglu (Espanha, 2009); **Argumento:** Jorge Tsabutzoglu; **Produção:** Lemendu Films; **Música:** Miguel Torres; **Fotografia (cor):** José Manuel Fandos; **Montagem:** Joaquín Asencio; **Som:** José Manuel de Diego; **Intérpretes:** Fernando Arnas, Jesús García, Paco Muñoz de Bustillo, José Luis Escorihuela “Ulisses” e Raul Castillo “Rulo”;
Duração: 45 minutos;
Prêmios: Prémio “Espiello Pirineos” na VII Mostra Documental Etnográfica de Sobrarbe Espiello; 3.º Melhor Documentário do 4.º Festival de Cinema Antropológico da Universidade da British Columbia, Vancouver, Canadá, 2010;
Contacto: Plaza de Los Duendes de Sevilha, n.º 11 – 3.ºD, Sevilha, 41013, Espanha; Tel. +34 676571214 Fax. +34 954459694 E-mail. tsabu13@yahoo.es;
Categoria em que se inscreve: Competição Internacional
Distribuição: Lemendu Films

Sinopse > Aineto, Ibort e Artosilla são três aldeias em Huesca, Pirinéus, que nos anos 50 foram abandonadas pela migração para a cidade. Completamente abandonadas e em ruínas, foram trinta anos depois repovoadas por um grupo de jovens que procuram uma forma alternativa de vida mais natural e simples, formando a Associação Artiborain.

Synopsis > *Aineto, Ibort and Artosilla are three villages in Huesca, Pyrenees, which were abandoned in the 50s by migration to the city. Completely abandoned and in ruins, were thirty years later repopulated by a group of young people seeking an alternative way of life more natural and simple, forming the Artiborain Association.*



Jorge Tsabutzoglu

Nasceu em Málaga, em 1975. Licenciou-se em Psicopedagogia e obteve o seu mestrado em Gestão de Empresas de Comunicação, Informação e Audiovisuais, pela Universidade de Barcelona. Realizou, entre outros, “Buscando un Respiro” (2004), “Sin Premio” (2005), “La Última Boda” (2009).



Competição
Internacional

Título original: Amigos Del Medio Ambiente; **Título em inglês:** Friends of the Environment; **Realização:** João Luís Azevedo e Isidro Giménez Goméz (Espanha, 2010); **Argumento:** João Luís Azevedo; **Produção:** Besos, Comunicación Audiovisual, S.L.; **Música:** Isidro Giménez; **Montagem:** Isidro Giménez; **Intérpretes:** Julio Martin, Paula Castelar, Maria e Patrícia, Diogo; **Duração:** 1 minuto, cada episódio; **Contacto:** C/ Cronos, 24, ESC. 4, Planta 2ª – A3 28037, Madrid, Espanha; Tel. +0034 911533097 E-mail. joaoluizaavevedo@gmail.com; **Categoria em que se inscreve:** Competição Internacional **Distribuição:** Besos, Comunicación Audiovisual, S.L.

Sinopse > Como economizar água na casa de banho? Como poupar electricidade na nossa casa ou na escola? Cada “Amigos do Ambiente” apresenta, num formato simples, em 1 minuto, um conselho muito prático sobre as muitas contribuições que cada criança pode dar para melhorar o ambiente.

Synopsis > How to save water in the bathroom? How to save electricity in our home or at school? Each “Friends of the Environment” presents in a simple format, 1 minute, a very practical advice on the many contributions that each child can make to improve the environment.



João Luís Azevedo e Isidro Giménez Goméz



Competição
Internacional

Título original: As Horas do Douro; **Título em inglês:** Hours of Douro;

Realização: Joana Pontes (Portugal, 2010); **Autoria:** António Barreto e Joana Pontes; **Argumento:** António Barreto e Joana Pontes; **Fotografia:** João Ribeiro; **Som:** António Pedro Figueiredo, Armanda Carvalho, Olivier Blanc; **Montagem:** Catarina Mourão, Joana Pontes, Rui Branquinho; **Produtor:** Patrícia Faria

Produção: Filmes do Tejo II, Maria João Mayer e François D'Artemare

Intérpretes: António dos Santos, Aurélio Barros, Bernardo Marques, Dirk Niepoort, Emílio Oliveira, Henrique Vaz, João Nunes, Joaquim Rodrigues, Leonardo Taveira, Luís Roseira, Margarida Esteves, Maria da Luz Gouveia, Maria da Soledade Ferreira, Sophia Bergqvist

Duração: 90'

Contacto: Avenida da Liberdade, 85 3º 1250-140.

Categoria em que se inscreve: Competição internacional e Lusofonia.

Sinopse ▶ A rodagem deste filme durou 50 dias, com início na vindima de 2007, prosseguindo ao longo de 2008 e terminando em Janeiro de 2009, abrangendo todo o ciclo de produção do vinho. Os autores classificam o filme como “um livro de horas”, que retrata a produção e a cultura do vinho na região duriense, ao longo das diferentes estações do ano, com enfoque para as gentes que as protagonizam. Daí o título do filme, “As Horas do Douro”, porque foi concebido como os antigos “Livros das Horas” da Idade Média.

Synopsis ▶ *The making of this film took 50 days, starting with the vintage of 2007, pursuing throughout 2008 and ending in January 2009, covering the whole cycle of production of wine. Antonio Barreto and filmmaker Joana Pontes classified the movie as “a book of hours” (as those of Middle Ages), which portrays the production and the culture of wine in the Douro region, over the different seasons of the year, with a focus on the people who are its real actors.*



Joana Pontes

Nasceu em Portugal, é licenciada em Cinema (área de imagem) pela Escola Superior de Teatro e Cinema. Até hoje participou em vários projectos audiovisuais, como “Século XX Português”, “A Hora da Liberdade”, “Salazar”, “O Escritor Prodigioso”, “Portugal, Um Retrato Social” ou “As Horas do Douro”, estes dois últimos de colaboração com António Barreto.



Competição
Internacional

Título original: Basin; **Título em inglês:** Basin;

Realização: David Geiss (Canadá, 2010); **Argumento:** David Geiss; **Música:** David Geiss; **Fotografia (cor):** April Hall; **Montagem:** David Geiss; **Som:** David Geiss; **Intérpretes:** Nicholas Giant (baterista);

Duração: 8 minutos;

Prêmios: Vencedor Hall of Fame – Magmart – ‘Video Under Volcano’ – “International Video Art Festival”, Nápoles;

Contacto: #303 – 1022 Fort Street, Victoria, BC, Canadá, V8V 3K4; Tel. 12505893663 E-mail. david.geiss@sasktel.net;

Categoria em que se inscreve: Competição Internacional

Sinopse › “Basin” é um preocupante e pitoresco pequeno poema visual que descreve a evolução das areias petrolíferas no norte do Canadá como uma força omnipresente que pode ser ocultada da vista, mas não pode ser ignorada. Ao longe, um baterista solitário fala para o cineasta, para o planeta e para o colectivo humano.

Synopsis › *Basin is a disturbingly picturesque, short visual poem depicting the industrial oil sands developments in northern Canada as an omnipresent force that may be obscured from view, but cannot be ignored. In the distance, a lone drummer addresses to the filmmaker, the planet, and the human collective.*



David Geiss

Cresceu nos anos 80 e 90 numa quinta da sua família, perto de Regina, Saskatchewan, Canadá. Obteve o bacharelato em Belas-Artes em Produção de Filme e Vídeo, na Universidade de Regina. Desde então, tornou-se um realizador independente, artista e escritor.



Competição
Internacional

Título original: Shining in the Dark; **Título em inglês:** Shining in the Dark;

Realização: David Joseph Ryan (Nova Zelândia, 2010); **Música:** David Joseph Ryan; **Fotografia (cor):** David Joseph Ryan; **Montagem:** David Joseph Ryan; **Som:** David Joseph Ryan;

Duração: 6 minutos e 34 segundos;

Contacto: 25 Mount Street, Nelson 7010, Nova Zelândia; Tel. 6403546679; E-mail. davidjairyan@xtra.co.nz;

Categoria em que se inscreve: Competição Internacional

Sinopse › Este vídeo é um intercâmbio de observações e significados entre natureza e cultura. Uma viagem distópica através de um ambiente derivado literal e metaforicamente das regiões glaciares que estão a diminuir.

Synopsis › *This video is an exchange of observations and meanings between nature and culture. A dystopian journey through an environment derived both literally and metaphorically from the diminishing glacier regions.*



David Joseph Ryan

Nasceu na Austrália, mas é cidadão neozelandês. Licenciado em Arte, pelo Victorian College of the Arts, e com mestrado em Arte, pela RMIT Universidade de Melbourne, Austrália. Algumas dezenas de exposições individuais, instalações e vídeo-animações.



Competição
Internacional

Título original: Tarane Baran; **Título em inglês:** Baran's Song;

Realização: Jafar Nourmohammadi (Irão, 2009); **Argumento:** Jafar Nourmohammadi; **Produção:** Jafar Nourmohammadi; **Música:** Selection; **Fotografia (cor):** Adel Zolfi; **Montagem:** Younes Nourmohammadi; **Som:** Ali Yarmohhamdi; **Intérpretes:** Zeinab Khosravi, Lia Heidarian, Cheraghi;

Duração: 17 minutos;

Contacto: 201, 2.º andar, Parsian Building, Eslami Alley, Taleghani Street, Ilam, Irão; Tel. 00989188421157 E-mail. kanissunfilm@gmail.com;

Categoria em que se inscreve: Competição Internacional

Distribuição: Jafar Nourmohammadi

Sinopse > O casamento da irmã de Baran vai ser suspenso. Ela convida a sua professora, mas o casamento é cancelado por causa da guerra.

Synopsis > *Barans' sister wedding is going to be hold. She invites her teacher but the wedding is canceled because of war.*



Jafar Nourmohammadi

Nasceu em Ilam, em 1968. Formou-se em 1990, no Tehran Art College. Realizou e produziu algumas curtas-metragens, nomeadamente "Handicraft", "A Photographer's Winter", "A Nest on a Rock".

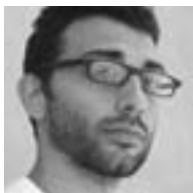


Competição
Internacional

Título original: Canto da Terra D'Água; **Título em inglês:** Song of the Water's Earth;
Realização: Francesco Giarrusso, Adriano Smaldone (Portugal, 2009); **Argumento:** Francesco Giarrusso, Adriano Smaldone; **Produção:** TerraTreme Filmes; **Música:** Música popular;
Fotografia (cor): Francesco Giarrusso, Adriano Smaldone; **Montagem:** João Rosas; **Som:** Nuno Carvalho; **Intérpretes:** David Afonso, Adélia Garcia;
Duração: 32 minutos;
Contacto: Rua Martins Sarmento 35-1ºdto. 1170-227 Lisboa; Tel. +351 917980847 E-mail. terratrete.filmes@gmail.com;
Categoria em que se inscreve: Competição Internacional
Distribuição: Lab 8o Film

Sinopse › As pedras, os campos, a vegetação que devora as casas desabitadas e que se apropria do que lhe foi tirado. O trabalho do tempo sobre o homem e do homem sobre as coisas, os seus gestos e a sua memória. David, escultor de máscaras de madeira, e Adélia, cantora de cantigas, são os protagonistas deste filme que decorre em Trás-os-Montes. Eles testemunham a condição de abandono desta terra em cujo chão raivoso sobrevivem vestígios de um antiquíssimo oceano.

Synopsis › *The rocks, the fields, the vegetation devouring uninhabited houses which appropriates what was taken from her. The work of time on man and the work of man on things, his gestures and his memory. David, a sculptor of wooden masks, and Adelia, singer of songs, are the protagonists of this film that takes place in Trás-os-Montes. They witness the condition of this abandoned land in which raging ground an ancient ocean survives.*



Francesco Giarrusso e Adriano Smaldone

Nasceu em Treviglio, Itália. Em 1980 formou-se em Cinema pela Universidade de Bolonha e é doutorando em cinema na Universidade Nova de Lisboa.

Caos Climático no Sul, a História das Vítimas

I 41 I
cineeco2010



Competição
Internacional

Título original: Klimaatchaos in het Zuiden; **Título em inglês:** Climate Chaos in the South, The Victims' Story;

Realização: Geert De Belder (Bélgica, 2010); **Argumento:** Geert De Belder; **Produção:** Wereldmediatheek; **Música:** Stillerman; **Fotografia (cor):** Thomas Thys; **Montagem:** Thomas Thys; **Som:** Geert De Belder

Duração: 53 minutos;

Prêmios: nomeação para melhor documentário europeu no "Heart England Festival", 2010

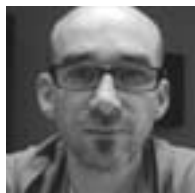
Contacto: Langstraat 11, 2140 Antuérpia, Bélgica; Tel. + 32 486216242 Fax. + 32 32250799
E-mail. Geert.debelder@wereldmediatheek.be;

Categoria em que se inscreve: Competição Internacional

Distribuição: Sideways Film (Kazz Basma)

Sinopse › Vítimas e peritos, no Equador, Burkina Faso, Togo e Bangladesh, testemunham como milhões de pessoas estão a ficar mais pobres à medida que os seus meios de subsistência são ameaçados por diferentes aspectos das alterações climáticas: mudança de estações, aumento do nível do mar, chuvas e ciclones, secas e falta de água. No Sul, uma catástrofe inimaginável está apenas a começar...

Synopsis › *Victims and experts in Ecuador, Burkina Faso, Togo and Bangladesh testify how millions are getting poorer as their livelihoods are threatened by different aspects of climate change: shifting seasons, rising sea, downpours and cyclones, droughts and lack of water. In the South, an unimaginable catastrophe has only just begun...*



Geert De Belder

Esta é a sua primeira longa-metragem documental. Realizou centenas de curtas-metragens para ONG's belgas.

O Céu está a Arder



Competição
Internacional

Título original: The Sky is Burning; **Título em inglês:** The Sky is Burning

Realização: Luciano Capelli (Costa Rica, 2010); **Produção:** Gloriana Cavallini e Luciano Capelli

; **Música:** Fidel e Jaime Gamboa; **Fotografia:** Marvin Murillo, Gustavo Brenes, Glen Vargas, Roy Prendas, Diego Mejias, Simon Bolivar; **Som:** Gloriana Cavallini e Francisco Gonzales;

Intérpretes: Luciano Capelli

Duração: 57 min

Contacto: Ojalá Filmes

Categoria em que se inscreve: Competição internacional

Sinopse › “O Céu Está a Arder” é um comovente documentário que relata os esforços que estão a ser realizados para proteger as florestas tropicais secas da Costa Rica, onde ainda pode ser encontrada a maior colecção de exemplares deste tipo de ecossistema.

Synopsis › ‘The Sky is Burning’ is a moving documentary that chronicles the ongoing efforts to protect the tropical dry forests of Costa Rica, which is where the most extensive collection of this type of ecosystem can still be found.



Luciano Capelli



Competição
Internacional

Título original: Chaparrí, Les Sept Ours de la Montagne Sacrée; **Título em inglês:** Chaparrí, The Seven Bears of the Sacred Mountain;

Realização: Nathalie Granger-Charles-Dominique, André Charles-Dominique (França, 2009);

Produção: Nathalie Granger-Charles-Dominique, André Charles-Dominique; **Fotografia (cor):** Nathalie Granger-Charles-Dominique, André Charles-Dominique; **Montagem:** Nathalie Granger-Charles-Dominique, André Charles-Dominique; **Som:** André Charles-Dominique;

Duração: 94 minutos;

Prêmios: Menção Especial do Festival FICMA – Festival Internacional de Cinema de Ambiente, Barcelona / Prémio de Longa-Metragem – Festival do Film Nature de Mûrs-Erigné, França;

Contacto: 1, rue du lavoir, la Bournée, 49700 Louresse-Rochemenier, França

Tel. +0033241501993 E-mail. acharldom@yahoo.fr;

Categoria em que se inscreve: Competição Internacional

Distribuição: Hevadis Films

Sinopse › Na floresta seca do Peru uma comunidade agrícola decidiu declarar-se uma “comunidade ecológica”, onde as espécies ameaçadas, como o urso-de-óculos ou o guan de asas brancas foram protegidas numa reserva, cuja receita é colocada prioritariamente ao serviço da educação e saúde nas aldeias da comunidade.

Synopsis › *In the dry forest of Peru a farming community decided to declare itself an “ecological community”, where threatened species, such as the spectacled bear, the white winged guan were protected in a reserve, from which revenue is in priority for education and health services in the community’s hamlets.*

Natalie Granger-Charles-Dominique e André Charles-Dominique

São ambos argumentistas, licenciados em Paris. André é engenheiro agrário e Nathalie é autora de três argumentos premiados.



Competição
Internacional

Título original: Scientists Under Attack; **Título em inglês:** Scientists Under Attack;
Realização: Bertram Verhaag (Alemanha, 2010); **Argumento:** Bertram Verhaag; **Produção:** DENKmal-Film; **Música:** Gert Wilden; **Fotografia (cor):** Waldemar Hauschild; **Montagem:** Verena Schönauer; **Som:** Zoltan Ravasz; **Intérpretes:** Arpad Pusztai, Andrew Kimbrell, Ignacio Chapela, Jeffrey Smith e Antonio Andrioli;
Duração: 60 minutos;
Contacto: Denkmal-Film, Herzogstrasse 97, 80796, Munique, Alemanha; Tel. + 49 89 526601 Fax. + 49 89 5234742 E-mail. mail@denkmal-film.com;
Categoria em que se inscreve: Competição Internacional

Sinopse ▶ Arpad Pusztai e Ignacio Chapela têm duas coisas em comum. São cientistas reconhecidos e as suas carreiras estão em ruínas. Ambos resolveram analisar o fenómeno da engenharia genética. Ambos estão a sofrer o destino daqueles que criticam os poderosos interesses velados que agora dominam as grandes empresas e a investigação científica. Apenas 5% da investigação é independente. Pode o público - todos nós - ainda confiar nos nossos cientistas?

Synopsis ▶ *Arpad Pusztai and Ignacio Chapela have two things in common. They are distinguished scientists and their careers are in ruins. Both scientists choose to look at the phenomenon of genetic engineering. Both of them are suffering the fate of those who criticise the powerful vested interests that now dominate big business and scientific research. Only 5% of the research is independent. Can the public – we all – still trust our scientists?*



Bertram Verhaag

Nasceu em 1944 em Sosnowitz (Oberschlesien). Estudou Sociologia e Etnografia. Entre 1972 - 1975 frequentou a Escola Superior de Cinema e Televisão de Munique. Em 1976 cria a DENKmal-Film Produktion com Claus Strigel. Do seu trabalho em conjunto como produtores, autores e realizadores destacam-se mais de 100 filmes para cinema e televisão.



Competição
Internacional

Título original: The Green Crusaders; **Título em inglês:** The Green Crusaders;
Realização: Yow Chong Lee (Malásia, 2010); **Argumento:** Yow Chong Lee; **Produção:** University Sains Malaysia (School of Communication); **Música:** “Requiem of Dream”, “Jingle Bells”;
Fotografia (cor): Haris Wijaya, Yow Chong Lee, Aziraini Aziz, Abdallah Altamimi Mehzer;
Montagem: Yow Chong Lee, Gary Chong; **Som:** Yow Chong Lee; **Intérpretes:** Donat Theseira, Mylene Odi, Dato’Dr. Ong Hean Tee, Cheon Mody Chew, Lourdes Dass, Lauchoy Chon;
Duração: 13 minutos e 55 segundos;
Contacto: 22, Jalan Melor 2, Tamanjaya, 85200 Jementah, Segamat, Johor, Malásia; Tel. +6012 6041259 E-mail. yowchonglee@gmail.com;
Categoria em que se inscreve: Competição Internacional

Sinopse > Este pequeno documentário acompanha a vida de Don e Mylene - também conhecidos como cruzados verdes. Para isso, têm dedicado a maior parte do seu tempo a proteger a mãe natureza. O filme descreve os seus esforços em trazer a mudança e um ambiente mais verde em Pulau Pinang, na Malásia. No entanto, os seus esforços foram partilhados pelo país, através de palestras públicas.

Synopsis > *This short documentary traces the lives of Don and Mylene – who also known as green crusaders. For that, they have contributed most of their time in protecting the mother nature. It depicts their efforts in bringing about change and a greener environment in Pulau Pinang, Malaysia. However, their efforts have been shared through the nation, by delivering talks to the public.*

Yow Chong Lee

Este é o primeiro filme que realiza. Todas as suas técnicas aprendeu-as lendo e com alguns colegas de curso.



Competição
Internacional

Título original: Efeito Reciclagem; **Título em inglês:** Hauling;

Realização: Sean Walsh (Brasil, 2010); **Argumento:** Sean Walsh; **Produção:** Code 7 Entertainment;

Música: Laurent Mis; **Fotografia (cor):** Ted Carioba; **Montagem:** Cristina Amaral; **Som:** Jorge Vaz;

Intérpretes: Claudines Alvarenga e sua família;

Duração: 93 minutos;

Prêmios: Melhor Longa Metragem – Fica – Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental;

Contacto: Av. Nove de Julho, 5593, cj. 71 – São Paulo – SP – Brasil; Tel. +55 1131644460; Fax. +55 1131644460 E-mail. sean@code7.com

Categoria em que se inscreve: Competição Internacional / Competição Lusofonia

Sinopse > Muitas vezes marginalizado pela sociedade, o submundo da reciclagem de São Paulo – a maior metrópole do Brasil – é o pano de fundo para a história comovente de Claudines e sua família. Efeito Reciclagem revela o dia-a-dia deste homem, pai de mais de 27 crianças, e de muitos outros que vivem da coleta de material reciclável que deitamos fora.

Synopsis > *Often marginalized by society, the underworld of recycling of Sao Paulo - the largest city in Brazil - is the backdrop for the poignant story of Claudines and his family. Efeito Reciclagem reveals the day-to-day life of Claudines, a father to over 27 children, and many others who make their living out of collecting and recycling material that others have thrown out.*



Sean Walsh

Formado pela New York Film Academy, possui mestrado em Produção para Cinema e Televisão na Bristol University, Inglaterra. Produziu “Dia de Graça” (2007), “Entre Lençóis” (2008), “Letras da Minha Emoção” (2010), entre outros. Realizou “Beauty” (2006) e alguns vídeos cliques.



Competição
Internacional

Título original: Vienen Por El Oro. Vienen Por Todo; **Título em inglês:** They Come For The Gold. They Come For It All;

Realização: Pablo D'Alo Abba e Cristián Harbaruk (Argentina, 2009); **Argumento:** Cristián Harbaruk, Pablo D'Alo Abba, Rocio Azuaga; **Produção:** Malcine; **Música:** Aie Teran, Martín Bosa, Juan P. Mendoza; **Fotografia (cor):** Daniel Ortega; **Montagem:** Aie Arias, Pablo D'Alo Abba; **Som:** Martín Bosa; **Intérpretes:** Vizinhos da povoação de Esquel;

Duração: 83 minutos;

Prêmios: Melhor documentário do Festival de Saragoza, Ecozine, 2010; Melhor documentário e melhor argumento do Festival Internacional de Cinema, Gualaguaycho;

Contacto: Sullan Alvarez 437-1414 Bs. As. Argentina

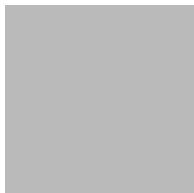
Tel. 541148583799 E-mail. pablo@malcine.com.ar;

Categoria em que se inscreve: Competição Internacional

Distribuição: Malcine

Sinopse ▶ Com 50% da população a viver abaixo dos limites de pobreza, as empresas mineiras surgem como a grande solução para a escassez. “They Come For The Gold. They Come For It All” conta a vitória épica de uma pequena cidade da Patagônia que derrotou os poderes econômico e político, fazendo uma grande opção sobre o seu futuro.

Synopsis ▶ With 50% of the population living below the limits of poverty, mining enterprises arise as the great solution for such dearth. They Come For The Gold tells the epic victory of the little Patagonian town who defeated huge economic and political powers, making a big choice about their future.



Pablo D'Alo Abba e Cristián Harbaruk



Competição
Internacional

Título original: Digging Mercy; **Título em inglês:** Digging Mercy;

Realização: Venu Nair (Índia, 2010); **Argumento:** Venu Nair; **Produção:** Visile TV Professionals;

Música: Stock Music; **Montagem:** Dinesh Bhaskar; **Som:** K.S Sitharthan; **Intérpretes:** Thankamani & Ammukkutty;

Duração: 13 minutos e 49 segundos;

Contacto: Shankaramangalam, Gra 777/A, Gowrisapattom, Trivandrum – 695004, Kerala, Índia; Tel. +91 471 2557555 Fax. +91 471 2557555 E-mail. venunairin@gmail.com;

Categoria em que se inscreve: Competição Internacional

Distribuição: NIL

Sinopse › O rio Varattayar está seco quase todo o ano e isso tem afectado severamente a vida das pessoas nas áreas próximas. Esta é a história de Thankamani de Eruthempathi, no distrito de Palakkad, que está a escavar este rio seco para obter água para a sua família.

Synopsis › *The river Varattayar is dry in almost all through the year and this has severely affected the life of people in the nearby areas. This is the story of Thankamani of Eruthempathi in Palakkad District who is burrowing the dried up river Varattayar for getting water for her family.*

Venu Nair

Cineasta premiado internacionalmente, Venu Nair nasceu em Kerala, na Índia. Obteve o seu diploma de pós-graduação na Universidade Mahatma Gandhi, Kottayam. Frequentou a Leeds Metropolitan University, no Reino Unido. Trabalha em televisão e do cinema desde 1990 e suas criações cobrem um espectro amplo de temas como Ambiente, Cultura e Património, Antropologia, Saúde, Turismo.



Competição
Internacional

Título original: Un Avenir À Quel Prix?; **Título em inglês:** A Future At What Price?;

Realização: David Martin (França, 2010); **Argumento:** David Martin; **Produção:** Mecanos Productions; **Música:** Alexis Assadourian; **Fotografia (cor):** Maxime Soulard; **Montagem:** Franck Leplat;

Duração: 52 minutos;

Contacto: 25 Bis Rue dès Bas Tillets, Seures 92310, França; Tel. + 0033 622803967 E-mail. david.109@gmx.net;

Categoria em que se inscreve: Competição Internacional

Distribuição: Achile Coenegracht

Sinopse › Se quisermos evitar a catástrofe climática, precisamos urgentemente de reduzir no planeta, para metade, as emissões de CO₂. Infelizmente, os especialistas prevêem que o consumo global de energia vai duplicar em 2050. Um consumo moderado de energia é a única solução concreta. O preço que nós damos ao carbono é o nosso futuro.... O futuro dos nossos filhos.

Synopsis › *If we want to avoid the climate catastrophe we need to urgently cut planetary CO₂ emissions by half. Unfortunately the experts are predicting that global energy consumption will double in 2050. Reasonable energy consumption is the only concrete solution. The price that we give to carbon is our future....Our children's future.*

David Martin

Depois de se formar na ENS Louis Lumière Film School, decidiu partir para a Alemanha. Encontrou na Bavária o ambiente ideal para desenvolver os seus primeiros projectos cinematográficos. Actualmente, regressou à França.



Competição
Internacional

Título original: One Degree Matters; **Título em inglês:** One Degree Matters;
Realização: Eskil Hardt (Dinamarca, 2009); **Argumento:** Eskil Hardt; **Produção:** Ace & Ace;
Fotografia (cor): Esben Hardt, Eskil Hardt, Finn Noer; **Montagem:** Adrian Beard;
Duração: 57 minutos;
Contacto: St. Kannikestraede 5, 2 Sal, 1169, Copenhaga, Dinamarca; Tel. +45 33110544 E-mail.
ace@acephotos.dk;
Categoria em que se inscreve: Competição Internacional
Distribuição: TVF International

Sinopse › Apresentando os últimos avanços científicos sobre as alterações climáticas, este é um documentário informativo e inspirador que oferece soluções realistas e dá à realidade do aquecimento global rosto humano, mostrando exemplos surpreendentes de indivíduos e comunidades que combatem os problemas ambientais do mundo.

Synopsis › *Presenting the latest science on climate change, this in an informative and inspirational documentary which offers realistic solutions and gives the reality of global warming a human face, showcasing amazing examples of individuals and communities tackling the world's environmental problems.*



Eskil Hardt

Ace & Ace e foi criada por dois irmãos, Eskil e Esben Hardt há 16 anos. Ace & Ace é especializada na produção de documentários de temas como acção, aventura, cozinha, ambiente, natureza, viagens, vida selvagem e desporto. Eskil Hardt, 41 anos, desenvolveu, produziu e dirigiu documentários, “reality shows”, séries de TV e filmes corporativos.



Competição
Internacional

Título original: Hu Xiao de Jin Shu; **Título em inglês:** Heavy Metal;
Realização: Huaqing Jin (China, 2009); **Argumento:** Huaqing Jin; **Produção:** Chen'na Xia;
Fotografia (cor): Huaqing Jin; **Montagem:** Huaqing Jin; **Som:** Wang Qiang;
Duração: 50 minutos;
Contacto: 6545677@163.com;
Categoria em que se inscreve: Competição Internacional

Sinopse › Há mais de 20 anos, os resíduos electrónicos do Japão, EUA, Austrália e outros países foram transportados para uma pequena cidade chamada Fengjiang. Cerca de 50 mil trabalhadores migrantes das partes atingidas pela pobreza do centro-oeste da China formaram um exército de desmantelamento de resíduos electrónicos. Eles decompõem e reciclam cerca de 2 milhões de toneladas de lixo electrónico por ano com os métodos mais primitivos. O filme conta a história da sobrevivência de duas famílias de trabalhadores, Zhang e Qiu-xia's, escutando os seus gemidos e suspiros.

Synopsis › More than twenty years ago, electronic waste from Japan, USA, Australia and other countries was transported to a small town called Fengjiang. Around 50 thousand migrant workers from poverty-stricken parts of mid-west China formed an e-waste dismantling army. They decompose and recycle nearly 2 million tons of e-waste each year with the most primitive methods. The film tells the survival story of two families of workers, Zhang and Qiu-xia's, hearing their moans and sighs.



Huaqing Jin



Competição
Internacional

Título original: Justino; **Título em inglês:** Justino;

Realização: Carlos Amaral (Portugal, 2010); **Argumento:** Carlos Amaral; **Produção:** Filmesdamente; **Música:** Nuno Cardinho; **Fotografia (cor):** Victor Santos; **Montagem:** Carlos Amaral; **Som:** Henrique Moreira, Duarte Ferreira; **Intérpretes:** Fernando Laureano;

Duração: 7 minutos e 45 segundos;

Prémios:

Contacto: R. St. Isidro, n.º 41, 2100-158 Coruche, Portugal; Tel. +351 966672722 E-mail. carlos.amaral@filmesdamente.com;

Categoria em que se inscreve: Competição Internacional

Sinopse › A história de um homem que vendia fogo...

Synopsis › *The story of a man who sold fire...*

Carlos Amaral

Nascido em Coruche em 1982, estudou no Porto audiovisuais até 2007. Trabalha como freelancer em televisão, cinema e publicidade. Esta é a sua estreia como realizador de cinema.



Competição
Internacional

Título original: Karez in Kurdistan; **Título em inglês:** Karez in Kurdistan;

Realização: Joshka Wessels (Holanda, 2009); **Argumento:** Joshka Wessels; **Produção:** Sapiens Productions; **Fotografia (cor):** Joshka Wessels; **Montagem:** Joshka Wessels; **Som:** Joshka Wessels;

Duração: 20 minutos;

Contacto: Observantenweg 25, b212EN, Maastricht, Holanda; Tel. + 0433101919; E-mail. intern@sapiensproductions.com;

Categoria em que se inscreve: Competição Internacional

Distribuição: Joshka Wessels;

Sinopse › Na região árida do Curdistão, no Norte do Iraque, as secas podem parecer especialmente duras. Durante esses períodos de escassez, os moradores dependem de antigos túneis subterrâneos chamados Karez. Recentemente, um alarmante fenômeno está a secar essas condutas subterrâneas, o que traz para as aldeias o Prof Gordon Lightfoot, reputado geógrafo e especialista em galerias de infiltração antigas.

Synopsis › *In the arid Kurdistan region of Northern Iraq, droughts can seem especially harsh. During such lean periods, the villagers rely on ancient subterranean tunnels called Karez. A recent alarming spate of drying up of these underwater conduits brings Prof. Gordon Lightfoot, renowned geographer and expert on ancient infiltration galleries, to the villages.*



Joshka Wessels

Especialista em assuntos respeitantes à água e ao Médio Oriente, produz programas de interesse ambiental. Em 2002 criou a sua própria companhia de produção – Sapiens Productions.

Lágrimas de ShuanXi



Competição
Internacional

Título original: Tears of ShuanXi;

Título em inglês: Tears of ShuanXi;

Realização: Fanjiaju, Wangjun (China, 2010); **Argumento:** HuaqingJin; **Produção:** Team of HuaqingJin; **Música:** Fanjiaju, Jun Wang; **Fotografia (cor):** Jun Wang; **Montagem:** Fanjiaju; **Som:** Fanjiaju, Jun Wang;

Duração: 19 minutos;

Contacto: Room 502, Unit 3, Building 6, Kang Le Xincun, Hangzhou Zhejiang, China

Categoria em que se inscreve: Competição Internacional

Distribuição: HuaqingJin

Sinopse › Este filme mostra o sofrimento e o sangue vertidos pelos trabalhadores rurais que se dirigiram para uma grande cidade no sul da China. Desde 1995 que eram trabalhadores. Não sabiam ao que se expunham e apanharam pneumoconiose. As famílias afogam-se num oceano de tristeza.

Synopsis › This film reveal the cost of blood in rural and urban development of plenty rural workers headed for a big city in southern China. Since 1995 they began their career as contribute workers. They didn't know the latent dangers and suffered from the pneumoconiosis. All their families are in an ocean of sorrow.

Fanjiaju e Wangjun
Realizadores chineses.



Competição
Internacional

Título original: A Place Without People; **Título em inglês:** A Place Without People;
Realização: Andreas Apostolidis (Grécia, 2009); **Argumento:** Andreas Apostolidis; **Produção:** Rea Apostolidos, Yuri Averof/ Anemon Productions; **Música:** Dimitris Desylas; **Fotografia (cor):** Stelios Apostolopoulos; **Montagem:** Yuri Averof;
Duração: 54 minutos e 40 segundos;
Prêmios: Prémio do Júri do Green Film Festival de Seul, 2010
Contacto: 5 Stislorou St., Atenas, 10679, Grécia; Tel. + 30 2107211073 Fax. + 30 2107228023
E-mail. andreasapostolidis@hotmail.com;
Categoria em que se inscreve: Competição Internacional
Distribuição: Jan Rofecamp / Films Transit

Sinopse > Um filme sobre a população local da Tanzânia que foi expulsa para dar lugar à criação das reservas naturais mais famosas do mundo. Filmado no espectacular Parque Serengeti e na cratera de Ngorongoro, o filme explora a forma como os parques passaram a ser, e como a percepção ocidental sobre a natureza alterou radicalmente a paisagem e a sociedade do leste Africano.

Synopsis > *A film about how the local population of Tanzania has been evicted to make way for the creation of the world's most famous nature reserves. Set in the spectacular Serengeti Park and Ngorongoro crater, the film explores how the parks came to be and how Western perceptions about nature radically altered east African landscape and society.*

Andreas Apostolidis

É um romancista de policiais e um realizador de documentários bastante conhecido na Grécia. Realizou mais de 125 episódios da série documental "Reportage Without Frontiers", assim como "Death Match" (2002) e "Network" (2006).



Competição
Internacional

Título original: Wenn Nicht Wir; **Título em inglês:** Move Copenhagen;
Realização: Lena Kampf (Alemanha, 2010); **Argumento:** Lena Kampf; **Fotografia (cor):** Thomas Ballschmieter, Karsten Floegel; **Montagem:** Bem Arnold; **Som:** Nick Radeke;
Duração: 66 minutos e 20 segundos;
Contacto: Tel. + 00449 1781442495 E-mail. kampf.lena@gmail.com;
Categoria em que se inscreve: Competição Internacional

Sinopse › “Move Copenhagen” é uma viagem através do mar Báltico e das gélidas e vastas terras da Mongólia. O filme retrata os valores, medos e esperanças que motivam Kim e Henrike. Capta uma visão muito pessoal das negociações falhadas da COP15.

Synopsis › “Move Copenhagen” is a journey across the frozen Baltic sea and the vast lands of Mongolia. The film portrays the values, fears and hopes that motivate Kim and Henrike. It captures a very personal view to the failed COP15 negotiations.



Lena Kampf

Nasceu em 1984 em Hamburgo, Alemanha. Bacharel em Estudos Europeus pela Universidade de Maastricht e o mestrado em Ciência Política pela Universidade de Freie, Berlim. Desde 2008 que é realizadora “freelancer”. Realizou “High Tide Mediaspree – Practicing Democracy”.



Competição
Internacional

Título original: Letünt Vilá; **Título em inglês:** Lost World;

Realização: Gyula Nemes (Hungria, 2009); **Argumento:** Gyula Nemes, Péter Lichter, Gábor Farkas; **Produção:** Absolut Film Studio; **Música:** Ludwig van Beethoven, Dunakeszi Railway Band; **Fotografia (cor):** Dobóczy Balázs; **Montagem:** Martin Blazicek;

Duração: 20 minutos;

Prêmios: Ganhou vários prêmios em festivais na República Checa, Chipre, Espanha, Bucareste, Itália, nomeadamente o de melhor documentário, melhor fotografia, melhor filme estrangeiro;

Contacto: Puszatszeri út 11-13, 1025, Budapeste, Hungria

Tel. + 36 20 9856277 E-mail. nemes@absolutfilm.hu;

Categoria em que se inscreve: Competição Internacional

Distribuição: Gyula Nemes

Sinopse > A vida, demolição e reconstrução da barragem Kopaszi. Filmado ao longo de dez anos numa paisagem esquecida no centro de Budapeste. Pessoas que vivem em casas flutuantes e casas de madeira, que lutam contra inundações, neve e investidores que os querem expulsar.

Synopsis > *The life, demolition and reconstruction of the Kopaszi dam. Shot ten years long in a forgotten landscape in the centre of Budapest. People living in houseboats and wooden houses, struggling against flood, snow and investors who want them to evict.*



Gyula Nemes

Nasceu em 1974. Estudou na FAMU (Film and Tv School of Academy of Performing Arts), em Praga. O seu primeiro filme "My One and Onlies" esteve em competição em Veneza. O seu mais recente filme "Lost World" ganhou o prémio de melhor documentário em Karlovy Vary, República Checa.



Competição
Internacional

Título original: Dai-Shui-Yan; **Título em inglês:** Nimbus;
Realização: Huang Hsinyao (Taiwan, República da China, 2009); **Argumento:** Huang Hsinyao;
Produção: Sun Studio Taiwan; **Música:** Zavi Tsai; **Fotografia (cor):** Huang Hsinyao, Ciou Tsaichou; **Montagem:** Huang Hsinyao; **Som:** Wen Zijie; **Intérpretes:** residentes em Kouhu;
Duração: 36 minutos;
Prêmios: Melhor documentário, Local Voice Film Festival, Unban Nomad Film Festival, Taiwan;
Contacto: N.º 27-2, Kanping, Qigu Township, Tainan County 724, Taiwan; Tel. 886937665006
Fax. 88667895917 E-mail. river880403@yahoo.com.tw;
Categoria em que se inscreve: Competição Internacional
Distribuição: Yunlin County Government

Sinopse > Kouhu, uma pequena cidade na costa oeste de Taiwan, é um lugar onde a terra desaparece e reaparece no curso da história. Os pantanais reapareceram, transformando os moradores de Kouhu numa espécie de “refugiados do clima”. Nimbus explora a ecologia dos pântanos e lagoas do município de Kouhu e as vidas das pessoas.

Synopsis > Kouhu, a small town along the west coast of Taiwan is a place where land disappears and reappears in the course of history. Wetlands reappeared, turning the residents of Kouhu into one form of ‘climate refugees’. Nimbus explores the ecology of the wetlands and lagoons of Kouhu township and the lives of the people.



Huang Hsinyao

É um realizador independente, formado pelo Instituto de Som e Imagem, em Taiwan.



Competição
Internacional

Título original: - ; **Título em inglês:** In Between;

Realização: Tamar Shippony (Israel, 2009); **Argumento:** Tamar Shippony; **Fotografia (cor):** Tamar Shippony, Mili Bem-Hayl, Amir Weizman; **Montagem:** Tamar Shippony; **Som:** Tamar Shippony; **Intérpretes:** Tamar Shippony;

Duração: 1 minuto e 57 segundos;

Prêmios: 1º Prêmio Experimental do Festival de Cinema de Jerusalém, 2009;

Contacto: Madregot Hakfar 24 Aleph, Ein Karem, Jerusalém, 95741, Israel; Tel. + 972 526483248
E-mail. tamar2828@gmail.com;

Categoria em que se inscreve: Competição Internacional

Sinopse › A água equilibra um barco que equilibra uma mulher que equilibra uma árvore. O frágil equilíbrio entre o homem e criação.

Synopsis › *Water balancing a boat that balances a woman who balances a tree. The fragile balance in between man & creation.*



Tamar Shippony

Estudou Belas-Artes no Pratt Institute, em Brooklyn, Nova Iorque. Concluiu o seu bacharelato em Belas-Artes na Academia de Arte e Design de Bezatel, Jerusalém.



Competição
Internacional

Título original: Zapad na Istoku; **Título em inglês:** The West in the East;

Realização: Nisvet Hrusti (Bósnia e Herzegovina, 2010); **Argumento:** Nisvet Hrusti ; **Música:** Amer Sehi ; **Fotografia (cor):** Nisvet Hrusti ; **Montagem:** Nisvet Hrusti ; **Som:** Nisvet Hrusti ; **Intérpretes:** Dzermal Hrusti ;

Duração: 22 minutos e 25 segundos;

Contacto: Podgradina b.b. 72250 Vitez, Bósnia e Herzegovina; Tel. + 00387 61372370; E-mail. Nisvet.hrustic@tel.net.ba;

Categoria em que se inscreve: Competição Internacional

Distribuição: Nisvet Hrusti

Sinopse › Um amante da natureza, da floresta, da água e da astronomia está a tentar construir uma casa de fim de semana por conta própria, levando água da floresta para a mesma, ao longo de 1200 metros de percurso. Com poucos recursos financeiros orientais e ideias ocidentais, ele usa resíduos de madeira, preservando o meio ambiente e enfrentando incompreensões e o escárnio da comunidade local.

Synopsis › *A lover of nature, forest, water and astronomy who is trying to build a weekend house by his own and bring unusual forest water to it 1200 meters in length. By humble eastern financial capabilities and western ideas he uses lumber waste material, preserving the environment and facing incomprehension and derision by local community.*



Nisvet Hrusti

Nasceu em Vitez, em 1956, na Bósnia e Herzegovina. Realizador, montador e operador de câmara. Realizou, entre outros, “Fatal Circle” (2007), “Rivers and Lakes of Middle Bosnia” (2008), “Djemo, Goat and Brucellosis” (2009).



Competição
Internacional

Título original: ONA; **Título em inglês:** ONA;

Realização: Pau Camarasa (Espanha, 2009); **Argumento:** Pau Camarasa; **Produção:** Pau Camarasa; **Fotografia (cor):** Hermes Marco; **Montagem:** Pau Camarasa; **Som:** Marcos Casademunt; **Intérpretes:** Sílvia Mo, Vicente Ayala;

Duração: 10 minutos;

Prémios: Ganhou vários prémios em diversos festivais nacionais e internacionais, nomeadamente, o primeiro prémio no 57º Festival Documental e de Curta-Metragem de Belgrado, Sérvia, e no Cine Festival, em Itália;

Contacto: Entenza 324 Atico 2ª, Espanha; Tel. +0034 699646907 E-mail. paucamarasa@menta.net;

Categoria em que se inscreve: Competição Internacional

Sinopse › Resumo absoluto das emoções que brotam da simbiose poética entre o corpo humano e a paisagem.

Synopsis › *Absolute summary of emotions that spring from the poetic symbiosis between the human body and the landscape.*



Pau Camarasa

Nasceu em Barcelona, em 1975. Licenciou-se em Comunicação Audiovisual na Universidade Ramon Llull e continuou os seus estudos em cinema no Centro de Estudos Cinematográficos, em Catalonia, e na Escola Internacional de Santo António de los Baños, em Cuba.

A Onda que se Levanta



Competição
Internacional

Título original: The Rising Wave; **Título em inglês:** The Rising Wave;

Realização: Shweta Kishore, Yask Desai (Índia, Austrália, 2008); **Produção:** Shweta Kishore, Yask Desai; **Música:** Shweta Kishore, Yask Desai; **Fotografia (cor):** Shweta Kishore, Yask Desai;

Montagem: Shweta Kishore, Yask Desai; **Som:** Shweta Kishore, Yask Desai;

Duração: 65 minutos;

Contacto: 101 Morse Street, Watertown, MA 02472, E.U.A.; Tel. + 617 9260491 Fax. + 617 9269519 E-mail. brittany@der.org;

Categoria em que se inscreve: Competição Internacional

Distribuição: Brittany Gravely

Sinopse ▶ Na Índia, a água tem um significado espiritual profundo e funcional. “The Rising Wave” explora estes dois aspectos; a adoração da água como um ritual sagrado, ao mesmo tempo que mostra como ela é essencial para gerar vida.

Synopsis ▶ In India water has a deep spiritual and functional significance. The Rising Wave explores both these aspects; water worshipped as a sacred common while also being essential for generating livelihood.



Shweta Kishore e Yask Desai

São reconhecidos mundialmente pelos seus documentários contemplativos. Os trabalhos anteriores incluem “The Great Indian Yatra” e “Of Bards And Beggars”.



Competição
Internacional

Título original: 11 Degrees; **Título em inglês:** 11 Degrees;

Realização: Anna Ewert (Escócia, 2009); **Argumento:** Anna Ewert; **Produção:** Conen Productions;

Música: Andreas Horn; **Fotografia (cor):** Julian Krubasik; **Montagem:** Kate Campbell, Anna Ewert; **Som:** Julian Krubasik, Anna Ewert;

Duração: 7 minutos e 44 segundos;

Contacto: Bozener Strasse 23, 78052 Villingen, Alemanha; Tel. 0049772163526 E-mail. anna_frances@gmx.de;

Categoria em que se inscreve: Competição Internacional

Sinopse > O filme é sobre a luta de uma estância de ski da Escócia para se adaptar às consequências da mudança climática e à diminuição dos esquiadores. Retrata a mudança da paisagem e os desafios que as comunidades estão a enfrentar, mas mostra-se também atenta ao entusiasmo escocês para manter vivo o ski.

Synopsis > *The film is about the struggle of a Scottish ski resort to adapt to the consequences of the climate change and the decrease in skiers. It portrays the changing landscape and challenges the communities are facing but also looks at the Scottish enthusiasm to keep skiing alive.*



Anna Ewert



Competição
Internacional

Título original: Pelos Trilhos do Andarilho; **Título em inglês:** Through the Trails of the Wanderer;

Realização: Rodrigo Lacerda (Portugal, 2010);

Argumento: GEFAC, Luísa Bebiano Correia, Rafael Efraim Alves, Rodrigo Lacerda; **Produção:** GEFAC – Grupo de Etnografia e Folclore da Academia de Coimbra; **Música:** Luís Pedro Madeira;

Fotografia (cor): Rodrigo Lacerda; **Montagem:** Rodrigo Lacerda; **Som:** Teresa Magalhães, Luís Pedro Madeira;

Duração: 60 minutos;

Contacto: R. Padre Manuel da Nóbrega, 221, 5D, 3000-322 Coimbra, Portugal; Tel. +351 927092476 E-mail. rodrigolacerda@me.com;

Categoria em que se inscreve: Competição Internacional

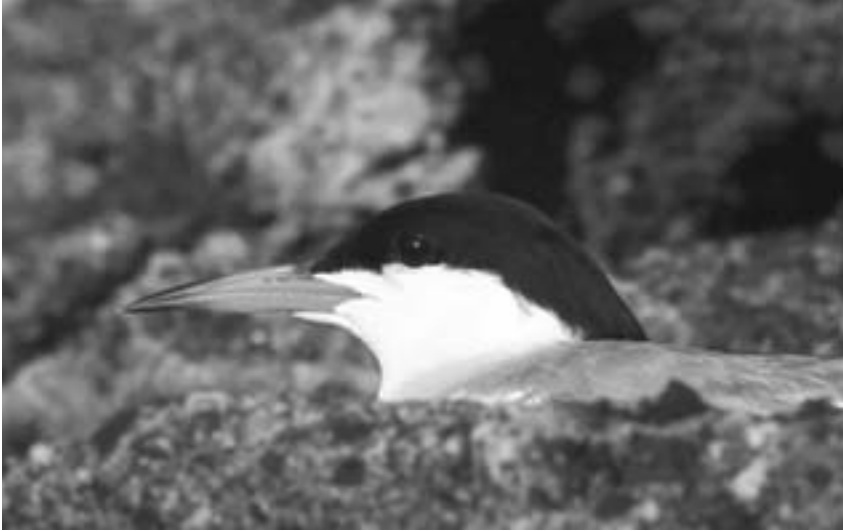
Distribuição: GEFAC – Grupo de Etnografia e Folclore da Academia de Coimbra

Sinopse › Uma perseguição documental, numa viagem contemporânea pelos percursos e espaços trilhados pelos Andarilhos, que estudaram e observaram o Homem português em si mesmo, na sua dimensão cultural, enraizado numa diversidade de paisagens naturais e culturais, desconhecidas e escondidas do Portugal de então.

Synopsis › *A documentary prosecution in a contemporary voyage by the paths and spaces trod by wanderers who have studied and observed the Portuguese Man itself, in its cultural dimension, rooted in a diversity of natural and cultural landscapes, unknown and hidden from Portugal back then.*

Rodrigo Lacerda

Nasceu em Coimbra, em 1979. Trabalhou como actor de teatro e cinema. Em 2002, ingressou no curso de Film and Broadcast Production na London Metropolitan University, onde mais tarde também faz uma pós-graduação. Realizou com a antropóloga Rita Alcaire "Filhos do Tédio".



Competição
Internacional

Título original: Priolo; **Título em inglês:** Priolo;

Realização: Madalena Boto (Portugal, 2009); **Argumento:** Madalena Boto; **Música:** Manuel Durão, Bernardo Chaves; **Fotografia (cor):** Madalena Boto; **Montagem:** Madalena Boto; **Som:** Tiago Ventura; **Intérpretes:** José de Medeiros;

Duração: 10 minutos;

Contacto: Rua José Maria Nicolau, n.º 6, 5B, 1500-662 Lisboa, Portugal; Tel. +351 965824144
E-mail. madalena.boto@gmail.com;

Categoria em que se inscreve: Competição Internacional

Sinopse > S. Miguel (Açores): uma ilha remota no coração do Atlântico, é famosa pela extraordinária biodiversidade que habita as suas águas. Mas este paraíso subtropical guarda outros tesouros em terra. Nas encostas montanhosas situadas a leste, a última mancha de floresta Laurissilva da ilha abriga um animal tímido e ameaçado – o priolo.

Synopsis > S. Miguel (Azores): a remote island in the heart of the Atlantic, famous for its extraordinary biodiversity that inhabits its waters. But this subtropical paradise guards other treasures on earth. In the mountain slopes located at east, the last patch of laurel forest of the island is home to a shy and endangered animal - the priolo.

Madalena Boto

Licenciada em Biologia Ambiental Terrestre, em 2008, pela Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Candidatou-se ao curso em Wildlife Documentary Production na Universidade de Salford, Inglaterra, de forma a conciliar o gosto pelas artes audiovisuais com o interesse na área da conservação.

Quando os Pólos Derretem – Expedição à Antártida



Competição
Internacional

Título original: Wenn Das Eis Schmilzt - Expedition in Die Antarktis; **Título em inglês:** When The Poles Melt – Antarctic Expedition;

Realização: Kai Voigtländer (Alemanha, 2010); **Argumento:** Olaf Jacobs; **Produção:** Olaf Jacobs; **Música:** Eike Hosenfeld, Moritz Denis, Tim Stanzel; **Fotografia (cor):** Guido Kilbert; **Montagem:** Anne Berrini; **Som:** Sven Piesker;

Duração: 52 minutos;

Contacto: Steinstrasse 25, 19053 Schwerin, Alemanha

Tel. +0170 9626063 E-mail. kai.voigtlander@gmx.de;

Categoria em que se inscreve: Competição Internacional

Distribuição: Telepool GMBH

Sinopse > O realizador Kai Voigtländer e o operador de câmara Guido Kilbert acompanharam os investigadores sobre o Polarstern durante 9 semanas. Foram em viagens de helicóptero e observaram como os investigadores tentaram reconstruir a história do clima da Antártida a partir de amostras do leito do mar.

Synopsis > *Filmmaker Kai Voigtländer and cameraman Guido Kilbert accompanied the researchers on the Polarstern for 9 weeks. They went along on helicopter trips and observed how the researchers tried to reconstruct the history of Antarctica's climate from samples of the sea-bed.*

Kai Voigtländer

Realizou "Randlage Rugen" (2005), "Hering. Hektik. Herzinfarkt" e "Heisses Eisen" (2008).



Competição
Internacional

Título original: Recikliranje; **Título em inglês:** Recycling;

Realização: Branko Istvancic (Croácia, 2009); **Argumento:** Edi Muzina; **Produção:** Propeler Film; **Música:** Semir Hasic Sammy; **Fotografia (cor):** Bojana Burnac; **Montagem:** Veljko Segaric; **Som:** Hrvoje Grill; **Intérpretes:** Slaven Knezovic, Ana Maras, Assim Ugljen, Erol Nezirí, Vinko Kraljevic, Atif Abazov, Ismet Shabani, Semir Hasic Sammy;

Duração: 15 minutos;

Contacto: HRT, Prisavlje 3, 10000 Zagreb, Croácia; Tel. +385 915233950 E-mail. branko.istvancic@gmail.com;

Categoria em que se inscreve: Competição Internacional

Sinopse › Logo no início da manhã, uma família cigana vai da periferia para a lixeira da cidade, recolhendo mercadorias. Descobriram roupa quase nova, fato e gravata. Vestiram o seu filho mais velho Safet e foram para a fábrica mais moderna de reciclagem. É o primeiro dia de trabalho de Safet. A ideia desta história é mostrar as mudanças através do ciclo de reciclagem que envolve a minoria cigana moderna numa cidade europeia. Eles recolhem as roupas que já deveriam estar na fábrica de reciclagem, de maneira a preparar o filho para trabalhar na mesma.

Synopsis › *Early in the morning Roma minority family goes from the periphery to the city dump collecting goods. They found almost new garment, suit and a tie. They put clothes on their eldest son Safet and go to the most modern factory for recycling. It's Safet's first working day. The idea of this story is to show changes through recycling cycle which engages the modern Roma minority in a European city. They collect clothes which were already supposed to end at the factory for recycling, to prepare a son for a job in the same factory.*



Branko Istvancic



Competição
Internacional

Título em inglês: Cold Tropics;

Realização: Kleber Mendonça Filho (Brasil, 2009); **Argumento:** Kleber Mendonça Filho; **Produção:** Cinemascópio Filmes; **Fotografia (cor):** Kleber Mendonça Filho; **Montagem:** Emilie Lesclaux; **Som:** Kleber Mendonça Filho; **Intérpretes:** Andrés Schaffer, Antônio Paulo, Yannick Ollivier, Jr. Black, Djanira Pessoa Correia, Lia de Itamaracá, etc;

Duração: 24 minutos;

Prêmios: Ganhou vários prêmios em diversos festivais do Brasil e Portugal, nomeadamente o de melhor filme, melhor argumento, melhor curta-metragem, melhor realizador;

Contacto: Rua José Moreira Leal, 207, Apto 102, Boa Viagem, Recife – PE CEP 51030-80, Brasil; Tel. +81 30324972 E-mail. cinemascopiofilmes@gmail.com;

Categoria em que se inscreve: Competição Internacional / Competição Lusofonia

Distribuição: Cinemascópio Filmes

Sinopse > Uma estranha mudança climática faz Recife, na região Nordeste do Brasil, passar a ser uma cidade fria. O documentário de uma TV estrangeira examina os efeitos da mudança em toda uma cultura que sempre viveu num clima quente.

Synopsis > *A strange climate change makes Recife, northeastern Brazil, become a cold city. The documentary of a foreign TV examines the effects of this change in a whole culture that has always lived with hot weather.*



Kleber Mendonça Filho

É pernambucano, formado em jornalismo, trabalha como crítico de cinema, escrevendo para o Jornal do Comércio do Recife, a Folha de S. Paulo e o seu próprio site, o CinemaScópio. Realizou os filmes: “Enjaulado” (1997), “A Menina do Algodão”(2003), “Vinil Verde” (2004), “Eletrodoméstica” (2005), “Noite de Sexta Manhã de Sábado” (2006) e “Luz Industrial Mágica” (2008).



Competição
Internacional

Título original: Reidy, A Construção da Utopia; **Título em inglês:** Reidy, Building Utopia; **Realização:** Ana Maria Magalhães (Brasil, 2009); **Argumento:** Ana Maria Magalhães; **Locução:** Marcelo Escorel; **Produção:** Nova Era Produções de Arte; **Música:** Luiz Cláudio Ramos; **Fotografia (cor):** Dib Lutfi; **Montagem:** Marcelo Pedrazzi; **Direção artística:** Carlos Liuzzi; **Som:** Beto Ferraz; **Duração:** 77 minutos; **Prêmios:** Melhor Longa-Metragem Documental, Festival Internacional do Rio de Janeiro; **Contacto:** Rua dos Oitis, 72/701 – Rio de Janeiro – 22451-050/RJ – Brasil; Tel. + 55 21 25128243; Fax. + 55 21 81665051 E-mail. anamag5@hotmail.com / novaera_arte@yahoo.com.br; **Categoria em que se inscreve:** Competição Internacional / Competição Lusofonia

Sinopse > Nascido em Paris e radicado no Rio de Janeiro, o arquitecto e urbanista Affonso Eduardo Reidy é um dos pioneiros da arquitectura moderna no país, autor de projectos notáveis como o Museu de Arte Moderna do Rio, o Aterro e o parque do Flamengo. A sua contribuição para a construção da paisagem urbana do Rio é vista na actualidade sob a perspectiva de uma utopia com capacidade de acção no mundo real.

Synopsis > *Born in Paris and settled in Rio de Janeiro, the architect and town planner Affonso Eduardo Reidy is one of the pioneers of modern architecture in the country, author of such notable projects as the Museum of Modern Art, the Landfill, and Flamengo Park. His contribution to the construction of the urban landscape of Rio is seen today from the perspective of a utopia capable of acting in the real world.*



Ana Maria Magalhães

Nasceu no Rio de Janeiro em 1950. Participou como actriz em muitos filmes e trabalhou com importantes realizadores brasileiros, tais como Glauber Rocha e Nelson Pereira dos Santos. Trabalhou na novela da Globo “Gabriela” e no mais recente filme de Manoel de Oliveira “O Estranho Caso de Angélica”. Realizou algumas curtas-metragens e documentários, nomeadamente “Final Call” e “Lara”.

A Ria, a Água e o Homem



Competição
Internacional

Título original: A Ria, A Água e o Homem; **Título em inglês:** The Estuary, The Water and The Man; **Realização:** Manuel Matos Barbosa (Portugal, 2010); **Argumento:** Manuel Matos Barbosa; **Locução:** Joaquim de Almeida; **Produção:** Filmógrafo; **Música:** Claude Debussy; **Montagem:** António Fonseca;

Duração: 5 minutos;

Contacto: Rua Dr. Egas Moniz, 159, 3860-078 Avanca, Portugal; Tel. +351 234884174 Fax. +351 234880658 E-mail. filmografo@filmografo.pt;

Categoria em que se inscreve: Competição Internacional

Distribuição: Cine-Clube de Avanca (António Valente)

Sinopse › O preto e o branco desenham os três elementos, animando coisas comuns num sentido poético da imagem.

Synopsis › The black and white draw the three elements, animating ordinary things in a poetic sense of the image.



Manuel Matos Barbosa

Fez parte do movimento cineclubista português nos anos 50/60. Iniciou-se no formato reduzido, tendo realizado alguns documentários e dedicado bastante atenção ao cinema animado. Júri em festivais nacionais e internacionais.



Competição
Internacional

Título original: Into Eternity; **Título em inglês:** Into Eternity

Realização: Michael Madsen (Dinamarca, Finlândia, Suécia, Itália, 2010); **Argumento:** Michael Madsen; **Produção:** Lise Lense-Moller Coprodução: Sami Jahnukainen, Kristina Aberg;

Fotografia: Heikki Farm F.S.C; **Montagem:** Daniel Dencik, Stefan Sundlof

Duração: 75 min

Contacto:

Categoria em que se inscreve: Competição internacional

Sinopse › Cinco quilómetros abaixo da terra, o povo da Finlândia está a construir um depósito enorme para enterrar a sua parte dos resíduos. Apelidado de “Onkalo” (palavra finlandesa para “esconderijo”), o túnel de três milhas deve ser selado até o ano de 2100 e deve permanecer intacto, pelo menos, 100.000 anos.

Synopsis › Five kilometres below the earth, the people of Finland are constructing an enormous tomb as the final resting place for their share of the waste. Dubbed “Onkalo” (Finnish for “hiding place”), the three-mile tunnel should be sealed by the year 2100 and must remain untouched for at least 100,000 years.

Michael Madsen



Sê Água, Meu Amigo



Competição
Internacional

Título original: Be Water, My Friend; **Título em inglês:** Be Water, My Friend;

Realização: Antonio Martino (Itália, 2009); **Argumento:** Antonio Martino; **Produção:** Videoinflussi Produzioni, Antonio Martino; **Música:** Antonio Martino, Marco Pianges, Leonida Maria, Caterina Pettiti, Davide Severi; **Fotografia (cor):** Antonio Martino; **Montagem:** Antonio Martino; **Som:** Antonio Martino; **Intérpretes:** Stefano Piastra, Mirzaev Zakirjan, Tadzhiiev Ruslan, Lina Gregari;

Duração: 14 minutos e 20 segundos;

Contacto: Viale Zagabria 7, 40100 Bolonha, Itália; Tel. +393497149342 E-mail. martino.antonio1@gmail.com;

Categoria em que se inscreve: Competição Internacional

Distribuição: Serena Gramizzi

Sinopse › “O que é hoje não é o que foi ontem, nem o que será amanhã.” Nesta frase o desespero e a resignação dos ex-pescadores de Muynaq, uma pequena cidade no litoral do Mar de Aral. A cidade é um fantasma e os seus habitantes são vítimas de um desastre ambiental imparável há décadas.

Synopsis › ‘What is today is not what it was yesterday nor what it will be tomorrow.’ In this sentence the despair and the resignation of the ex-fishers of Muynaq, a little city on the coast of Aral Sea. The city is a ghost and its inhabitants are the victims of an unstoppable environmental disaster going since decades.



Antonio Martino



Competição
Internacional

Título original: Semeador Urbano; **Título em inglês:** Urban Seeder;

Realização: Cardes Amâncio (Brasil, 2009); **Argumento:** Cardes Amâncio; **Produção:** Avesso Filmes; **Música:** Wasaru, Vinicis Ribeiro; **Fotografia (cor):** Cardes Amâncio, Marcelo Coutinho;

Montagem: Cardes Amâncio; **Intérpretes:** Fernanda Botelho, Ricardo Batista;

Duração: 7 minutos e 52 segundos;

Prêmios: Melhor curta – III Fasai Festival de Cinema Sócio Ambiental de Iraquara

Contacto: R. Joaquim Manhães, 43 Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil CEP 31060200; Tel. +55 3188720805 / +55 3130475846 E-mail. cardes@avessofilmes.com.br;

Categoria em que se inscreve: Competição Internacional / Competição Lusofonia

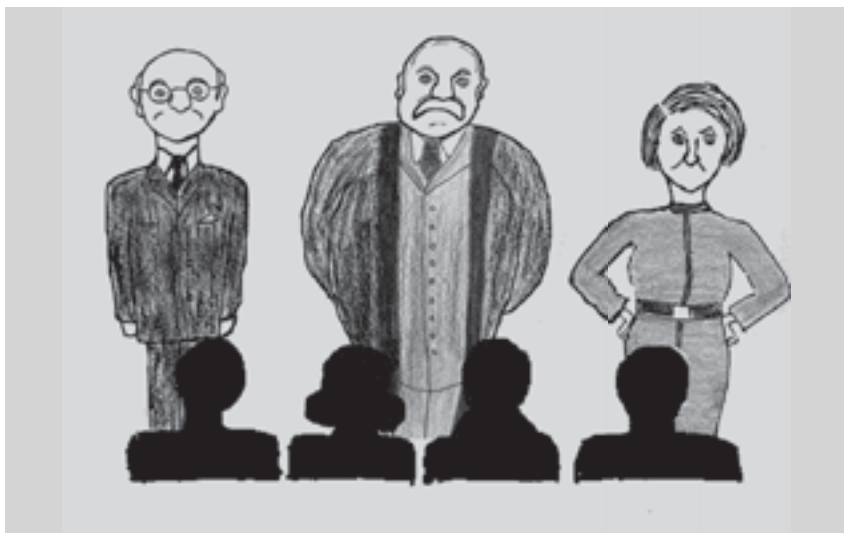
Sinopse ▶ Uma ficção que trata da realidade das plantas que reconquistam o seu espaço no meio do cimento. Surgem em frestas, gretas e buracos no asfalto. Desafiam o cinzento da metrópole. Pode sempre pensar-se: nascem mesmo sozinhas?

Synopsis ▶ A fiction that deals with the reality of the plants that regained its space between the concrete. They occur in crevices, cracks and holes in the asphalt. They challenge the gray metropolis. We can think: are they even born alone?



Cardes Amâncio

Realizou vários filmes, nomeadamente “Doisduas” (2003), “Jardim de Lírios” (2005), “Turma do Contagito” (2008), “Sobrevoou” (2009).



Competição
Internacional

Título original: Third World Investment Seminar; **Título em inglês:** Third World Investment Seminar;

Realização: Alan Gorg (E.U.A., 2010); **Argumento:** Alan Gorg; **Produção:** Venice Vision Org Media; **Fotografia (cor):** Alan Gorg; **Montagem:** Alan Gorg; **Som:** Alan Gorg; **Intérpretes:** Scott Paulin, Gwyn Gorg, Norbert Weisser;

Duração: 35 minutos e 50 segundos;

Contacto: 600 San Juan Avenue, Venice, Califórnia, 90291, Estados Unidos da América; Tel. + 310 2886411 E-mail. alankentgorg@yahoo.com;

Categoria em que se inscreve: Competição Internacional

Sinopse > Seminário de Investimento do Terceiro Mundo é um documentário educativo com animação - um olhar satírico sobre os danos de saúde e do meio ambiente nas terras dos povos indígenas de todo o mundo, por parte de empresas de exploração mineira.

Synopsis > *Third World Investment Seminar is an educational video with animation and documentary footage – a satirical look at the damage to health and environment in the lands of indigenous peoples all around the world, from corporate mining and drilling.*



Alan Gorg

É professor, escritor, produtor, realizador e actor. Realizou, entre outros, “Felícia” (1965), “The Savages” (1968), “Free Growth” (1970), “Oahu Gazette” (1979), “Living the Blues” (1986), “Techqua Ikachi: Aboriginal Warning” (2008).



Competição
Internacional

Título original: Sous le Soleil Vert; **Título em inglês:** Under the Green Sun

Realização: Chantal Lasbats (EUA / França, 2010); **Argumento:** Chantal Lasbats com a colaboração de Nils Aucante Durée; **Produção:** Paradoxal Inc.; INA ; **Fotografia:** Nils AucanteDurée

Duração: 52 min

Contacto:

Categoria em que se inscreve: Competição Internacional.

Sinopse > A realizadora partiu para os EU para conhecer os movimentos que estão a reformular as noções de poder de compra e nível de vida. Em Nova Iorque, os Freegans são o ramo mais radical destes movimentos, que preconizam um modo de vida alternativo, recuperando os alimentos ainda consumíveis dos caixotes do lixo das lojas.

Synopsis > *The director went to the USA to meet the activists who are about to reformulate the concepts of purchasing power and level of life. In New York, the Freegans are the more radical branch of these movements, which advocate an alternative way of life, recovering from the shops' waste bins the food that can still be eaten.*



Chantal Lasbats



Competição
Internacional

Título original: Blown; **Título em inglês:** Blown;

Realização: Carol Haefliger (Suíça, 2010); **Argumento:** Carol Haefliger; **Produção:** Rosy Lobster Pictures; **Música:** Blue Swesves; **Fotografia (cor):** Carol Haefliger; **Montagem:** Catherine Baroni, Carol Haefliger; **Som:** Renaud Millet-Lacombe;

Duração: 27 minutos;

Contacto: 50, ch. de Grange – Falquet, 1224, Genebra, Suíça; Tel. +41788090376 E-mail. caroljuillet@gmail.com;

Categoria em que se inscreve: Competição Internacional

Sinopse ▶ Em 2016, 154 turbinas eólicas, cada uma com 145 metros de altura, formarão a paisagem das Ilhas Shetland. Viking Energy Ltd, uma parceria entre a Scottish and Southern Energy e o Conselho das Ilhas Shetland, é a responsável pelo projecto eólico Shetland. Mas a maioria dos habitantes são estritamente contra um parque eólico que eles consideram perigoso para o ecossistema de Shetland.

Synopsis ▶ In 2016, 154 wind turbines, each 145 meters high, will shape the Shetland Islands landscape. Viking Energy Ltd, a partnership between Scottish and Southern Energy and the Shetland Island Council, is in charge of the Shetland wind farm project. But the majority of Shetlanders are strictly against a wind farm that they consider dangerous for the Shetland ecosystem.



Carol Haefliger

Este é o seu primeiro filme.



Competição
Internacional

Título original: Tamboro; **Título em inglês:** Tamboro;

Realização: Sérgio Bernardes (Brasil, 2009); **Argumento:** Sérgio Bernardes; **Produção:** Urca Filmes; **Música:** Guilherme Vaz; **Fotografia (cor):** Lula Araújo; **Montagem:** Sérgio Bernardes, Joaquim Castro, Ana Costa Ribeiro, Renato Martins, Alexandre Gwaz; **Som:** Sérgio Bernardes, Alexandre Gwaz, Joaquim Castro;

Duração: 100 minutos;

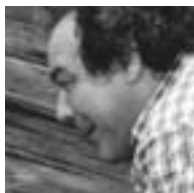
Prêmios: Prémio Especial do Júri e de melhor montagem no Festival do Rio, 2009;

Contacto: R. Alexandre Stochler, 40 – Gavea – 22. 451- 230, Rio de Janeiro – RJ – Brasil; Tel. + 55 22954472 E-mail. tamboro@gmail.com

Categoria em que se inscreve: Competição Internacional / Competição Lusofonia

Sinopse › Tamboro é um documentário que aborda as principais questões sociais e ambientais do Brasil. O desmatamento da floresta Amazônica, a luta pelas terras no campo, a favelização e a criminalidade nos centros urbanos são projectadas formando um panorama quase muralista da nossa civilização.

Synopsis › *This documentary depicts the main social and environmental issues in Brazil along with deforestation. Fight for land, slums and crime in urban centers are projected as if a mural panorama of our civilization.*



Sérgio Bernardes

Após anos de exílio na França, ao voltar ao Brasil, o cineasta partiu em diversas expedições à Amazônia e ao interior do país juntamente com cientistas, pesquisadores e artistas. Dirigiu vários documentários em vídeo dessas expedições, nomeadamente “Panthera Onca” (1990).



Competição
Internacional

Título original: One Land, Many Lives; **Título em inglês:** One Land, Many Lives;

Realização: Francisco Manso (Portugal, 2010); **Argumento:** Francisco Manso; **Produção:** Francisco Manso, Produção de Audiovisuais; **Música:** Vários; **Fotografia (cor):** Carlos Aberto Estevão; **Montagem:** Luís Sobral;

Duração: 10 minutos e 30 segundos;

Contacto: R. Eduardo Coelho, n.º 28-A, 1200-392 Lisboa, Portugal; Tel. + 351 213430468; Fax. + 351 213430469 E-mail. franciscomansoproducoes@gmail.com;

Categoria em que se inscreve: Competição Internacional / Competição Lusofonia

Distribuição: Francisco Manso, Produção de Audiovisuais

Sinopse ▶ A cerca de 30 kms de Lisboa, a Tapada Nacional de Mafra é um laboratório vivo onde crianças, jovens e adultos podem entrar em contacto directo com a natureza, tomando assim consciência da importância da preservação da biodiversidade.

Synopsis ▶ *About 30 km from Lisbon, Tapada Nacional de Mafra is a living laboratory where children, youth and adults can come into direct contact with nature, thus taking awareness of the importance of preserving biodiversity.*

Francisco Manso

Produtor e Realizador Português. Formado no Curso de Cinema e Audiovisuais do AR.CO (1976) e nos Cursos de Audio e de Assistente de Realização da R.T.P. (1979/80). Foi assistente de Fernando Matos Silva, António Macedo e Lauro António. Filmografia: “Terra Nova Mar Velho”, “Epopéia dos Bacalhaus”, “Onde a Terra Acaba e o Mar Começa”, “Filhos da Estrada e do Vento”, “Alentejo Cantado” “Quase” (1991); “Saudade” (1992); “Na Mão de Deus” (1993); “Nostalgia” (1993/94), “Uma Saga Europeia”, “O Testamento do Senhor Napumoceno”, “Garrett”, “Dez Grãosinhos de Terra”, “O Cinema Português”, “Portugal – Um Retrato Ambiental”, “Memórias de Um Rio- Avieiros, os nómadas do Tejo”, “Moraes do Japão ou As Quatro Estações da Alma”, “O Gil Eannes”, “Meu Pai, Humberto Delgado”, “A Ilha dos Escravos”, “O Último Condenado à Morte”, e “Assalto ao Santa Maria”.





Competição
Internacional

Título original: U.S. So2 Serbia; **Título em inglês:** U.S. So2 Serbia;

Realização: Neboja Pjevi (Sérvia, 2010); **Argumento:** Neboja Pjevi ; **Produção:** Gestus Teatar;

Música: Aleksandar Gaji ; **Fotografia (cor):** Miodrag Miki Trajkovi ; **Montagem:** Aleksandar Uhrin; **Som:** Nenad Stanojevi , Zoran Coli ;

Duração: 59 minutos;

Contacto: Gandijova 157/42, 191147, N. Belgrado, Sérvia; Tel. +38164 1532147 E-mail. npjevic@ikomline.net;

Categoria em que se inscreve: Competição Internacional

Distribuição: Neboja Pjevi

Sinopse › O gigante sérvio siderúrgico “Sartid” foi comprado em 2002 pela empresa “E.U. Steel “. A partir desse momento, o padrão de vida dos moradores melhorou significativamente com uma subida dramática de tumores malignos. Este documentário estilizado é sobre a luta das pessoas que procuram viver o tempo suficiente para experimentar os benefícios de uma “vida melhor”, com uma abordagem recheada de ironia, paródia e humor.

Synopsis › Serbian steel works giant “Sartid” was in 2002 purchased by the company “U.S. Steel”. From that time the living standard of locals significantly improved with dramatically improving of malignant tumours. This stylised documentary is about people’s struggle to live long enough in order to get the opportunity to experience the benefits of “better life”, with approach ridden with irony, parody and humour.



Neboja a Pjevi

Realizador sérvio, formado pela escola tecnica de de Sarajevo.



Competição
Internacional

Título original: **Título em inglês:** Arena's Poison;

Realização: Igor Parfenov (Ucrânia, 2010); **Argumento:** Igor Parfenov; **Produção:** Film Studio Steps; **Fotografia (cor):** Igor Parfenov, Jose Ignacio Arafat; **Montagem:** Ivan Gorb; **Som:** Ivan Gorb; **Intérpretes:** Ellen Sllisarchi, participantes da Organização Peta (Pessoas pelo Tratamento Ético dos Animais);

Duração: 24 minutos e 40 segundos;

Contacto: P/O Box 9312, Kharkov, Ucrânia, 61003; Tel. + 380577171037 E-mail. mail@cetalife.com.ua;

Categoria em que se inscreve: Competição Internacional

Sinopse > Este filme é o resultado de uma luta de longa duração dos membros da PETA contra as touradas de morte e a crueldade humana. "Arena's Poison" mostra os acontecimentos da tourada anual em Pamplona, Espanha, e também a acção de protesto em que participam pessoas de todas as nações.

Synopsis > *This film is the result of long-term fight of the PETA's members against bullfighting and human's cruelty. "Arena's Poison" shows the events of annual bulls' running in Pamplona, Spain, and also the action of protest in which people of all nations participate.*



Igor Parfenov

Realizou vários filmes, nomeadamente "Insanity. Challenge Ana Fight" (2005), "When Goas Sleep" (2006), "The Place Where Morses Are Crying" (2007), "Confession of the Devil" (2009).



Competição
Internacional

Título original: Life For Sale; **Título em inglês:** Life For Sale;

Realização: Yorgos Avgeropoulos (Grécia, 2010); **Argumento:** Yorgos Avgeropoulos; **Produção:** Yorgos Avgeropoulos / Small Planet; **Música:** Yiannis Paxevanis; **Fotografia (cor):** Yiannis Avgeropoulos; **Montagem:** Yiannis Biliris, Anna Prokov;

Duração: 61 minutos;

Prêmios: Melhor documentário internacional – 13.º CinemAmbiente – Festival de Cinema Ambiental, 2010, Torino, Itália

Contacto: 30 Tsortsil STR, 163 42 Atenas, Grécia; Tel. + 30 6944462037 E-mail. gavgero@smallplanet.gr;

Categoria em que se inscreve: Competição Internacional

Distribuição: Small Planet / Greek Public Television ERT.

Sinopse > Consegue imaginar um mercado de água? “Vida à Venda” analisa o maior mercado de água do mundo, existente no Chile, onde a água não pertence ao estado, mas a particulares e onde uma companhia pode possuir um rio ou uma quantidade de água tão extensa quanto a Bélgica. Ter direito à água pode custar tanto como comprar uma casa.

Synopsis > Can you imagine a water market? ‘Life For Sale’ examines the biggest water market in the world, set up in Chile. Where the country’s water resources do not belong to the state but to private individuals and one company can own an entire river and possess a quantity of water as big as Belgium. A place where water has turned from a public good of life to property and a ‘water right’ can cost as much as a house.



Yorgos Avgeropoulos

Realizador grego, nascido em Atenas em 1971. Jornalista e documentarista, trabalhou na TV, sobretudo como correspondente de guerra, na Bósnia, Croácia, Iraque, Afeganistão, Kosovo ou Palestina. Com a série documental “Exandas”, ganhou diversos prémios em festivais em todo o mundo.



Competição
Internacional

Título original: Vive La Crise!; **Título em inglês:** Long Life The Crisis!;

Realização: Alexei Gubenco (Roménia, 2009); **Argumento:** Alexei Gubenco; **Produção:** Alexei Gubenco; **Música:** Cosmin Mirza; **Montagem:** Alexei Gubenco; **Som:** Cosmin Mirza;

Duração: 3 minutos;

Prémios: Menção especial em animação - Prémios Anuais da Associação de Realizadores Romanos, 2010;

Contacto: Bd. Luptatorilor 62-64, ap. 14, Bucareste, Roménia; Tel. 0040723197535 E-mail. gubenale@yahoo.com;

Categoria em que se inscreve: Competição Internacional

Distribuição: Alexei Gubenco

Sinopse > Desflorestação, desenvolvimento imobiliário, poluição, dinheiro e grande quantidade de alimentos - tudo isso vai mudar ... A crise económica está a chegar!

Synopsis > *Deforestation, property development, pollution, money and lot of food – all this is going to change... The economic crisis is coming!*



Alexei Gubenco

Nasceu em 1980, na República da Moldávia e vive actualmente em Bucareste, Roménia. Formou-se em Realização na Universidade de Hyperion, Roménia. Realizou “The Misunderstood Artist” (2007) e “Great Expectations” (2008).



Competição
Internacional

Título original: Xingu – A Terra Ameaçada; **Título em inglês:** Xingu – The Threatened Land; **Realização:** Washington Novaes (Brasil, 2007); **Argumento:** Washington Novaes; **Produção:** WN Produções Artísticas e Cinematográficas LTDA; **Música:** Tribos do Xingu; **Fotografia (cor):** Lula Araújo; **Montagem:** João Paulo Carvalho; **Som:** Pedro Vieira;
Duração: 105 minutos;
Contacto: Caixa Postal 12011, Ag. Vila Nova, Goiânia – GO / 74635 – 970; Tel. + 55 6232051104
E-mail. wlrnovaes@uol.com.br;
Categoria em que se inscreve: Competição Internacional / Competição Lusofonia

Sinopse ▶ Em 1984, o jornalista Washington Novaes documentou cinco grupos indígenas que viviam no Parque Indígena do Xingu – Waurá, Kuikuro, Yawalapiti, Metuktire e Panará. O resultado foi a série “Xingu – A Terra Mágica”. Agora, 22 anos depois, o realizador regressou aos mesmos grupos para a realização de uma nova série de documentários.

Synopsis ▶ In 1984, journalist Washington Novaes documented five indigenous groups that lived in the Xingu Indigenous Park - Waurá, Kuikuro, Yawalapiti, Metuktire Panará. The result was the series “Xingu - The Magic Land.” Now, 22 years later, the director returned to the same groups for the production of a new documentary series.



Washington Novaes

Nasceu em 3 de Junho de 1934 e é natural de Vargem Grande do Sul, São Paulo, Brasil. Formado pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (1957). É colunista de alguns jornais, um dos mais reputados ambientalistas mundiais, e consultor de jornalismo da TV Cultura de São Paulo, onde realizou a série de documentários “Desafio do Lixo”. Realizou, igualmente, “Primeiro Mundo é Aqui”. Já foi premiado no Cine Eco e presidente do Juri Internacional.



Competição
Internacional

Título em português: Mundo de Água;

Título original: Yaku Patsa; **Título em inglês:** World of Water;

Realização: Carlo Brescia (Peru, 2010); **Argumento:** Carlo Brescia; **Produção:** Carlo Brescia; **Música:** Tito La Rosa, Tavo Castillo, Kike Pinto, Erissoma; **Fotografia (cor):** Miguel Piedra Collantes, Marcelo Rodríguez Escudero; **Montagem:** Javier Becerra Heraud; **Som:** Javier Becerra Heraud;

Duração: 34 minutos;

Contacto: Torre TAgle 133, Lima 18, Peru; Tel. 51991053098 E-mail. carlo.brescia@gmail.com;

Categoria em que se inscreve: Competição Internacional

Sinopse › Este documentário mostra a cultura dos povos que vivem na região Sul de Conchucos (Ancash, do Peru) através das suas relações com a água. Quatro personagens falam-nos das diferentes formas como eles se relacionam com a água, ao longo de uma viagem a partir de 2000 metros acima do nível do mar e terminando a 5000 metros na Cordilheira Branca.

Synopsis › *This documentary shows the culture of people living in the Southern region of Conchucos (Ancash, Peru) through their relationships with water. 4 characters tell us the different ways they relate to water along a voyage starting at 2000 M.A.S.L. and ending at 5000 meters in the Cordillera Blanca.*



Carlo Brescia

Nasceu em Lima, em 1973. Desde 1999 que tenta implementar projectos culturais. Foi director da revista "Periphéria" e produtor e argumentista de alguns documentários educacionais.



CineEco2010

A CONCURSO

COMPETIÇÃO: LUSOFONIA

A Água e a Natureza



Competição
Lusófona

Título original: A Água e a Natureza; **Título em inglês:** The Water and The Nature;
Realização: Vítor Martins de Brito (Portugal, 2010); **Argumento:** Rio Alva; **Produção:** Vítor Martins de Brito; **Música:** Vangelis, Brigada Vitor Jara; **Fotografia (cor):** Vítor Martins de Brito; **Montagem:** Vítor Martins de Brito; **Som:** Vítor Martins de Brito; **Intérpretes:** Vítor Martins de Brito;
Duração: 20 minutos e 10 segundos;
Contacto: Rua da Carreira, n.º 5, Vila Cova à Coelheira, 6270-644 Seia, Portugal; Tel. + 351 238393300 ou + 351 960019810 E-mail. vmbrito@sapo.pt;
Categoria em que se inscreve: Competição Internacional / Competição Lusofonia

Sinopse › A Serra da Estrela é onde nasce o rio Alva.

Synopsis › Serra da Estrela is where springs Alva river.



Vítor Martins de Brito



Competição
Lusófona

Título original: Água Viva; **Título em inglês:** Living Water;
Realização: Marly Mendanha (Brasil, 2010); **Argumento:** Marly Mendanha; **Produção:** Bavani, Marly Mendanha; **Música:** Grupo Rayzerus; **Fotografia (cor):** Auriovane d'Ávila; **Montagem:** Auriovane d'Ávila; **Animação:** Auriovane d'Ávila; **Som:** Auriovane d'Ávila;
Duração: 4 minutos e 25 segundos;
Contacto: Tel. +62 84299732 / 33711163 E-mail. marlymendanha@gmail.com;
Categoria em que se inscreve: Competição Lusofonia

Sinopse › Luís Paulo, um menino de 9 anos, mostra-nos que a integração homem/natureza ainda é possível, só depende de nós.

Synopsis › *Luís Paulo, a nine-year-old boy, shows us that integration of man and nature is still possible, it just depends on us.*



Marly Mendanha

Pintora, escultora, desenhista, xilógrafa e documentarista (associada à ABD – Associação Brasileira de Documentaristas). Licenciada em Letras pela Faculdade de Filosofia “Cora Coralina”. Tem exposto os seus trabalhos em todo o Brasil e no estrangeiro.



Competição
Lusófona

Título original: África Minha – Perdidos e Achados – Lagoa da Cufada; **Título em inglês:** That Africa of Mine – Lost and Found – Lagoa da Cufada

Realização: Aurélio Faria e Jorge Ramalho (Portugal, 2010); **Argumento:** Aurélio Faria;

Montagem: Luís Gonçalves; **Produção:** SIC – Sociedade Independente de Comunicação S.A. – Estrada da Outurela, 119 – 2794-052 Carnaxide

Duração: 16 m;

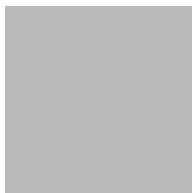
Contacto: SIC – Sociedade Independente de Comunicação S.A. – Estrada da Outurela, 119 – 2794-052 Carnaxide; aureliofaria@sic.pt; jorgeramalho@sic.pt

Categoria em que se inscreve: Lusofonia.

Sinopse > Em 1995, a SIC foi à procura de um grupo de portugueses na Lagoa da Cufada, a maior lagoa de água doce na Guiné-Bissau, vencedores de um prestigiado prémio internacional de conservação do ambiente. Com o prémio, o grupo de biólogos obteve o financiamento necessário para observar, capturar e recensear o maior número possível de aves, muitas delas nunca antes estudadas. Quinze anos depois, Perdidos e Achados reencontrou-os.

Synopsis > In 1995, SIC met a group of Portuguese in Cufada Lagoon, the largest freshwater lagoon in Guinea-Bissau, winners of a prestigious international prize for the conservation of the environment. With the premium, the group of biologists obtained the necessary funding to observe, capture and identify the greatest possible number of birds, many of them never before studied. Fifteen years later, Lost and Found has rediscovered them.

Aurélio Faria e Jorge Ramalho



Competição
Lusófona

Título original: Aldeia do Lado; **Título em inglês:** Aldeia do Lado;

Realização: Sofia Borges (Portugal, 2001); **Produção:** Sofia Bichinho; **Montagem:** Martim Falcão; **Som:** Rui Viana Pereira; **Intérpretes:** Anabela Rodrigues, Ana Lopes, António Ventura, Amadeu Ribeiro, Arminda Mendes e Rita, Benvinda Lameira, Benvinda Tavares, Fernando Ribeiro, Helena Portugal, etc;

Duração: 40 minutos e 38 segundos;

Contacto: Rua 27, lote 41, Bairro da Encarnação, 1800 Lisboa, Portugal; Tel. +351 912724750
E-mail. netsophia@gmail.com;

Categoria em que se inscreve: Competição Lusofonia

Sinopse > No meu íntimo sabia que depois da morte dela, não haveria mais ninguém disponível para dar continuidade ao conhecimento que vinha sendo transmitido de geração em geração. Seria o fim de um ciclo. A terra já não produzia o suficiente para as crescentes necessidades e, por isso, todos haviam partido, sem excepção.

Synopsis > *Deep inside me I knew that after her death, there would be no one available to keep the knowledge that had been passed from generation to generation. It would be the end of a cycle. The land i was no longer producing enough for the growing needs and, therefore, everybody was gone, without exception.*



Sofia Borges

Nasceu em Lisboa, em 1971. É professora. Estudou Artes Plásticas e Pintura na Faculdade de Belas Artes de Lisboa e Escultura no AR.CO. Desenvolve projectos na área das artes visuais.

O Ambi e a Valorização de Resíduos



Competição
Lusófona

Título original: O Ambi e a Valorização de Resíduos; **Título em inglês:** Ambi and the Waste Recovery;

Realização: Sofia Matos (Portugal, 2010); **Locução:** César Lima; **Argumento:** Sofia Matos;

Produção: Rui Campos (Neodesign); **Música:** Pedro Taborda; **Fotografia (cor):** Sofia Matos;

Montagem: Pedro Taborda; **Intérpretes:** Pedro Silva, Paula Campos, Rogério Costa, Ana Silva, José Dutra, Manuel Correia, Alberto Rocha, Fernando Duarte, António Silveira, Dora Ávila;

Duração: 6 minutos;

Contacto: Largo Duque de Ávila e Bolama, 9900-141, Horta, Açores, Portugal; Tel. +351 292202040 Fax. +351 292293990 E-mail. ambiente@cmhorta.pt

Categoria em que se inscreve: Competição Internacional / Competição Lusofonia

Sinopse › A Mascote Ambi aborda a problemática dos resíduos na Ilha do Faial, refere que diariamente são produzidas mais de vinte toneladas de resíduos e explica o que podemos fazer no nosso dia-a-dia para minimizar este problema, dando exemplos de redução, reutilização e mostrando como são encaminhados para reciclagem os resíduos produzidos no Faial.

Synopsis › *Ambi mascot discusses the problem of waste on the Faial island, states that daily is produced over twenty tons of waste and explains what we do in our day to day to minimize this problem by giving examples of reducing, reusing and showing how the waste produced in Faial is sent for recycling.*

Sofia Matos

Nasceu em 1979, na Ilha do Pico, Açores. Licenciou-se em Engenharia do Ambiente em 2003, tendo começado a trabalhar na Câmara Municipal da Horta, onde no âmbito das suas funções, na área dos resíduos e da educação ambiental, realizou este filme.



Competição
Lusófona

Título original: Arquitectura Contemporânea nos Açores – Três Casas em São Miguel; **Título em inglês:** Contemporary Architecture in Azores – Three Houses in São Miguel

Realização: Andreia e Sérgio Soares Luís (Portugal 2010); **Produção:** Andreia Soares Luís

Música: Ian Ludvig; **Fotografia:** Andreia Luís e Mário Santos; **Montagem:** Andreia Soares Luís;

Som: Ana Pinto, Patrícia Santos

Duração: 38 mim

Contacto: R. D. João Francisco de Sousa, nº 23 – 9500 Ponta Delgada – São Miguel- Açores. Portugal.

Categoria em que se inscreve: Lusofonia.

Sinopse > O espectador é convidado a fazer uma viagem por três “casas de sonho”, pelas suas histórias, contadas pelos seus próprios autores. São histórias sobre construção, sobre arquitectura, sobre as relações intensas e nem sempre fáceis entre os arquitectos e os proprietários. E, por fim, a história de como um sonho se pode tornar, ou não, realidade.

Synopsis > *The audience is invited to make a journey to three “dream homes”, through their stories, told by its own authors. These are stories about construction, architecture, and the intensive and not always easy relations between architects and owners. And, at last, the story of how a dream can become, or not, a reality.*

Andreia Luís

Nasceu em Ponta Delgada, Açores. Concluiu a Licenciatura em Cinema, Vídeo e Comunicação Multimédia pela Universidade Lusófona, Lisboa. Operadora de câmara e realizadora de documentários.

Arte Xávega: O Chamamento do Mar



Competição
Lusófona

Título original: Arte Xávega: O Chamamento do Mar; **Título em inglês:** The Calling of the Sea;

Realização: Paulo César Fajardo (Portugal, 2010); **Argumento:** Paulo César Fajardo e Ana Pouseiro; **Locução:** Vítor Filipe e Filipe Sá; **Produção:** Ircom – Ilusão e Realidade; **Música:** Ben Martin; **Fotografia (cor):** Paulo César Fajardo; **Montagem:** Paulo César Fajardo; **Som:** Paulo César Fajardo; **Intérpretes:** João “Cubana” Pedrosa;

Duração: 26 minutos;

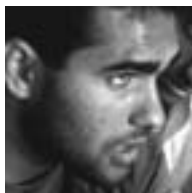
Contacto: Rua Câmara Pestana, n.º 23, cv.1, 3030-163 Coimbra, Portugal

Tel. +351 964327806 E-mail. fajardo.pc@gmail.com;

Categoria em que se inscreve: Competição Internacional / Competição Lusofonia

Sinopse > Praticada um pouco por toda a costa centro de Portugal, a Arte Xávega é uma tradição centenária que ganhava vida nos meses de Verão. Foi adquirindo, ao longo dos tempos, particularidades únicas em cada praia, onde o sacrifício e a cumplicidade comungam de mãos dadas. Outrora comum nos areais, a Xávega é hoje, apenas uma memória que se mantém viva através de recriações populares, motivadas por crenças religiosas ou pela promoção turística.

Synopsis > Practiced almost everywhere in the central coast of Portugal, Art Xávega, is a century-old tradition that happens in the summer months. Over time, it acquired unique features developed by each shore village, where sacrifice and complicity commune side by side. Once usual in the fishing shores, today the dragnet fishing is now only a memory that is kept alive through popular recreations, motivated by religious beliefs or for promoting tourism.



Paulo César Fajardo

Nasceu a 1 de Setembro de 1980, na Figueira da Foz. Desempenhou diversas actividades na televisão. Como realizador: “Festas e Romarias” (2004) “Marvão - XXI Festa do Castanheiro”, “Curtas” (2002) (“Outono” “Claustrofobia”).



Competição
Lusófona

Título em português: Ave Maria, Mãe dos Sertanejos;

Título original: Ave Maria, Mãe dos Sertanejos; **Título em inglês:** Hail Mary, Mother of Sertanejos;

Realização: Camilo Cavalcante (Brasil, 2009); **Argumento:** Camilo Cavalcante; **Produção:** Camilo Cavalcante; **Fotografia (cor):** Beto Martins; **Montagem:** Caio Zatti; **Som:** Nicollas Hallet;

Duração: 12 minutos;

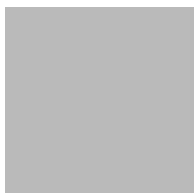
Contacto: auroracinema@gmail.com;

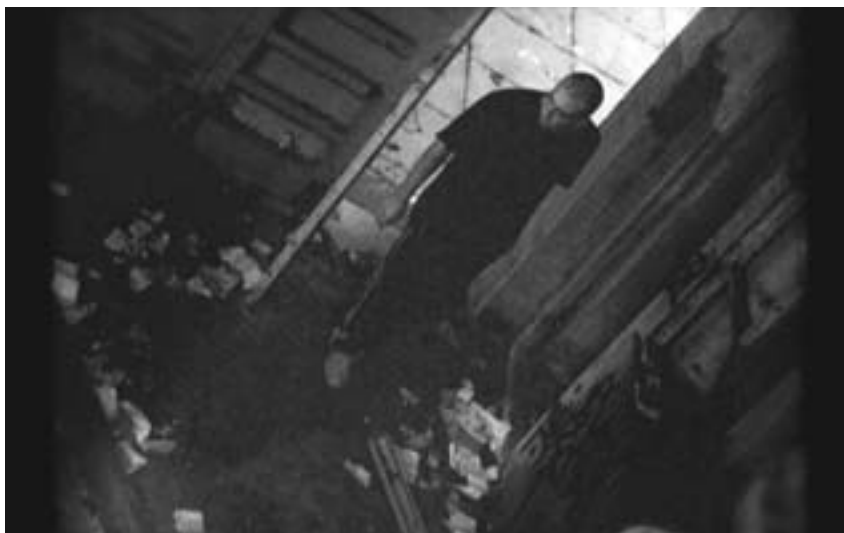
Categoria em que se inscreve: Competição Lusofonia

Sinopse › Um registo poético do imaginário popular do Sertão, às 18 horas, quando toca na rádio a Ave-Maria Sertaneja, interpretada por Luís Gonzaga.

Synopsis › A poetic record of the popular imagery of the Sertão, at 6pm, when the radio plays Ave-Maria Sertaneja, sung by Luís Gonzaga.

Camilo Cavalcante





Competição
Lusófona

Título original: Breu; **Título em inglês:** In The Dark;

Realização: Jerónimo Rocha (Portugal, 2010); **Argumento:** Jerónimo Rocha; **Produção:** Take it Easy; **Música:** Filipe Lopes; **Fotografia (cor):** Jerónimo Rocha; **Montagem:** Jerónimo Rocha; **Som:** Tiago Leitão; **Intérpretes:** Tiago Xavier;

Duração: 14 minutos;

Contacto: Av. 24 de Julho, n.º 52, 3.º dto. 1200-868 Lisboa, Portugal;

Categoria em que se inscreve: Competição Internacional / Competição Lusofonia

Distribuição: Andreia Nunes – Take it Easy

Sinopse › Breu é um conto sobre um rapaz que tem medo do escuro. Um dia, quando brinca no telhado de uma fábrica abandonada, deixa cair um valioso pertence por uma nesga entre as telhas.

Synopsis › “In The Dark” is a tale about a boy who is afraid of the dark. One day while playing on the roof of an abandoned factory, he drops an owned valuable through a strip between the tiles.

Jerónimo Rocha

Nasceu no Porto, em 1981. Pós-graduado em realização, produção e “pitching” pela Escola de Cinematografia e Audiovisual da Comunidade de Madrid. Realizou algumas curta-metragens, animações, vídeoclips e anúncios comerciais, nomeadamente “Three Nights in Madrid” (2004), “Mudámo-nos” (2006), “Mundos Mudos” (2007), “Sumol Unidos pelo Sabor” (2008).



Competição
Lusófona

Título original: Castelos da Nossa História; **Título em inglês:** Castles of Our History

Realização: Ana Pinto, Patrícia Santos, Vítor Roque (Portugal 2010); **Argumento:** Ana Pinto, Patrícia Santos, Vítor Roque; **Produção:** Escola Superior de Turismo e Hotelaria; **Fotografia:** Ana Pinto, Patrícia Santos; **Montagem:** Ana Pinto, Patrícia Santos; **Som:** Ana Pinto, Patrícia Santos; **Duração:** 16 mím 30 seg

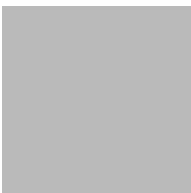
Contacto: Escola Superior de Hotelaria e Turismo – R. Dr José António Fernandes Camelo – Arrifana – 6270-372 Seia. Portugal; vitor.roque@ ipg.pt

Categoria em que se inscreve: Lusofonia.

Sinopse › A região do distrito da Guarda assumiu, sempre, uma posição chave na defesa do território nacional durante a época das grandes batalhas. Para isso, ergueram-se numerosos castelos que ajudavam na protecção e na luta contra os inimigos.

Synopsis › *The district of Guarda has always played a key position in the defence of the national territory, during the times of great battles. For this, numerous castles were built which helped in the protection and the fight against the enemies.*

Aurélio Faria e Jorge Ramalho





Competição
Lusófona

Título original: Cooperostra – A Superação de uma Comunidade; **Título em inglês:** Cooperostra - The Overrun of a Community

Realização: Pedro Barbosa (Brasil, 2009); **Argumento:** Pedro Barbosa e Guilherme Cassone

Produção: Ação e Meio Ambiente; pedro@acaoemeioambiente.com.br ; **Música:** Trilha Branca;

Fotografia: Guilherme Cassone e Pedro Barbosa; **Montagem:** Guilherme Cassone e Pedro Barbosa; **Som:** Trilha Branca

Duração: 25 min

Contacto: Ação e Meio Ambiente – Rua da Madalena, 324, Vila Madalena, São Paulo, Brasil; pedro@acaoemeioambiente.com.br

Categoria em que se inscreve: Lusofonia.

Sinopse > A trajetória da comunidade Quilomba do Mandira e o conjunto de criações que garantiram o sucesso da Cooperostra – Cooperativa dos Produtores de Ostra de Cananéia, que ao manejar aqueles moluscos de forma sustentável nos viveiros imersos nas águas do mangue, acabam preservando todo um ecossistema.

Synopsis > *The trajectory of the community of Quilomba do Mandira and all the activities which have ensured the success of Cooperostra – Cooperative of producers of oyster of Cananéia, who by handling those molluscs in a sustainable way in nurseries immersed in the waters of mangrove, finish by preserving an entire ecosystem.*

Pedro Barbosa

Idealizou, criou e dirige o Programa “Ação e Meio Ambiente”, um ‘case’ de acção socioambiental que utilizando a comunicação audiovisual lança um olhar apreciativo e dinâmico da realidade. Com uma ampla gama de interesses que vai do Direito às Ciências Biológicas, há anos vem registrando imagens mundo a fora, visando mergulhar na essência dos povos, culturas e paisagens.



Competição
Lusófona

Título original: A Cor do Ouro; **Título em inglês:** The Colour of the Gold

Realização: (Animação) Auriovane d'Ávila e Marly Mendanha (Brasil, 2010) ; **Argumento:** Marly Mendanha; **Produção:** Ideia Produções; **Música:** Grupo Rayzerus; **Fotografia:** Ádria Lopes; **Montagem:** Wesley Jubé;

Duração: 5 min 42 seg

Contacto: Ideia Produções – GO 070Km 01 Bacalhau cidade de Goiás-GO CEP: 76.6000.000 Brasil; marlymendanha@gmail.com

Duração: 5min 42seg,

Distribuição: Cerrado Vilaboense Produções - GO 070Km 01 Bacalhau cidade de Goiás-GO CEP: 76.6000.000 Brasi;; marlymendanha@gmail.com

Categoria em que se inscreve: Lusofonia.

Sinopse > Habitavam nesta região, onde se encontra a Cidade de Goiás, os índios Goyazes. Nesta imensidão de Cerrado, entre as riquezas naturais, existia em abundância o tão desejado ouro, até que um dia chegaram os bandeirantes.

Synopsis > *In this region, where nowadays is the City of Goiás, lived the Goyazes Indians. In this wilderness of Cerrado, among all the natural wealth, there was in abundance the much desired gold, until one day the bandeirantes came.*



Marly Mendanha

Pintora, escultora, desenhista, xilógrafa e documentarista (associada à ABD – Associação Brasileira de Documentaristas). Licenciada em Letras pela Faculdade de Filosofia “Cora Coralina”. Tem exposto os seus trabalhos em todo o Brasil e no estrangeiro.



Competição
Lusófona

Título original: Diga 33; **Título em inglês:** Say 33;

Realização: Ângelo Lima (Brasil, 2010); **Argumento:** Ângelo Lima; **Produção:** Angelo Lima;

Música: Fausto Noletto; **Fotografia (cor):** Neto Lima; **Montagem:** Fabrício Montelo;

Duração: 18 minutos;

Contacto: R. das Américas, Q. 26 L.14, Casa 2, J. Vitória, 2-Goiânia, Goiás, CEP 74865010, Brasil

Tel. 556292128560 E-mail. janjolima@ibest.com.br;

Categoria em que se inscreve: Competição Internacional / Competição Lusofonia

Sinopse ▶ Uma cidade. Uma pedreira. O pó da pedra tomando conta do seu corpo. Respire. Diga 33.

Synopsis ▶ *A city. A quarry. The powder of the stone invading your body. Breathe. Say 33.*

Ângelo Lima

Realizador brasileiro, do Estado de Goiás. Realizou "Icologia", "Ruídos da Fé", "É Da Raiz", "Bicho Preto Nasce Branco", "O Circo e Os Sonhos", "A Vida É Um Risco" e "O Pesadelo É Azul". Premiado no Cine Eco, em edições anteriores.



Competição
Lusófona

Título original: Dunas e Falésias; **Título em inglês:** Dunes and Cliffs;

Realização: Pedro Barbosa (Brasil, 2009); **Argumento:** Pedro Barbosa e Guilherme Cassone;

Produção: Ação e Meio Ambiente; **Música:** Andre Balboni; **Fotografia (cor):** Pedro Barbosa e Guilherme Cassone; **Montagem:** Guilherme Cassone e Pedro Barbosa; **Som:** Andre Balboni;

Duração: 42 minutos;

Contacto: Rua Madalena 324, Vila Madalena, São Paulo, Brasil; Tel. 1183398710 E-mail. pedro@acaoemeioambiente.com.br;

Categoria em que se inscreve: Competição Internacional / Competição Lusofonia.

Sinopse ▶ Parte do litoral brasileiro é percorrida com os mais diversos e inusitados veículos para a produção de um documentário recheado de belíssimas imagens que evidencia a importância, as funções e os graves impactos ambientais que estes monumentos naturais estão sofrendo dada a desordenada ocupação e a especulação imobiliária nacional e até mesmo internacional.

Synopsis ▶ Part of the Brazilian coast is covered with the most diverse and unusual vehicles for the production of a documentary filled with gorgeous images that shows the importance, functions and the serious environmental impacts that these natural monuments are suffering because of the disorderly occupation and national and even internationally real estate speculation.

Pedro Barbosa

Idealizou, criou e dirige o Programa “Ação e Meio Ambiente”, um ‘case’ de ação socioambiental que utilizando a comunicação audiovisual lança um olhar apreciativo e dinâmico da realidade. Com uma ampla gama de interesses que vai do Direito às Ciências Biológicas, há anos vem registrando imagens mundo a fora, visando mergulhar na essência dos povos, culturas e paisagens.



Competição
Lusófona

Título original: Mar Português; **Título em inglês:** Portuguese Sea;

Realização: Francisco Manso (Portugal, 2009); **Argumento:** Álvaro Garrido; **Produção:** Francisco Manso, Produção de Audiovisuais; **Música:** João Neves e Castro; **Fotografia (cor):** Gonçalo Soromenho, José António Manso, Hugo Pequeno; **Montagem:** Luís Sobral;

Duração: 52 minutos;

Contacto: R. Eduardo Coelho, n.º 28-A, 1200-392 Lisboa, Portugal

Tel. + 351 213430468 Fax. + 351 213430469 E-mail. franciscomansoproducoes@gmail.com;

Categoria em que se inscreve: Competição Internacional / Competição Lusofonia

Distribuição: Francisco Manso, Produção de Audiovisuais

Sinopse > A condição de Portugal como Estado costeiro de grandes dimensões, dotado da maior Zona Económica Exclusiva dos países da União Europeia, e a inviabilidade de uma economia marítima centrada na extracção de recursos marinhos – a pesca e indústrias derivadas – impõem uma nova relação com o mar. Ontem como hoje, o “Mar Português” só existe se for ousadamente conhecido.

Synopsis > *The status of Portugal as a large coastal State, which boasts the largest Exclusive Economic Zone of the European Union countries, and the inevitability of a maritime economy centered on the extraction of marine resources - fishing and derived industries - require a new relationship with the sea. Yesterday as today, “Portuguese Sea” only exists if it is boldly known.*

Francisco Manso

Produtor e Realizador Português. Formado no Curso de Cinema e Audiovisuais do AR.CO (1976) e nos Cursos de Audio e de Assistente de Realização da R.T.P. (1979/80). Foi assistente de Fernando Matos Silva, António Macedo e Lauro António. Filmografia: “Terra Nova Mar Velho”, “Epopéia dos Bacalhaus”, “Onde a Terra Acaba e o Mar Começa”, “Filhos da Estrada e do Vento”, “Alentejo Cantado” “Quase” (1991); “Saudade” (1992); “Na Mão de Deus” (1993); “Nostalgia” (1993/94), “Uma Saga Europeia”, “O Testamento do Senhor Napumoceno”, “Garrett”, “Dez Grãosinhos de Terra”, “O Cinema Português”, “Portugal – Um Retrato Ambiental”, “Memórias de Um Rio- Avieiros, os nómadas do Tejo”, “Moraes do Japão ou As Quatro Estações da Alma”, “O Gil Eannes”, “Meu Pai, Humberto Delgado”, “A Ilha dos Escravos”, “O Último Condenado à Morte”, e “Assalto ao Santa Maria”.





Competição
Lusófona

Título original: Pacto de Autarcas; **Título em inglês:** Covenant of Mayors;
Realização: Pedro Ferreira (Portugal, 2009); **Argumento:** Vasco Ferreira; **Produção:** Tools To Change; **Montagem:** Dânia Lucas;
Duração: 72 minutos;
Contacto: Praça Coronel Pacheco, n.º 2, 4050-453 Porto, Portugal; Tel. +351 220123747 E-mail. producao@toolstochange.net;
Categoria em que se inscreve: Competição Lusofonia
Distribuição: Tools To Change

Sinopse › Algum trabalho desenvolvido pelas autarquias em defesa do ambiente. O que se tem feito, o que há a fazer.

Synopsis ›



Pedro Ferreira

É operador de câmara da RTP N, realizador televisivo do programa “Só Energia” e director da Tools To Change. Tem vindo a realizar diversos vídeos institucionais, alguns dos quais para a TVEnergia.Net.

Pantanal no Ar



Competição
Lusofonia

Título original: Pantanal no Ar; **Título em inglês:** Pantanal-Air;

Realização: Marcelo de Paula (Brasil, 2009); **Argumento:** Marcelo de Paula; **Produção:** Código Solar Produções; **Música:** Gabriel Sater, Grupo Acaba, Emmanuel Marinho; **Fotografia (cor):** Marcelo de Paula; **Montagem:** Carla Mendes; **Som:** Inácio Silva;

Duração: 87 minutos;

Contacto: Rua Padre Champagnat, 32, casa 4, Sobrado, Vila Isabel, Rio de Janeiro, CEP 20511-080 Brasil; Tel. +552122140257 E-mail. marcelodepaula@codigosolar.com.br;

Categoria em que se inscreve: Competição Lusofonia

Sinopse > Neste filme não faltou aventura: rapel, rafting, mergulho, exploração de cavernas e muita espera para captar imagens da diversificada fauna do bioma. Tudo para contar a história de formação da Planície Pantaneira até à actualidade. Índios Kadiwéu, Guerra do Paraguai, gado, ocupação humana do território e boom turístico da região.

Synopsis > *In this film did not lack adventure: rappel, rafting, scuba diving, cave exploitation and much waiting to capture images of the diverse fauna of the biome. All of this to tell the story of the formation of the Pantanal lowlands to the present. Kadiwéu Indians, War of Paraguay, cattle, human occupation and region's tourism boom.*



Marcelo de Paula

É, há mais de 25 anos, fotógrafo freelance. Foi editor da Globo e assessor de imprensa dos Governos dos Estados Rio de Janeiro e Paraná. Realizou, entre outros, “Alerta Verde”, “Cisne Branco – Uma Embaixada Flutuante” (2008) e “Bonito Capital Brasileira do Ecoturismo” (2009).



Competição
Lusofonia

Título original: O Paradoxo da Salamandra; **Título em inglês:** The Salamander Paradox;
Realização: Francisco Manso (Portugal, 2010); **Argumento:** Francisco Rego, François Binggeli;
Produção: Francisco Manso, Produção de Audiovisuais; **Música:** vários; **Fotografia (cor):** José António Manso, Nicolas Carne, François Binggeli, Carlos Alberto Estevão; **Montagem:** Luís Sobral;
Duração: 52 minutos;
Contacto: R. Eduardo Coelho, n.º 28-A, 1200-392 Lisboa, Portugal; Tel. + 351 213430468; Fax. + 351 213430469 E-mail. franciscomansoproducoes@gmail.com;
Categoria em que se inscreve: Competição Lusofonia
Distribuição: Francisco Manso, Produção de Audiovisuais

Sinopse > O projecto europeu “Fire Paradox” estuda e promove a utilização do fogo em acções de prevenção e combate aos fogos florestais. Neste documentário, é-nos mostrado o que tem sido feito, não só em várias zonas da bacia mediterrânica (Portugal, Canárias, Córsega, Sardenha, Grécia), mas também em países como a Mongólia e a Argentina.

Synopsis > *The European project “Fire Paradox” studies and promotes the use of fire-prevention measures and combating forest fires. In this documentary, it is shown what has been done, not only in various parts of the Mediterranean basin (Portugal, Canary Islands, Corsica, Sardinia, Greece), but also in countries like Mongolia and Argentina.*

Francisco Manso

Produtor e Realizador Português. Formado no Curso de Cinema e Audiovisuais do AR.CO (1976) e nos Cursos de Audio e de Assistente de Realização da R.T.P. (1979/80). Foi assistente de Fernando Matos Silva, António Macedo e Lauro António. Filmografia: “Terra Nova Mar Velho”, “Epopéia dos Bacalhau”, “Onde a Terra Acaba e o Mar Começa”, “Filhos da Estrada e do Vento”, “Alentejo Cantado” “Quase” (1991); “Saudade” (1992); “Na Mão de Deus” (1993); “Nostalgia” (1993/94), “Uma Saga Europeia”, “O Testamento do Senhor Napumoceno”, “Garrett”, “Dez Grãosinhos de Terra”, “O Cinema Português”, “Portugal – Um Retrato Ambiental”, “ Memórias de Um Rio- Avieiros, os nómadas do Tejo “, “Moraes do Japão ou As Quatro Estações da Alma “, “O Gil Eannes”, “Meu Pai, Humberto Delgado”, “A Ilha dos Escravos”, “O Último Condenado à Morte”, e “Assalto ao Santa Maria”.





Competição
Lusofonia

Título original: Paraíso; **Título em inglês:** Heaven;

Realização: Humberto Martins (Portugal, 2010); **Argumento:** Luís Martins; **Música:** Beethoven – “Adagio sostenato”; **Fotografia (cor):** Luís Martins; **Montagem:** Luís Martins;

Duração: 5 minutos e 45 segundos;

Contacto: Bairro do Mourão, n.º 14, São Martinho, 6270-222 Seia, Portugal; Tel. +351 965622815 E-mail. dalivo@hotmail.com;

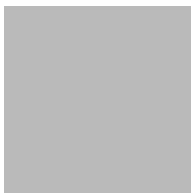
Categoria em que se inscreve: Competição Internacional / Competição Lusofonia

Sinopse › Em plena Serra da Estrela há uma árvore rodeada por montanhas. É uma paisagem de beleza paradisíaca. Há contudo uma tristeza que vem do “coração” da natureza. O filme é acompanhado por um poema que traduz as sensações contraditórias que a paisagem vive.

Synopsis › *In Serra da Estrela there is a tree surrounded by mountains. It is a landscape of idyllic beauty. There is yet a sadness that comes from the “heart” of nature. The film is accompanied by a poem that reflects the contradictory feelings that landscape lives.*

Humberto Martins

Realizou a animação “A Lua Partida ao Meio” (2009).





Competição
Lusofonia

Título original: O Pessoal do Pico Toma Conta Disso (Festas do Espírito Santo – Silveira – Pico); **Título em inglês:** The People of Pico Will Take Care of It (The Festival of the Holy Ghost – Silveira – Pico);

Realização: Rodrigo Lacerda e Rita Alcaire (Portugal, 2010); **Argumento:** Rodrigo Lacerda e Rita Alcaire; **Produção:** Rita Alcaire; **Fotografia (cor):** Rodrigo Lacerda; **Montagem:** Rodrigo Lacerda; **Som:** Ricardo Fernandes;

Duração: 23 minutos e 20 segundos;

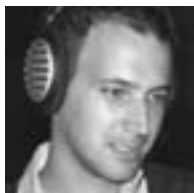
Contacto: Rua Padre Manuel da Nóbrega, 221, 5D, 3000-322 Coimbra, Portugal

Tel. +351 927092476 E-mail. rodrigolacerda@me.com;

Categoria em que se inscreve: Competição Internacional / Competição Lusofonia

Sinopse ▶ Em todas as ilhas do arquipélago dos Açores, as Festas do Espírito Santo continuam a ser celebradas com intensidade e genuidade. Durante a semana anterior à procissão e ao almoço, os membros da irmandade que organizam a celebração, assim como familiares e amigos, juntam-se para preparar a peça central destes festejos: a comida – sopas, carne assada e arroz doce. No dia do Espírito Santo, todos estão convidados para o almoço e para receberem a massa sovada.

Synopsis ▶ *In all the islands of the Azores archipelago, the Feasts of the Holy Spirit continue to be celebrated with intensity and genuineness. During the week preceding the procession and at lunch, members of the fraternity that organizes the celebration as well as family and friends gather to prepare the centerpiece of these festivities: the food - soups, roast beef and rice pudding. On the Holy Spirit all are invited for lunch and to receive the kneaded dough.*



Rodrigo Lacerda

Nasceu em Coimbra, em 1979. Em 2002, ingressa no curso de Film and Broadcast Production na London Metropolitan University. Em 2005 tira uma pós-graduação na National Film and Television, em Londres, durante a qual participa em vários filmes premiados internacionalmente. Foi contratado pela Picture Production Company onde trabalhou em vários anúncios de televisão.

Les Portugaises (Ostras de Portugal)



Competição
Lusofonia

Título original: Les Portugaises; **Título em inglês:** The Portuguese (Portuguese Oyster);
Realização: Rui Filipe Torres (Portugal, 2009); **Argumento:** Rui Filipe Torres; **Produção:** Comunicar-te; **Fotografia (cor):** Rui Filipe Torres; **Montagem:** Rui Filipe Torres; **Som:** Rui Filipe Torres; **Intérpretes:** Antunes Dias, Célia, Carlos Costa, Ivete Trévidic, Isabel Víctor, Hermínia, Manuel Resende, Raminhos, Patrícia;
Duração: 56 minutos;
Contacto: Av. João XII, n.º 47, 2.º dto, 1000-299 Lisboa, Portugal
Tel. + 351 218409686 E-mail. rftprod@gmail.com;
Categoria em que se inscreve: Competição Lusofonia
Distribuição: Rui Filipe Torres

Sinopse › “Les Portugaises” tem como objecto a cultura das Ostras no rio e estuário do Sado, com enfoque nos anos 50/60 do séc. XX e na situação actual da exploração deste bivalve. O documentário foca a contínua relação entre a actividade humana e o meio ambiente numa perspectiva de desenvolvimento e sustentabilidade ambiental.

Synopsis › “Les Portugaises” is aimed at the cultivation of oysters in the river and estuary of Sado, focusing on the 50/60 years of the 20th century and the present state of exploitation of this bivalve. The documentary focuses on the continuing relationship between human activity and the environment from a development perspective and environmental sustainability.

Rui Filipe Torres

Actualmente encontra-se a terminar a licenciatura em Ciências da Comunicação no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade Técnica de Lisboa. Teve algumas participações como actor em teatro e em cinema. Realizou vídeos e filmes de comunicação institucional. Produziu e realizou duas curta-metragens “Tudo bem” e “Para Ti Que Só Assim Podes Ver”.



Competição
Lusofonia

Título original: Pouco Barulho; **Título em inglês:** Silence, Please.

Realização: Colectivo de crianças da Escola E/B 1 nº2 do Pego (Portugal 2010); **Argumento:** colectivo de crianças; **Montagem:** Carlos Silva; **Som:** Carlos Silva; **Produção:** Espalhafitas Cineclub e Palha de Abrantes

Duração: 5 min

Contacto: espalhafitas@gmail.com

Distribuição: Cine-Clube de Avanca – Rua DR. Egas Moniz, 159 – 3860-078 Avanca. Portugal; movies@avanca.com

Categoria em que se inscreve: Lusofonia.

Sinopse › Quando o ruído é muito, há que pôr mãos à obra.

Synopsis › *When there is a lot of noise, it's necessary to set to work.*

Colectivo de crianças da Escola E/B 1 nº2 do Pego

O que acontece aos Resíduos nos Açores? Passa por si Valorizá-los



Competição
Lusofonia

Título original: O que acontece aos resíduos nos Açores? Passa por si valorizá-los; **Título em inglês:** What happens to waste in the Azores? It depends also on you to value them;

Realização: Fernando Nascimento (Portugal, 2009); **Argumento:** Secretaria Regional do Ambiente e do Mar dos Açores – Direcção Regional do Ambiente dos Açores; **Produção:** média-9 Broadcast and Events; **Música:** média-9 Broadcast and Events; **Fotografia (cor):** Secretaria Regional do Ambiente e do Mar dos Açores – Direcção Regional do Ambiente dos Açores e Paulo Pereira; **Montagem:** média-9 Broadcast and Events; **Som:** Vitor Hugo; **Intérpretes:** Açorbuild, Bencom, Praia Ambiente EM, Resiaçores, Serralharia do Outeiro, Tecnovia Ambiente e Varela;

Duração: 16 minutos;

Contacto: média-9 Broadcast and Events, Lda. Apartado 1144, 9701-902, Angra do Heroísmo, Portugal; Tel. + 351 962587605 E-mail. geral@media-9.pt;

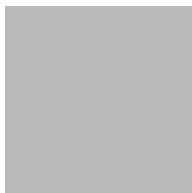
Categoria em que se inscreve: Competição Internacional / Competição Lusofonia

Distribuição: Secretaria Regional do Ambiente e do Mar dos Açores – Direcção Regional do Ambiente dos Açores

Sinopse ▶ As soluções para os resíduos produzidos nos Açores e o trabalho realizado pelos operadores regionais de gestão de resíduos pode ser visualizado. Fique a conhecer a gestão dos óleos usados, dos resíduos de embalagem, dos veículos em fim de vida, dos resíduos de construção e demolição, entre outros...

Synopsis ▶ Solutions for the produced waste in the Azores and the work done by operators of regional waste management can be viewed. Learn about the management of waste oils, packaging waste, end-of-life vehicle, waste from construction and demolition, among others...

Fernando Nascimento





Competição
Lusofonia

Título original: Quintã – Memórias; **Título em inglês:** Quintã – Memories;

Realização: Ricardo Machado (Portugal, 2009); **Argumento:** Ricardo Machado; **Produção:** Ricardo Machado; **Música:** Grupo Coral Cantares Regionais de Portel; **Fotografia (cor):** Priscila Oliveira; **Montagem:** Carlos Pedro Santana; **Som:** Rui Coelho; **Intérpretes:** Manuel Pereira, Amélia Teixeira, Januário Machado, José da Cruz, Francisca Veríssimo, José Inácio, Augusta Bento, Maria de Jesus, Bárbara Ramos, etc;

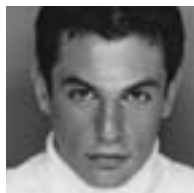
Duração: 50 minutos;

Contacto: Rua do Chafariz, n.º 437, Pau-Gordo, 2645-324 Alcabideche, Portugal; Tel. +351 933349975 E-mail. macharicardo@gmail.com;

Categoria em que se inscreve: Competição Lusofonia

Sinopse > Documentário que regista os testemunhos dos habitantes da aldeia alentejana da Quintã, passando em revista experiências e acontecimentos como o trabalho nas Minas de S. Domingos, o contrabando ou os reflexos da guerra civil espanhola nas aldeias fronteiriças portuguesas.

Synopsis > Documentary that records the testimonies of the villagers of Quintã, Alentejo, by reviewing experiences and events as the work in the Mines of S. Domingos, the smuggling or the reflexes of the Spanish civil war in the Portuguese bordering villages.



Ricardo Machado

Realizou as seguintes curtas-metragens: “Falta de Luz” (2006), “Porquê?” (2007) e “Rafael e Maria” (2008).

Senhora do Desterro, um Paraíso Adiado



Competição
Lusofonia

Título original: Senhora do Desterro - Um Paraíso Adiado; **Título em inglês:** Senhora do Desterro – A Postponed Paradise

Realização: Fernando Cunhal Saraiva (Portugal, 2010); **Argumento:** Fernando Cunhal Saraiva;

Produção: Fernando Cunhal Saraiva; **Fotografia (cor):** Fernando Cunhal Saraiva; **Montagem:** Fernando Cunhal Saraiva;

Duração: 10 minutos;

Contacto: Fernando Cunhal Saraiva, Câmara Municipal de Seia, Seia.

Categoria em que se inscreve: Competição Internacional

Sinopse > A Senhora do Desterro, localizada na Serra da Estrela a 3 Km de São Romão, é uma das áreas com maiores potencialidades turísticas no concelho de Seia. Situada nas margens do Rio Alva, com uma central hidroelétrica centenária e um santuário com uma dezena de capelas e imagens que datam do século XVIII, ao longo dos anos, tem vindo a cair no esquecimento. Propriedade da EDP, começou, através de um protocolo assinado em 2007, a ser gerida pelo Município de Seia, com base num plano de desenvolvimento para a conservação da natureza e protecção ambiental. Periodicamente fustigada por incêndios, a mata tem sofrido, contudo, criminosos atentados ambientais. É preciso definir um projecto de desenvolvimento tendo em vista o futuro, a fim de catapultar a Sra. do Desterro para o lugar que merece e, deste modo, esta deixe de ser “Um Paraíso Adiado”.

Synopsis >



Fernando Manuel Cunhal Vaz Saraiva

Nasceu em Seia, no dia 20 de Setembro de 1950. Técnico Superior da Câmara Municipal de Seia. Responsável e fundador da Fototeca Municipal de Seia.

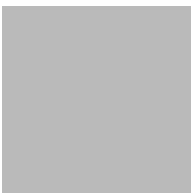


Competição
Lusofonia

Título original: Sonho de Humanidade; **Título em inglês:** Dream of Mankind;
Realização: Amarildo Pessoa (Brasil, 2010); **Argumento:** Amarildo Pessoa; **Produção:** Alexandre Marques; **Fotografia (cor):** Juan Moynier; **Montagem:** Juliana Corso; **Animação:** Issac Orcino;
Som: Luiz Fernando Moynier;
Duração: 14 minutos;
Contacto: amarildopessoa@hotmail.com;
Categoria em que se inscreve: Competição Lusofonia

Sinopse › A domesticação das aves parece materializar o antigo sonho humano de viver em harmonia com a natureza; uma promessa de felicidade que esconde um drama: não podemos ter um pássaro a voar nas nossas mãos.

Synopsis › *The domestication of birds seems to materialize the ancient human dream of living in harmony with nature; a promise of happiness that hides a drama: we cannot have a bird flying on our hands.*



Amarildo Pessoa



Competição
Lusofonia

Título original: Tempo Reflectido; **Título em inglês:** Reflected Time;

Realização: Mariana Castro, Sílvio Santana (Portugal, 2010); **Argumento:** Mariana Castro, Sílvio Santana; **Produção:** Espalhafitas - Cineclube de Abrantes; **Música:** Brian Eno; **Fotografia (cor):** Sílvio Santana; **Montagem:** Mariana Castro, Sílvio Santana; **Som:** Mariana Castro, Sílvio Santana;

Duração: 28 minutos;

Contacto: Rua Professor João Barreira, n.º 8, 6B, 1600-636 Lisboa; Tel. +351 914494370 E-mail. anairamcastro@gmail.com / silviohorasantana@gmail.com;

Categoria em que se inscreve: Competição Lusofonia

Sinopse › O que somos nós? O homem faz esta pergunta desde que existe sem nunca ter chegado sequer a ter um vislumbre da resposta. Será que existe uma resposta? Se ela existe, parece-nos estar cada vez mais longe. Como pode o dia-a-dia de um pastor fazer-nos pensar sobre algumas destas questões?

Synopsis › *What are we? The man is asking this question since ever and he didn't have a glimpse of the answer. Is there an answer? If it exists, seems to be getting further away. How can the day-to-day life of a shepherd make us think about some of these issues?*

Mariana Castro e Sílvio Santana

Mariana Castro licenciou-se em Cinema, Ramo de Realização, pela Escola Superior de Teatro e Cinema. Sílvio Santana desenvolveu projectos documentais para a produtora Filmes do Tejo II. É jornalista colaborador da revista "Cinema" da Federação Portuguesa de Cineclubes.



Competição
Lusofonia

Título original: A Terra a Gastar; **Título em inglês:** The Earth Is Being Worn Out;

Realização: Celina Kurihara, Cassia Mary Itamoto (Brasil, 2009); **Argumento:** Celina Kurihara, Cassia Mary Itamoto; **Produção:** Celina Kurihara, Cassia Mary Itamoto; **Música:** Celina Kurihara, Cassia Mary Itamoto, Alberto Yuji Watabe; **Fotografia (cor):** Celina Kurihara, Cassia Mary Itamoto; **Montagem:** Celina Kurihara, Cassia Mary Itamoto; **Som:** Celina Kurihara, Cassia Mary Itamoto, Alberto Yuji Watabe;

Duração: 6 minutos;

Prémios: Ganhou vários prémios em diversos festivais no Brasil e Portugal, nomeadamente o prémio de melhor animação no Festival Internacional de Vídeo Universitário, no Porto, e no V Festival Universitário de Curtas, em Recife, Brasil, ambos em 2009;

Contacto: R. Estela, 121 APTO 151 – Vila Mariana, São Paulo, Brasil, 04011000

Tel. +55 1155754681 Fax. +55 1155754681 E-mail. fueso9@gmail.com;

Categoria em que se inscreve: Competição Internacional / Competição Lusofonia

Distribuição: Celina Kurihara, Cassia Mary Itamoto, Alberto Yuji Watabe

Sinopse › “Estava a Terra em seu lugar. E veio o homem lhe acrescentar. Consumo do Homem. O Homem na Terra. E a Terra a gastar”. O homem em sua terra depara-se com as consequências de seu consumo excessivo e se vê obrigado a adoptar medidas que mudarão seu estilo de vida.

Synopsis › “The earth was in its place. Then came the man. Human consumption. The Man on Earth. And the Earth worn out.” The man in his own earth is facing the consequences of excessive consumption and he is forced to adopt measures that will change his lifestyle.



Celina Kurihara e Cassia Mary

Conheceram-se no estágio de um escritório de design gráfico. Ambas estudaram animação 2D tradicional na Academia de Animação e Artes Digitais. Formaram-se em Arquitectura e Urbanismo na Universidade de São Paulo e desenvolveram como projecto de graduação o pré-projecto de “A Terra a Gastar”.

Valorize os Açores. Dê nova vida aos seus resíduos



Competição
Lusofonia

Título original: Valorize os Açores. Dê nova vida aos seus resíduos; **Título em inglês:** Appreciate Azores. Give a new life to your waste;

Realização: media-9 Broadcast and Events, Lda (Portugal, 2009); **Argumento:** Secretaria Regional do Ambiente e do Mar dos Açores – Direcção Regional do Ambiente dos Açores;

Produção: media-9 Broadcast and Events, Lda.; **Música:** media-9 Broadcast and Events, Lda.;

Fotografia (cor): media-9 Broadcast and Events, Lda.; **Montagem:** media-9 Broadcast and Events, Lda.; **Som:** media-9 Broadcast and Events, Lda.; **Intérpretes:** Alpendre – grupo de teatro;

Duração: 1 minuto;

Contacto: media-9 Broadcast and Events, Lda. Apartado 1144, 9701-902, Angra do Heroísmo, Portugal

Tel. + 351 962587605 E-mail. geral@media-9.pt;

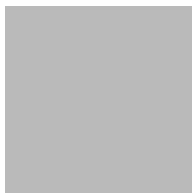
Categoria em que se inscreve: Competição Internacional / Competição Lusofonia

Distribuição: Secretaria Regional do Ambiente e do Mar dos Açores – Direcção Regional do Ambiente dos Açores

Sinopse › Em conversa, dois lavradores falam de vacas...e de ecopontos.

Synopsis › In conversation, two farmers are talking about cows ... and Eco points.

media-9 Broadcast and Events, Lda





Competição
Lusofonia

Título original: Vamos; **Título em inglês:** Let's Go;

Realização: Paulo Bicudo (Portugal, 2010); **Música:** Nação Vira-Lata; **Fotografia (cor):** Paulo Bicudo; **Montagem:** Paulo Bicudo; **Som:** Paulo Bicudo, com apoio de Luís Santos e Zacarias Ribeiro;

Duração: 18 minutos;

Contacto: Rua Eduardo Bulcão, 2C, 9900-116 Horta, Portugal; Tel. +351 292292563 E-mail. bicultomeister@gmail.com;

Categoria em que se inscreve: Competição Lusofonia

Sinopse > Documentário do evento organizado pelos Blasted Mechanism no Outono de 2009 em conjunto com o Condomínio da Terra e a Quercus. Plantaram-se árvores na Lezíria, reflectiu-se sobre a terra. Este é um vídeo de descrição e abstracção sobre o que se passou e o que se passa a nível ecológico pelos meus olhos.

Synopsis > *Documentary about the event organized by Blasted Mechanism in the autumn of 2009 together with the Earth Condominium and Quercus. Trees were planted in the Lezíria, they reflected about earth. This is a video of description and abstraction about what happened and what happens on the ecological level through my eyes.*

Paulo Bicudo

Nasceu em 1988, no Faial, Açores. Frequenta actualmente o curso de comunicação e multimédia, em Lisboa. Este é o seu primeiro documentário.



Competição
Lusofonia

Título original: Vela do Crucificado; **Título em inglês:** Candle of the Crucified;

Realização: Frederico da Cruz Machado (Brasil, 2009); **Argumento:** Frederico da Cruz Machado;

Produção: Lume Filmes (Frederico da Cruz Machado); **Música:** Victor Pozas; **Fotografia (cor):** Ralf Tambke; **Montagem:** Raimo Benedett; **Som:** Renato Calaça; **Intérpretes:** Auro Juricê (pai), Elza Gonçalves (mãe);

Duração: 13 minutos;

Prêmios: Premiado como melhor filme, actor, director e argumento em vários festivais em todo o mundo.

Contacto: Rua Queóps, ed. Executive center, LJB/C Renascença 2; Tel. +55 98 32354860; Fax. +55 98 32354860 E-mail. lumeproducoes@yahoo.com.br;

Categoria em que se inscreve: Competição Lusofonia / Competição Internacional

Distribuição: Lume Filmes (Frederico da Cruz Machado)

Sinopse › O velório de uma criança carente revela a dor, indignação e força de um pai e de uma mãe, envoltos em miséria.

Synopsis › *The funeral of a needy child reveals the pain, anger and strength of a father and a mother, wrapped in misery.*



Frederico da Cruz Machado

Realizador de vários filmes premiados, entre eles “Litania da Velha” (1997), “Infernos” (2006). É proprietário da distribuidora Lume Filmes e coordenador geral do Festival Internacional de Cinema do Maranhão.



Competição
Lusofonia

Título original: Verde às Cinzas; **Título em inglês:** Green and Ashes

Realização: Colectivo de crianças da Escola E/B 2-3 do Sardoal (Portugal 2010); **Argumento:** colectivo de crianças; **Montagem:** Carlos Silva; **Som:** Carlos Silva; **Produção:** Espalhafitas Cineclube e Palha de Abrantes;

Duração: 5 min

Contacto: espalhafitas@gmail.com

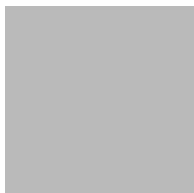
Distribuição: Cine-Clube de Avanca – Rua DR. Egas Moniz, 159 – 3860-078 Avanca. Portugal; movies@avanca.com

Categoria em que se inscreve: Lusofonia.

Sinopse › Com a floresta todos os cuidados são poucos.

Synopsis › *You can never be careful enough when it concerns the forest.*

Colectivo de crianças da Escola E/B 2-3 do Sardoal



Obras Lusófonas exibidas na Competição Internacional



As Horas do Douro,
de Joana Pontes e António Barreto (Portugal)



Canto da Terra D'Água,
de Francesco Giarrusso e Adriano Smaldone (Portugal)

Competição
Lusofonia



Efeito Reciclagem,
de Sean Walsh (Brasil)



Justino,
de Carlos Amaral (Portugal)



Pelos Trilhos do Andarilho,
de Rodrigo Lacerda (Portugal)



Priolo,
de Madalena Boto (Portugal)



Reidy, a Construção da Utopia,
de Ana Maria Magalhães (Brasil)



A Ria, a Água e o Homem
de Manuel Matos Barbosa (Portugal)



Semeador Urbano,
de Cardes Amâncio (Brasil)



Tamboro,
de Sérgio Bernardes (Brasil)



Uma Terra, Muitas Vidas
de Francisco Manso (Portugal)



Xingu, a Terra Ameaçada
de Washington Novaes (Brasil)



MOSTRA
INFORMATIVA

CineEco2010

À Espera da Chuva



Título original: Czekając na Deszcz; **Título em inglês:** Waiting for the Rain
Realização: Maciej Górski (Polónia, 2009); **Argumento:** Maciej Górski e Amrzej Bojanczyk; **Produção:** Kronika Film Studio / TVP Poland; **Música:** Michal Lorenc; **Fotografia:** Pawel Sobczyk e Maciej Górski; **Montagem:** Leszek Molski; **Som:** Franciszek Kozłowski e Andrej Bojanczyk; **Intérpretes:** Włodzimierz Gorgan, Czesław Osiecki e Stefan Wroś
Duração: 55 m;
Contacto: TVP S.A. – Ch 1 – 17, J.P. Woronicza Street 00-999 Varsóvia, Polónia; festivals@tvp.pl
Categoria em que se inscreve: Mostra Informativa.

Sinopse › Existem alguns missionários na Ilha das Flores – várias milhas a leste da ilha de Bali – há mais de 40 anos. Embora sejam de origem polaca, a cultura indígena tem exercido grande influência sobre eles, deixando marca na sua filosofia de vida, bem como nas suas convicções relativamente ao bem e ao mal.

Synopsis › *There are few Verbit Missionaries living on the Flores Island – several miles east of Bali – for over 40 years. Although they are of Polish origin, the indigenous culture have influenced them strongly, leaving an imprint on their philosophy of life as well as on convictions regarding good and evil.*

Mostra
Informativa

Algures



Título original: Somewhere; **Título em inglês:** Somewhere;
Realização: Caterina Gueli (Itália, Argentina, 2010); **Argumento:** Caterina Gueli; **Produção:** Suttvuess; **Música:** Nikolai D.Nickolov; **Fotografia (cor):** Felice D'Agostino; **Montagem:** Caterina Gueli; **Som:** Duccio Secvi;
Intérpretes: Kevin, Machi, Carlitos, Juan;
Duração: 14 minutos;
Contacto: Via Baracca 23; Tel. +39 3270926231 E-mail. caterinagueli@hotmail.com;
Categoria em que se inscreve: Competição Internacional
Distribuição: Caterina Gueli

Sinopse › Entre o passado e o presente, o retrato de um lugar muito especial: as ruínas da Fabril Financiera, uma antiga fábrica de algodão no norte da Argentina. Quatro adolescentes representam uma peça nessa terra de ninguém. Entre o risco e o desafio, evocam uma viagem iniciática.

Synopsis › *Between present and past, the portray of a significant place: the ruins of la Fabril Financiera, ancient cotton factory in the North of Argentina. Four teenagers play in this no man's land... Their play, made of risk and challenge, evokes an initiation trip.*

Título original: Aliens of the Amazon; **Título em inglês:** Aliens of the Amazon;
Realização: Quincy Russell (França, 2009); **Argumento:** Thierry Berrod, Patrick Landmann, Yves Paccalet, Quincy Russell; **Produção:** Mona Lisa Production (Thierry Berrod); **Música:** Gilbert Grilli, Cadesky Dyer Music; **Fotografia (cor):** Quincy Russell; **Montagem:** Quincy Russell; **Som:** Thomas Guytard;
Duração: 2 minutos e 45 segundos;
Prêmios: Melhor Filme Científico – Fifa Albert, França, 2010; 2º Prêmio, Vendie Nature, França, 2010; Melhor Documentário, Veder La Scienza, Itália, 2010;
Contacto: C/o Mona Lisa Production, 3x4 Place Chazette, 69001 Lyon, França ; Tel. +33 478390404 Fax. +33 478290947 E-mail. pccressent@monalisa-prod.com;
Categoria em que se inscreve: Competição Internacional
Distribuição: Mona Lisa Production



Sinopse › São revelados pela primeira vez monstrosinhos na copa do Equador. Conheça os alienígenas da Amazônia! Insectos da família Membracidea, a partir da floresta amazônica, são provavelmente as criaturas mais extraordinárias inventadas pela natureza.

Synopsis › *Little monsters in the crown of Ecuador are revealed for the first time. Meet the aliens in the Amazon! Insects of Membracide family, from the Amazon rainforest, are probably the most extraordinary creatures invented by nature.*

Mostra
Informativa

Americano / Sandinista

Título original: American / Sandinista; **Título em inglês:** American / Sandinista;
Realização: Jason Blalock (E.U.A., Nicarágua, 2009); **Produção:** Jason Blalock; **Música:** Uakti (Brasil); **Fotografia (cor):** Charlotte Buchen;
Montagem: Jason Blalock; **Som:** Jason Blalock;
Duração: 31 minutos;
Contacto: PO Box 3005, Berkeley, CA 94703, E.U.A.; Tel. 4156720062 E-mail. jablalock@gmail.com;
Categoria em que se inscreve: Competição Internacional
Distribuição: Indiepix



Sinopse › “Americano / Sandinista” conta a história de um grupo de engenheiros de energia hidroeléctrica a trabalhar na Nicarágua, no auge da guerra fria, que pagaram o derradeiro preço pelo seu trabalho.

Synopsis › *“American / Sandinista” tells the story of a group of hydroelectrical energy engineers working in Nicaragua at the height of the cold war, who paid the ultimate price for their work.*



Título original: Berlin Beasts/Wild in Berlin; **Título em inglês:** Berlin Beasts

Realização: Reinhard Schädler (Alemanha, 2010); **Argumento:** Hans-Jürgen Büsch, Reinhard Schädler ; **Produção:** Reinhard Schädler e Hans-Jürgen Büsch; **Música:** Martin Trautwein; **Fotografia:** Hans-Jürgen Büsch, Karsten Schleitner; **Montagem:** Hans-Jürgen Büsch; **Som:** Hannes Richter; **Intérpretes:** (narrador) Tom Vogt

Duração: 52 min

Contacto: Reinhard Schädler

Categoria em que se inscreve: Mostra Informativa.

Sinopse › Os animais selvagens estão de volta a esta grande metrópole. Um choque entre a urbanização e a natureza – será possível humanos e animais selvagens partilharem o mesmo meio?

Synopsis › *Wild animals are returning to this major metropolis. A true clash between urbanization and nature - will humans and beasts be able to share the same home?*

Mostra
Informativa

Anos Perdidos, a Odisseia das Tartarugas Marinhas



Título original: Lost Years – A Sea Turtle Odyssey; **Título em inglês:** Lost Years – A Sea Turtle Odyssey

Realização: Jeremy Hogarth (Austrália 2009); **Argumento:** Jeremy Hogarth; **Produção:** Gulliver Media Australia Pty. Lda; **Fotografia:** Ross Isaccs, Peter Nearhos; **Montagem:** Jo. Nott;

Duração: 53 m

Contacto: PO BOX 371, Paddington, QLD, Austrália 4064; info@gullivermedia.com.au

Distribuição: National Geographic Tv International – Shepard’s Building, East, 2nd floor, Richmond Way, Shepard’s Bush, London, W14, ODQ; ceire.clark@natgeotv-int.com

Categoria em que se inscreve: Mostra Informativa.

Sinopse › Escrito e realizado pelo respeitado documentarista, Jeremy Hogarth, este fascinante documentário revela pela primeira vez um dos grandes mistérios do mundo natural. É uma extraordinária viagem de sobrevivência, onde as possibilidades de sucesso são tão extraordinariamente improváveis, que talvez menos de uma em cada mil tartarugas de Loggerhead Sea consiga alguma vez voltar à terra.

Synopsis › *Written and directed by respected documentary-maker, Jeremy Hogarth, this fascinating nature documentary reveals for the first time one of the natural world’s great mysteries. It is an extraordinary journey of survival; the odds are stacked so heavily against success that perhaps less than one in a thousand of Loggerhead Sea Turtles ever makes it back to land.*

Título original: To Kalesma Tou Bounou; **Título em inglês:** The Call of the Mountain;

Realização: Stelios Apostolopoulos (Grécia, 2010); **Argumento:** Nikos Dayandas; **Produção:** Anemon Productions / Rea Apostolides, Yuri Averof; **Música:** Giorgos Ksilouris, Nikos Veliotis; **Fotografia (cor):** Stelios Apostolopoulos; **Montagem:** Giorgos Helidonidis;

Duração: 52 minutos e 15 segundos;

Contacto: 5 Stislhorou St. Athens, Grécia, 10674; Tel. +302107211073 Fax. +302107228023 E-mail. stelios@anemon.gr;

Categoria em que se inscreve: Competição Internacional

Distribuição: Rea Apostolides



Sinopse ▶ A história de um homem que abandona na cidade a sua esposa e o seu filho de oito anos, depois do seu primo ter sido assassinado nas montanhas brancas de Creta. Regressando a uma pequena comunidade remota, Yiannis confronta o seu passado e compromete-se a honrar Hillas, seu primo. Ele esforça-se para continuar o chamamento de Hillas, uma tradição que está a desaparecer, mantida viva por um punhado de homens isolados, no alto das montanhas áridas entre a neve e o mar da Líbia. A maioria das pessoas na aldeia abaixo acredita que ele não conseguirá.

Synopsis ▶ *The story of a man who abandons his wife and eight year old son in the city after his cousin is murdered in the White Mountains of Crete. Returning to a small, remote community, Yiannis confronts his past and pledges to honor his cousin Hillas. He struggles to carry on Hillas' calling, a dying tradition kept alive by a handful of isolated men, high in the barren mountains between the snow and the Lybian Sea. Most of the people in the village below believe that he won't make it.*

Mostra
Informativa

Ardendo ao Sol

Título original: Burning In The Sun; **Título em inglês:** Burning In The Sun;

Realização: Cambria Matlow e Morgan Robinson (E.U.A., Mali, 2010);

Produção: Birdgirl Productions; **Música:** Ronen Landa; **Fotografia (cor):** Cambria Matlow e Morgan Robinson; **Montagem:** Emily Paine, Daniel Praid;

Som: Greg Sextro;

Duração: 82 minutos;

Prêmios: Grande Prémio do Júri – “Earth Vision Environmental Film Jury Award”, Festival Internacional de Cinema de Santa Cruz, 2010 / Prémio do Público para Melhor Filme Ambiental, Festival de Cinema Indie Spirit, 2010

Contacto: 87 Summit St. #2, Brooklyn, Nova Iorque, 11231, E.U.A.; Tel. 8023103379; E-mail. cambria.matlow@gmail.com;

Categoria em que se inscreve: Competição Internacional



Sinopse ▶ Daniel Dembélé, de 26 anos, é em partes iguais africano ocidental e europeu, à procura de deixar a sua marca no mundo. Aproveitando um momento de encruzilhada na sua vida, Daniel decide voltar para a sua terra natal no Mali e abrir uma empresa local de construção de painéis solares. O objectivo de Daniel é electrificar as casas das famílias das comunidades rurais, 99% das quais vivem sem energia eléctrica.

Synopsis ▶ *26-year-old charmer Daniel Dembélé is equal parts West African and European, and looking to make his mark on the world. Seizing the moment at a crossroads in his life, Daniel decides to return to his homeland in Mali and start a local business building solar panels. Daniel's goal is to electrify the households of rural communities, 99% of which live without power.*

Um Argonauta em Ordu



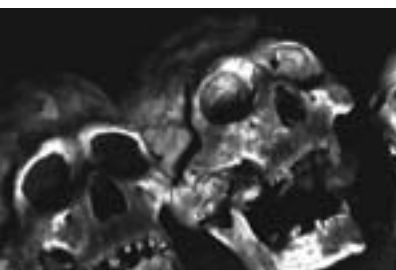
Título original: Ordu'da Bir Argonot; **Título em inglês:** An Argonaut in Ordu; **Realização:** Ruya Arzu Koksal (Turquia, 2010); **Argumento:** Ruya Arzu Koksal; **Produção:** turkishmoon; **Música:** Devrim Akteke; **Fotografia (cor):** Aydin Kudu; **Montagem:** Devrim Akteke; **Som:** Devrim Akteke; **Intérpretes:** Enis Ayar, Serra Yanc, Sinem Ayar, Seyit Torun, Kubra Bacinoglu, Ugurcan Ataoglu; **Duração:** 72 minutos; **Contacto:** Duvarci Sk, no 19-4, Istambul, 34347, Turquia; Tel. 0090 5332384251; Fax. 0090 2123272433 E-mail. ruya@turkishmoon.com; **Categoria em que se inscreve:** Competição Internacional **Distribuição:** turkishmoon

Sinopse > Enis Ayar, apelidado de Argonauta Enis é uma espécie de lenda local na sua terra natal Ordu, uma cidade verdejante da Turquia, na costa do Mar Negro, onde, contra muitas probabilidades, dedicou a sua vida à construção de uma consciencialização da riqueza ambiental e histórica da região. As suas façanhas criativas incluem a organização de centenas de proprietários de VW Beetle para conduzir os seus coloridos carros antigos por toda a Turquia para chamar a atenção para a situação das montanhas do Mar Negro, ou fazer a viagem de 1000 km de Ordu para Istambul sozinho e a pé.

Synopsis > *Enis Ayar –dubbed Argonaut Enis- is something of a local legend in his native Ordu, a city on Turkey's verdant Black Sea coast, where he has dedicated his life to building awareness of the region's environmental and historical riches, against many odds. His creative exploits include organizing hundreds of VW Beetle owners to drive their colorful antique cars from across Turkey to draw attention to the plight of Black Sea mountains, or making the 1,000 kilometer journey from Ordu to Istanbul solo and on foot.*

Mostra
Informativa

Desumificador



Título original: Dessicator; **Título em inglês:** Dessicator; **Realização:** Wijnand Geraerts, Monique Stoop (Holanda, 2009); **Argumento:** Wijnand Geraerts, Monique Stoop; **Produção:** Wijnand Geraerts; **Fotografia (cor):** Wijnand Geraerts, Monique Stoop; **Montagem:** Wijnand Geraerts, Monique Stoop; **Som:** Wijnand Geraerts; **Duração:** 12 minutos e 19 segundos; **Prêmios:** Prémio Sierra Nevada para o melhor filme sobre o ambiente - human interactions at the Mountain Film Festival, Mammoth Lake, E.U.A.; **Contacto:** V. Tuy II V. Seruosk. Str. 14, Abcoude 1391 EN, Holanda; Tel. +31294284148 E-mail. wijmo@mac.com; **Categoria em que se inscreve:** Competição Internacional **Distribuição:** Wijnand Geraerts

Sinopse > As condições meteorológicas extremas vergastam o planalto e moldam a paisagem numa beleza abstracta que vai além do seu contexto geológico. Aqui a natureza é soberana e a adversária formidável do povo local, trancados numa luta constante da qual não há escapatória. As poucas pessoas que conseguem viver neste Altiplano da Bolívia, lutam, com todas as suas forças, para conquistar a difícil subsistência como agricultores ou mineiros. Mas o clima árido, a actividade vulcânica, o sol implacável e os ventos incessantes tendem a destruir toda a actividade humana.

Synopsis > *Extreme weather conditions lash the plateau and mold the landscape into an abstract beauty that goes beyond its own geological context. Here nature is the ruler and the formidable adversary of the local people, who are locked in a state of constant struggle from which there is no escape. The few people who manage to live on this Bolivian Altiplano with all their strength try to carve out a meager subsistence as farmers or miners. But the arid climate, volcanic activity, the relentless sun and ceaseless winds tend to destroy all human activity.*

Título original: Ô Tede'wa; **Título em inglês:** Owners of the Water
Realização: Laura R. Graham, David Hernández Palmar e Caimi Waiásse (Brasil, Venezuela, EUA, 2008); **Fotografia:** Laura R. Graham, David Hernández Palmar, Caimi Waiásse e Jorge Protodi; **Montagem:** Drew Annis e Laura Graham;
Duração: 34 m
Contacto: Documentary Educational Resources – 101 Morse Street , Watertown, MA 02472 USA; brittany@der.org
Categoria em que se inscreve: Mostra Informativa



Sinopse > Resultante da colaboração entre os dois cineastas indígenas (um Xavante brasileiro e um Wayuu da Venezuela) e um antropólogo, o filme mostra uma campanha encabeçada pelos Xavantes para proteger a bacia do Rio das Mortes da indústria de monocultivo da soja, que provoca o desmatamento e a poluição dos sistemas hídricos da região.

Synopsis > A collaboration between indigenous filmmakers (a central Brazilian Xavante and a Wayuu from Venezuela) and an anthropologist explores a campaign headed by the Xavante to protect the Rio das Mortes Basin from the uncontrolled soy cultivation that brings deforestation and pollution to the watershed.

Mostra
Informativa

O Erguer do Sol

Título original: Sun Come Up; **Título em inglês:** Sun Come Up
Realização: Jennifer Redfearn (USA 2010); **Produção:** Jennifer Redfearn e Tim Metzger
Música: Shahzad Ismaily; **Fotografia:** Tim Metzger; **Montagem:** David Teague; **Som:** Alex Noyes
Duração: 39 m
Contacto: 385 Ninth Street #1 Brooklyn, NY 11215 USA; info@suncomeup.com
Categoria em que se inscreve: Mostra Informativa.



Sinopse > O Erguer do Sol acompanha o realojamento de alguns dos primeiros refugiados ambientais do planeta, os habitantes das ilhas Carteret, uma cadeia remota de ilhas no Sul do Pacífico. Quando os mares sobem, ameaçando a sua sobrevivência, os habitantes veem-se perante a dolorosa decisão de terem de abandonar a sua amada terra, em busca de um novo lugar a que chamem lar.

Synopsis > Sun Come Up follows the relocation of some of the world's first environmental refugees, the Carteret Islanders - a community living on a remote island chain in the South Pacific Ocean. When rising seas threaten their survival, the islanders face a painful decision: they must leave their beloved land in search of a new place to call home.

Exército Permanente



Título original: Standing Army; **Título em inglês:** Standing Army;
Realização: Enrico Parenti, Thomas Fazi (Itália, 2010); **Argumento:** Thomas Fazi, Enrico Parenti; **Produção:** Effendemfilm; **Música:** Stefano Piro;
Fotografia (cor): Enrico Parenti; **Montagem:** Desideria Rayner; **Som:** Fabio Mattoni; **Intérpretes:** Noam Chomsky, Gore Vidal, Chalmers Johnson
Duração: 75 minutos;
Prêmios: Menção Especial de Melhor Fotografia no Tekfestival, 2010; Melhor Documentário no Festival de Cinema Siciliambiente, 2010;
Contacto: Via Giovanni Branca, 82 – 00153 Roma, Itália; Tel. +39 3348943523 E-mail. info@standingarmy.it;
Categoria em que se inscreve: Competição Internacional

Sinopse › Uma investigação que nos acorda para a rede global de bases militares americanas e o seu impacto político, social e ambiental, através de entrevistas com grandes pensadores e depoimentos chocantes, mas ainda assim inspiradores.

Synopsis › *An eye-opening investigation into America's global network of military bases, and their political, social and environmental impact, through interviews to great thinkers and shocking yet inspiring testimonies.*

Mostra
Informativa

Garbusha



Título original: Garbusha; **Título em inglês:** Garbusha;
Realização: Blandine Huk, Frédéric Cousseau (França, 2009); **Argumento:** Blandine Huk, Frédéric Cousseau; **Produção:** No Film (Blandine Huk, Frédéric Cousseau); **Música:** Michèle Bokanowski; **Fotografia (cor):** Frédéric Cousseau;
Montagem: Blandine Huk, Frédéric Cousseau; **Som:** Frédéric Cousseau;
Duração: 10 minutos;
Contacto: 29 rue du Ruisseau, 75018 Paris, França; Tel. +33 950262799 E-mail. nofilme@free.fr;
Categoria em que se inscreve: Competição Internacional

Sinopse › Como todos os anos em Agosto, o massacre de garbusha acontece.

Synopsis › *As every year in August, the massacre of garbusha happens.*

Título original: Garimpeiro, The Gold Forest; **Título em inglês:** Garimpeiro, The Gold Forest
Realização: Marc Barrat (França, 2009); **Argumento:** Marc Barrat, Apsita Berthelot, Marie-Laure Berthelin e Salvatore Lista; **Produção:** Richard Magnien; Associate Production Company: Mat Films; Co-produção : France 3 Cinéma; **Fotografia:** Claude Garnier (cor); **Montagem:** Laurence Bawedin;
Intérpretes: Tony Mpoudja, Julien Courbey, Sara Martins, Philippe Nahon, Thierry Godard, George Aguilar, Malick Bowens, Ricky Tribord, Jimmy Jean-Louis, Cyril Gueï, Viviane Émigré, Philippe Passon, Stany Coppet
Duração: 90 min
Contacto: Rezo Films; Film export/Foreign Sales: Wide Management; Official website: www.rezofilms.com
Categoria em que se inscreve: Mostra Informativa.



Sinopse > Rod, um jovem parisiense de origem guianesa, Gonz, seu companheiro de projectos de longa data e Yann, guia turístico e activista ecológico, encontram-se no meio da floresta amazônica e são apanhados por uma espiral de negócios escuros que os levam rio acima, até ao ambiente hostil e arcaico dos garimpeiros ilegais.

Synopsis > Rod, a young Parisian of Guyanese origin, Gonz, his lifelong friend from the projects, and Yann, a young tourist guide and ecological activist, find themselves in the middle of the Amazonian forest. They get caught up in a spiral of shady dealings that lead them far upriver, into the hostile and archaic environment of illegal gold prospectors.

Mostra
Informativa

O Lago que já Foi

Título original: Daryacheh-ee Ke Bood; **Título em inglês:** The Lake That Was;
Realização: Pezhman Mazaheripoor (Irão, Reino Unido, 2008);
Argumento: Pezhman Mazaheripoor; **Locução:** Mehrdad Oskouei;
Produção: Saeed Rashtian; **Música:** Keivan Kiaras; **Fotografia (cor):** Morteza Motaghi, Pezhman Mazaheripoor; **Montagem:** Arash Zahedi Asl;
Som: Hossein Mahdavaei;
Duração: 26 minutos;
Categoria em que se inscreve: Competição Internacional



Sinopse > O lago Oroomieh, com um raio de mais de 400 quilómetros, está localizado no noroeste do Irão e costumava atrair muitos turistas, iranianos e estrangeiros. Devido à falta de chuvas, vários poços e canais de água subterrânea têm sido utilizados em construções de barragens nos rios, o que causa a preocupação de que o lago Oroomieh possa rapidamente secar. Este filme narra a história do lago, quando as pessoas nas suas margens gostavam de aproveitá-lo nas suas horas de lazer e ignoravam as consequências do seu desaparecimento.

Synopsis > Oroomieh lake with the circumference of more than 400 kilometers is located in northwest of Iran which used to attract many Iranian and foreigner tourists. Due to a lack of rainfall, several wells and underground waters resources have been utilized and dam constructions on the rivers have caused concerns that Oroomieh Lake will soon dry up. This film narrates the lake's history when people enjoyed it at their leisure on the banks of this lake and ignored the consequences of its demise.



Título original: Margan; **Título em inglês:** Hunter;
Realização: Jafar Nourmohammadi (Irão, 2009); **Argumento:** Kurdish; **Produção:** JafarNourmohammadi; **Música:** Selection; **Fotografia (cor):** Lia Heidarian;
Montagem: Javad Zarei; **Som:** Mohammad Speigi; **Intérpretes:** Lia Heidarian, Zeinab Mohammadi, Ghorban Mohammad Mohammadi, Afshin Avari;
Duração: 20 minutos;
Prêmios: “Enviro Film 2010”, Eslováquia, ABU TV Asiática, 15.º “Eco International Film Festival Macedonia”;
Contacto: 201, 2.º andar, Parsian Building, Eslami Alley, Taleghani Street, Ilam, Irão; Tel. 00989188421157 E-mail. kanissunfilm@gmail.com;
Categoria em que se inscreve: Competição Internacional
Distribuição: Jafar Nourmohammadi;

Sinopse › Margan, um rapaz da aldeia, consegue imitar o canto dos pássaros muito bem. Os caçadores utilizam esta capacidade para caçar perdizes. O seu professor quer que Morgan evite fazer isso.

Synopsis › *Margan, a village boy, can imitate birds' song very well. Hunters use this ability to hunt partridges. His teacher wants to avoid Margan doing this.*

Mostra
Informativa

Não Iremos Mais Longe



Título original: Nous N'Irons Pas Plus Loin; **Título em inglês:** We Won't Go Any Further;
Realização: Sonia Ringoot (Bélgica, 2009); **Produção:** Michigan Films (Bruno Tracq); **Fotografia (cor):** Mathieu Haessler, Sonia Ringoot;
Montagem: Bruno Tracq; **Som:** Mathieu Haessler;
Duração: 55 minutos;
Contacto: 51 Rue Brichaut, 1030 Bruxelas, Bélgica; Tel. +32 474364262 E-mail. sringoot@hotmail.com;
Categoria em que se inscreve: Competição Internacional
Distribuição: Merci Qui? (Sandrine Perrin)

Sinopse › Poucas semanas antes do Dia Mundial do Salto, o pai de Zokir negocia peles de cordeiro enquanto uma equipa de filmagens está à procura de destroços de navios. “Nous N'Irons Pas Plus Loin” é a viagem de uma equipa de filmagens no Uzbequistão. Guiados por Zokir, estão à procura de um mar que está a desaparecer.

Synopsis › *A few weeks ahead of the World Jump Day, Zokir's father is bargaining lamb skins while a film crew is looking for shipwrecks. “We Won't Go Any Further” is the journey of a film crew across Uzbekistan. Guided by Zokir, they're searching for a sea that is disappearing.*

O Nosso Planeta Fascinante – Patagónia, a Vida no Limite

| 131 |
cineeco2010

Título original: Faszination Erde: Patagonien – Leben am Limit; **Título em inglês:** Our Fascinating Planet: Patagonia – Life at the Limit
Realização: Christiane Goetz-Sobel (Alemanha, 2010); **Argumento:** Tobias Schultes; **Produção:** ZDF, Department Science and Technologie heck.ga@zdf.de; **Montagem:** Miriam Mitter; **Som:** Ps Movie Sound; **Intérpretes:** (Apresentador) Dirk Steffens;
Duração: 44 min
Contacto: ZDF – Strasse 1, 85774 Unterfoehring- Alemanha; goetz-sobel.c@zdf.de
Categoria em que se inscreve Mostra Informativa.



Sinopse > O filme mostra os milagres da natureza da paisagem mais remota e mais selvagem da América do Sul. Nenhum outro país fica tão perto do Antártico. Neste clima extremo existem ainda muitos enigmas à espera de ser resolvido. Dick Steffens realiza uma notável expedição – desde as tempestuosas costas sobre as intermináveis pampas até aos gigantescos campos de gelo, especialmente o glaciar Perito Moreno situado nos Andes.

Synopsis > *The film shows the miracles of nature from the southernmost and wildest landscape of South America. No other country is so close to the Antarctic. Here in this extreme climate there are still many riddles waiting to be solved. Dick Steffens set out a remarkable expedition – from the stormy coasts over the endless pampas up to giant ice fields, especially the Perito Moreno glacier located in the Andes.*

Mostra
Informativa

Onde o Cheiro do Mar não Chega

Título original: Donde El Olor Del Mar No Llega; **Título em inglês:** Where The Smell of The Sea Doesn't Reach;
Realização: Lilian Rosado González (Espanha, 2010); **Argumento:** Lilian Rosado González; **Produção:** Perez Rosado Producciones SL; **Música:** Vicente Sabater; **Fotografia (cor):** Federico Ribes; **Montagem:** Pedro Rosado; **Som:** Carlos Sancho; **Intérpretes:** Nuria Herrero, Yoïma Valdés, Candela Fernández, Sergio Caballero, Alfred Picó, Eduardo, Velasco;
Duração: 86 minutos;
Contacto: Subida de la Ermita 1, Gilet, Valência, Espanha, CP 46149; Tel. +34 605128181 E-mail. aguaconsal@telefonica.net;
Categoria em que se inscreve: Extra-Concurso
Distribuição: PRP SL



Sinopse > Carmen e Esperanza chegam a uma aldeia do Mediterrâneo por diferentes razões, pensando que as suas vidas podem mudar. De qualquer modo, ultimamente, quem consegue realizar os sonhos?

Synopsis > *Carmen and Esperanza go to a small Mediterranean village for different reasons, thinking that their lives can change. Anyway, lately, who can fulfill the dreams?*

Paraíso Sujo



Título original: Dirty Paradise; **Título em inglês:** Dirty Paradise
Realização: Daniel Schweizer (Suiça / França, 2009); **Fotografia:** Dominique Darbois;
Duração: 76 min
Categoria em que se inscreve: Mostra Informativa.

Sinopse > A história do povo Wayana, índios franceses da Amazônia, que sofrem a maldição de viverem numa região rica em ouro. A exploração descontrolada desta riqueza conduziu a uma grave deterioração do ecossistema da floresta, a irreversível poluição dos rios, bem como a inúmeras violações dos direitos humanos fundamentais.

Synopsis > *The story of the Wayana people, French Indians of Amazonia who are cursed by living in a region rich in gold. Consequently, the uncontrolled exploitation of this wealth has brought about a severe deterioration of the forest's ecosystem, the irreversible pollution of streams, as well as countless violations of fundamental human rights.*

Mostra
Informativa

Plástico e Vidro



Título original: Plastic and Glass; **Título em inglês:** Plastic and Glass;
Realização: Tessa Joose (França, 2010); **Argumento:** Tessa Joose; **Produção:** Le Fresnoy; **Música:** Tessa Joose; **Fotografia (cor):** Blaise Basdevant;
Montagem: Tessa Joose; **Som:** Sébastien Cabour; **Intérpretes:** François Marzynski, Abdelhamid Bensbaa, Fabrice Lecomte, Ahmed Benzouai, Claude Lesne, Messaoud Sellaoui, Lionel Menendez, etc; **Duração:** 9 minutos;
Prêmios: Festival Escolar de Cinema e Televisão "Mediaschool", em Lodz, Polónia;
Contacto: Markt 15, 4691BX, Thoel, Holanda; Tel. +31648013771 E-mail. tess@hotelzeezicht.com;
Categoria em que se inscreve: Competição Internacional
Distribuição: Le Fresnoy

Sinopse > Numa fábrica de reciclagem, no norte da França, as máquinas dançam, os trabalhadores juntam-se à música, e os camionistas fazem quase um ballet. O filme mostra o processo de reciclagem com máquinas impressionantes e reciclagem à mão. Ouvimos o barulho que acompanha este processo. Lentamente, o barulho de uma fábrica torna-se um ritmo e um camionista começa a cantar uma canção para o seu amor. Ele quer construir uma ilha à mão com os materiais, onde juntos poderão resolver as coisas.

Synopsis > *In a recycling factory in the north of France the machines dance, the workers join in song, and the truckdrivers almost make a ballet. The film shows the process of recycling by impressive machines and by hand. We hear the noise that accompanies this process. Slowly the factory noise becomes a rhythm and a truck-driver starts to sing a song for his love. He wants to build an island with the materials at hand, where they can be together to "sort things out."*

Título original: Salmon Poet; **Título em inglês:** Salmon Poet;
Realização: Sabrina Guitart (Espanha, E.U.A., 2009); **Argumento:** Sabrina Guitart; **Locução:** Sabrina Guitart, Walt Curtis; **Produção:** James Honzik, Michael Poitvin, Sabrina Guitart; **Música:** Dusty Santamária, Aimee Bevell, David Guitart, Billy Speers, Gloria Freixes, Adolfo Rúa; **Fotografia (cor):** Sabrina Guitart; **Montagem:** Sabrina Guitart, James Honzik; **Assistentes de realização:** Matthew Kaylor, Luciano Wielh; **Intérpretes:** Fausto Annubis;
Duração: 59 minutos;
Contacto: Tel. +503 8396042 E-mail. sgitane@gmail.com;
Categoria em que se inscreve: Competição Internacional



Sinopse ▶ “Salmon Poet” é uma viagem poética, uma ode à Natureza através da voz do poeta Walt Curtis e da visão da cineasta Sabrina Guitart. Este filme artístico e ecológico evoca o itinerário espiritual do salmão através da paisagem do Oregon. Natureza, o xamanismo e o regresso do salmão para reprodução e regeneração do ecossistema são os temas do filme. “Salmon Poet” honra a Mãe Terra, mas também a voz do poeta, que lança um alarme ecológico e oferece as suas meditações poéticas sobre a própria Terra.

Synopsis ▶ *Salmon Poet is a poetic journey, an ode to Nature through the voice of the poet Walt Curtis and the vision of filmmaker Sabrina Guitart. This artistic and ecological film evokes the spiritual journey of the salmon through the Oregon landscape. Nature, shamanism, and the return of the salmon to reproduce and regenerate the ecosystem are the themes of the film. Salmon Poet honors Mother Earth, but also the Voice of the Poet, who speaks a message of ecological alarm and offers his poetic meditations on the Earth itself.*

Mostra
Informativa

Sabrina Guitart

Rosita

Título original: Rosita No se Desplaza; **Título em inglês:** Rosita Doesn't Move;
Realização: Alessandro Acito (Itália, 2009); **Argumento:** Alessandro Acito;
Produção: LibLab; **Música:** David Ospina, Los Joplin, Hesner, Sistema Sonoro Skartel; **Montagem:** Valentina Villa; **Intérpretes:** Rosa Poveda;
Duração: 52 minutos;
Prêmios: Menção Especial no Festival de Cinema de Parma;
Contacto: Zumbini, 06 cap 20143; Tel. +0039 3492219712 Fax. +0039 0287236154 E-mail. acio72@hotmail.com;
Categoria em que se inscreve: Competição Internacional
Distribuição: Antonello Garimberti

Sinopse ▶ Na Colômbia, luta-se numa guerra civil demasiado longa, onde os verdadeiros perdedores são os mais pobres da zona rural. Os guerrilheiros das Farc e as tropas paramilitares têm gerado um grande número de desalojados que vivem na pobreza em torno de Bogotá e são chamados de ‘desplazados’. Rosita é um deles, mas não se resigna à corrupção e ao desespero. Pelo contrário, ela está a transformar uma lixeira numa quinta especializada em agricultura orgânica, e dá trabalho a várias pessoas desta maneira.

Synopsis ▶ *In Colombia they're fighting a too long civil war, where the real losers are the poorest from countryside. Farc guerrillas and paramilitary troopers have generated a huge numbers of evacuees, now living in poverty around Bogota: they are called the desplazados. Rosita is one of them, but she didn't resign herself to corruption and despair: on the contrary, she's transforming a rubbish dump in a farm specialized in organic agriculture, giving several people a job this way.*

A Saga da Floresta Primitiva



Título original: Saga Prastarej Puszczy; **Título em inglês:** The Saga on the Primeval Forest: The Tale of a Lynx (Against Nature)

Realização: Bozena e Jan Walencik (Polónia, 2008); **Produção:** Krzysztof Komar / TVP Poland; **Música:** Michal Lorenc; **Fotografia:** Jan Walencik; **Som:** Bozena e Jan Walencik

Intérpretes: (Narrador): Krzysztof Gosztyla

Duração: 53 min

Contacto: TVP S.A. – Ch 1 – 17, J.P. Woronicza Street 00-999 Varsóvia, Polónia; festivals@tvp.pl

Categoria em que se inscreve: Mostra Informativa.

Sinopse › Uma fêmea de cervo e uma de lince tornam-se mães aproximadamente ao mesmo tempo. A maternidade da primeira corre facilmente. A vida da outra, no entanto, é posta à prova. O lince doente, apesar da ajuda humana, dificilmente consegue alimentar o filhote. As provações e atribulações de ambas as mães e suas proles estão intimamente interligadas. O que é tragédia para uma, é a salvação para a outra.

Synopsis › *A roe deer and a lynx become mothers at roughly the same time. The motherhood of the former is easy sailing. The life of the other, however, is put to a test. The sick lynx, despite man's help is hardly able to feed her young. The trials and tribulations of both the mothers' progenies are dramatically intertwined. What becomes tragedy to one is salvation to the other.*

Mostra
Informativa

Silêncio



Título original: Silence; **Título em inglês:** Silence;

Realização: Ava Lanche (Alemanha, Islândia, 2008); **Argumento:** Ava Lanche; **Produção:** Angel & Elephant Pictures; **Fotografia (cor):** Mario Pinzon; **Montagem:** Ava Lanche; **Som:** Ava Lanche; **Intérpretes:** Ava Lanche e Blue Fuerte Azul;

Duração: 3 minutos e 13 segundos;

Prémios: Menção especial no Festival Internacional de Cinema Independente de Iquique e no "Steps International Rights Protection Film Festival";

Contacto: Tel. + 3546997618 E-mail. ava@nadaonline.org;

Categoria em que se inscreve: Competição Internacional

Distribuição: Angel & Elephant Pictures

Sinopse › Sem recorrer a um cenário de violência, o filme examina as violações dos direitos humanos, combinando as táticas de propaganda com a ausência dos papéis de rebanho, vítima e vilão.

Synopsis › *Without resorting to a display violence the film examines human rights violations in relation to the human shadow by combining the tactics of propaganda with the absence of herd, victim and villain.*

Título original: Ombre Sull'Acqua; **Título em inglês:** Shadows Over Water;
Realização: Paolo Balmas (Itália, 2010); **Argumento:** Aldo Abba; **Produção:** Paolo Balmas Filmproduzioni; **Música:** Carlo Benvenuto; **Fotografia (cor):** Paolo Balmas; **Montagem:** Paolo Balmas; **Som:** Matteo Barbiero; **Intérpretes:** Sergio Parola, Angelo Giordano, Bruno Ferro, Lino Viada, Gigi Cartolano, Giovanni Viglione;
Duração: 50 minutos;
Contacto: Via Gobetti, n.º 1, 12100 Cuneo, Itália; Tel. 3807317424 E-mail. pibal82@gmail.com;
Categoria em que se inscreve: Competição Internacional;
Distribuição: Paolo Balmas Filmproduzioni



Sinopse ▶ Uma viagem entre o passado e o presente dos rios Gesso e Stura que correm próximo das cidades de Cuneo e Madonna delle Grazie, em Itália. Evocação das actividades do passado geradas pelo poder da água que eram comuns na zona rural e foram agora substituídas por associações culturais, centros desportivos e locais de construção. Pier Paolo Pasolini apelidou de “mutações antropológicas” estas mudanças que afectaram os italianos na década de 60 do século passado.

Synopsis ▶ *A journey between the past and present of the Gesso and Stura rivers which flow near the towns of Cuneo and Madonna delle Grazie in Italy. An evocation of past activities runned by the power of water that were common in this rural area and have now been replaced by cultural associations, sport centers and construction sites after what Pier Paolo Pasolini called the “anthropological mutations” that changed the Italians in the sixties of the past century.*

Mostra
Informativa

O Rio sem Tempo

Título original: Trenutek Reke / Il Tempo Del Fiume; **Título em inglês:** Timeless River;
Realização: Anja Medved, Nadja Velus ek (Itália, 2010); **Argumento:** Anja Medved, Nadja Velus ek; **Produção:** Kinoatelye; **Música:** Havik Gergolet, Salamandra Salamandra; **Fotografia (cor):** Ferruccio Goia; **Montagem:** Ferruccio Goia, Anja Medved; **Som:** Rosario Guerrini;
Duração: 63 minutos;
Contacto: Kinoatelye, Piazza Vittoria 41, 34170 Gorizia, Itália; Tel. +0039 048133580 E-mail. martina@kinoatelye.it;
Categoria em que se inscreve: Competição Internacional
Distribuição: Kinoatelye



Sinopse ▶ L' Isonzo tem sido sempre um rio fronteiro. O seu curso relativamente breve liga dois mundos diferentes: os Alpes e o Mediterrâneo. Não é coincidência que o rio pareça ter duas personalidades, reflectidas pelos seus dois nomes: o So a, o nome feminino, e L'Isonzo, nome masculino. É um rio cheio de contradições, muito atraente, mas igualmente perigoso, famoso por sua cor de esmeralda, mas também pelas batalhas sangrentas.

Synopsis ▶ *L'Isonzo has always been a border river. Its relatively short course connects two different worlds: the Alps and the Mediterranean. It is no coincidence that the river seems to have two personalities, as reflected by their two names: the So a, the female name, and L'Isonzo, male name. It is a river full of contradictions, very attractive, but also dangerous, famous for its emerald color, but also by bloody battles.*

Tesouros Menosprezados – Todas as Espécies Contam



Título original: Verkannte Schaeetze – Jede Art Zaehlt; **Título em inglês:** Unrecognized Treasures – Every Species Count

Realização: Christiane Goetz-Sobel e Juergen Grosse (Alemanha, 2009);

Argumento: Eva Rauert e Christine Haak; **Produção:** ZDF, Department Science and Technologie heck.ga@zdf.de; **Montagem:** Gabi Kroeber;

Som: Tonstudio – Peter Toersiep; **Intérpretes:** (Apresentador) Harald Lesch

Duração: 28 min

Contacto: ZDF – Strasse 1, 85774 Unterfoehring- Alemanha heck.ga@zdf.de

Categoria em que se inscreve: Mostra Informativa.

Sinopse › Especialmente em tempos de crise económica as pessoas concentram-se na produção industrial e no crescimento económico, principalmente em detrimento da conservação e preservação natural de espécies ameaçadas. Podemos permitir que isso aconteça? Os especialistas estão convictos de que o valor da natureza é subestimado. Em contrapartida, a biodiversidade protege a estabilidade económica e representa um valor de milhões.

Synopsis › *Especially in times of economic crisis one concentrates on industrial production and economic growth, mostly at the expense of natural conservation and protection of endangered species. Can we afford this? Experts are convinced that the value of nature is underestimated. In contrast, biodiversity protects economic stability and represents a value of millions.*

Mostra
Informativa

Tukki, a Pegada Ambiental



Título original: Tukki, La Huella Ambiental; **Título em inglês:** Tukki, The Environmental Footprint;

Realização: Guillermo García Ramos (Espanha, 2009); **Argumento:** Guillermo García Ramos; **Produção:** IPADE; **Música:** New Atlantis Music;

Fotografia (cor): Gabriel Molera; **Montagem:** M.A. Jiménez, Vanesa Valdemoro, Fran Belda; **Som:** Pablo Capisto, Nerio Gutiérrez;

Duração: 49 minutos;

Prémios: Festival de Cinema de Ambiente “Sembrando Cine”;

Contacto: C/ Altamirano, 50, 1ª planta, 28008, Madrid; Tel. +34 915448681

Categoria em que se inscreve: Extra-Concurso

Distribuição: IPADE

Sinopse › Milhares de senegaleses encontram-se numa encruzilhada: a uns o deserto está a desaparecer, outros já não conseguem prever as chuvas como dantes e a terra está a secar, e para os demais a perda de florestas arruína as aldeias.

Synopsis › *Thousands of Senegalese are at a crossroads: for some the desert is disappearing, for others they are unable to predict the rains as before and the land is drying, and for the remain forest loss ruined villages.*

Título original: Bialy Zagiel Nad Prypecia; **Título em inglês:** White Sail On The Pripyat;

Realização: Uladzimir Kolas (Polónia, 2009); **Argumento:** Uladzimir Kolas; **Produção:** Film Studio Everest; **Fotografia (cor):** Jury Pliushchou; **Montagem:** Zmicier Suschau; **Som:** Slawa Krol; **Intérpretes:** Ryhor Sitnica, Jauhen Shatokhin, Henadz Drazdou;

Duração: 53 minutos;

Contacto: 11/5-4 Varanianski Str., Minsk, 220039, Bielorrússia; Tel. +375 172242738 Fax. +375 172205903 E-mail laskomiro7@gmail.com;

Categoria em que se inscreve: Competição Internacional

Distribuição: Film Studio Everest



Sinopse ▶ Ryhor Sitnica, Jauhen Shatokhin, Henadz Drazdou arriscam-se na Zona fechada após a explosão de Chernobyl, em 1986. A sua viagem foi promovida pelas autoridades bielorrussas que estão a planear construir uma fábrica nuclear na Bielorrússia. Durante esta viagem muitas questões interessantes surgem...

Synopsis ▶ *Ryhor Sitnica, Jauhen Shatokhin, Henadz Drazdou venture through the Zone closed after the Chernobyl explosion in 1986. Their trip has been provoked by the Belarusian authorities who are planning to build a nuclear power plant in Belarus. During this journey many interesting questions arise...*

Mostra
Informativa

Vida Aquática

Título original: Waterlife; **Título em inglês:** Waterlife;

Realização: Kevin Mcmatton (Canadá, 2009); **Argumento:** Kevin Mcmatton; **Produção:** Primitive Entertainment; **Música:** Vários ; **Fotografia (cor):** John Minh Tran; **Montagem:** Christopher Donaldson; **Som:** Sanjay-Mehta;

Duração: 109 minutos;

Prémios: Prémio Especial do Júri do Festival Canadá Hot Docs, 2009; **Contacto:** 585 Bloor St West, Toronto, Ontário, M6G1K5, Canadá; Tel. + 416 5313087 Fax. + 416 5314961 E-mail. kevin@primitive.net;

Categoria em que se inscreve: Competição Internacional

Distribuição: National Film Board of Canada



Sinopse ▶ “Waterlife” acompanha a cascata épica dos Grandes Lagos do Oceano Atlântico, contando a história da última grande fornecedora de água doce na Terra. É um poema épico cinematográfico sobre a beleza da água e os perigos de tê-la como garantida.

Synopsis ▶ *Waterlife follows the epic cascade of the Great Lakes to the Atlantic Ocean telling the story of the last huge supply of fresh water on Earth. It's an epic cinematic poem about the beauty of water and the dangers of taking it for granted.*

Cineeco 2010



MOSTRA
GOIÁS

A Capoeira de Mestre Sabu



Título original: A Capoeira de Mestre Sabu; **Título em inglês:** Mestre Sabu's Capoeira;

Realização: Luiz Valentim (Brasil, 2010); **Argumento:** Luiz Valentim;

Produção: Luiz Valentim; **Música:** Mestre Sabu, Mestre Angola, Front Jr.;

Fotografia (cor): Piva Barreto; **Montagem:** Uttara;

Duração: 20 minutos;

Contacto: Tel. +62 92971533 / 96261469 E-mail. luizvalentim@bol.com.br;

Categoria em que se inscreve: Competição Lusofonia

Sinopse ▶ Baptizado em Salvador por Mestre Caiçarra, Sabu retorna a Goiás nos anos 50. Em Goiânia desenvolve um trabalho pioneiro com meninos de rua. A trajetória desse vila-boense que introduziu e desenvolveu a capoeira no Estado de Goiás, contada por ele mesmo. Com nostalgia relata as suas glórias e mágoas e o imenso orgulho de retornar à terra natal.

Synopsis ▶ Baptized in Salvador by Master Caiçarra, Sabu returned to Goiás in 50's. In Goiânia, he develops pioneering work with street children. The trajectory of this via-boense who introduced and developed Capoeira in the State of Goiás, told by himself. He nostalgically recounts the glory and sorrow and immense pride to return to his homeland.

Mostra
Goiás

Diga 33



Título original: Diga 33; **Título em inglês:** Say 33;

Realização: Ângelo Lima (Brasil, 2010); **Argumento:** Ângelo Lima;

Produção: Angelo Lima; **Música:** Fausto Noleto; **Fotografia (cor):** Neto Lima; **Montagem:** Fabricio Montelo;

Duração: 18 minutos;

Contacto: R. das Américas, Q. 26 L.14, Casa 2, J. Vitória, 2-Goiânia, Goiás, CEP 74865010, Brasil

Tel. 556292128560 E-mail. janjolima@ibest.com.br;

Categoria em que se inscreve: Competição Internacional / Competição Lusofonia

Sinopse ▶ Uma cidade. Uma pedreira. O pó da pedra tomando conta do seu corpo. Respire. Diga 33.

Synopsis ▶ A city. A quarry. The powder of the stone invading your body. Breathe. Say 33.

Título original: Maribondo Amarelo; **Título em inglês:** Yellow Wasps;
Realização: Amarildo Pessoa (Brasil, 2010); **Produção:** Dionísio Bombinha; **Música:** Sons do Cerrado; **Fotografia (cor):** Joan Moynier;
Montagem: Sérgio Valério;
Som: Victor Pimenta; **Intérpretes:** Nuesa Borges, Luciana Caetano, Alexandre Marques, Liz Eliodoraz, Renata Caetano, Mariana Crescêncio, Liomar, Adelisio Soares, Leonel Santos;
Duração: 20 minutos;
Contacto: Tel. +62 32429424 E-mail. amarildopessoa@hotmail.com;
Categoria em que se inscreve: Competição Lusofonia



Sinopse > Esta é a história do casamento de uma menina que gostava de ser ferroadada por marimbondos.

Synopsis > *This is the story of the marriage of a girl who enjoyed being stung by wasps.*

Mostra
Goíás

Olhar de João

Título original: Olhar de João; **Título em inglês:** John's Look
Realização: Mariley Carneiro (Brasil, 2010); **Argumento:** Mariley Carneiro e Fabrício Montelo; **Produção:** Mariley Carneiro; **Música:** Abertura Julio Fontti e Geovane Fernandes; free play music; **Fotografia (cor):** Jonas Guedes; **Montagem:** Fabrício Montelo; **Som:** Rafael Monteiro;
Duração: 21 minutos;
Prêmios: 33.^o Guarnicê de Cinema – Melhor Direção, Melhor Vídeo Nacional, Melhor Vídeo ABD, Maranhão, Brasil, 2010; I CurtAmazonia – Melhor Filme Ambiental, Porto Velho, Rondônia, Brasil, 2010; VII Festival de Cinema Maringá, Paraná, Brasil, 2010;
Contacto: Rua FL-32 QD.QC-3 LT.14 Parque das Flores, Goiânia, Goiás, Brasil, CEP 74-595-223



Tel. + 62 85373160 Fax. + 62 32920030 E-mail. marileycarneiro@yahoo.com.br;
Categoria em que se inscreve: Competição Internacional / Competição Lusofonia
Distribuição: Mariley Carneiro

Sinopse > Pensar como a natureza pensa. Mas como é pensar como a natureza pensa, se a gente não a percebe e a despreza? Ela grita, agoniza, pede socorro, mas quem vê? “Olhar de João” mostra a forma singular como o fotógrafo João Caetano vê, natural e humanamente, faces e formas ocultas em pedras, troncos, flores e frutos. Um alerta através da fotografia.

Synopsis > *Think how nature thinks. But how to think as nature thinks, if we do not perceive it and despise it. She screams, agonizes, cries for help, but who sees it. The documentary “The João’s Look” shows the singular form how the photographer João Caetano sees natural and human faces and forms hidden in rocks, driftwood, flowers and fruits. An alert through photography.*

Recordação de um Presídio de Meninos



Título em português: Recordações de um Presídio de Meninos;
Título original: Recordações de um Presídio de Meninos; **Título em inglês:** Memories of a Boys Borstal;
Realização: Lourival Belém Jr. (Brasil, 2009); **Argumento:** Lourival Belém Jr.; **Produção:** Cineclubes Antônio das Mortes, Idéia Ambiental e Cultural;
Música: Rondon de Castro; **Fotografia (cor):** Ronaldo Araújo, Eudaldo Guimarães; **Montagem:** Luiz Cam, Lourival Belém Jr., Lisandro Nogueira;
Departamento de arte: Luiz Cam, Guaralice Paulista; **Intérpretes:** Divino Conceição, Hélio Brito, CCAM;
Duração: 28 minutos;
Contacto: Tel. +62 32247392 / 81511871 E-mail. belemzeira@hotmail.com;
Categoria em que se inscreve: Competição Lusofonia

Sinopse › Reflexão poética de um jornalista sobre a violência, a arte, a política e os sentimentos, desencadeada a partir de uma reportagem sobre o fim de um presídio de meninos em Goiânia.

Synopsis › A poetic reflection of a journalist on violence, art, politics and feelings, triggered by a story about the end of a boys borstal in Goiânia.

Mostra
Goiás

Sonho da Humanidade



Título original: Sonho de Humanidade; **Título em inglês:** Dream of Mankind;
Realização: Amarildo Pessoa (Brasil, 2010); **Argumento:** Amarildo Pessoa; **Produção:** Alexandre Marques; **Fotografia (cor):** Juan Moynier; **Montagem:** Juliana Corso; **Animação:** Issac Orcino; **Som:** Luiz Fernando Moynier;
Duração: 14 minutos;
Contacto: amarildopessoa@hotmail.com;
Categoria em que se inscreve: Competição Lusofonia

Sinopse › A domesticação das aves parece materializar o antigo sonho humano de viver em harmonia com a natureza; uma promessa de felicidade que esconde um drama: não podemos ter um pássaro a voar nas nossas mãos.

Synopsis › The domestication of birds seems to materialize the ancient human dream of living in harmony with nature; a promise of happiness that hides a drama: we cannot have a bird flying on our hands.

Título original: Vida Seca – Som de Sucata; **Título em inglês:** Vida Seca – The Sound Of Scrap;

Realização: Diogo Mendonça (Brasil, 2009); **Argumento:** Elisa Di Garcia;

Produção: Digital5, Coletivo Motirô, Mito Projetos Socio-Cultural;

Música: Grupo Vida Seca; **Fotografia (cor):** Thiago Lemos; **Montagem:**

Diogo Mendonça; **Som:** Elisa Di Garcia;

Duração: 12 minutos e 36 segundos;

Prêmios: Melhor Produção Goiana – XII FICA

Contacto: Av. Perimetral, Qd. 701, Lt. 26, Vila Montecelli, Goiânia – GO, Brasil; Tel. +62 32032556 E-mail. elisa@d5.com.br;

Categoria em que se inscreve: Competição Lusofonia

Distribuição: Digital5



Sinopse > Documentário musical sobre o grupo de percussão goianoense Vida Seca lançando seu CD Som de Sucata, elaborado apenas com instrumentos musicais feitos de lixo, ressignificando materiais recicláveis, transformando-os em instrumentos musicais, misturando musicalidade e meio ambiente.

Synopsis > A musical documentary about the percussion Goiás group Vida Seca, who launched their CD Som de Sucata, recorded only with musical instruments made of scrap, giving new meaning to recyclable materials, turning them into musical instruments, mixing musicianship and environment.

Mostra
Goiás

Xingu, a Terra Ameaçada

Título original: Xingu – A Terra Ameaçada; **Título em inglês:** Xingu – The Threatened Land;

Realização: Washington Novaes (Brasil, 2007); **Argumento:** Washington

Novaes; **Produção:** WN Produções Artísticas e Cinematográficas LTDA;

Música: Tribos do Xingu; **Fotografia (cor):** Lula Araújo; **Montagem:** João

Paulo Carvalho; **Som:** Pedro Vieira;

Duração: 105 minutos;

Contacto: Caixa Postal 12011, Ag. Vila Nova, Goiânia – GO / 74635 – 970; Tel. + 55 6232051104 E-mail. wlnovaes@uol.com.br;

Categoria em que se inscreve: Competição Internacional / Competição Lusofonia



Sinopse > Em 1984, o jornalista Washington Novaes documentou cinco grupos indígenas que viviam no Parque Indígena do Xingu – Waurá, Kuikuro, Yawalapiti, Metuktire e Panará. O resultado foi a série “Xingu – A Terra Mágica”. Agora, 22 anos depois, o realizador regressou aos mesmos grupos para a realização de uma nova série de documentários.

Synopsis > In 1984, journalist Washington Novaes documented five indigenous groups that lived in the Xingu Indigenous Park - Waurá, Kuikuro, Yawalapiti, Metuktire Panará. The result was the series “Xingu - The Magic Land.” Now, 22 years later, the director returned to the same groups for the production of a new documentary series.

13^a
edição

VILA NOVA DE FAMALICÃO

FAMAFEST

2011

12.03 a 20.03

CINEMA E LITERATURA

CineEco2010



**OUTRAS TERRAS,
OUTRAS GENTES**

ASSALTO AO “SANTA MARIA

Abordar em cinema o assalto ao “Santa Maria”, no nosso país, não deixa de ser matéria para alguma coragem. A reconstituição histórica nunca foi o nosso forte, fundamentalmente em função dos poucos recursos económicos da nossa produção, e por isso mesmo se poderia temer o pior. Como já aconteceu inúmeras vezes e múltiplos exemplos se poderiam adiantar. Francisco Manso tinha ainda, neste aspecto, um outro contra de peso a ultrapassar: o facto da reconstituição se passar quase toda no mar alto, a bordo de um navio que era uma das coroas de glória da marinha mercante portuguesa, e que já não existe (foi vendido em 1973, com vinte anos de existência, para ser desmantelado em Taiwan). O resultado, diga-se desde já, está longe de ser decepcionante, ainda que, aqui e ali, seja precisamente na reconstituição que se vão encontrar as suas maiores fragilidades.

O navio, construído na Bélgica e lançado às águas do oceano em 1953, integrava-se num plano de renovação da marinha mercante portuguesa, inserindo-se no chamado “Despacho 100”, da responsabilidade do então ministro da Marinha do governo de Salazar, Américo Tomás. Desde 1946 programou-se a construção de mais de meia centena de novos navios, entre eles paquetes transatlânticos como o “Santa Maria”, o “Vera Cruz”, o “Infante Dom Henrique” e o “Príncipe Perfeito”, todos pertencentes à CCN, Companhia Colonial de Navegação. A viagem inaugural do “Santa Maria” aconteceu em Novembro de 1953, partindo de Lisboa, rumo ao Brasil, Uruguai e Argentina, com Américo Tomás a bordo. Era o navio que por tradição ligava Portugal às Américas, quer fossem do Sul ou do Norte. Era aliás o único paquete português a efectuar ligação aos Estados Unidos da América do Norte.

Ficaria na História por uma façanha, até aí inédita, que teve por protagonista

Outras Terras,
Outras Gentes



um grupo de resistentes e opositores das ditaduras ibéricas, chefiado pelo capitão Henrique Galvão que, em 20 de Janeiro de 1961, tomou de assalto o navio, em nome da DRIL - Direcção Revolucionária Ibérica de Libertação, grupo que reunia opositores aos regimes de Salazar e Franco, com orientações políticas vincadamente diferentes, mas aqui irmanados numa mesma acção de frente comum. Henrique Galvão não era comunista, e por essa altura era o braço-direito do general Humberto Delgado que, três anos antes, fora escandalosamente espoliado nas eleições para Presidente da República de Portugal, num plebiscito fraudulento que fez triunfar precisamente o candidato da União Nacional, Américo Tomás. Em 1961, Henrique Galvão encontrava-se exilado na Venezuela e foi aí que planeou assaltar o “Santa Maria”, onde embarcou em Curaçau. O grupo não era grande, 24 homens armados, que tomaram de surpresa a ponte de comando e a cabine de TSF do navio que rumava a Port Everglades, na Florida, com 612 passageiros e 350 tripulantes, sob o comando do capitão Mário Simões da Maia. Era precisamente 1 hora e 45 minutos da madrugada de 22 de Janeiro de 1961, poucos elementos da tripulação ofereceram resistência, havendo a lamentar a morte do terceiro piloto, João José Nascimento Costa, morto a tiro na refrega.

Outras Terras,
Outras Gentes

Galvão pretendia levar o “Santa Maria” até à colónia espanhola de Fernando Pó, no golfo da Guiné, partindo dali para um ataque a Luanda, de onde iria desencadear uma acção tendente a derrubar os regimes ditatoriais de Portugal e Espanha. Mas teve de alterar o rumo, indo para o Atlântico, desembarcando depois na ilha de Santa Lúcia, numa lancha, dois feridos graves e cinco tripulantes, pondo a situação do navio a descoberto, sendo a partir daí identificada a acção revolucionária, o que impediu a viagem para África. Localizado pelas forças armadas norte-americanas, mas também pela comunicação social internacional, o “Santa Maria” ou o “Santa Liberdade”,



como era conhecido pelos revoltosos, que desfraldaram uma tarja com essa designação, foi o centro de atenção do mundo. Missão cumprida, nesse ponto. Mas, aproveitando-se dos ventos da História, que colocaram John Kennedy na presidência da República dos EUA, e Jânio Quadros na do Brasil, o “Santa Maria” aportou ao Recife, a 2 de Fevereiro, onde desembarcaram passageiros e tripulantes, sendo Galvão e companheiros aclamados como heróis. Seria um outro pacote da CCN, “Vera Cruz”, a vir resgatar o “Santa Maria”, que regressaria a Lisboa a 16 de Fevereiro, perante grande manifestação nacionalista “de desagravo”.

Em Março deste mesmo ano de 1961, iniciava-se a guerra colonial no Norte de Angola. No envio de tropas e material de guerra, “rapidamente e em força”, para as colónias, principalmente para Angola, o “Santa Maria” e demais pacotes tiveram papel preponderante, pois foram requisitados para o efeito, quase a tempo inteiro.

O filme de Francisco Manso principia na Venezuela, Caracas, com os preparativos do assalto e introduz personagens ficcionadas que irão servir de elo dramático e sentimental. Um deles é Zé Ramos, um jovem emigrante português, que vive em dificuldades, e rouba uma máquina fotográfica a um português abastado, que se passeia com a família por um jardim de Caracas (sabe-se depois que é oficial do exército português e salazarista dos quatro costados), ao mesmo tempo que cai de amores pela sua filha Ilda. Como acontece sempre nestas histórias inventadas por argumentistas mais ou menos inspirados, Henrique Galvão assalta o “Santa Maria”, levando nas suas tropas o apaixonado Zé, que encontra a bordo, imaginem!, a família de Ilda. Enquanto os factos históricos decorrem com maior ou menor rigor histórico, a ficção dramático-sentimental progride inexoravelmente. Francisco Manso vai equilibrando o conjunto, ofuscado aqui e ali por efeitos visuais de qualidade muito discutível, mas oferecendo uma muito aceitável ambiência intimista do navio (os recursos não davam para planos gerais, optou-se inteligentemente por planos de conjunto; as salas de jantar não eram as majestosas do verdadeiro “Santa Maria”, mas ficam-se por um arremedo de Maxim; o pacote quase nunca se vê a navegar, pois seria difícil fazer sair o “Gil Eanes” do porto de Viana do Castelo, mas a sensibilidade de Francisco Manso inventou planos de bombordo ou estibordo que sugerem mais do que mostram e provocam um simulacro do efeito desejado, etc.). Já as imagens do “Santa Maria” navegando no mar alto são difíceis de digerir, pela insipiência dos resultados.

Haverá imprecisões, a versão é nitidamente parcial, partindo da descrita por Henrique Galvão no seu livro dedicado ao feito (1), alguma incorrecção, uma ou outra falha (a não referência ao facto da guerra colonial ter começado em simultâneo a este assalto, é importante), mas no cômputo geral o filme não desmerece, acompanha-se com interesse e é uma pedra branca na carreira de Francisco Manso, inclusive por outros aspectos. Relevantes.

Falemos então do que vale mesmo a pena. A muito boa fotografia, bem iluminada, de José António Loureiro, o som, de grande qualidade, de Carlos



Alberto Lopes, a interpretação brilhante de Carlos Paulo (como capitão Henrique Galvão), muito bem acompanhado por quase todo o elenco, notavelmente dirigido, com segurança, eficácia e rigor. Citem-se, por ser de toda a justiça, Pedro Cunha (Zé Ramos), Vítor Norte, Maria d’Aires, Leonor Seixas (Ilda), André Gomes (General Humberto Delgado), entre outros. Nada mau, como resultado final.

(1) Surgiu agora um livro de memórias, “Eu Roubei o Santa Maria”, da autoria de um dos outros comandantes deste assalto, o galego Jorge Soutomaior, que ainda é mais demencialmente egocêntrico do que Galvão e a versão deste. Lendo as duas posições deste acto revolucionário, fica-se com uma estranha noção do que terá sido o seu desenrolar. Mas esta auto-entronização de Jorge Soutomaior, como o predestinado que tudo sabe, e que só louva galegos e destrói por completo a reputação dos portugueses envolvidos, é algo que terá de ser comprovada linha a linha. Fica como curiosidade, e é muito significativa para se compreender o ninho de vespas em que se terá transformado esta operação. Ed. Labirinto das Letras, Lisboa, 2010 (tradução de José António Barreiros).

ASSALTO AO SANTA MARIA

Título original: Assalto ao Santa Maria

Realização: Francisco Manso (Portugakl, 2010); Argumento: João Nunes e Vicente Alves do Ó; Produtor: José Mazedá; Música: Konstantinos Christides, Nuno Malo; Fotografia (cor): José António Loureiro e ainda Miguel Malheiros, João Pequeno, David Valadão; Design de produção: Fernando Areal; Guarda-roupa: Caterina Cucinotta, Isabel Finkler; direcção de produção: Teresa Rafael; Assistentes de realização: Dino Estrelinha, Ângela Sequeira; Som: Carlos Alberto Lopes, Branko Neskov, Vladan Nedeljkov, Ricardo Sequeira, Aleksandra Stojanovic; Companhia de produção: Take 2000; **Interpretes:** Pedro Cunha (Zé Ramos), Leonor Seixas (Ilda), Carlos Paulo (Capitão Henrique Galvão), Alfonso Algra (Capitão José de Sotomaior), António Cerdeira (Camilo Mortágua), André Gomes (General Humberto Delgado), Vítor Norte (Alfredo Enes), Maria d’Aires (Amália Enes), Bruno Simões (Júlio, “camarada de armas” de Zé), João Cabral, João Maria Pinto, José Luís de Oliveira, Christopher Murphy, Miguel Rosas, Ricardo Simões, etc. **Duração:** 98 minutos; Distribuição em Portugal: Zon Lusomundo Audiovisuais; Classificação etária: M/ 12 anos; Data de estreia em Portugal: 23 de Setembro de 2010.

Sim, julgo que “Avatar” é um acontecimento. Uma revolução nos caminhos do cinema, mas não me parece que o seja somente no campo das novidades tecnológicas, quer se fale da imagem, da animação, das 3D ou mesmo do som. “Avatar” é realmente o primeiro filme em 3D que os jovens podem (e devem) ver, mas que se destina a todos os públicos e que, sobretudo, os adultos colherão muitos ensinamentos se não o perderem. Ensinamentos e prazer.

“Avatar” é uma experiência única até hoje no cinema. É evidente que os irredutíveis, aqueles para quem o cinema acabou em Murnau, ou quanto muito nos clássicos dos anos 40 e 50, esses acharão “Avatar” uma monstruosidade tecnológica. Mas em arte, como em tudo o mais na vida, nada pára, tudo se transforma, e “Avatar” representa hoje em dia, por exemplo, o que “Citizen Kane” representou em 1942. Uma revolução no cinema, possibilitada por novos meios técnicos, mas que um realizador de génio coloca ao serviço de uma narrativa e de uma ideia.

Outras Terras,
Outras Gentes

Se “Avatar” não fosse em 3D seria um filme extremamente interessante. Não compreendoos que falam de uma historietas simples e fraquinha. Sem interesse. Muito pelo contrário. O argumento de “Avatar”, criado por James Cameron, é excelente. Fala-nos de Jake Sully, um ex-fuzileiro naval, agora paraplégico, que se arrasta numa cadeira de rodas, a quem é proposta uma segunda vida: dele será retirado um avatar, um ser geneticamente reconstruído, mesclando o seu ADN com o dos indígenas de Pandora, os chamados Na`vi, considerados bárbaros inimigos do progresso, que se opõem à extracção de um minério raro, o “unobtainium”, que os humanos perseguem. É conveniente recordar que Pandora é uma lua que tem um ambiente muito semelhante ao da Terra. Ela gira em redor de uma massa gasosa a que dão o nome de Polyphemus, situada em Alpha Centauri-A, num longínquo sistema estelar a quatro anos-luz do nosso planeta. Mas, aí a atmosfera é altamente tóxica, os homens só podem viver de máscara, ou através de “avatars”, réplicas que combinam os ADNs humanos com os dos Na`vi.

O avatar de Jake Sully é o enviado da Terra para que a pilhagem se cumpra. Parte com essas intenções, mas cedo descobre que os Na`vi são um povo pacífico que apenas procura continuar a viver no seu habitat natural em perfeita harmonia com a natureza. Lentamente Jake Sully vai descobrindo o que está por detrás da invasão, desta colonização selvagem, em busca de lucro fácil e de formas de prolongar a política de terra queimada dos humanos insensíveis a tudo o que não seja rentabilizar os meios colocados sob a sua alçada. A sua integração entre os Na`vi é completa, acabando mesmo por casar com Neytiri, uma das guerreiras da tribo. Como aliada na nave espacial apenas conta de início com a Dr^a. Grace Augustine, mas à medida que a brutalidade da intervenção se vai tornando evidente, mais aderentes conquista para a sua causa: impedir a destruição dessa lua utópica chamada Pandora.



Outras Terras,
Outras Gentes

Retirem-se os adornos dos Na'vi e a história poderia ser a de um qualquer western clássico. Ou não clássico. Em vez de peles-vermelhas substituíamos por peles-azuis. Em vez da conquista do Oeste, a conquista do espaço. Sempre a conquista de “novas fronteiras”. De novo a corrida ao ouro, mas agora o ouro tem um outro nome. Basta, pois, recordar “Dança com Lobos”, de Kevin Costner (1990), história de um ex-soldado que é recolhido por uma tribo de índios e, depois de os compreender, se integra na sua maneira de viver, que acha muito mais justa do que a do exército a que pertencia e se coloca do lado dos índios, combatendo antigos camaradas de armas. “Avatar” resume a mesma filosofia, mas com ressonâncias mais modernas. Há o aspecto ecológico a ressaltar, quando se levanta contra a destruição de uma civilização antiga e onde impera a harmonia homem-natureza, em nome de um falso progresso, movido apenas pelo lucro. Mas mais ainda. Este é um filme anti-imperialista, que combate a ideia de um povo se sentir autorizado, apenas pelo seu poderio militar, a invadir outro, com um único propósito, que pode ser o petróleo ou o “unobtanium” (num caso como noutro, elementos que são fonte de energia).

Curiosamente, o paralelismo com os índios americanos é mais do que evidente e em várias perspectivas. Vermelhos e azuis deparam-se com a cupidez dos “rostos pálidos”, usam vestimentas ou simples adereços muito semelhantes, caçam com arco e flecha, têm gritos de guerra e danças rituais idênticas, e até os deuses se aproximam (os Na'vi adoram Eywa que tem muitos pontos de contactos com divindades índias). De resto, matam somente para comer e aceitam esse sacrifício como “justo”.

Não ficam muitas dúvidas sobre as intenções da obra e se James Cameron esperou quase duas décadas para poder ter as condições tecnológicas para

se permitir erigir o universo de Pandora, não é menos verdade que a espera teve igualmente o condão do filme se encaixar no seu tempo histórico e ideológico: esperemos que este seja um filme da era Obama.

Este híbrido que nasce do cruzamento de “A Conquista do Oeste” com “A Guerra das Estrelas”, e de “Pocahontas” com “O Gigante”, mistura igualmente imagem real e animação digital. Situa-se hipoteticamente em 2156, mas a verdade é que, se nada se fizer rapidamente, em termos ecológicos e militares, impondo limites decentes à ambição desmedida de (alguns) homens (infelizmente os mais poderosos, e não pelas melhores razões), muito poucas hipóteses teremos de chegar a essa data.

Deixando agora de lado o argumento, atentemos em toda a parafernália tecnológica que o reveste. Será necessária? Funciona como roupagem para “épater le bourgeois”? Creio que raras vezes a tecnologia se mesclou tão harmoniosamente com a história que quer contar. James Cameron sabia que precisava de alguns recursos técnicos para tornar plausível o seu projecto que esperou longos anos até ser concretizado. O resultado é deslumbrante. Sobretudo não há um plano desnecessário para “mostrar” a excelência dos efeitos, não existe um movimento excessivo para explorar as 3D. Tudo está lá porque é essencial, indispensável para o resultado final. A descrição de Pandora é admirável, de uma beleza sufocante e sufocante é um bom termo porque nos encontramos inscritos, emergidos na natureza, sentimos animais e flores, árvores e insectos, indígenas e carros de assalto a passarem a nosso lado de forma tão realista quanto fantástica. A criação em imagem virtual, digital, das paisagens, dos ambientes, das sugestões imagéticas é algo até agora nunca visto. A forma como são plasticamente criadas, como são iluminadas tridimensionalmente, como a luz as atravessa (efeito que as 3D acentua), é absolutamente entorpecedor, como se de uma viagem psicadélica se tratasse, em que o fascínio nos

Outras Terras,
Outras Gentes



conduzisse mansamente até ao efeito desejado. A partir de agora, desde que saímos da projecção de “Avatar”, Pandora existe algures, nem que seja só na nossa imaginação. Esse efeito de sugestão é brilhantemente conseguido, e, repetimo-lo, de forma absolutamente harmoniosa, sem se impor abusivamente, impondo-se antes subtilmente à medida que as imagens se sucedem e vamos mergulhando no seu turbilhão. Cameron consegue o prodígio de criar um universo fantástico e de o tornar “real”. Não que o saibamos real, mas porque o aspiramos utópico.

O mesmo se pode dizer das personagens, mais uma vez criadas pelo processo de “performance capture” que combina o corpo e a representação do actor com o revestimento da silhueta pela capa da animação. Jake, Neytiri ou a Dr.^a Grace são criações notáveis de um realismo-irrealista que é uma novidade absoluta em cinema, muito embora se saiba que esta técnica foi de certa forma aperfeiçoada por Peter Jackson para a sua trilogia “O Senhor dos Anéis”, e que muitos outros realizadores já a utilizaram (ainda há pouco Zemeckis, em “Conto de Natal”).

Refira-se que muitos dos efeitos especiais de “Avatar” foram criados pela celeberrima “Industrial Light & Magic”, de George Lucas, mas a “captura de movimento” dos avatares e dos indígenas de Pandora foi desenvolvida pela “Weta Digital”, de Peter Jackson, que a utilizou na construção da personagem Gollum, em “O Senhor dos Anéis”, e, mais tarde, na derradeira versão de “King Kong”.

Este é um filme importante, pois, por diversos motivos e uma aventura para os sentidos de quem o for ver no cinema. No cinema e preferencialmente em 3D. É como entrar num aquário e flutuar ao sabor da magia de um demiurgo que nos conduz por terras de sonho e, todavia, nos acorda, sobressaltados, para o futuro do nosso planeta e para os perigos das ingerências abusivas dos negócios sujos nas vidas dos povos.



James F. Cameron é canadiano de Ontário, filho de uma enfermeira e de um engenheiro electricista. Cresceu em Chippawa (agora Niagara Falls), estudou no Stamford Collegiate e mudou-se com a família para a Califórnia em 1971. Estudou filosofia na Universidade de Toronto, em 1973, e era visita frequente dos arquivos de filmes da University of Southern Califórnia. Aí se começou a interessar por cinema, ficando fã de “A Guerra das Estrelas IV” em 1977, quando a viu pela primeira vez. Dedicou-se então inteiramente ao cinema, abandonando a profissão de camionista de longo curso. Foi admitido como colaborador de Roger Corman, onde começa a aperfeiçoar um modelo de mini câmara e aprendeu a trabalhar com orçamentos mínimos (o que veio a contrariar no futuro!). Produziu o seu primeiro filme, “Battle Beyond the Stars” e, posteriormente, assinou os efeitos especiais numa obra de John Carpenter, “Fuga de Nova York”. Grande parte das suas principais obsessões estava traçada. Iniciou a carreira como realizador com “Xenogenesis” (1978), a que se seguiu “Piranha Part Two: The Spawning” (1981). “O Exterminador Implacável” (The Terminator, 1984), “This Time It’s War” (1985), “Aliens, O Resgate” (Aliens, 1986), “O Abismo” (The Abyss, 1989), “Exterminador Implacável 2: O Dia do Julgamento” (Terminator 2: Judgment Day, 1991), “A Verdade da Mentira” (True Lies, 1994) e “T2 3-D: Battle Across Time” (1996) foram os títulos que cimentaram uma carreira que lhe permitiu abalançar-se num dos filmes mais caros de sempre, “Titanic” (1997), e que foi, simultaneamente, o mais premiado de sempre nos Oscars e o mais rentável de sempre nas bilheteiras (até agora – veremos o que faz “Avatar”). Seguem-se filmes para televisão, “Earthship.TV” (2001), “Dark Angel - Freak Nation” (2002), “Expedition: Bismarck” (2002), “Ghosts of the Abyss” (2003) ou “Aliens of the Deep” (2005), enquanto se preparava para “Avatar” (2009). Tem em pré-produção um novo projecto, “Battle Angel” (que se anuncia para 2011).

AVATAR

Título original: Avatar

Realização: James Cameron (EUA, Inglaterra, 2009); Argumento: James Cameron; Produção: Brooke Breton, James Cameron, Jon Landau, Josh McLaglen, Janace Tashjian, Peter M. Tobbyansen, Colin Wilson; Música: James Horner; Fotografia (cor): Mauro Fiore; Montagem: James Cameron, John Refoua, Stephen E. Rivkin; Casting: Margery Simkin; Design de produção: Rick Carter, Robert Stromberg; Direcção artística: Todd Cherniawsky, Kevin Ishioka, Kim Sinclair; Decoração: Kim Sinclair; Guarda-roupa: Mayes C. Rúbeo, Deborah Lynn Scott; Maquilhagem: Rick Findlater; Direcção de Produção: Helen Clare, Mika Saito, Jennifer Teves, Brigitte Yorke; Assistentes de realização: Maria Battle-Campbell, Bruno Dubois, Sarah Lowe, Richard Matthews, Josh McLaglen, Steven Quale, Sharon Swab, Judith Wayers; Departamento de arte: C. Scott Baker, Luke Caska, Andrew Chan, Scott Herbertson, Joseph Hiura, Tammy S. Lee, Darryl Longstaffe, Karl J. Martin, Richard F. Mays, Michael Smale; Som: Christopher Boyes; Efeitos especiais: Karl Chisholm, Iain Hutton, Steve Ingram; Efeitos visuais: Laia Alomar, Malcolm Angell, Manasi Ashish, Dean Lewandowski, Brice Liesveld, Jennifer Loughnan, Steve Riera, Mahria Sangster, Bryan Searing, Wayne Stables, Colin Strause, Greg Strause, Guy Williams, Michael Zavala; Animação: Richard Baneham, Miguel A. Fuertes, Aldo Gagliardi, Scott Patton, Ben Sanders, Jarom Sidwell, Danny Testani; Companhias de produção: Twentieth Century-Fox Film Corporation, Dune Entertainment, Giant Studios, Ingenious Film Partners, Lightstorm Entertainment; **Intérpretes:** Sam Worthington (Jake Sully), Zoe Saldana (Neytiri), Sigourney Weaver (Dr. Grace Augustine), Stephen Lang (Coronel Miles Quaritch), Michelle Rodriguez (Trudy Chacon), Giovanni Ribisi (Parker Selfridge), Joel Moore (Norm Spellman), CCH Pounder, Wes Studi, Laz Alonso, Dileep Rao, Matt Gerald, Sean Anthony Moran, Jason Whyte, Scott Lawrence, Kelly Kilgour, James Pitt, Sean Patrick Murphy, Peter Dillon, Kevin Dorman, Nelson Henderson, David Van Horn, Jacob Tomuri, Michael Blain-Rozgay, Jon Curry, Julene Renee, Luke Hawker, Woody Schultz, Peter Mensah, Sonia Yee, Ilram Choi, Kyla Warren, Dean Knowsley, Nikie Zambo, etc. **Duração:** 162 minutos; Distribuição em Portugal: Castello Lopes Multimédia; Classificação etária: M/ 12 anos; Estreia em Portugal: 17 de Dezembro de 2009.

“Ervas Daninhas” em português pressupõe quase unicamente um significado pejorativo que tanto “Herbes Folles” (em francês) ou “Wild Grass” (em inglês) não comportam. Tanto em francês, no original do filme, como na sua tradução inglesa, as palavras “folle” e “wild” arrastam-nos para outros territórios mais de acordo com a intenção desta belíssima obra de Alain Resnais, que, aos 87 anos, ostenta uma clarividência de olhar, uma modernidade de escrita, uma vivacidade de espírito, uma alegria de viver e um humor contagiantes.

O filme parte de um romance de Christian Gailly, “L’Incident”, que foi saudado entusiasticamente aquando da sua saída em França. Um incidente, um acaso é o ponto de partida para uma história de amor no mínimo muito pouco habitual. Mas o que são histórias de amor habituais? Esta é “louca” sim, “selvagem” também, mas muito pouco daninha. Ou então as ervas daninhas têm de ser observadas sob um prisma muito diferente.

Por partes: Marguerite Muir (Sabine Azéma, mulher de Alain Resnais e uma das suas actrizes fetiches, nas últimas décadas), dentista de profissão e aviadora nos tempos livres (repare-se: tempos “livres”), vai a uma sapataria, comprar um par de sapatos. À saída roubam-lhe a mala. Georges Palet (André Dussollier, outro actor habitual em Resnais), de passado misterioso ou mesmo suspeito, ou então senhor de uma fértil imaginação, encontra a carteira, sem dinheiro mas com todos os documentos, junto ao seu carro, no parque de estacionamento de um centro comercial. Ele analisa os cartões, descobre que ela tem brevet de piloto de aviação e ele adora aviões. Mas não se encontram à primeira, nem à segunda, como este início de história pode fazer prever. Não. Ele põe a hipótese de telefonar a Marguerite, mas suspende o gesto e vai entregar a carteira no posto de polícia mais perto.

Outras Terras,
Outras Gentes



É então Marguerite a telefonar-lhe para lhe agradecer o gesto, a atenção. Ele, entretanto, exige mais, quer um encontro, tomar um café, quem sabe?, iniciar uma história de amor, ou simplesmente uma relação. De sexo. Ela nega-se, obviamente, ou não tão obviamente assim. Ele insiste, telefona, escreve, aparece, espia-a, fura-lhe os pneus do carro, impõe-se obsessivamente. Ela sente-se constrangida, resiste, ignora-o, revolta-se, vai à polícia não para apresentar queixa mas para pedir ajuda, uma palavra intimidatória. Depois aproxima-se, vai espera-lo à saída de uma sala de cinema, onde se projectam “As Pontes de Toko-Ri” (The Bridges at Toko-Ri), filme de 1954. Sentam-se numa mesa de um bistrô, falam, olham-se, caminham lado a lado pelo passeio. Na noite parisiense. Ele é casado. Ela não. Encontram-se e beijam-se apaixonadamente, sofregamente, mas este é o único contacto visível. Eles são mesmo ervas loucas ou selvagens que, tal como as ervas daninhas, irrompem nos locais mais invulgares. São essas ervas, como se vê logo nas imagens iniciais do filme, que rebentam com o alcatrão das avenidas e estradas e dão cor e vida ao cinzento dos pavimentos uniformizados. São elas que estalam com as estruturas estabelecidas, com os preconceitos, com o verniz das conveniências.

Claro que andam por aqui muitas referências ao “Petit Prince”, de Saint-Exupéry (Marguerite aparece com um fato que relembra a personagem, entre algumas outras alusões) e este é mais um facto a pesar na leitura final desta obra irónica e nostálgica, que mescla pessimismo e optimismo nas relações humanas, e que dá um retrato complexo e de uma singular elegância e despojamento, da condição humana, onde nada é perfeito, é certo, mas onde por vezes são as imperfeições que conferem graça e dão sentido à vida.

Profundamente literário na sua construção, com recurso frequente à voz de um narrador, ao pensamento ou aos diálogos em “voz off”, “Les Herbes Folles” é, todavia, um delicado e frágil objecto de arte cinematográfica que relembra a criatividade intensa de um autor que desde as curtas metragens do início de carreira nunca se acomodou a um modelo, mas investigou sempre nos terrenos da memória e do tempo, que nunca deixou de cruzar o tempo histórico e as paixões individuais, e que, apesar de ter surgido conjuntamente com a “nouvelle vague” nunca se identificou completamente com ela. Resnais é definitivamente de uma outra raça, dos criadores com um universo pessoal inconfundível. Ele cultiva desde há muito um jogo intenso que cruza contrários, a vanguarda e a cultura de massas, o drama dito “sério” e a loucura da “comédia de boulevard”, o musical e o puzzle de personagens e sentimentos. Do homem e da mulher, da História e da história.

Christian Gailly, descobrimo-lo na sua biografia, antes de escritor foi saxofonista. O seu romance evolui ao ritmo desses encontros e desencontros em que o jazz é fértil, nessa inspiração de momento, nesses improvisos que se estruturam e desestruturam de forma natural. Terá sido essa liberdade musical do texto literário que agradeceu a Resnais para dele extrair mais uma

labiríntica aventura cujo significado mantém aberto para os espectadores o completarem a seu conteúdo. Como é bonito e sugestivo um filme assim. Sofisticado e leve na aparência, denso e complexo na essência. Uma viagem no cockpit de um aeroplano ao sabor do vento da liberdade. Como o amor. Como a vida.

AS ERVAS DANINHAS

Título original: Les Herbes Folles

Realização: Alain Resnais (França, Itália, 2009); **Argumento:** Alex Reval, Laurent Herbiet, segundo romance de Christian Gailly (L'Incident); **Produção:** Jean-Louis Livi, Julie Salvador; **Música:** Mark Snow; **Fotografia (cor):** Eric Gautier; **Montagem:** Hervé de Luze; **Design de produção:** Jacques Saulnier; **Guarda-roupa:** Jackie Budin; **Maquilhagem:** Flore Masson; **Direcção de Produção:** Jérémie Chevret, Guy Courtecuisse, Philippe Roux; **Assistentes de realização:** Matthieu Blanchard, Nathalie Depose, Christophe Jeauffroy; **Departamento de arte:** Pierre-Emmanuel Chatiliez, Jacky Hardouin, Yvan Hart; **Som:** Nicolas Becker, Jean-Marie Blondel, Katia Boutin, Gérard Hardy; **Efeitos visuais:** Frederic Moreau, Sarah Moreau; **Companhias de produção:** F Comme Film, Studio Canal, France 2 Cinéma, BIM Distribuzione, Canal+ , TPS Star, Eurimages, Cinéimage 3, Centre National de la Cinématographie (CNC), Région Ile-de-France; **Intérpretes:** André Dussollier (Georges Palet), Sabine Azéma (Marguerite Muir), Emmanuelle Devos (Josephine), Mathieu Amalric (Bernard de Bordeaux), Anne Consigny (Suzanne Palet), Michel Vuillermoz (Lucien d'Orange), Edouard Baer (voz do narrador), Annie Cordy (a vizinha), Sara Forestier, Nicolas Duvauchelle, Vladimir Consigny, Dominique Rozan, Jean-Noël Brouté, Elric Covarel, Valéry Schatz, Stefan Godin, Grégory Perrin, Roger Pierre, Paul Crauchet, Jean-Michel Ribes, Nathalie Kanoui, Adeline Ishiomin, Lisbeth Mornet-Arazi, Françoise Gillard, Magaly Godenaire, Rosine Cadoret, Vincent Rivard, Dorothée Blank, Antonin Minéo, Emilie Jeauffroy, Isabelle Des Courtils, Candice Charles, Patrick Mimoun, Cédéric Deruytère, Olivier Martinaud, etc. **Duração:** 104 minutos; **Distribuição em Portugal:** Atalanta Filmes; **Classificação etária:** M/ 12 anos (Qualidade); **Estreia em Portugal:** 1 de Abril de 2010.

Outras Terras,
Outras Gentes



Aparentemente trata-se de um “thriller”, um filme de “suspense”, com crimes misteriosos e alguma espionagem. Não um “suspense” qualquer, mas daqueles que tem uma herança pesada: por aqui passa a sombra de Hitchcock e a sua pesada e lúgubre densidade. Móbida por vezes. Um “suspense” que atravessa o lado mais negro da condição humana e que se expressa por formas de uma angustiosa solidão e de tremenda perplexidade: afinal quem é quem neste jogo de máscaras?

Como se vê rapidamente, não estamos na presença de “mais um filme de acção e violência”, mas frente a uma obra de um dos maiores cineastas contemporâneos, um artista que reflecte sobre cada imagem e em cada imagem espelha o seu mundo e o mundo que o rodeia. Um autor, portanto. Um realizador que não permite imagens insignificantes, mas que as trabalha estilisticamente de forma a criar com elas um clima, um significado, uma orientação. Que interroga, que inquieta, que se insinua.

O título indica desde logo um caminho: o escritor fantasma. O que é um escritor fantasma? Alguém muito presente na actualidade dos mídias mas que, curiosamente, nunca se vê, não aparece. O seu talento maior é ser alguém que, existindo, e cumprindo funções chave, mantenha deliberadamente a invisibilidade, a troco de um bom pecúlio. Alguém que escreva as memórias de um primeiro-ministro, de um artista de cinema ou um cantor de sucesso, de um futebolista sensação ou da ex-amante de um dirigente desportivo. Alguém que é pago, bem pago, para não ser visto, nem citado, com óbvios e obscuros propósitos. O pagamento pode não ser em numerário, mas em dividendos políticos, económicos, ou outros com estes relacionados.

Outras Terras,
Outras Gentes



“O Escritor Fantasma” parte de um “best seller” de Robert Harris que o adaptou a cinema com a conivência do próprio cineasta, Roman Polanski. É expressa a referência a certos aspectos da vida política do ex-primeiro-ministro britânico Tony Blair, que foi um dos arautos da invasão do Iraque, e que, posteriormente, foi acusado de ser cúmplice de atentados graves à dignidade humana, permitindo extradições e torturas ilegais à luz do direito internacional.

Mas onde “The Ghost Writer” começa a ter verdadeiro interesse é na forma como Polanski manipula material estritamente cinematográfico para, através dele, nos oferecer uma inquietante e perturbadora visão do mundo actual. Nesse particular, “O Escritor Fantasma” inicia-se de forma brilhante, introduzindo de imediato no espectador um invulgar clima de insegurança e desconfiança: num “ferry boat” que liga ao continente americano a ilha onde se refugia o ex-primeiro-ministro inglês, acabada a viagem, depois de saírem todos os carros e passageiros, um automóvel permanece, imóvel, sem tripulante. Não nos é dada nenhuma explicação, mas o facto de o carro ser puxado para fora do barco e colocado no cais, sob investigação policial, deixa prever as piores suspeitas. Sabe-se depois que este é o carro de alguém que trabalhava numa pseudo autobiografia de Adam Lang, antigo primeiro-ministro britânico (Pierce Brosnan), e que desapareceu, sendo posteriormente encontrado cadáver, numa praia próxima. Acidente? Suicídio? Estas são apenas as duas hipóteses colocadas, quando a editora encarregue de publicar o livro procura novo “ghost writer” para terminar a obra deixada inacabada. É aí que aparece um novo “escritor fantasma”, de que criteriosamente nunca se sabe o nome (o actor é Ewan McGregor), que toma em mãos o projecto. Tem um mês para terminar a tarefa, e um bom cheque para receber no final. Iniciada a empreitada, em sessões que se sucedem, no apalaçado bunker construído

Outras Terras,
Outras Gentes

sobre a praia, com periódicas interrupções provocadas por viagens entre os EUA e Inglaterra, o novo “escritor fantasma” vai-se deparando com algumas dúvidas, mistérios, coincidências, segredos, imprecisões e sobretudo dificuldades de comunicação com o seu biografado, quando este começa a ser publicamente acusado de ser um “criminoso de guerra” e ameaçado de julgamento internacional pelo seu comportamento durante a guerra do Iraque. O próprio ministro dos negócios estrangeiros, ex-colaborador de Adam, se insurge contra o seu anterior primeiro-ministro. Manifestações de rua, algumas das quais à porta da sua própria residência na ilha, tornam a existência de todos muito mais conflituosa e o trabalho do escritor penoso, sobretudo por que tudo o que lê no anterior esboço da biografia se lhe afigura cada vez mais duvidoso.

Da janela do quarto onde trabalha, através de uma rasgada vidraça que funciona no filme como um ecrã dentro do próprio ecrã, o “escritor fantasma” assiste a passeios da mulher de Adam, às vigílias dos guardacostas, à espinhosa tarefa do jardineiro, ao tentar varrer e recolher do chão as folhas das árvores que explodem em várias direcções, impelidas por um forte temporal. É difícil executar certas tarefas, percebe-se. Assim como é difícil reunir folhas de uma biografia encomendada com fins políticos evidentes. E estas folhas também se arriscam a voar sem destino certo. Levadas aqui pelo vento da História, escrita quase sempre pelos vencedores.

Outras Terras,
Outras Gentes

Um biografado, um “escritor fantasma” desaparecido, descobre-se depois que assassinado por ser “um homem que sabia demais”, um novo “escritor fantasma”, ou seja, as máscaras vão-se sobrepondo, como o intuito de se re-descrever a História. Re-descrever a História, ou não atingir a verdade. O que o leitor, o espectador, o cidadão conhece é o que lhe chega de uma realidade manipulada. Nada é o que parece, nada parece o que é. Quem escreve, não assina, quem assina não escreve. O que se lê não é a verdade. No interior do esboço desenvolvido pelo primeiro “escritor fantasma” encontra-se um código secreto que remete para um segredo bem guardado. O manuscrito que entregam na editora ao novo “escritor fantasma”, e que logo a seguir lhe roubam na rua, não é o que parece ser, mas um isco. Um eminente professor universitário será apenas isso? Quem é, na verdade, Adam Lang? Quem é a mulher deste, que silêncios se encerram nesta dupla vida de casal de uma aparente harmonia? Quais as intenções do ministro dos negócios estrangeiros, ao vir à televisão desolidarizar-se com o passado de Adam, e quais os seus intentos ao elogiá-lo, no final do filme?

Alguma vez o cidadão eleitor sabe em quem vota quando deposita o seu desejo na urna eleitoral? Que sociedade é esta onde impera a aparência e a máscara? Ao crime responde-se com o crime? Qual será então a legitimidade de uma democracia que devia cumprir escrupulosamente as regras definidas na Constituição e as subverte? Poderíamos fazer muitas mais perguntas, mas aí iremos estragar o prazer do espectador, entrando por pormenores da intriga que se impõe preservar. Mas pode referir-se



que o ambiente é sinistramente glacial e que a arte de Polanski é total ao trabalhar os planos para nos transmitir essa inquietação progressiva, esse “suspense” em crescendo, que nos recorda muitas vezes o melhor de Hitchcock.

Com um classicismo de narrativa esmerado, enquadramentos soberbos, que remetem para a mais profunda solidão e angústia (um hotel perdido num cais, uma praia deserta, um macilento quarto de hotel, bares inóspitos...), uma progressão dramática invulgarmente bem conseguida e sustentada no limite da ansiedade mais opressiva, “The Ghost Writer” é não só um brilhante exercício de estilo, como uma meditação extremada sobre a sociedade moderna e os seus vícios. A fotografia de Pawel Edelman associa-se para a criação dessa atmosfera melancólica e fantasmática, mantendo a ameaça de conspiração que paira desde o primeiro instante até à última sequência. As interpretações de Ewan McGregor (o “escritor fantasma”), Pierce Brosnan (Adam Lang), Olivia Williams (Ruth Lang), Kim Cattrall (Amelia Bly), Tom Wilkinson (Paul Emmett), Eli Wallach (um velho na praia), entre outros, são notáveis de rigor e contenção, de frieza e interioridade.

Outras Terras,
Outras Gentes

O ESCRITOR FANTASMA

Título original: *The Ghost Writer*

Realização: Roman Polanski (Inglaterra, França, Alemanha, 2010); Argumento: Roman Polanski, Robert Harris, segundo romance deste último (“The Ghost”); Produção: Robert Benmussa, Timothy Burrill, Christoph Fisser, Oliver Lüer, Henning Molfenter, Roman Polanski, Alain Sarde, Charlie Woebcken; Música: Alexandre Desplat; Fotografia (cor): Pawel Edelman; Montagem: Hervé de Luze; Casting: Fiona Weir; Design de produção: Albrecht Konrad; Direção artística: Cornelia Ott, David Scheunemann, Steve Summersgill; Decoração: Katharina Birkenfeld, Bernhard Henrich; Guarda-roupa: Dinah Collin; Maquilhagem: Didier Lavergne, Kyra Panchenko; Direção de Produção: Daniel Champagnon, Guy Courtecuisse, Gabriele Lins, Joan Meister, Jane Robertson; Assistentes de realização: Joe Barlow, Ola Czarniecka, Sophie Le Guénédal, Felix Enno Ludewig, Allan Rafael, Ralph Remstedt, Caroline Veyssière; Departamento de arte: Henning Brehm, Michael Fissneider; Som: Thomas Desjonquères, Guillaume D’Ham, Michel Monier, Sandy Notarianni; Efeitos especiais: Roland Tropp, Lutz Zeidler; Efeitos visuais: Denis Behnke, Olivier Debert, Jens Dunkel, Carine Gillet, Thierry Grizard, Frederic Moreau; Companhias de produção: R.P. Productions, France 2 Cinéma, Elfte Babelsberg Film, Runteam; **Intérpretes:** Ewan McGregor (escritor fantasma), Jon Bernthal (Rick Ricardelli), Kim Cattrall (Amelia Bly), Pierce Brosnan (Adam Lang), Olivia Williams (Ruth Lang), Timothy Hutton (Sidney Kroll), Tim Preece (Roy), James Belushi (John Maddox), Tom Wilkinson (Paul Emmett), Anna Botting, Yvonne Tomlinson, Eli Wallach, Milton Welch, Tim Faraday, Alister Mazzotti, Marianne Graffam, Kate Copeland, Soogi Kang, Lee Hong Thay, John Keogh, Jaymes Butler, Hans-Peter Sussner, Stuart Austen, Morgane Polanski, Andy Güting, Robert Wallhöfer, Glenn Conroy, Robert Seeliger, David Rintoul, Clayton Nemrow, Julia Kratz, Nyasha Hatendi, Daphne Alexander, Angélique Fernandez, Anne Wittman, Robert Pugh, Michael S. Ruschensky, Mo Asumang, Sylke Ferber, Desirée Erasmus, Errol Shaker, Errol Trotman-Harewood, Talin Lopez, Joel Kirby, Regine Hentschel, Jeff Burrell, Daniel Sutton, Eben Young, etc. **Duração:** 128 minutos; Distribuição em Portugal: Zon Lusomundo Audiovisuais; Classificação etária: M/ 12 anos; Estreia em Portugal: 15 de Julho de 2010.

Estamos na América, mas poderíamos estar “no mundo”. Há um homem e uma criança, pai e filho, a percorrer estradas, rumo ao Sul. Mas não há um homem e uma criança apenas. Esse homem e essa criança são mais do que um homem e uma criança. Se fossem só isso teriam nomes Mas não os ostentam. São “o” Homem, “a” Criança. Símbolos exemplares de uma parte da Humanidade. De uma Humanidade que colapsou sabe-se lá por quê e como e quando. Estamos num planeta destruído, onde ainda se vão verificando réplicas de tremores de terra que transformam a terra que pisamos num mar agitado. Conflito natural, ou bomba nuclear? Terramoto ou atentado? O que se sabe é que a Terra é um lugar perigoso, muito perigoso, infestada por homens maus, que um homem e uma criança bons procuram evitar, e “chegar ao Sul”. O que divide os “good guys” dos “bad guys”, se todos eles têm fome e frio, vivem ao abandono e sobrevivem vegetando? Uns são canibais e os outros não, teimam em não se alimentarem de carne humana. Uns e outros vão morrer. Alguns suicidam-se para não enfrentar o dilema, a escolha. Os que ficam ou resistem na sua humanidade ou prevaricam na sua desumanidade. Restos humanos são encontrados aqui e ali, caveiras espetadas em estacas ornamentam jardins secos de vida, crianças servem-se grelhadas como pitéus apetecíveis, há mesmo dispensas de carne viva, caves que mais parecem galinheiros onde, à falta de galináceos, se guardam pessoas para serem comidas mais tarde. Quando chegar o momento e o frio do inverno apertar. Neste mundo, as árvores erguem-se mortas ou caem ruidosamente sobre a terra. Secas.

Outras Terras,
Outras Gentes



Exaustas. As cidades estão desertas, ou quase, pois se pode adivinhar a cada esquina um caçador faminto em busca do que quer que seja que o alimente por mais uns dias, ou de um par de sapatos para os pés em chaga, ou de um cobertor para o proteger do ar gélido e na neve que cai. As estradas estendem-se sem fim na desolação do vazio ou da destruição mais completa e seriam terreno fácil de calcorrear, mesmo puxando um carrinho de supermercado, com os únicos haveres possíveis de transportar, se não existisse por todo o lado o perigo do “outro homem”, da ameaça latente nos olhos com que se confrontam. Uma ameaça que pode vir de um camião em lento andamento rodeado por predadores esfomeados, ou de um ladrão fortuito, ou de uma família de canibais, ou do simples medo que se interioriza até também ele corroer os ossos.

Como se terá chegado aqui, a este extremo?

(Sem sequer o imaginar, Cormac McCarthy na escrita, e depois o realizador australiano John Hillcoat no cinema, antecipavam imagens e sentimentos que se projectam de Port-au-Prince, no Haiti).

“Nós somos os bons, nós não comemos pessoas, pois não?”, pergunta o filho ao pai, para se certificar pela milionésima vez que são diferentes. O pai responde sempre que não e vai afirmando que tudo está bem, que não se chegar ao Sul, á terra das “pessoas boas”. Curiosa regressão, ou inversão, no ideário americano, habituado a ir para Oeste, em busca de novas fronteiras, e para Norte, para a industrialização e o progresso. Terá sido a ideia de novas fronteiras e a sugestão de progresso que conduziram o mundo ao apocalipse? Será a descida para Sul, para o mar (“desculpa, não é azul, como te tinha prometido”, justifica-se o pai), o regresso ao passado rural e mais de acordo com a harmonia do homem com a natureza?

Um pai e um filho, numa paisagem inóspita, num mundo atroz, numa terra que escorre sangue, num território sem lei (recordando o farwest



dos filmes de cowboys, onde as armas impunham a lei, tal como aqui, só sobrevive quem tem uma arma), caminham para Sul. São sobreviventes de algo de catastrófico, de um terror imenso que paira sobre a América do pós-11 de Setembro. Caminham com base num velho mapa, sem outras coordenadas que não seja a intuição. Palmilham quilómetros sem outra convicção que não seja uma esperança absurda numa remota hipótese de que nem toda a humanidade tenha desaparecido no coração dos homens. As areias das praias de Leste e o prometido aroma das terras do Sul são o destino.

“Naqueles primeiros anos, as estradas estavam cheias de refugiados amortalhados nas suas roupas. Usavam máscaras e óculos de protecção, sentados na berma com os seus andrajos no corpo, quais aviadores reduzidos à indigência. Traziam carrinhos de mão a abarrotar de bugigangas, puxavam carroças ou reboques. De olhos a brilhar no crânio. Carapaças de homens sem uma réstia de fé aos tropeções pelos viadutos, como bandos migratórios numa terra febril. A fragilidade das coisas enfim revelada.” (in “The Road”).

Esta a obra de Cormac McCarthy, escrita numa linguagem descarnada e despida de ornamentos, tão seca e inóspita quanto a paisagem que descreve e os sentimentos que retrata. Uma escrita de que já se conhecia a rudeza e a limpidez de outras obras, mas que não deixa de surpreender pela secura. Um grande romance que valeu, em 2007, o Prémio Pulitzer ao seu autor, o escritor de que um outro romance já servira de base ao fabuloso filme dos irmãos Cohen, “Este País não é para Velhos” (“No Country for Old Men”).

O introspectivo e solitário Cormac McCarthy, avesso a entrevistas e aparições públicas, é, hoje em dia, considerado um dos grandes da moderna literatura norte-americana, colocado apenas ao lado de Philip

Outras Terras,
Outras Gentes



Roth, Don DeLillo e Thomas Pynchon (foi o crítico literário Harold Bloom quem o afirmou). A sua carreira já conta com mais de quarenta anos, ao longo dos quais publicou dez romances, alguns editados em Portugal, “O Guarda do Pomar” (The Orchard Keeper, 1965), “Filho de Deus” (Child of God, 1974), “Belos Cavalos” (All the Pretty Horses, 1992), “Meridiano de Sangue” (Blood Meridian, or the Evening Redness in the West, 1985), “Este País Não é Para Velhos” (No Country for Old Men, 2005), “A Estrada” (The Road, 2006) e “Suttree” (1979). Os outros são “Outer Dark” (1968), “The Crossing” (1994) e “Cities of the Plain” (1998), além de duas peças de teatro, “Sunset Limited”, “The Stonemason” (1995). Não há complacências neste olhar angustiado e algo desesperado sobre o futuro do homem, mas a posição metafísica e a mitologia religiosa do autor nunca deixam de acenar na perspectiva de uma regeneração do Homem, de uma qualquer esperança, que até pode ser o nome de um barco encalhado junto à costa.

Cormac McCarthy não é novo no cinema, ainda que o seu universo só muito recentemente tenha começado a interessar a indústria cinematográfica. Diga-se que os seus romances não são o que normalmente se adapta bem a rentáveis produtos audiovisuais e nem a sua intransigência de trato se presta muito a compromissos. Mas já escrevera um argumento original para televisão, para um episódio da série “Visions” (1977), que tinha como título “The Gardener’s Son”, dirigido por Richard Pearce. Depois, em 2000, Billy Bob Thornton adaptara a cinema “All the Pretty Horses” (“Espírito Selvagem”), antes dos Cohen o tornarem célebre com a sua magnífica versão de “Este País não é para Velhos” (“No Country for Old Men”, 2007). Há ainda a referir uma curta-metragem de Stephen Imwalle, retirada de “Outer Dark”, em 2009. Agora “A Estrada” (2009) e já se anunciam “Blood Meridian” (2011), uma realização e adaptação de Todd Field, o mesmo que nos dera em 2006, “Pecados Íntimos”, “Little Children”, e ainda uma versão de “Cities of the Plain”, escrita e dirigida por Andrew Dominik (o realizador de “O Assassínio de Jesse James pelo Cobarde Robert Ford” (2007)), e prevista para 2012. Finalmente, “The Sunset Limited” está a ser adaptado a televisão, por Tommy Lee Jones (2010). Tarde descoberto, mas depressa recuperado pela indústria, pode dizer-se.

Se “Este País não é para Velhos” era uma obra notável, recriando sabiamente personagens situações e clima de Cormac McCarthy, “A Estrada” não andarà longe, dado que recupera com grande fidelidade o espírito do romance, recriando-o numa atmosfera demencial de destruição e solidão, com excelente direcção artística, uma óptima escolha de locais de filmagem (na Pensilvânia, em redor do lago Erié e em zonas mineiras, na Luoisiana batida pelo furacão Katrina, e ainda no Oregon), uma fotografia densa e dramática, e um envolvimento sonoro que, mesmo para um admirador de Nick Cave, se tenha mostrado um pouco excessiva, mas, como sempre, de grande qualidade.

John Hillcoat é australiano (nasceu em 1961, em Queensland), onde iniciou a carreira de argumentista e realizador. Documentários e vídeo cliques (1)

foram a base da sua filmografia inicial, com uma colaboração íntima com Nick Cave que se estende até hoje (“The Road” tem banda sonora assinada por ele). Os seus filmes foram “Ghosts... of the Civil Dead” (1988), “To Have & to Hold” (1996), “Nick Cave and the Bad Seeds: Babe, I’m on Fire” (2003), “The Proposition” (2005), único conhecido do público português, com o título “Escolha Mortal”, e agora “A Estrada” (2009).

Para interpretar as duas figures centrais, sobre as quais repousa toda a duração do filme, Hillcoat escolheu dois actores excelentes, o rigoroso Viggo Mortensen, que se auto domina de filme para filme com um brilhantismo inexcelável, e o jovem Kodi Smit-McPhee, surpreendente na sua contribuição. Em pequenos papeis, Charlize Theron consegue emocionar em duas ou três cenas, Robert Duvall é precioso de concisão e Guy Pearce, a imagem requerida da esperança na continuação dos “homens bons”.

O filme não é pèra doce de consumo fácil, amarga na recordação de quem o vê, mas é um impressionante sintoma de uma época de mau estar que urge não perder de vista. Sob pena de um dia nos encontrarmos todos nessa mesma “estrada” sem fim.

Outras Terras,
Outras Gentes

(1) Vídeos: Siouxsie and the Banshees – “Stargazer” (1995), Manic Street Preachers – “Australia” (1996), Bush – “Personal Holloway” (1997), Placebo - “You don’t care about us” (1998), “Therapy? - Church of Noise” (1998), “Therapy? - Lonely, Cryin’ Only” (1998), Depeche Mode – “I Feel Loved” (2001), “Freelove” (2001) e “Goodnight Lovers” (2002). “Gemma Hayes - Hanging Around” (2002), “Nick Cave and the Bad Seeds - Babe I’m On Fire” (2003), AFI - “Silver and Cold” (2003). Documentários: “The INXS: Swing and Other Stories” (1985), “Alleys and Motorways” (1997) – “Documentary of the band Bush e Digital Hardcore Vídeos (2001).

A ESTRADA

Título original: The Road

Realização: John Hillcoat (EUA, 2009); Argumento: Joe Penhall, segundo romance de Cormac McCarthy; Produção: Paula Mae Schwartz, Steve Schwartz, Nick Wechsler, Marc Butan, Mark Cuban, Erik Hodge, Rudd Simmons, Todd Wagner; Música: Nick Cave, Warren Ellis; Fotografia (cor): Javier Aguirresarobe; Montagem: Jon Gregory; Casting: Francine Maisler; Design de produção: Chris Kenedy; Direção artística: Gershon Ginsburg; Cenário: Robert Greenfield; Guarda-roupa: Margot Wilson; Maquilhagem: Mandi Crane, Rocky Faulkner, Toni G, Deborah Patino, Yoichi Art Sakamoto, Jennifer Santiago, Geordie Sheffer; Director de produção: Buddy Enright, Michelle Krumm, Jamey Pryde; Assistente de realização: Vernon Davidson, Ryan Kraysler, John Nelson, Karen Radzikowski; Departamento de Arte: Edgar Um Bucholtz, Robert Greenfield III, Charles Miller, Mary O’Brien, Joseph Waterkotte; Som: Leslie Shtatz; Efeitos Especiais: David Fletcher, Ken Gorrell, Thomas Kittle; Efeitos visuais: Joseph DiValerio, Mark O. Forker, John Karner, Adica Manis, Eric J. Robertson, Robert Stromberg; Companhias de Produção: Dimension Films, 2929 Productions, Nick Wechsler Productions, Chockstone Pictures, Road Rebel; **Intérpretes:** Viggo Mortensen (Homem), Kodi Smit-McPhee (Rapaz), Robert Duvall (Velho), Guy Pearce (Veterano), Molly Parker (Mãe), Michael K. Williams (Ladrão), Garret Dillahunt (Membro de Gang), Charlize Theron (Mulher), Bob Jennings, Agnes Herrmann, Buddy Sosthand, Kirk Brown, Jack Erdie, David August Lindauer, Gina Preciado, Mary Rawson, Jeremy Ambler, Chaz Money Penny, Kacey Byrne-Houser, Brenna Roth, Jarrod DiGiorgi, Mark Tierno, Nick Pasqual, etc. **Duração:** 111 minutos; Classificação etária: M/ 16 anos; Distribuição em Portugal: Zon Lusomundo Audiovisuais; Estreia em Portugal: 7 Janeiro 2010.

Siciliano de Palermo, onde nasceu em 1971, Luca Guadagnino é uma das grandes revelações do cinema italiano destes anos mais próximos. Para nós é um quase desconhecido, mas a verdade é que assina longas-metragens desde finais da década de 90: “Qui” (1997), “The Protagonists”, que conheceu algum sucesso na época (1999), “L’Uomo Risacca” (2000), “Sconvolto Così” (2001) “Tilda Swinton: The Love Factory” (2002) “Mundo Civilizado” (2003) “Cuoco Contadino” (2004), “Melissa P.” (2005), até chegar a este “Io Sono l’Amore” (2009). Prepara “Trafficking” e “Suspiria”. Não deixaremos de ter a atenção virada para o seu trabalho futuro (e passado, se nos for dada a oportunidade).

Na verdade, “Eu sou o Amor” é um filme deslumbrante a vários níveis. Pela sensibilidade e pudor com que retrata emoções íntimas, pelo rigor e subtilidade com que desenha ambientes humanos, pela inteligência crítica, lucidez e rigor com que analisa questões sociais, pela forma como escolhe cenários e neles faz habitar as suas personagens, pela magnífica direcção de actores. “Eu sou o Amor” pode bem ser um filme sobre o amor, a sua negação e a sua afirmação, mas ao mesmo tempo é um filme sobre conflitos de classe. É uma observação discreta da luta dos opostos, da tradição e da modernidade, da aristocracia burguesa da alta indústria milanesa e da pequena burguesia rural, dos mundo dos negócios e o da arte, da velhice e da juventude, do conservadorismo moral e dos novos valores de uma ética contemporânea, do amor perdido e do amor reencontrado.

Tudo se passa quase em dois únicos cenários. De um lado, a majestosa Villa Recchi, pertencente a uma família de industriais de Milão, que nesse dia comemora mais um aniversário do patriarca que ergueu um império,

Outras Terras,
Outras Gentes



e cuja direcção, por força da avançada idade, vai legar a um filho e, surpreendentemente, a um neto. É o filho Tancredi, marido de Emma, e pai de Elisabetta, Edoardo e Gianluca, que recebe com pompa e circunstância o velho industrial para um jantar ritualista, pomposo, demorado, onde tudo parece correr sobre rodas amaciadas pelo tempo e oleadas por uma esmerada educação. O tempo é circunspecto, os gestos meticulosos, a situação grave. Este é o protótipo das “grandes famílias” com tradição e orgulho no passado.

Emma, a mulher, figura hierática, ordenada, que tudo controla de perto e à distância, tem origem russa, mas parece perfeitamente integrada na vida da sociedade e da família que a acolheram.

Antônio, jovem amigo de Edoardo, corredor de velocidade como ele e chefe de cozinha, surge com um bolo de aniversário que oferece à festa, sem nela se imiscuir. Parte, mas deixa um rasto. Acaba de ganhar uma corrida a Edoardo, vitória que este acha inteiramente justa, mas que a família olha de forma enviesada: naquela família só há vencedores. Antonio vem de uma outra classe social, representa um outro tipo de valores, uma outra ordem (ou desordem), aspira a outros ambientes, e introduz uma nota de um erotismo forte, até aí escamoteado nesta fria e distante família. Emma é seduzida por essa personagem que assimila sensualidade e elegância, virilidade e criatividade. O resto, é melodrama sentimental, mas com ressonância viscontineana, tendo por pano de fundo um vasto e meticuloso painel da sociedade italiana, regida por um destino que vai buscar influência à ópera. O filme joga limpidamente com a imagem para nos fazer ver o que está por detrás dos gestos, das palavras, dos silêncios, dos olhares, consegue a magia de tornar claro tudo o que quer dizer, sem nunca o verbalizar, sem qualquer demagogia, despertando no espectador o prazer da descoberta.

Outras Terras,
Outras Gentes





Outras Terras,
Outras Gentes

Tilda Swinton é magnífica, quer na sobriedade, quer no arrebatamento, mostrando mais uma vez a excelente atriz que é. Bem acompanhada, aliás, por todo o elenco, de um comedimento e eficácia totais. Deve referir-se ainda o cenário, essa Villa Recchi (na verdade a Villa Necchi Campiglio, do centro de Milão), que o realizador tão bem aproveita e enquadra de forma clássica, e que a fotografia de Yorick Le Saux saboreia com voluptuosidade.

EU SOU O AMOR

Título original: *Io Sono l'Amore* ou *I Am Love*

Realização: Luca Guadagnino (Itália, 2009); **Argumento:** Luca Guadagnino, Barbara Alberti, Ivan Cotroneo, Walter Fasano; **Produção:** Carlo Antonelli, Silvia Venturini Fendi, Christopher Granier-Deferre, Luca Guadagnino, Francesco Melzi d'Eril, Marco Morabito, Viola Prestieri, Tilda Swinton, Alessandro Usai, Massimiliano Violante, Candice Zaccagnino; **Música:** John Adams; **Fotografia (cor):** Yorick Le Saux; **Montagem:** Walter Fasano; **Casting:** Jorgelina Depetris Pochintesta, Francesco Vedovati; **Design de produção:** Francesca Balestra Di Mottola; **Decoração:** Monica Sironi; **Guarda-roupa:** Antonella Cannarozzi; **Maquilhagem:** Manolo García, Fernanda Perez; **Direcção de produção:** Gennaro Formisano, Giulia Maura; **Assistentes de realização:** Cinzia Castania, Stefano Mordini, Alessandro Stellari, Berenice Vignoli, George Walker; **Departamento de arte:** Nadine Herrmann; **Som:** Francesco Liotard, Riccardo Spagnol; **Efeitos visuais:** Stefano Marinoni, Federica Nisi, Paola Trisoglio; **Companhias de produção:** First Sun, Mikado Film, Rai Cinema, La Dolce Vita Productions, Pixeldna, Ministero per i Beni e le Attività Culturali (MiBAC); **Intérpretes:** Tilda Swinton (Emma Recchi), Flavio Parenti (Edoardo Recchi Jr.), Edoardo Gabbriellini (Antonio Biscaglia), Alba Rohrwacher (Elisabetta Recchi), Pippo Delbono (Tancredi Recchi), Diane Fleri (Eva Ugolini), Maria Paiato (Ida Roselli), Marisa Berenson (Allegra Recchi), Waris Ahluwalia, Gabriele Ferzetti, Martina Codecasa, Mattia Zaccaro, etc. **Duração:** 120 minutos; **Distribuição em Portugal:** Ecofilmes/Vitória Filme; **Classificação etária:** M/ 12 anos; **Estreia em Portugal:** 20 de Maio de 2010.

“Green Zone” prolonga a trajectória de Paul Greengrass e fá-lo de forma muito inteligente, sem perder o brilho de um filme de acção bem conduzido. Inglês que apareceu na longa-metragem em inícios da década de 90, Greengrass começou a dar que falar, sobretudo, a partir de 2002, com “Domingo Sangrento” (Bloody Sunday), a que se seguiram três obras que o impuseram internacionalmente. “Voo 93” (2006), sobre o célebre voo do United 93, um dos aviões sequestrados no fatídico 11 de Setembro de 2001, que se despenhou junto de Shanksville, na Pensilvânia, depois de abortadas as intenções dos terroristas pelo corajoso empenhamento dos passageiros, e “Supremacia” (The Bourne Supremacy, 2004) e “Ultimato” (The Bourne Ultimatum, 2007), ambos incluídos na trilogia de Jason Bourne, partindo de romances de espionagem de Robert Ludlum. Encontra-se nesta altura em fase de pré-produção o seu próximo trabalho, “They Marched Into Sunlight”, cuja estreia está prevista para 2013. O argumento parte de um premiado romance de David Maraniss, que descreve a batalha de Ong Thanh, ocorrida em 17 de Outubro de 1967, durante a Guerra do Vietname, na qual os soldados do 2º Batalhão da 28ª Infantaria dos EUA foram emboscados e dizimados pelo exército vietcongue.

Outras Terras,
Outras Gentes

Como se pode ver, Paul Greengrass tem uma carreira particularmente coerente, desenvolvendo um tipo de projectos que conciliam o cinema político, de discussão de ideias e de factos directamente relacionados com a realidade política, e um cinema espectáculo, de acção envolvente e de garantido “suspense”. Os resultados até agora têm sido bastante positivos, agradando ao grande público e não criando bolsas de resistência entre as plateias mais exigentes, que se sentem estimuladas por este cinema simultaneamente popular e de inteligente debate.



“Green Zone” é isso mesmo. Continuação de “Voo 93”, agora em território do Iraque invadido por Bush depois de 11 de Setembro, e das intrigas de espionagem internacional de Jason Bourne (até o protagonista é o mesmo, Matt Damon).

Iniciada a invasão do Iraque para deposição do regime de Saddam Hussein, sob o pretexto de que este detinha no seu território “armas de destruição maciça”, as forças armadas norte-americanas percorrem o Iraque em busca das tão apregoadas armas, nada encontrando. Há mesmo uma unidade especial, destacada com esse fim, de que faz parte o sargento Roy Miller (Matt Damon), que, depois de, por diversas vezes, pôr em risco os efectivos da sua unidade, sem qualquer utilidade prática, resolve investigar por conta própria o que realmente se passou e que terá levado a esta situação absolutamente traumatizante para a consciência colectiva de um povo e criminosa para a população do Iraque e para as próprias tropas dos EUA.

De indício em indício, Roy Miller descobre que o Pentágono sempre esteve particularmente interessado em invadir o Iraque e depor o ditador, e tinha encontrado um pretexto no 11 de Setembro. Um político mais arrivista e um “yes man” de Bush, Clark Poundstone (Greg Kinnear), fará parte do jogo sujo inicial, encontrando-se com o general Al Rawi, um oficial iraquiano do governo de Hussein (precisamente “a terceira carta” do baralho que então circulava), a quem terá perguntado sobre a existência de armas de destruição em massa. Este terá negado essa realidade, mas o que se propagou pela imprensa norte-americana e internacional foi precisamente o contrário. Isto é, a versão enganosa e manipulada, que lançava a ameaça de armas nucleares e bacteriológicas. Uma jornalista, Lawrie Dayne (Amy Ryan), que teve acesso às engendradas e infundadas informações fornecidas por Poundstone, resolve publicá-las sem anteriormente se ter certificado da sua veracidade e intoxica assim a opinião pública. Esta jornalista, que, apesar de tudo, começa a ter



problemas de consciência e se preocupa em repor a verdade, não andar muito longe do retrato de uma outra jornalista, esta não de ficção, mas bem real, e premiada com o Pulitzer pelo seu trabalho sujo, Judith Miller, do “New York Times”. Jornalista que enfrentou vários casos “estranhos” e foi acusada de ser veículo privilegiado da direita dita falcão e do grupo de George W. Bush, Condoleezza Rice, Dick Cheney, Colin Powell e Donald Rumsfeld.

Mas o filme vai mais longe e mostra também como os EUA tentam colocar no poder no Iraque um homem da sua confiança, mas de total desconfiança dos iraquianos, desenvolvendo discretas aproximações a este tema, bem assim como à presença do petróleo no Iraque, na verdade a grande causa da guerra. Esta referência quase não é dita, mas fica explícita quando, no final do filme, Roy Miller, regressando a casa, passa por refinarias que vai deixando para trás, e que afinal terão sido a grande razão para mais esta aventura norte-americana. Muito curiosa é ainda a introdução de um iraquiano que coopera com americanos, não como traidor ao seu povo, mas como alguém que luta por um ideal de libertação do seu país. Curiosamente, quase no final do filme, ele dirá: “Não são os americanos que vêm ao nosso país dizer o que nós, iraquianos, devemos fazer.”

Partindo de uma obra de Rajiv Chandrasekaran (“Imperial Life in the Emerald City: Inside Iraq’s Green Zone”), o argumento de Brian Helgeland (que escreveu igualmente o recente “Robin Hood”, 2010, mas já nos dera inúmeros trabalhos muito interessantes, entre os quais justo será destacar “Homem em Fúria”, 2004, “Mystic River”, 2003, “Teoria da Conspiração”, 1997, ou “Los Angeles Confidencial”, 1997), é bastante bem desenvolvido, nunca deixando de ter em conta que é um filme de acção e “suspense”, que tem de prender os espectadores ao seu desenrolar, mas jamais permitindo igualmente que o lado espectacular ponha em causa a sua credibilidade política e as ideias que defende e procura expor, debater e tornar perceptíveis. Matt Damon é muito bom, na sua sobriedade e vigor contido, e Brendan Gleeson, no papel de um tradicional e desconfiado agente da CIA, que trabalha segundo uma linha de eficácia que o leva a aceitar colaborar com um antigo coronel de Saddam Hussein, mas não aceita os métodos dos tecnocratas que não olham a meios para conseguirem os fins, é igualmente excelente. O próprio Greg Kinnear, no odioso Clark Poundstone, nos surpreende pela pouca visibilidade que tem tido nos últimos anos, ele que é um actor de tão bons recursos. Excelente é também Khalid Abdalla, um estropiado Freddy, que simboliza todo um povo. Barry Ackroyd, que já havia assinado a fotografia de “Estrado de Guerra”, de Kathryn Bigelow, volta a arrancar uma imagem densa e suja, excelente retrato de uma guerra de mentiras e ciladas, que a obscuridade e as sombras fomentam. A utilização da câmara à mão, de que Greengrass tanto gosta, permite um estilo livre e espontâneo que se acerca da acção que entontece sem, todavia, funcionar como um factor narcotizante para o público. Outro aspecto a referir é a plausibilidade dos cenários naturais que tudo leva a crer serem filmados nos locais assinalados e, no entanto, o foram em Marrocos, em Espanha ou Inglaterra.



GREEN ZONE, COMBATE PELA VERDADE

Outras Terras,
Outras Gentes

Título original: Green Zone

Realização: Paul Greengrass (EUA, França, Inglaterra, Espanha, 2010); **Argumento:** Brian Helgeland, segundo obra de Rajiv Chandrasekaran ("Imperial Life in the Emerald City: Inside Iraq's Green Zone"); **Produção:** Mairi Bett, Tim Bevan, Michael Bronner, Jo Burn, Liza Chasin, Eric Fellner, Paul Greengrass, Debra Hayward, Lloyd Levin, Alvaro Ron, Christopher Rouse, Kate Solomon, Tadeo Villalba hijo; **Música:** John Powell; **Fotografia (cor):** Barry Ackroyd; **Montagem:** Christopher Rouse; **Casting:** Daniel Hubbard, John Hubbard, Amanda Mackey Johnson, Cathy Sandrich; **Design de produção:** Dominic Watkins; **Decoração:** Lee Sandales; **Guarda-roupa:** Sammy Sheldon; **Maquilhagem:** Francesco Alberico, Helen Barrett, Zineb Bendoula, Tricia Cameron, Julie Dartnell, Kay Georgiou, Loulia Sheppard; **Direção de Produção:** Yousaf Bokhari, David Campbell-Bell, Sasha Harris, Mark Mostyn, Nerea Orce, Michael Solinger, Michelle Wright; **Assistentes de realização:** Chris Forster, Carlos Gil, Robert Grayson, Amine Louadni, Mounir Saguia, etc. **Departamento de arte:** Mark Bartholomew, Laura Dishington, Sarah Robinson, Mark Swain; **Som:** James Boyle, Xavier Horan, Eddy Joseph, Oliver Tarney, Mark Taylor, etc. **Efeitos especiais:** Michael Dawson, Paul Anthony Dimmer, Jess Lewington, Joss Williams; **Efeitos visuais:** Mikael Brosset, Peter Chiang, Antonella Ferrari, Federico Frassinelli, Peter Olliff, Rob Shears; **Companhias de produção:** Universal Pictures, Studio Canal, Relativity Media, Working Title Films, Antena 3 Films; **Intérpretes:** Matt Damon (Miller), Greg Kinnear (Clark Poundstone), Brendan Gleeson (Martin Brown), Amy Ryan (Lawrie Dayne), Khalid Abdalla (Freddy), Yigal Naor (General Al Rawi), Said Faraj, Faycal Attougui, Aymen Hamdouchi, Nicoye Banks, Jerry Della Salla, Sean Huze, Michael J. Dwyer, Edouard H.R. Gluck, Brian Siefkes, Adam Wendling, Abdul Henderson, Paul Karsko, Robert Miller, Eugene Cherry, Alexander Drum, Brian VanRiper, Matthew Knott, Nathan Lewis, John Roberson, Troy Brown, Raad Rawi, Bijan Daneshmand, Bryan Reents, Michael Judge, Michael O'Neill, Patrick St. Esprit, Allen Vaught, Paul Rieckhoff, Martin McDougall, Antoni Corone, Timothy Ahern, Ben Sliney, Whitley Bruner, Intishal Al Timimi, Driss Roukhe, Mohamed Kafi, George W. Bush (imagem de arquivo), etc. **Duração:** 115 min minutos; **Distribuição em Portugal:** Zon Lusomundo; **Classificação etária:** M/ 12 anos; **Estreia em Portugal:** 8 de Abril de 2010; **Locais de filmagem:** Academia San Javier, Fuente Álamo, Los Alcázares, Murcia, (exteriores de Iraque), Albacete, Castilla-La Mancha; Ciudad de la Luz, Alicante, Comunidad Valenciana, todos em Espanha; Freemason's Hall, Great Queen Street, Covent Garden, Londres, Longcross Studios, Chobham Lane, Longcross, Surrey, Sandown Park Racecourse, Esher, Surrey, Longcross, Surrey, Updown Court, Windlesham, Surrey, Millenium Mills, London Docklands, Renaissance London Heathrow Hotel, Hounslow, todos em Inglaterra; Kenitra, Rabat, Sale, todos Marrocos.

“A Single Man” assinala a estreia de Tom Ford na realização. Mas o seu nome não era de forma nenhuma desconhecido para o grande público, já que se trata de um dos mais conhecidos designers de moda de todo o mundo.

Nascido a 27 de Agosto de 1962, em Austin, Texas, nos EUA, Thomas Carlyle “Tom” Ford iniciou a carreira como actor de publicidade, mas cedo trocou esta carreira pela de designer de moda, depois de frequentar a “Parsons School of Design”, de Nova York. Foi por essa altura também que conheceu Richard Buckley, editor da revista “Vogue Hommes”, com quem passou a viver, numa assumida relação gay. Foi lentamente criando celebridade no mundo da moda, até, em 1990, ser chamado a Milão, para remodelar e recuperar a imagem da marca Gucci, prestigiada até aos anos 80, mas depois a decair frente à fortíssima concorrência. Trabalhando na sombra, em cinco anos revitaliza a Gucci e, em 1995, ganha o prémio do “Council of Fashion Designers of America”. Juntamente com o italiano Domenico De Sole dominam o mercado e, em 1999, compram a “Maison Yves Saint Laurent” e, posteriormente, a “Balenciaga”.

Outras Terras,
Outras Gentes

Entretanto, em Março de 2005, anuncia a criação de uma casa produtora de filmes, “Fade to Black”, na qual, quatro anos depois, se lança na realização de “A Single Man”, com argumento, de sua autoria e de David Scearce, retirado de um romance de Christopher Isherwood. Após a sua estreia no festival de Veneza de 2009, a obra recolhe um coro de aplausos e vários prémios, nomeadamente para o seu protagonista, Colin Firth, e a sua companheira de elenco, Julianne Moore.



Diga-se que com inteira justiça. “Um homem Singular” é uma verdadeira revelação e uma pedra branca na distribuição internacional nestes últimos meses. Raras vezes se descobre um tal talento e um tamanho apuro de forma, um rigor plástico e uma sensibilidade tão singular no estudo de personagens e de emoções.

“A Single Man” no original reveste-se de uma duplicidade de significados que a sua tradução portuguesa não comporta. Em inglês, “single man” tanto pode ser homem só, como homem solteiro. Ambos os significados são importantes no contexto da obra. O Prof. George Falconer (Colin Firth) é não só um homem solteiro, como também um homem só. Estamos no final do ano de 1962 (o filme é preciso na data, 30 de Novembro de 1962, em plena crise de mísseis que desencadeou um confronto diplomático violento entre os EUA e a URSS, por causa de Cuba. Nunca um conflito nuclear pareceu estar tão eminente.) e George perdera num acidente de carro Jim, o seu companheiro de há 16 anos. O filme está povoado por pequenos flash backs de momentos passados e da felicidade perdida, bem como de sonhos, como aquele com que se inicia a obra, George deitado na neve ao lado do carro sinistrado e do cadáver de Jim. George é professor universitário de literatura inglesa, tem cerca de 50 anos, fica destroçado com o acontecimento. É meticoloso na sua vida privada. Assistimos à forma como arranja a roupa, como a arruma, como escolhe os sapatos e a gravata a condizer, como organiza o seu pequeno-almoço, como as recordações emergem numa toada lenta e serena, mas profundamente emotiva. Dir-se-ia um melodrama de Douglas Sirk, mas com algumas variantes. Sirk, que também era homossexual, nunca transportara para o ecrã uma aventura amorosa como esta, ainda que a sensibilidade o denunciasses. Outros tempos. Nas décadas de 50 e início da de 60 imperava o medo. Como o sublinha George durante uma aula



em que analisa um texto de Huxley, que o leva a concluir que as minorias ameaçam as maiorias, provocando o medo. O medo da guerra nuclear, o medo dos comunistas (durante o maccarthismo), o medo do que se não vê, do que é indizível. Obviamente, George refere-se à homossexualidade. Confessa: não se pode dizer tudo, não se pode falar claramente. O segredo provoca o pânico. Nos que se resguardam, nos que não sabem. Cresce a suspeita, instala-se a insegurança. Como nos seus vizinhos do lado, que o olham como um “pezinho de salsa”, ou o metralham com armas de plástico, como no seu colega de universidade que mandara construir um bunker anti-nuclear, mas que o reserva apenas para a família (“nestas alturas não pode haver sentimentalismos!”). Mas George é um sentimental que fascina um aluno seu, Kenny Porter (Nicholas Hoult), que o seduz, da mesma forma que o faz uma antiga ligação sua, Charley (Julianne Moore), a sua melhor amiga e uma das únicas razões que o leva a suportar a existência.

O filme tem uma construção que organiza harmoniosamente presente e passado, com diferenças de tom que identificam um e outro (o passado com cores mais saturadas, o presente mais límpido), com flash backs que se introduzem magistralmente (uma fotografia a preto e branco irá justificar uma memória a preto e branco), com uma sensibilidade de tratamento absolutamente invulgar, um pudor a toda a prova que, todavia, satura de emoção e de sensualidade os planos e a representação. Há uma possível aventura abortada com Carlos, um espanhol de Madrid, que tem uma filosofia de vida muito pessoal (“os amores são como os autocarros, há um que parte, mas há sempre outros a chegarem.”). George sabe que o seu amor parece comprometido para sempre (“viver no passado é o meu futuro”), prepara escrupulosamente um suicídio, até surgir a obsessiva presença de Kenny. Mas aí a vida tem ironias...

Outras Terras,
Outras Gentes

Colin Firth é absolutamente fabuloso de rigor, de contenção, de emoção, no desenho de George. Julianne Moore é também, como sempre, admirável, e Nicholas Hoult, que já conhecíamos de “Era Uma Vez Um Rapaz”, é mesmo assim uma excelente surpresa. Quanto a Tom Ford, há a dizer que imprime à sua obra de estreia um clima invulgarmente denso e tenso, oscilando entre um cinema que saboreia o tempo e o estilo da publicidade (planos de pormenor de rostos, por exemplo), conseguindo todavia uma unidade de tom que transforma o filme numa jóia estética inesquecível. Uma quase obra-prima que sabe bem ver e rever. Não é todos os dias que se vêem belíssimas histórias de amor, contadas com tal paixão e tamanho recato.

Um Homem Singular

Título original: A Single Man

Realização: Tom Ford (EUA, 2009); **Argumento:** Tom Ford, David Scarce, segundo romance de Christopher Isherwood; **Produção:** Jason Alisharan, Tom Ford, Andrew Miano, Robert Salerno, Chris Weitz; **Música:** Abel Korzeniowski; **Fotografia (cor):** Eduard Grau; **Montagem:** Joan Sobel; **Casting:** Joseph Middleton; **Design de produção:** Dan Bishop; **Direção artística:** Ian Phillips; **Decoração:** Amy Wells; **Guarda-roupa:** Arianne Phillips; **Maquilhagem:** Kate Biscoe, Cydney Cornell; **Direção de produção:** Craig Ayers, Tim Pedegana, Robert Salerno; **Assistentes de realização:** Brian Avery Galligan, Richard Graves, Matt Rawls, Eric Sherman; **Som:** Leslie Shatz, **Efeitos especiais:** Lori Baillie, John E. Gray; **Efeitos visuais:** Shalena Oxly-Butler, Dan Schmit, Cyrena Vladish-Addison; **Companhias de produção:** Artina Films, Depth of Field, Fade to Black Productions; **Intérpretes:** Colin Firth (Prof. George Falconer), Julianne Moore (Charley), Nicholas Hoult (Kenny Porter), Matthew Goode (Jim), Jon Kortajarena (Carlos), Paulette Lamori (Alva), Ryan Simpkins (Jennifer Strunk), Ginnifer Goodwin (Mrs. Strunk), Teddy Sears (Mr. Strunk), Paul Butler (Christopher Strunk), Aaron Sanders (Tom Strunk), Aline Weber, Keri Lynn Pratt, Jenna Gavigan, Alicia Carr, Lee Pace, Adam Shapiro, Marlene Martinez, Ridge Canipe, Elisabeth Harnois, Erin Daniels, Nicole Steinwedell, Tricia Munford, Don Bachardy, Brad Benedict, Ryan Butcher, Janelle Gill, Brent Gorski, Jon Hamm, Patrizia Milano, etc. **Duração:** 99 minutos; **Distribuição em Portugal:** Ecofilmes/Vitória Filme; **Classificação etária:** M/ 16 anos; **Data de estreia em Portugal:** 18 de Fevereiro de 2010.



“Homens que Matam Cabras só com o Olhar”? Sim, isso mesmo. Algo estranho? Claro. Mas o título corresponde a algo que nos dizem ter acontecido na realidade no exército norte-americano, entre as décadas de 60 e 70. Há vários testemunhos, vivos e mortos, e, seguramente, algumas cabras, se estas pudessem testemunhar, que afirmam que as forças armadas norte-americanas contrataram espíritas, videntes, místicos e algum sortido vário de seres com poderes psíquicos invulgares, para missões especiais. Terá havido campos de treino, não o sabemos, mas o romance de Jon Ronson, que foi “best-seller” e se chamava precisamente “Os Homens que Encaravam Cabras”, assegura que sim. Foi este livro que serviu de base ao argumento de Peter Straughan, donde parte o filme de Greig Hedlow (conhecido até agora sobretudo como actor e argumentista, nomeado nesta condição para Oscar da categoria em 2006, no filme “Boa Noite e Boa Sorte”).

Um filme de que fazem parte George Clooney, Ewan McGregor, Jeff Bridges, Kevin Spacey, entre outros, só pode ser, no mínimo, interessante. Um brilhante actor inglês de um rigoroso trabalho, discreto e eficaz, de que quase se não dá conta, pela excelência da sua severa disciplina, metido à bulha com uma turba de fabulosos histriões cabotinos (George Clooney, Jeff Bridges ou Kevin Spacey) só pode gerar um clima de inquietante surpresa. É o que acontece quando o jornalista Bob Wilton (Ewan McGregor) perde a mulher para o editor do jornal onde ambos trabalhavam, e resolve partir para o Iraque, em busca de aventuras e esquecimento, e quem sabe de glória que abafe o drama pessoal que vive. Com dificuldades em atravessar a fronteira, conhece num hotel uma personagem estranha e fascinante, Lyn Cassady (George Clooney), que se afirma empresário e depois se confessa agente das forças especiais “New

Outras Terras,
Outras Gentes





Outras Terras,
Outras Gentes

Age” e que pertence ao surrealista exército “Super Soldados Jedis”, que fora comandado e chefiado por um muito invulgar Bill Django (Jeff Bridges), meio soldado, meio pacifista, meio louco, meio hippy. Os soldados Jedis afirmam possuírem poderes paranormais, o que lhes dá a possibilidade de atravessar paredes (enfim, nem sempre!), matar cabras com o poder da mente, encontrar pessoas desaparecidas, vencer qualquer inimigo ou adversidade, utilizando apenas o poder do cérebro e a força do olhar (enfim, nem sempre, ou melhor, quase nunca!). Tudo isto sem violência desnecessária, nem derramamento de sangue (o que também fica por provar).

Mas essa “força” também tem os seus anti-corpos, como o ambicioso e traiçoeiro Larry Hooper (Kevin Spacey), um velho aluno de Bill e camarada de Lyn, que resolve sabotar o empreendimento, com ciúmes da capacidade de comando deste último.

Se procurarem seguir o filme como uma obra de narrativa credível e circunspecta, não vão conseguir. “Homens que Matam Cabras só com o Olhar” é um filme delirante, que procura mostrar que a guerra é uma demência e que Iraque e Afeganistão, hoje em dia, são duas completas loucuras, abalçadas em loucuras pessoais (Bush é referido) e colectivas. Se achamos desconchavados e desvairados os soldados Jedy do “Novo Mundo”, os outros não o serão menos, e os primeiros, pelo menos, tentam tratar bem os indígenas, ora libertando-os de cárceres terríveis, ora pedindo desculpa por involuntários atropelamentos. Mas, o que fica é a loucura da guerra, a insanidade que se transmite como um vírus. Acontece que o filme é uma comédia, e por vezes não parece, e um libelo pacifista, o que em certas ocasiões também se duvida. Se tem momentos de um humor negro retinto, outros há que nos parece obra séria e sóbria. Esta alternância de estilo retira unidade ao filme? É verdade. Mas retira-nos a nós, público, certezas a que nos agarrar. O que é muito positivo. Nunca sabemos a quantas andamos, e assim entramos na



incerteza de uma guerra e de um comportamento actual colectivo onde a deriva é constante.

Os actores são excelentes, a aventura quase sempre decepcionante, como convém neste caso, e as influências dos Irmãos Coen e de um filme como “Os Três Reis”, de David O. Russell, com o mesmo George Clooney, ao lado de outros cabotinos como Mark Wahlberg, Ice Cube ou Spike Jonze, são manifestas. De vez em quando sabe bem desopilar inteligentemente com um filme como este, onde a falta de senso do que se vê, pressupõe muito senso em quem o faz.

Outras Terras,
Outras Gentes

HOMENS QUE MATAM CABRAS SÓ COM O OLHAR

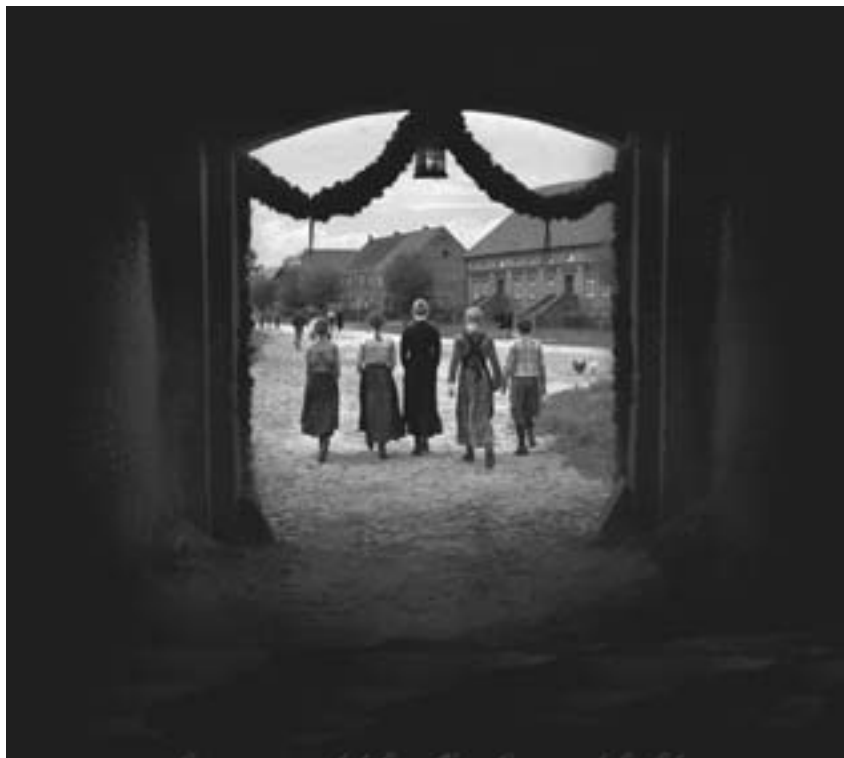
Título original: *The Men Who Stare at Goats*

Realização: Grant Heslov (EUA, 2009); **Argumento:** Peter Straughan, segundo romance de Jon Ronson; **Produção:** George Clooney, Barbara A. Hall, Grant Heslov, James A. Holt, Paul Lister, Alison Owen, Luillo Ruiz, David M. Thompson; **Música:** Rolfe Kent; **Fotografia (cor):** Robert Elswit; **Montagem:** Tatiana S. Riegel; **Casting:** Amanda Mackey Johnson, Cathy Sandrich; **Design de produção:** Sharon Seymour; **Direcção artística:** Peter Borck; **Guarda-roupa:** Louise Frogley; **Maquilhagem:** Ken Diaz, Jay Wejeb; **Direcção de produção:** Ellen Gordon, Barbara A. Hall, Michelle Lankwarden, Charlene Olson; **Assistentes de realização:** Ian Calip, Jai James, John Nasraway, John R. Saunders, Juan Esteban Suárez, David J. Webb; **Departamento de arte:** Marcia Calosio, Marsi Caraballo, Ellen Lampl, Amahl Lovato; **Som:** Mark A. Mangini, Christopher T. Welch; **Efeitos especiais:** Charlie Bonilla, Kevin Harris; **Efeitos visuais:** Bill Gilman, Alex Gitler, Heather Elisa Hill, Julie Orosz, Thomas J. Smith; **Companhias de produção:** BBC Films, Smoke House, Westgate Film Services, Winchester Capital Partners; **Intérpretes:** George Clooney (Lyn Skip Cassidy), Ewan McGregor (Bob Wilton), Jeff Bridges (Bill Django), Kevin Spacey (Larry Hooper), Stephen Lang (General Dean Hoppgood), Robert Patrick (Todd Nixon), Waleed Zuaiter (Mahmud Daash), Stephen Root (Gus Lacey), Glenn Morshower (Major Holtz), Nick Offerman, Tim Griffin, Rebecca Mader, Jacob Browne, Todd La Tourrette, Brad Grunberg, Elsa Villafane, Fawad Siddiqui, Samuel Ray Gates, McCaleb Burnett, Sean Phillips, Matt Newton, MinhTu Van, Robert Curtis Brown, Hrach Titizian, Shafik N. Bahou, Christopher Maher, Drew Seltzer, George W. Bush (arquivo), Saddam Hussein (arquivo), etc. **Duração:** 94 minutos; **Distribuição em Portugal:** Ecofilmes/Vitória Filme; **Prisvídeo - Edições Videográficas;** **Classificação etária:** M/12 anos; **Data de estreia em Portugal:** 4 de Fevereiro de 2010.

“O Laço Branco” explode no interior de uma paisagem triste de uma aldeia alemã em meados da primeira década do século XX, em pleno período pré I Guerra Mundial. Mas explode sobretudo no contexto de uma geografia humana que oscila entre o mais completo negrume e a cinza magoada. É um universo de adultos e crianças, num desolador horizonte onde se vão precipitando inquietantes acontecimentos, que resultam em indecifráveis enigmas. De um lado, os impolutos cidadãos de uma sociedade feudal, machista, autoritária, prepotente e exploradora dos mais fracos. Do outro lado, os rostos puros mas muito pouco ingênuos das crianças da aldeia que frequentam a escola do jovem professor que procura colocar alguma humanidade nas suas vidas. Quando se assiste a esta obra-prima de Michael Haneke não podemos deixar de recordar um outro excelente filme, “A Aldeia dos Malditos”, de Wolf Rilla (1960), ambientado igualmente numa pequena aldeia, desta feita no Midwich de Inglaterra, onde surge uma geração de jovens concebidos no mesmo dia e à mesma hora, uma hora de um dia parado no tempo, que permitiu a extraterrestres invasores apoderarem-se dos úteros das mulheres e conceberem seres maléficos que serão os seus pioneiros na Terra. Em “O Laço Branco” os extraterrestres são bem humanos, na sua desumanidade. Não descem do céu, vivem na terra e concebem crianças que não chegam com o Mal dentro de si, mas o vão aprendendo lenta e dolorosamente no dia a dia. “Das Weisse Band” é a crónica intimista dessa aprendizagem. O ódio instila-se, ganha-se, apodera-se de nós, inscreve-se no corpo dúctil de uma criança, cresce com as imagens que se vêem, com as dores que se sentem, com as injustiças que se interiorizam. É uma aprendizagem rigorosa, até se sentir o ressentimento, até se dominar a dor, até se calar o sofrimento, até que os olhos só vomitem ódio, até que se aprenda a lição de que temos de ser fortes, muito fortes, porque só os mais fortes resistem, porque são os mais fortes que comandam a aldeia, a cidade, o país, o mundo. “Sieg Heil!, Heil Hitler!, Heil mein Führer!”

É isso mesmo que Michael Haneke nos procura fazer ver com o seu angustiante “O Laço Branco”. Foi deste barro que se fizeram os soldados que invadiram a Europa, tentando impor uma raça ariana. Foi desta argamassa que se criaram os cidadãos que se transformaram em turbas assassinas ao som de trombetas imperais. Foram estas crianças que, vinte anos depois, invadiram a Polónia e atravessaram Paris. Foram justamente elas que guardaram os campos de concentração onde se deu o Holocausto. Foram crianças crispadas pelo horror de uma educação sem amor, sem ternura, sem o afago de uma mão ou a doçura de um olhar, com a ponta do chicote em punho, para vergastar o mais pequeno desvio, ou manter sob o jugo da prepotência e da exploração trabalhadores e mulheres. Muitas delas cúmplices nada inocentes do que presenciavam e aplaudiam.

Aparentemente a aldeia onde decorrem esses perturbantes factos é um local idílico. A calma é total, ou parece sê-lo. Até ao dia em que o cavalo do



Outras Terras,
Outras Gentes

médico da aldeia tropeça num arame que une dois troncos de árvores e envia o homem para o hospital e o cavalo para abate. Depois há um incêndio de que ninguém descobre as causas, um agricultor que aparece enforcado, crianças que são torturadas e desaparecem na floresta, um pássaro que sai da gaiola para aparecer estripado por uma tesoura na secretária do barão todo-poderoso. A violência existe, por debaixo de uma capa de austeridade, de rigoroso puritanismo, de asfíxiante pobreza e miséria moral.

Haneke não dá tréguas ao espectador, mas sem nunca entrar pelo caminho mais fácil da violência exposta. O que vemos, quase sempre, são sintomas ou consequências dessa violência calada, interiorizada, estrangulada. O que há de absolutamente notável neste filme surpreendente é que com a maior economia de meios se cria uma tensão insustentável. O que impera no filme não é o terror barato do “mata e esfola”, mas o horror institucionalizado, normalizado, quotidiano. É o terror imposto do interior, no interior. Um terror que marca fundo, que sulca de estigmas perenes quem o vive e a ele sobrevive. Um terror que fortalece e fulmina nos olhos das crianças. Crianças que avançam em bandos disciplinados e secretos, que progridem ameaçadoramente, com a aparente doçura da sua pele branca e olhos claros (as crianças de “A Aldeia dos Malditos” eram igualmente louras, de olhos transparentes). Que no seu íntimo, porém, vão gerando “O Ovo da Serpente” de que falou Bergman.

Haneke é austríaco e sabe do que fala, mesmo quando fala de jovens alemães, os mesmos que invadiram o seu país e foram saudados por muitos compatriotas que se associavam às ideias do nacional-socialismo emergente. O cinema de Haneke nunca deixou de ser inquietante, e nunca se furtou a abordar formas de violência quotidiana, geradas no silêncio e que explodem na clandestinidade do tempo proibido (“Jogos Proibidos”, “Brincadeiras Perigosas”, “Código Desconhecido”, “A Pianista”, “Caché - Nada a Esconder”, “O Tempo do Lobo”, ou essa adaptação de “O Castelo”, revelada em Portugal pelo Famafest, numa das suas primeiras edições).

A realização do cineasta austríaco atinge aqui um rigor e uma depuração que relembram os grandes mestres nórdicos (de Stroheim a Dreyer ou Bergman). A direcção de actores é majestosa na sobriedade e na fulgurância dos resultados, nessa inquietante atmosfera que se cria na combinação da tensão da atmosfera humana e da densa paisagem. A fotografia de Christian Berger é simplesmente magistral, num preto e branco pesado que cria as cores do terror do nada e veste o ecrã de uma magnitude de sombras tenebrosas. Um filme que tudo indica vai conquistar dois merecidos Oscars, o de melhor filme em língua não inglesa e o de melhor fotografia. Uma obra opressiva que o espectador demora a digerir, que se instala no seu subconsciente e diariamente o martela, sem complacências. O cinema no seu estádio mais puro, mais exigente, mais absorvente.

O LAÇO BRANCO

Título original: *Das Weisse Band*

Realização: Michael Haneke (Áustria, Alemanha, França, Itália, 2009); Argumento: Michael Haneke; Produção: Stefan Arndt, Veit Heiduschka, Michael Katz, Margaret Ménégoz, Ulli Neumann, Andrea Occhipinti; Fotografia (cor): Christian Berger; Montagem: Monika Willi; Casting: Simone Bar, Carmen Foleg, Markus Schleinzer; Design de produção: Christoph Kanter; Direcção artística: Anja Müller; Decorações: Heike Wolf; Guarda-roupa: Moidele Bickel; Maquilhagem: Anette Keiser, Waldemar Pokromski; Director de produção: Miki Emmrich; Assistente de realização: Hanus Polak Jr., Patrick Winkler; Departamento de Arte: Enzo Enzel, Gonda Hinrichs, Ilse Töpfer; Som: Vincent Guillon, Jean-Pierre Laforce, Michel Monier, Guillaume Sciamia; Efeitos Especiais: Gerd Feuchter; Companhias de Produção: X-Filme Creative Pool, Wega Film, Les Films du Losange, Lucky Red, Medienboard Berlin-Brandenburg, Mitteldeutsche Medienförderung (MDM), German Federal Film Board, Mini-Traité Franco-Canadien, Deutsche Filmförderfonds (DFFF), Austrian Film Institute, Vienna Film Financing Fund, Ministère de la Culture et de la Communication, Eurimages, Canal+; **Intérpretes:** Christian Friedel (Professor), Ernst Jacobi (Professor - voz), Leonie Benesch (Eva), Ulrich Tukur (Barão), Ursina Lardi (Baronesa), Fion Mutert (Sigi), Michael Kranz (Professor de casa), Burghart Klaußner (Padre), Steffi Kühnert (Mulher do padre), Maria-Victoria Dragus (Klara), Leonard Proxauf (Martin), Levin Henning (Adolf), Johanna Busse (Margarete), Thibault Sérié, Josef Bierbichler, Gabriela Maria Schmeide, Janina Fautz, Enno Trebs, Theo Trebs, Rainer Bock, Susanne Lochar, Eddy Grahl, Branko Samarovski, Klaus Manchen, Birgit Minichmayr, Sebastian Hülk, Kai-Peter Malina, Kristina Kneppke, Stephanie Amarell, Aaron Denkel, Detlev Buck, Anne-Kathrin Gummich, Carmen-Maja Antoni, Christian Klischat, Michael Schenk, Hanus Polak Jr., Sara Schivazappa, etc. **Duração:** 144 minutos; Distribuição em Portugal: Atalanta Filmes; Classificação etária: M/ 16 anos; Estreia em Portugal: 7 de Janeiro de 2010.

“A Origem”, de Christopher Nolan, é um filme surpreendente a vários títulos. Não o será tanto pelo tema. Na verdade, quem conhece a obra de Nolan sabe que o seu território de eleição são os mundos paralelos, sobretudo os que se situam no interior do próprio homem. Foi assim em “Memento” (2000), onde os labirintos da memória eram o tema central, foi assim em “Insônia” (2002), onde Al Pacino e Robin Williams se embrenhavam num campo de letargia, foi assim em “O Terceiro Passo” (2006), onde a magia e a ilusão interagiam com a realidade, e foi ainda assim nas duas etapas de “Batman” que Nolan dirigiu, recuperando a personagem para terrenos de uma outra exigência, “Batman: O Início” (2005) e “O Cavaleiro das Trevas” (2008).

De onde surge então a estranheza desta obra? Antes de mais, este é um filme de autor, que aparentemente se diria de uma complexidade de tema e de narrativa que nada fazia prever ficar à frente do “box office” mundial neste ano de 2010. E ficou como uma das obras mais rentáveis da temporada. Depois, é sabido que presentemente a maior percentagem do público que vai às salas de cinema mundiais são jovens, adolescentes, e não esperava francamente que se interessassem por duas horas e meia de acção, é certo, mas de acção que tem por cenário a mente humana e os meandros dos sonhos. A verdade é que vi “A Origem” numa sala repleta de jovens, que seguiram silenciosamente o filme e o discutiram de forma muito madura no final. Muito mais madura, diga-se, que muitos adultos que o acharam “chato” e incompreensível. Questão nítida de diferença de gerações e de desadaptação a novas linguagens e temas, onde as realidades paralelas assumem papel preponderante. Que os jovens tratam por tu, e os menos jovens tendem a não compreender, ou a não entenderem tão bem e tão rapidamente. Afinal, um filme de autor,

Outras Terras,
Outras Gentes





Outras Terras,
Outras Gentes

“difícil”, manuseando conceitos abstractos, narrado de forma descontínua, apelando ao onirismo e senhor de um apuro gráfico e plástico invulgar, pode ser um grande sucesso de público. Ainda bem.

Don Cobb (DiCaprio), é um profissional do roubo. Dir-se-ia que nos encontramos no início de mais um daqueles célebres filmes de “assaltos a bancos, comboios ou casinos”, que alguns apelidam de “heist movie”, mas neste caso o roubo é de natureza muito diferente: Cobb assalta sonhos, de onde rouba preciosas informações, segredos recolhidos no mais profundo do inconsciente e que os sonhos revelam. Obviamente que estamos no domínio da ficção científica, mas também no da metáfora. Cobb (e a sua equipa de especialistas) revela-se um tão exímio profissional que lhe propõem desafios ainda mais extenuantes. Não apenas roubar sonhos, mas introduzir sonhos nos sonhos. Esta engenhosa forma de manipular mentes conduzi-lo-á a um caso de espionagem industrial. Ele terá que entrar no sonho de Fischer (Cillian Murphy), o filho de um magnata que acaba de falecer, e que um concorrente directo quer anular. O que se ambiciona é que Fisher “sonhe” que o seu pai pretendia desmembrar o seu império. Adormecido Fisher, o grupo lança-se na aventura, tanto mais perigosa quanto, do lado de Fisher, também existem exércitos de protectores, que obrigam a que os sonhos se multipliquem, isto é, dentro de cada sonho pode viajar-se para um outro sonho mais profundo, até se atingirem perigosos níveis de onde dificilmente se escapará, podendo permanecer-se num limbo de efeito incalculável.

Sequestrado Fischer, impõe-se levá-lo a abrir um cofre inscrito no mais recôndito esconso do seu subconsciente, onde foi inscrita a semente de uma ideia que ele terá de acreditar ser sua. Inventa-se um forjado testamento e leva-se Fisher a relembrar a “chave” que o irá abrir. Tudo isto no meio das mais invulgares peripécias, perseguições desenfreadas, lutas



corpo a corpo na imponderabilidade do vazio, explosões desmedidas em montanhas nevadas, comboios ultrasônicos que atravessam o ecrã e as mentes dos espectadores. E momentos de aparente relaxe, como os que induzem ao sonho, sob o efeito de “Non, Je Ne Regrette Rien”, celebrizada por Édith Piaf, e por Marion Cotillard no filme biográfico que a entronizou (a mesma Marion Cotillard que interpreta a figura de Mal, a “femme fatal”, casada com Cobb).

Outras Terras,
Outras Gentes

Por falar nisso, há mais a sublinhar. Cobb não entra na aventura apenas pelo sucesso desta, mas porque procura, através dela, resgatar uma culpa antiga que se prende com um pretense, ou real, suicídio da sua mulher, Mal. Tenta ainda o regresso aos Estados Unidos, para se reunir aos seus dois filhos. A culpa é igualmente um dos temas recorrentes na filmografia de Christopher Nolan, que aqui reaparece, e que introduz um clima pesado e dramático numa história já de si nebulosa.

O desafio proposto ao espectador, é estimulante e obriga a uma atenção constante. Difícil se torna saber onde começa a realidade (que realidade?, já é outra questão), onde começa o sonho, nível 1, onde se salta para um nível inferior, quando se regressa (será que se regressa?) e assim por diante. Depois há ainda uma agravante temporal: a realidade tem uma duração, cada nível onírico tem a sua duração própria, como interagir neste universo de tempos paralelos? Um carro a cair de uma ponte sobre um rio pode demorar 20 segundos na realidade, 20 minutos no nível 1 dos sonhos, e 2 horas no patamar seguinte. Cada sonho é gerido por um dos elementos do grupo de assalto que o liberta, logo cada sonho impõe uma lógica diferente, ligada ao estado de espírito e à situação física de quem o sonha: alguém com necessidade imperiosa de urinar pode desenvolver um sonho onde a chuva tenha papel preponderante.

“A Origem” é difícil de resumir num texto, nem o intuito deste é fazê-lo,



Outras Terras,
Outras Gentes

inclusive para não retirar “suspense” a quem o vê (por falar em “suspense”, anda por aqui um pouco de Hitchcock à mistura com os mundos paralelos de “Matrix”). Mas importa ainda referir quer a qualidade da fotografia de Wally Pfister, quer a montagem (impossível!) de Lee Smith, a partitura musical de Hans Zimmer ou a sonoplastia de Richard King. Direção artística, guarda-roupa, efeitos especiais são todos eles excepcionais, bem como o trabalho de um elenco invulgarmente dotado. Por aqui andarão muitas nomeações para os Oscars, que se adivinham já.

Um belíssimo e inteligente filme de um autor que se confirma como um dos mais importantes da moderna cinematografia norte-americana.

A ORIGEM

Título original: Inception

Realização: Christopher Nolan (EUA, 2010); **Argumento:** Christopher Nolan; **Produção:** Jordan Goldberg, Thomas Hayslip, Christopher Nolan, Kanjiro Sakura, Yoshikuni Taki, Emma Thomas; **Música:** Hans Zimmer; **Fotografia (cor):** Wally Pfister; **Montagem:** Lee Smith; **Casting:** John Papsidera; **Design de produção:** Guy Dyas; **Direção artística:** Luke Freeborn, Brad Ricker, Dean Wolcott; **Decoração:** Larry Dias, Douglas A. Mowat; **Guarda-roupa:** Jeffrey Kurland; **Maquilhagem:** Luisa Abel, Janice Alexander, Terry Baniel; **Direção de produção:** Jan Foster, David E. Hall, Elona Tsou; **Assistentes de realização:** Richard Graysmark, Brandon Lambdin, Nilo Otero; **Departamento de arte:** Charlsey Adkins, Dominique Arcadio, Jim Barr, Aric Cheng; **Som:** Richard King; **Efeitos especiais:** Chris Corbould, John Fleming; **Efeitos visuais:** Richard Bain, Mikael Brosset, Monette Dubin, Paul J. Franklin; **Companhias de produção:** Warner Bros. Pictures, Legendary Pictures, Syncopy; **Intérpretes:** Leonardo DiCaprio (Cobb), Joseph Gordon-Levitt (Arthur), Ellen Page (Ariadne), Tom Hardy (Eames), Ken Watanabe (Saito), Dileep Rao (Yusuf), Cillian Murphy (Robert Fischer), Tom Berenger (Peter Browning), Marion Cotillard (Mal), Pete Postlethwaite (Maurice Fischer), Michael Caine (Miles), Lukas Haas (Nash), Tai-Li Lee, Claire Geare, Magnus Nolan, Taylor Geare, Johnathan Geare, Tohoru Masamune, Yuji Okumoto, Earl Cameron, Ryan Hayward, Miranda Nolan, Russ Fega, Tim Kelleher, Talulah Riley, etc. **Duração:** 148 minutos; **Distribuição em Portugal:** Columbia TriStar Warner Filmes de Portugal; **Classificação etária:** M/ 12 anos; **Data de estreia em Portugal:** 22 de Julho de 2010.

Woody Allen de regresso a Manhattan e aos anos 70. Como é isso possível? Facilmente. Depois do seu período europeu, onde nos deu obras muito estimáveis, ao contrário do que muito boa gente proclama, o cineasta regressa a Manhattan, em “Whatever Works” e regressa aos anos 70 porque foi desenterrar um argumento escrito originalmente em 1977 com um actor previsto, Zero Mostel (o mesmo que consigo trabalhara em Testa de Ferro, de Martin Ritt). Com a morte de Mostel, o argumento congelou nas gavetas de Woody Allen até ser recuperado, tendo como destinatário Larry David, o protagonista de séries como “Calma, Larry!”, que também aparece em “Seinfeld”. Larry é aqui, como já aconteceu com outros actores noutras obras de Woody Allen, quando este não aparece como actor, um alter-ego do cineasta. Com algumas diferenças de estilo, mas ainda assim um alter-ego facilmente reconhecível, de nome Boris, judeu, azedo, hipocondríaco, ateu, pessimista militante, admirador de Groucho Marx e de Fred Astaire, de música clássica e de jazz, nevrótico com ataques nocturnos de pânico, um casamento desfeito, por ser “perfeito demais”, solitário e misantropo, que se reúne diariamente com dois ou três amigos para desfiar as tristezas do mundo e delapidar qualquer esperança no futuro da raça humana. Outrora cientista, “que quase

Outras Terras,
Outras Gentes





Outras Terras,
Outras Gentes

ganhou um prêmio Nobel”, num campo tão inóspito como o da física e da mecânica quântica, Boris, agora reformado, coxeia em virtude de uma queda mal sucedida (queria suicidar-se, mas caiu em cima de um toldo, que lhe amorteceu a queda) e julga-se um gênio incompreendido, com um QI de 200. Sempre que lava as mãos canta os parabéns a você, e, se tem algum prazer na vida, é viver só. Até ao dia em que, voltando a casa, encontra ao fundo das escadas uma jovem de 21 anos, de nome Melody, fugitiva do lar paterno. Ela pede-lhe comida e asilo durante uma noite, e vai ficar durante anos, leva mesmo Boris a casar com ela, é ingênua e bonita, bem avontadada e hábil cozinheira. Boris acha-a estúpida e interessante, 6, numa escala de 0 a 10, depois passa-a para 7 ou 8, e a verdade é que entre anos funciona o princípio dos vasos comunicantes: Boris amacia com a ingenuidade melodiosa da jovem que lhe caiu do céu, e Melody, sem perceber muito bem os caminhos trilhados, adquire um pouco do pessimismo do seu genial marido (coisa que nunca sonhou conquistar: um marido que esteve quase para ser prêmio Nobel!)

Quando tudo parece estabilizar, eis que surgem em casa de Boris, primeiro a mãe, depois o pai de Melody, ambos à procura da filha perdida e de redenção pessoal. Uma e outro são conservadores, puritanos, beatos, insuportáveis na sua rigidez dinossaurica, mas a mãe rapidamente se descobre numa “ménage à trois” e a expor fotografias muito alternativas, e o pai surpreende-se gay. Claro que a Melody também aparece o seu príncipe encantado e Boris terá de novo muita sorte numa segunda tentativa de suicídio. Afinal “tudo pode dar certo”, desde que se saiba aproveitar a vida, porque esta são dois dias, e não há que se sentir constrangido por preconceitos e regras impostas arbitrariamente por quem sempre tentou apenas dominar os outros, ao longo de séculos de obscurantismo. “Tudo é possível” desde que se prejudiquem terceiros.



Tudo é possível desde que se descubra a nossa verdadeira essência. “Whatever Works” é o mais optimista dos filmes pessimistas e Woody Allen assina uma nova obra-prima no seu já vasto curriculum. Esta história de um novo Pigmalião que afinal não o é, é contada por Woody Allen de uma forma escorreita e coloquial, servida por uma fotografia notável, excelentes actores, e um tom intimista e discreto que contagia o espectador que, aliás, é chamado a intervir directamente, pois Boris está sempre a dirigir-se objectivamente ao público, “essa audiência de imbecis que pagaram bilhete para nos ver” e que só ele vê (razão maior para se sentir realmente um predestinado e um génio).

Outras Terras,
Outras Gentes

_TUDO PODE DAR CERTO

Título original: *Whatever Works*

Realização: Woody Allen (EUA, 2009); **Argumento:** Woody Allen; **Produção:** Letty Aronson, Brahim Chioua, Charles H. Joffe, Vincent Maraval, Helen Robin, Jack Rollins, Stephen Tenenbaum; **Fotografia (cor):** Harris Savides; **Montagem:** Alisa Lepselter; **Casting:** Ali Farrell, Laura Rosenthal, Juliet Taylor; **Design de produção:** Santo Loquasto; **Direcção artística:** Tom Warren; **Decoração:** Ellen Christiansen; **Guarda-roupa:** Suzy Benzinger; **Assistentes de realização:** Murphy Occhino, Richard Patrick; **Departamento de arte:** Glenn Lloyd, Ann Durnin Mckendry, Andrew Spagnoli, Rodney Sterbenz, Richard Tenewitz; **Som:** Gary Alper, Ryan Collison, Damian Volpe, David Wahnnon; **Efeitos visuais:** Dana Bloder, Charles Lapage, Jesse Morrow, David Piombino; **Companhias de produção:** Sony Pictures Classics, Wild Bunch, Gravier Productions, Perdido Productions; **Intérpretes:** Larry David (Boris), Evan Rachel Wood (Melody), Adam Brooks (Amigo de Boris), Lyle Kanouse (Amigo de Boris), Michael McKean (Amigo de Boris), Clifford Lee Dickson, Yolonda Ross, Carolyn McCormick (Jessica), Samantha Bee, Conleth Hill (Brockman), Marcia DeBonis, John Gallagher Jr. (Perry), Willa Cuthrell-Tuttleman, Nicole Patrick, Patricia Clarkson (Marietta), Henry Cavill (Randy), Olek Krupa (Morgenstern), Ed Begley Jr. (John), Christopher Evan Welch (Howard), Jessica Hecht (Helena), Lindsay Michelle Nader, Armand Schultz, Steve Antonucci, Marc Alan Austen, Julie Basem, Kenneth Edelson, Chris Nuñez, Quincy Rose, Robin Singer, etc. **Duração:** 92 minutos; **Distribuição em Portugal:** Zon Lusomundo Audiovisuais; **Classificação etária:** M/ 12 anos; **Estreia em Portugal:** 4 de Fevereiro de 2010.



O CASTELO EM IMAGENS

IX FESTIVAL

“O CASTELO EM IMAGENS”

8º CONCURSO

NACIONAL ESCOLAR

PORTEL

9_14 MAIO 2011

CineEco2010

A black and white photograph of two men in medieval-style clothing. The man on the left is looking towards the man on the right. The man on the right is holding a sword and looking back at the first man. They are in a stone-walled setting.

**ROBIN HOOD
NO CINEMA**

Um ciclo sobre as diversas criações de Robin Hood no cinema encontra-se perfeitamente legitimado num festival de cinema. O Cine Eco tem anualmente apresentado ciclos dedicados a grandes realizadores ou personalidades importantes no campo da sétima arte. Este é, além de tudo o mais, o festival que pugna desde o primeiro ano pelo bom cinema e por uma cultura cinematográfica, também ela um factor essencial para combater a poluição audiovisual que enxameia salas e canais de televisão, clubes de vídeo ou a venda genérica de DVD.

Robin Hood
no cinema

Este ciclo dedicado a Robin dos Bosques na sua floresta de Sherwood não é, contudo, somente um ciclo cinematográfico, pois pretende ser igualmente uma aproximação ambientalista, ainda que através de um (aparente) caminho tortuoso. Na verdade, a saga de Robin Hood surge-nos, também, desde as primeiras obras até à mais recente, como um olhar ambientalista sobre o mundo que nos envolve, o mesmo que rodeava os cidadãos que viviam em pleno século XII, quando ocorreram as aventuras deste herói que se refugiou numa floresta para combater corruptos e ditadores.

Os acontecimentos relatados, desde as baladas medievais até ao mais recente livro ou filme, transportam-nos para acontecimentos muito idênticos da nossa contemporaneidade. Continuam a partir Ricardos em cruzadas, continuam a existir lutas de religião, que ocultam outras realidades, continuam a subsistir intolerâncias de todo o género, explodem guerras bárbaras, contamina-se o ar que respiramos e a água que bebemos com produtos tóxicos, muitos quais derivados de conflitos persistentes que assassinam milhões de inocentes por todo o planeta, prolifera a febre do lucro fácil, a corrupção mais escandalosa, o crime organizado e comandado por poderosos, as boas intenções das ideologias abastardadas por quem as põe em pecaminosa prática, tudo isso e muito mais encontra paralelo entre o que se conta em Robin Hood e que se vê, se ouve, se vive na actualidade.

O facto de os rebeldes, comandados por Robin Hood, que querem repor a lei e acabar com as injustiças, se refugiarem numa floresta e aí viverem em plena harmonia com a natureza, procurando reequilibrar o que foi desajustado pela cobiça e a ambição, pela febre de conquista e pela guerra, é muito significativo. Há mesmo um ou outro caso em



Robin Hood
no cinema

que Robin afirma querer defender a floresta, mas nem é necessário ser tão explícito: há muitas formas de defender a “nossa” floresta, e algumas até podem ter a ver com a não invasão de povos longínquos, cuja característica principal é serem diferentes de nós. O que é tanto verdade para os que invadem do Ocidente para o Oriente, como os que vêm de Oriente para Ocidente, de Sul para Norte ou de Norte para Sul, e não se veja nisto um ataque ao capitalismo ou ao islamismo, ao comunismo ou ao cristianismo, pois têm muita água a sacudir do capote. É um mouro, Azeem, quem cita alguém que uma vez disse: “Não há homens perfeitos, apenas intenções perfeitas”. Muito boas intenções têm degenerado nas piores ditaduras, por força das imperfeições humanas levadas ao extremo.

Ora o ambiente é um factor global, um daqueles que melhor explica o conceito de que “o bater de asas de uma borboleta na China pode resultar num tornado na América Latina”. A interpenetração de certos factores é absoluta e “As Aventuras de Robin dos Bosques” tornou-se um clássico ao longo de séculos, precisamente pela justeza da sua análise e pela perenidade da força que desencadeia. Por isso trazemos Robin dos Bosques como herói de uma lenda, onde o ambiente ocupa destacado lugar, na Idade Média ou nestes conturbados tempos actuais.

1. ROBIN DOS BOSQUES. A GÊNESE DO MITO

Robin dos Bosques (ou Robin Hood, no original) existiu realmente? Sim, todos o conhecemos sob os rostos de Douglas Fairbanks, Errol Flynn, Sean Connery, Kevin Costner ou, mais recentemente, Russell Crowe, o que não lhe garante existência real de um ponto de vista histórico. Mas, como personagem da lenda e da mitologia britânica do século XIII, ninguém lhe retira o lugar. Aí existe e com uma longevidade e actualidade evidentes. Todos o conhecem e com ele simpatizam por ter sido um fora-da-lei, um bandoleiro que, no tempo do também lendário Ricardo Coração de Leão, tentava impor justiça, roubar aos ricos e dar aos pobres. Guerrilheiro medieval, que assumiu um tipo de luta muito especial contra os poderosos corruptos. Ele não terá inventado a guerra de guerrilha, mas foi seguramente um bom intérprete, jogando com o conhecimento do terreno e o apoio das populações locais. Conhecemo-lo na floresta de Sherwood, ao lado de outros simpáticos salteadores como “João Pequeno” e “Frei Tuck”, exímio no arco e na flecha, na espada e na lança. Chamavam-lhe o “Príncipe dos ladrões” e permanece na lenda em descrições épicas de Walter Scott ou Henry Gilbert, trazidas do século XIX ou de inícios do XX.

Robin Hood
no cinema

Mas a lenda de Robin Hood começou muito antes. Parece que a primeira referência literária que se conhece data de 1377, e apareceu em forma de balada, “The Vision of William Concerning Piers Plowman”, de William Langand. Mas a mais célebre é de 1420, ainda balada, cantando a gesta do salteador, com o título de “A Gest of Robyn Hode”, onde se reuniam três canções dedicadas ao já popular herói. Diz a lenda, igualmente, que por esta altura, um monge beneditino tinha começado um sermão com uma alocução dirigida a “muitos homens que diziam que Robin Hood nunca tinha disparado o seu arco.” (em inglês arcaico: “for mani men spekith of Robin Hood that shotte never in his bowe”). Em 1528, um tal William Tyndale condenava aqueles que desleixavam a leitura da Bíblia mas liam Robin Hood, Bevis of Hampton, Hercules, Hector, e Troilus . . . Os tempos não mudaram muito. Mas o mito crescia. Conta-se também que durante o século XV alguns criminosos eram julgados e acusados de serem “Robin Hood’s”. Não eram só as autoridades a criarem associações deste tipo. Muitos grupos de assaltantes se chamavam a si próprios Robin Hood’s.

John Major, escocês, escreveu pela primeira vez que Robin Hood não era um vulgar bandoleiro de Estrada, mas um filho da aristocracia inglesa. Corria o ano de 1521. Aí começou a lenda de que Robin Hood era um “Príncipe dos Ladrões”. Herói popular, defensor de fracos e oprimidos, as suas aventuras não suscitavam ódio mas admiração, e a

sua figura não acicatava a perseguição mas, pelo contrário, à simpatia e à cumplicidade. Cada vez que se cantava uma nova tropelia de Robin Hood contra o corrupto Xerife de Nottingham explodiam as palmas e os vivas ao herói redentor.

A sua fama chegou mesmo às peças teatrais do mais famoso dramaturgo inglês, William Shakespeare, que não lhe dedicou nenhuma em particular, mas que lhe fez várias alusões nalgumas delas, sobretudo citando baladas onde eram cantadas as suas façanhas. Mas um dramaturgo da época isabelina, Arthur Munday, esse elevou Robin Hood à condição de Robert, conde de Huntingdon. A saga do salteador ia ganhando cada vez mais adeptos e canções, poemas ou pequenas peças de teatro eram vendidas nas ruas, tipo “teatro de cordel” em Portugal. Muitas dessas canções e poemas (entre 16 e 28) foram compiladas numa antologia, “The Robin Hood Garlands And Ballads”, aparecida entre 1660 e 1830. Em 1795, Joseph Ritson publicou uma outra colectânea, “Robin Hood: A Collection of of All the Ancient Poems, Songs and Ballads”, que mais tarde serviriam de base para a obra de Sir Walter Scott, “Ivanhoe” (1819), onde, ao lado deste, surge igualmente a figura do bandoleiro justiceiro e de Frei Tuck. Dada a qualidade literária e crítica do trabalho de Joseph Ritson, este serviu ainda de motivação para muitos outros escritores e poetas que posteriormente glosaram a figura. Outra importante contribuição foi dada por Francis James Child (1825 –1896), primeiro americano professor de inglês na Universidade de Harvard, que compilou em edição crítica 305 “Child Ballads”, entre as quais algumas dedicadas a Robin Hood.

Robin Hood
no cinema

Decisiva foi ainda a contribuição do escritor e ilustrador americano Howard Pyle que, em 1883, lançou “The Merry Adventures of Robin Hood of Great Renown in Nottinghamshire”, um romance de aventuras em vários episódios que criava uma atmosfera colorida e sedutora do tempo, dos costumes e até da linguagem da época.

Outras aproximações literárias foram a obra de Henry Gilbert, “Robin Hood and the Men of the Greenwood” (1914) e a de E. Charles Vivian, “The Adventures of Robin Hood” (1927). Mais recentes são “The Adventures of Robin Hood”, de Roger Lancelyn Green, (1957, “As Aventuras de Robin dos Bosques” publicações Dom Quixote, Lisboa, 1990), “Robin Hood: A Mythic Biography”, de Stephen Knight (2003) ou ainda “Adventures of Robin Hood”, de J. Walker McSpadden, Greg Hildebrandt (2005), entre muitas outras. Será ainda de referir a reedição da obra de Joseph Ritson, agora com o título “Robin Hood: A Collection Of All The Ancient Poems, Songs And Ballads, Now Extant Relative To That English Outlaw; To Which Are Prefixed Historical Anecdotes Of His Life”, em 2007.

2. ROBIN DOS BOSQUES. O MITO

Como vimos, há várias hipóteses para o aparecimento da lenda e a criação do mito. Terá existido ou não uma tal figura, eis um mistério que se adensa sempre que se produzem mais e mais estudos históricos e ensaios críticos. Mas, fica uma certeza: tenha ou não existido como personagem física, Robin Hood resulta de uma amálgama de influências e de intervenções diversas. Ele não terá nunca sido a figura que hoje conhecemos, mas terão existido várias personagens que ajudaram a criar o homem e a sua história. Em Robin Hood reúnem-se e amalgamam-se várias contribuições, até se criar a figura do justiceiro popular que, em tempos de tirania e usurpação, de prepotência e corrupção, roubava aos ricos para dar aos pobres, defendia os fracos e oprimidos, era leal e galante.

O que nos contam os romances e os filmes, reunindo o material disperso, pode resumir-se da seguinte forma: Robin Hood chamava-se Robin of Locksley, era filho do Barão Locksley, e foi um cruzado que acompanhou o Rei Ricardo Coração de Leão em missão de cristianização dos muçulmanos hereges. A cruzada em que interveio não teve um final feliz, Ricardo foi feito prisioneiro, contaram-se por milhares os cruzados mortos e aprisionados, entre eles Robin Hood, que todavia consegue fugir e regressar a Inglaterra. No seu país, porém, muito mudara. Enquanto durou a ausência de Ricardo, o seu irmão, o Príncipe João usurpa o trono e lança uma campanha de tirânica violência contra os leais ao legítimo rei e contra o povo inocente. Aumenta impostos e impõe regime ditatorial, mata aristocratas como o pai de Robin, a quem destrói ainda o castelo e rouba as terras, persegue camponeses e instala o terror. Revoltado com o que vê, e sem eira nem beira, arma-se de arco e flecha, veste-se de verde, enfia um capuz castanho com uma pena (cujo nome em Inglaterra era “hood”, donde “Robin Hood”), arregimenta um exército de deserdados que o acompanha e empreende uma luta sem tréguas contra o despótico Rei e os seus sequazes, entre os quais o ultra maléfico Xerife de Nottingham. Assalta e rouba os cofres reais e distribui os despojos pelos pobres e prende-se de amores por uma tal Marian, sobrinha do rei Ricardo e ela própria uma verdadeira coração de leoa. Para que tudo termine em bem, Ricardo Coração de Leão regressa da Terra Santa e volta a dotar Robin Hood do estatuto de nobre, que entretanto casara com Marian.

Em Nottingham ninguém duvida da existência de Robin Hood. A cidade, que se encontra no coração do reino, tem estátuas e ruas com o nome do herói, no cemitério do arruinado convento de Kirklees, existe também uma campa com a inscrição “Aqui jaz Robard Hude” que todos juram ser a da personagem em causa, que tem direito mesmo a um festival anual. E, na própria floresta de Sherwood, ainda é possível sentarmo-nos debaixo da mesma árvore onde outrora se reunia o grupo de Robin. Dizem. Mas também dizem que afinal não foi em Nottingham que tudo aconteceu, mas sim em Yorkshire, onde a floresta da lenda se chamava afinal Barnsdale.



3. “ROBIN DOS BOSQUES”, 1922

Ao que se sabe, a primeira versão cinematográfica das aventuras de Robin Hood surgiu em 1912 (estreia a 22 de Agosto desse ano, nos EUA), uma co-produção norte-americana e inglesa, com argumento de Eustace Hale Ball e realização conjunta de Étienne Arnaud e Herbert Blaché. Robin Hood era interpretado por Robert Frazer, Marian por Barbara Tennant, o Xerife de Nottingham por Alec B. Francis e o Rei Ricardo Coração de Leão por Arthur Hollingsworth. Tinha 30 minutos de duração e foi rodado em Fort Lee, New Jersey, que por esses anos era um dos maiores centros de produção cinematográfica dos EUA. Por iniciativa da “Fort Lee Film Commission” o original terá sido recentemente recuperado e restaurado, mas parece que a obra não ultrapassa a curiosidade histórica.

Muito diferente é o caso de “Robin Hood”, de Allan Dwan, estreado dez anos depois, numa produção onde o actor Douglas Fairbanks se empenhou por inteiro, sendo o produtor, um dos argumentistas, assinando com o pseudónimo Elton Thomas e protagonizando como actor.

Robin Hood
no cinema

Douglas Fairbanks era um dos mais populares e carismáticos actores do “mudo”. Poucos se lhe comparavam e, no campo da aventura, nenhum se lhe igualava. Ele era o electrizante herói que saltava de filme para filme, com uma bravata e uma simpatia pessoal que encantavam as plateias. Ele foi William Brooks, em “His Majesty, the American”, Don Diego Vega / Zorro, em “The Mark of Zorro”, D’Artagnan, em “The Three Musketeers”, o ladrão de Bagdad, em “The Thief of Bagdad”, Don Cesar Vega, em “Don Q, Son of Zorro”, o pirata negro, em “The Black Pirate”, o Gaucho em “The Gaucho”, novamente D’Artagnan, em “The Iron Mask”, Petruchio, em “The Taming of the Shrew”, Steve Drexel, em “Mr. Robinson Crusoe”, Don Juan em “The Private Life of Don Juan”, e obviamente Robin dos Bosques, em “Robin Hood”. Tudo isto, entre muito mais, sobretudo na década de 20 do século XX.

Douglas Elton Thomas Ullman, mais conhecido por Douglas Fairbanks, Sr. (nascido em Denver, Colorado, a 23 de Maio de 1883, falecido em Santa Mónica, Califórnia, a 12 de Dezembro de 1939) foi actor, produtor, realizador, argumentista e um dos mais influentes membros da comunidade cinematográfica de Los Angeles. Era conhecido como “The King of Hollywood”, sobretudo depois do seu casamento com Mary Pickford (que durou de 1920 a 1936), outra diva da época, que com ele consubstanciou a boda mais badalada desse período de ouro de Hollywood. Juntamente com Charlie Chaplin, David W. Griffith e Mary Pickford fundou a “United Artists” para defender a sua liberdade de criação perante os estúdios. Mais tarde, foi membro fundador da “The Motion Picture Academy” e o primeiro apresentador da cerimónia inaugural da atribuição de Oscars, em 1929. Douglas Fairbanks, Jr. continuou-lhe a obra, mas muito abaixo da projecção do pai. A provar a perenidade da auréola mágica do “Sénior”, fica o “The Fairbanks Memorial”, criado pelo historiador cinematográfico



Robin Hood
no cinema

Sparrow Morgan, que todos os anos, no dia 23 de Maio, apresenta um dos clássicos do actor no “Hollywood Forever Cemetery”.

Em 1991, a “Academy of Motion Picture Arts and Sciences” abriu o “Fairbanks Center for Motion Picture Study”, na La Cienega Boulevard, em Beverly Hills, e em 24 de Janeiro de 2009 inaugurou uma exposição dedicada a “Douglas Fairbanks: The First King of Hollywood”. A sua lenda perdura com o lema “Swashbucklers do it with panache” (o que quer dizer, mais ou menos, “os aventureiros fazem-no com elegância”). Allan Dwan merece igualmente algumas palavras de apresentação. Nascido no Canadá, em Toronto, Ontário, no dia 3 de Abril de 1885, falecido em Woodland Hills, Califórnia, a 28 de Dezembro de 1981, foi um dos realizadores pioneiros do cinema norte-americano, dirigindo mais de 1850 filmes, em 50 anos de carreira. Somente entre 1909 e 1913, Dwan calculava ter rodado cerca de 400 filmes, dos quais 200 para a “American Film Company”, em San Diego, Califórnia. Convém acrescentar que nessa época os filmes duravam cerca de quinze minutos. Mas foi um cineasta conceituado, trabalhou com Mary Pickford e Douglas Fairbanks, por diversas vezes, teve vários grandes sucessos, entre os quais, por exemplo, “Sands of Iwo Jima” (“O Inferno de Iwo Jima”), em 1949, e terminou a carreira, em 1961, assinando um filme de culto, “The Most Dangerous Man Alive” (“O Mais Perigoso dos Homens”), com Ron Randell, Debra Paget e Elaine Stewart. Era mestre na orquestração da aventura e os seus westerns ficaram na história, bem como “Robin Hood”, uma das suas glórias máximas.

Curiosamente, esta versão de 1922, sendo “muda” inspira-se obviamente na tradição oral das baladas e na erudição do mito. Os intertítulos iniciais demonstram-no bem: “Esta era uma Idade de Fé, onde as crónicas falavam de cavaleiros e cruzados, de guerreiros de justas causas, de baladas que cantavam sobre frades alegres, elegantes fora-da-lei ou trovadores que

vagueavam pelas florestas.” E vai mais longe: “A História, no seu estado ideal, é composta por lendas e crônicas e é a partir de ambas que vos apresentamos a Idade Média”.

Principia assim a história de Robin Hood, inicialmente Robert, conde de Huntingdon, amigo dilecto do Rei Ricardo, Coração de Leão, que tinha no irmão, o Príncipe John, um rival ambicioso e nada fiável. De colaboração com o diabólico Sir Guy of Gisbourne, ambos preparam uma conjura de traição, esperando apenas que o Rei e o seu leal amigo partam para a Cruzada. Durante um torneio que celebra a partida para aventura de “cristianizar os hereges” (e sobre as cruzadas muito haveria a dizer, mas este não é o local), o conde derrota o seu arqu-inimigo, deixando-o prostrado por terra, enquanto recebe as glórias do rei, a coroa das mãos da sua amada Mariam Fitzwalter, e o cortejo de um número infundável de “ladies” que não desertam do seu encanto. Os cenários exteriores do castelo, e interiores, do salão com uma torre ao centro, envolvida por uma escadaria de pedra, são majestosos e trazem a assinatura de Lloyd Wright, filho do célebre arquitecto norte-americano Frank Lloyd Wright. As movimentações de massas são igualmente impressionantes e os figurantes aos milhares (e nada virtuais). O esforço de produção é brilhante, conseguindo ainda hoje perturbar.

Robin Hood
no cinema

Mal se vislumbraram pelas costas os que partiram para a Terra Santa, o Príncipe John assume o poder. Coloca a cidade de Nottingham a ferro e fogo. Assalta, pilha, executa, viola, persegue, incendeia. No dia anterior já ameaçara: “Amanhã, tudo isto será meu.” No dia certo, reafirma: “Um príncipe em casa vale muito mais que um rei fora”. Entretanto, a despedida de Robert e Marian é magnificamente recordada por um medalhão incrustado nas pedras de uma das paredes do castelo e que voltará a ter significativos reflexos no futuro. Ao despedir-se, o herói entra na lenda romântica: “Parto para a Terra Santa com metade de um coração. A outra metade fica com uma mulher.” Enquanto isso, o nefasto Príncipe John encomenda a Sir Guy of Gisbourne, que também segue em cruzada, a morte do rei e do conde de Huntingdon, para assim as suas intenções ficarem mais consolidadas.

Pela cruzada, as coisas também não se passam muito bem. Ricardo é informado por uma pomba correio do desatino que incendeia o reino, mas por obra e graça das maquinações de Guy of Gisbourne, quem é acusado de traição é o fiel conde de Nottingham, que é feito prisioneiro, mas consegue fugir e regressar a Inglaterra. Com Ricardo em parte incerta, um ano depois, surge a figura do lendário bandoleiro que se instala na floresta de Sherwood. Começa então a gesta justiceira do fora-da-lei que, diga-se, afinal é um dos poucos dentro-da-lei. Chovem as setas “desnudadas” de Robin Hood, apavorando os que prevaricam. O cruel Xerife de Nottingham assoma à porta de sua casa e vê uma flecha acertar-lhe ao lado, com a ameaça de “morte aos traidores e aos inimigos do Rei.” Os três leões de Ricardo multiplicam-se noutras tantas mensagens cifradas. Populares e soldados que desertam das fileiras do exército regular são recrutados para

a floresta. Do lado contrário, oferece-se uma choruda recompensa pela captura de Robin Hood. Mas o povo reconhece o seu benfeitor, aquele que distribui generosamente entre os desfavorecidos e carenciados o produto dos seus saques reais.

Entretanto, na floresta, a alegria é contagiante. O grupo de Robin Hood parece um exército de gnomos em “número” musical coreografado por um incipiente encenador. Mas nas tendas onde os cruzados pernoitam, o ambiente é sinistro. Guy of Gisbourne tenta assassinar o rei, mas mata o bobo, e Ricardo descobre finalmente o traidor, numa altura em que é ainda informado, por um enviado especial de Inglaterra, do que se passa no seu reino. Decide regressar e incorporar-se anonimamente no grupo da floresta de Sherwood. Finalmente, num dos momentos mais intensos do filme, os soldados do Príncipe John rodeiam os seguidores de Robin Hood no seu refúgio da floresta, mas estes trocam-lhe as voltas, roubam-lhes os cavalos e partem à conquista da desarmada Nottingham, que ocupam e libertam do jugo do tirano, surgindo então o legítimo rei a recolocar ordem na desordem e a apadrinhar o casamento do reassumido conde de de Huntingdon com Marian. Tudo termina bem, quando o final é feliz. Hollywood no seu esplendor, na idade mágica da sétima arte, quando a inocência imperava.

Robin Hood
no cinema

As cenas de multidão são muito bem geridas, mas as de interior não lhe ficam atrás. Há um cuidado extremo no enquadramento dos planos, no aproveitamento da cenografia, na iluminação dos volumes. Há imensos planos que enquadram portas e janelas que servem de moldura à acção que se passa para lá dos seus limites e que conferem um tom muito especial à obra. Para os olhos de um espectador de hoje, há muita irrealidade na representação, e uma dualidade de ritmo na narrativa que é inquietante. A primeira hora, expositiva, é algo lenta e poderia ter ganho com cortes, enquanto a segunda, de constante acção, é muito mais divertida e excitante. Mas é conveniente enquadrar o filme no seu tempo e perceber, através dele, o olhar desse mesmo tempo.

ROBIN DOS BOSQUES

Título original: Robin Hood

Realização: Allan Dwan (EUA, 1922); **Argumento:** Douglas Fairbanks (assinando Elton Thomas) e ainda, não creditados, Kenneth Davenport, Edward Knoblock, Allan Dwan, Lotta Woods; **Produção:** Douglas Fairbanks; **Música:** John Scott; **Fotografia (p/b):** Arthur Edeson, Charles Richardson; **Montagem:** William Nolan; **Direcção artística:** Wilfred Buckland, Edward M. Langley, Irvin J. Martin; **Guarda-roupa:** Mitchell Leisen; **Maquilhagem:** George Westmore; **Departamento de arte:** Lloyd Wright; **Companhias de produção:** Douglas Fairbanks Pictures; **Intérpretes:** Douglas Fairbanks (Conde de Huntingdon / Robin Hood), Wallace Beery (Rei Ricardo), Sam De Grasse (Príncipe John), Enid Bennett (Lady Marian Fitzwalter), Paul Dickey (Sir Guy of Gisbourne), William Lowery (Xerife de Nottingham), Roy Coulson (Bobo), Willard Louis (Frei Tuck), Billie Bennett, Merrill McCormick, Wilson Benge, Alan Hale, Bud Geary, Lloyd Talman, Carles O. Lewis, Frank Austin, Ted Billings, Nino Cochise, Ann Doran, Robert Florey, Dale Fuller, Rita Gilman, Ruth Hiatt, Charles Lewis, Virginia Moon, Charles Ray, Gene Roth, Charles Stevens, etc. **Duração:** 127 minutos (versão integral: 133 minutos); **Distribuição em Portugal:** Castello Lopes; **Estreia em Portugal:** Tivoli, 7 de Junho de 1926.

4. “AS AVENTURAS DE ROBIN DOS BOSQUES”, 1938

“Em glorioso Technicolor!”, era assim que era apresentado “The Adventures of Robin Hood”, filme produzido pela Warner numa altura em que a cor no cinema era ainda uma raridade. Terá sido este um dos aspectos a incentivar mais fortemente o aparecimento de uma nova versão das aventuras de Robin dos Bosques, depois do estrondoso sucesso de público que fora a versão, muda e a preto e branco, de Douglas Fairbanks.

A Warner era uma produtora singular (aliás, por essa altura, quase todas o eram, especializadas em certos temas e géneros). O tipo de filmes que produzia tinha uma forte carga da marca da casa mãe. Eram filmes de gangsters e policiais “negros”, biografias de gente famosa, alguns “musicais”, mas toda a produção com um forte peso social. “Little Caesar”, com Edward G. Robinson, “The Public Enemy”, com James Cagney, “I Am a Fugitive from a Chain Gang”, com Paul Muni, são bons exemplos duma dessas vertentes. “The Story of Louis Pasteur”, com Paul Muni, que ganhou o Oscar de melhor actor em 1937, ou “The Life of Emile Zola”, que conquistou no mesmo ano o Óscar de melhor filme, sintetizam a outra corrente. Mas este tipo de filme social, reflectindo violência, uma linguagem rude e alguma verdade do dia a dia americano, estava em risco com o aparecimento do código Hayes, que impunha regras estritas de confrangedora moralidade conservadora. A Warner queria mudar de rosto, e a primeira escolha foi optar por um valor seguro, William Shakespeare, “A Midsummer Night’s Dream” (1935), primorosamente dirigido por William Dieterle, com a colaboração do encenador Max Reinhardt, com um elenco onde, ao lado de jovens como Ian Hunter ou Verree Teasdale, apareciam

Robin Hood
no cinema



os tradicionais da casa, Dick Powell, Olivia de Havilland, James Cagney ou Joe E. Brown. Foi um projecto de prestígio, mas o estúdio também não navegava nas melhores águas económicas e precisava de alguma coisa que movimentasse as massas (literalmente e em vários sentidos). “Robin Hood” foi a escolha. Acertada. Ainda hoje se afirma como uma sólida fonte de receita, em DVD e nos canais de televisão, sendo seguramente um dos grandes filmes de aventura de todos os tempos.

Inicialmente estava previsto ser James Cagney o “Robin Hood” da Warner. Ele era o actor mais prestigiado do estúdio, com uma presença nervosa e vitalista que impressionava. Mas por essa altura, actor e estúdio estavam de candeias às avessas, e quem acabou por ser escolhido foi um novato que se havia estreado, há pouco (1936), como protagonista, num filme de capa e espada que tivera muito boa aceitação, “Capitan Blood”, de Michael Curtiz.

Errol Leslie Flynn nasceu na Austrália, em 20 de Junho de 1909 (viria a falecer nos EUA a 14 de Outubro de 1959), tendo-se naturalizado norte-americano em 1942. Antes de chegar aos EUA, contratado pela Warner Bros., Errol Flynn teve vida aventureira por três continentes, sendo descoberto em Londres, como actor de teatro, e na Austrália, como intérprete de alguns filmes onde impunha já a jovialidade e a presença física que o notabilizaram. Daí a Hollywood foi um passo e, no seu filme de estreia como protagonista, fez sensação. Seguiram-se “The Charge of the Light Brigade” (1936), “The Prince and the Pauper” (1937), antes de ser escolhido para encarnar Robin Hood, em “The Adventures of Robin Hood” (1938). Depois apareceria em muitas mais obras, como “The Dawn Patrol” (1938), “Four’s a Crowd” (1938), “Dodge City” (1939), “The Private

Robin Hood
no cinema

Lives of Elizabeth and Essex” (1939), “Santa Fe Trail” (1940), “The Sea Hawk” (1940), “They Died with Their Boots On” (1941) ou “Adventures of Don Juan” (1948). Deixou na história do cinema uma marca pessoal indiscutível. O chamado filme de capa e espada, os piratas do mar e a aventura em geral nunca tiveram outro actor tão completo. Os seus duelos de espada ficaram memoráveis, como o que termina “The Adventures of Robin Hood”, opondo-o a um sinistro Sir Guy of Gisbourne, admiravelmente interpretado por Basil Rathbone.

O argumento deste novo Robin dos Bosques começou a ser idealizado partindo obviamente da antiga versão de Allan Dwan, mas muito modificada. Curiosamente, no próprio genérico consta, depois dos nomes dos argumentistas de serviço, Norman Reilly Raine, Seton I. Miller e Rowland Leigh, a informação de que estes se haviam “baseado em velhas lendas”. O primeiro escritor contratado foi Rowland Leigh, cujo trabalho inicial não agradou integralmente ao produtor delegado Hal B. Wallis. A versão excluía Marian e era demasiado floreada ao nível dos diálogos. Foram então convidados Norman Reilly Raine e Seton I. Miller, que concluíram a obra. A preceito.

Robin Hood
no cinema

William Keighley foi o primeiro realizador contratado e que iniciou as filmagens. Era um director sóbrio, eficaz, elegante, mas, apesar de ser um especialista em westerns de série B, não tinha muito bem a noção da aventura espectacular, como se pretendia para este filme. Trabalhara com Flynn, de quem se tornara amigo, em “The Prince and the Pauper” (1937), mas era demasiado lento na rodagem. Naquele tempo era vulgar a substituição de directores, já com as obras em andamento. Foi o que aconteceu e, para o lugar de Keighley, foi contratado Michael Curtiz, um



húngaro exilado nos EUA, que teria sido a escolha natural de Jack Warner e Hal B. Wallis, não fora Errol Flynn interceder por Keighley.

Curtiz (de nome original Manó Kertész Kaminer) nasceu em Budapeste a 24 de Dezembro de 1886, ainda na época do império austro-húngaro. Viria a falecer em Hollywood a 10 de Abril de 1962. Iniciaria a sua carreira ainda na Hungria, onde dirigiu cerca de quatro dezenas de obras, prolongando-a depois na América, construindo uma sólida e brilhante filmografia com mais de 170 títulos. Era pau para toda a obra, mas era um cineasta completo e deixou-nos meia dúzia de obras-primas indiscutíveis. Ganhou o Oscar de melhor realizador em 1942, com “Casablanca” e foi nomeado mais algumas vezes: para “Captain Blood” (1935), “Angels with Dirty Faces” e “Four Daughters” (ambos de 1938) ou “Yankee Doodle Dandy” (1942). Agarrou no que faltava de “The Adventures of Robin Hood” e deu-lhe uma volta completa. As sequências rodadas por William Keighley no parque natural de Chico, a 600 km do estúdio, foram melhoradas com novos planos. Curtiz resolveu filmar o que faltava perto de Hollywood, no lago Sherwood, na Califórnia, no mesmo local onde Fairbanks tinha rodado a sua versão. Michael Curtiz era um cineasta quente, efusivo, vibrante. Dizem que, durante uma cena de amor entre Flynn e Olivia de Havilland (que andavam envolvidos durante as filmagens), os dirigiu da seguinte forma: “Não a apertes como uma batata quente. Esmaga-a. Talvez lhe quebres uma costela. Será excelente, se der uma boa cena!”

A rodagem concluiu-se com um mês de atraso, mas todos apostavam no sucesso do filme. Tinha um pouco de tudo o que necessitava um filme de acção, duelos de capa e espada, arco e flechas em barda, pancadaria, traição, abnegação, heroísmo e amor. E humor. As preocupações com

Robin Hood
no cinema

os cenários, exteriores e interiores, foram grandes. Nem sempre o rigor histórico, quanto à reconstituição do século XII, foi o maior, mas, no contexto, o resultado é notável, tanto mais que o brilho do novo Technicolor fazia ressaltar a voluptuosidade das cores. O filme acabaria por custar cerca de 2 milhões de dólares (hoje seriam 30 milhões), a mais cara produção da Warner até essa altura.

Para a composição da partitura musical foi contratado o austríaco Erich Wolfgang Korngold, um homem de formação clássica, mais acostumado a óperas. Mas acabou por criar uma partitura que fez história (considerada a 11ª, numa lista das 25 melhores bandas sonoras do cinema de todos os tempos) e ganharia o Oscar de melhor música de filme do ano. “As Aventuras de Robin dos Bosques” alcançariam ainda mais dois Oscars, um para direcção artística, da responsabilidade de Carl Jules Weyl, e outro para melhor montagem, devida a Ralph Dawson. Foi ainda nomeado para “melhor filme do ano”, galardão arrecadado na altura pela fabulosa comédia de Frank Capra, “You Can’t Take It with You”.

Robin Hood
no cinema

Ao contrário do “Robin Hood” de 1922, onde a primeira hora era ocupada pela descrição dos preparativos para a cruzada e as intrigas palacianas, este “Robin Hood” de 1939 arranca logo com as aventuras do herói em plena floresta de Sherwood. Sabe-se que Ricardo Coração de Leão foi para a cruzada, deixando o reino entregue a um amigo de confiança, Longchamp, por temer o que poderia acontecer se o trono fosse parar ao traíçoeiro irmão, Príncipe John. Mas este manobra na sombra, aproveita-se de um acidente sofrido por Ricardo no capo de batalha e, ajudado pelos barões normandos, apodera-se do ceptro. É “um dia particularmente infeliz para os saxões”, quando Ricardo é capturado por Leopoldo da Áustria, é feito prisioneiro e é exigido pesado resgate. O Príncipe John inicia então o seu reinado de terror, com extorsões, pesados impostos, perseguições, prisões e execuções sumárias. Quem não se mostra servil é escoraçado ou aniquilado. Um pobre filho de moleiro que mata um veado para alimentação da família é preso e vê preparada a sua rápida execução, não fosse a intervenção de Sir Robin de Locksley, já conhecido por Robin dos Bosques, que enfrenta temerariamente o famigerado Sir Charles de Gisbourne.

Entretanto, no castelo de Nottingham, com cenários muito semelhantes aos de Lloyd Wright para a versão de 1922, monumentais, com torres e escadarias, recantos e janelas idílicas, decorre o banquete de entronização do rei usurpador, colocando em sentido, pelo menos na aparência, as querelas entre normandos e saxões, agora submetidos ao jugo do tirano. Num acto única de bravata, Robin dos Bosques, o mais procurado, irrompe pela sala com o veado caçado. O Príncipe John, igualmente interpretado de forma magnífica pelo pérfido Claude Rains, convida-o a sentar-se à mesa, bem na sua frente, na esperança de que dali não volte a sair vivo. Mas um herói tem sempre solução para tudo, consegue furtar-se à arremetida de um exército em busca de sangue e reúne com os leais companheiros, debaixo do “carvalho dos enforcados”, na floresta de Sherwood, onde juram “lutar

até à morte contra a ditadura”. No castelo, por seu lado, é assinada a sentença de morte e proclamado o prêmio pela entrega do rebelde. É uma luta de morte, de parte a parte. Tanto mais que Marian, a apaixonada de Robin, é aprisionada numa masmorra e igualmente condenada à morte.

Aproxima-se o clímax. É o tudo ou nada e surge Ricardo, embuçado, que na floresta encontra o seu grupo de apoiantes. Conversa interessante entre o rei e o bandoleiro, quando Ricardo lhe pergunta se condena o facto de o rei ter partido para a cruzada. “Sim, condeno Ricardo por ir para o estrangeiro e não defender o seu povo.” Ricardo é ainda mais preciso: “Condena a cruzada?” Robin responde: “Condeno o que é mau para o povo de Inglaterra.” Há aqui nitidamente uma inflexão, uma deriva, em relação ao que proclamava o filme de Allan Dwan, onde a cruzada era defendida de forma inflamada. Mudança de tom que os tempos impuseram.

Chegamos, finalmente, à cerimónia de entronização de John, frustrada de forma brilhante pela arrojada investida de um exército de camuflados monges, a que se segue o esperado duelo entre Robin e Sir Charles de Gisbourne, que ficará na história como um dos mais sugestivos da sétima arte. Robin, antes de partir com Marian, em lua-de-mel, será armado barão de Lockley, e conde de Sherwood e de Nottingham. Mais uma vez “tudo bem, quando acaba bem”. “The Adventures of Robin Hood” acaba mesmo em beleza para se transformar numa das obras-primas do cinema de aventuras.

Robin Hood
no cinema

O filme estreou nos EUA, a 25 de Abril de 1938, em ante estreia, e a 14 de Maio, em todo o país. Em triunfo. A Warner nunca o viu como obra de referência, a aventura nunca teve prestígio nas esferas intelectuais norte-americanas, mas a verdade é que salvou o estúdio e ficou até hoje como um marco que muitas películas muito mais ambiciosas (e pretensiosas) nunca conseguiram.

AS AVENTURAS DE ROBIN DOS BOSQUES

Título original: *The Adventures of Robin Hood*

Realização: Michael Curtiz, William Keighley (EUA, 1938); **Argumento:** Norman Reilly Raine, Seton I. Miller, Rowland Leigh; **Produção:** Henry Blanke, Hal B. Wallis, Jack L. Warner; **Música:** Erich Wolfgang Korngold; **Fotografia (cor):** Tony Gaudio, Sol Polito; **Montagem:** Ralph Dawson; **Casting:** Rufus Le Maire; **Direcção artística:** Carl Jules Weyl; **Maquilhagem:** Perc Westmore, Ward Hamilton, Irma Kusely; **Direcção de Produção:** Al Alleborn; **Assistentes de realização:** Lee Katz, Jack Sullivan; **Som:** C.A. Riggs; **Companhias de produção:** Warner Bros. Pictures, First National Pictures; **Intérpretes:** Errol Flynn (Robin Hood of Locksley), Olivia de Havilland (Maid Marian), Basil Rathbone (Sir Guy of Gisbourne), Claude Rains (Príncipe John), Patric Knowles (Will Scarlett), Eugene Pallette (Frei Tuck), Alan Hale (João Pequeno), Melville Cooper (Xerife de Nottingham), Ian Hunter (Rei Ricardo Coração de Leão), Una O'Connor, Herbert Mundin, Montagu Love, Leonard Willey, Robert Noble, Kenneth Hunter, Robert Warwick, Colin Kenny, Lester Matthews, Harry Cording, Howard Hill, Ivan F. Simpson, Lowden Adams, Frank Baker, James Baker, Sidney Baron, Hal Baylor, Lionel Belmore, Wilson Benge, Charles Bennett, Hal Brazeale, George Bunny, David Cavendish, Phyllis Coghlan, D'Arcy Corrigan, Jack Deery, Nick De Ruiz, Austin Fairman, Frank Hagny, Ivo Henderson, Leyland Hodgson, Crauford Kent, Marten Lamont, Leonard Mudie, Paul Power, Gerald Rogers, Reginald Sheffield, Robert St. Angelo, John Sutton, etc. **Duração:** 90 minutos; **Estreia em Portugal:** Politeama, 19 de Dezembro de 1940; **Distribuição em Portugal:** Sociedade Importadora de Filmes (SIF) (1940); **Classificação etária:** M/ 6 anos.

5. “ROBIN DOS BOSQUES”, 1973

A animação também se interessou pelas aventuras de Robin dos Bosques, criando os estúdios Walt Disney, em 1973, uma longa-metragem que se afirma hoje em dia como um dos grandes clássicos daquela casa produtora. Curiosamente não foi esta a primeira vez que estes estúdios se interessaram pela figura. Antes, já esta casa produtora havia realizado “The Story of Robin Hood and His Merrie Men”, de Ken Annakin, com argumento de Lawrence Edward Watkin, com estreia no ano de 1952. Filme de imagem real, tinha como protagonista Richard Todd (Robin Hood), rodeado por Joan Rice (Marian), Peter Finch (Xerife de Nottingham), James Hayter (Frei Tuck), James Robertson Justice (João Pequeno), entre outros. Típico filme de aventuras, na linha de um outro, anterior, que tivera enorme sucesso, “A Ilha do Tesouro”, de 1950, esta obra do então jovem Ken Annakin foi rodada em Inglaterra, nos estúdios Walt Disney que aí existiam desde finais da década de 40.

Mas anteriormente Disney já se havia interessado por uma personagem que faz lembrar este Robin Hood sob a forma de raposa. Referimo-nos a um projecto dos anos 40, “Reynard the Fox”, que se baseava num conto infantil europeu, que surge em vários países, e cuja versão literária traz a assinatura de Van den vos Reynaerde, um escritor meio holandês, meio belga, nazi e anti-semita, que apareceu pela primeira vez em 1937 e depois em livro em 1941, apoiado monetariamente pelo movimento nacional socialista. Van den vos Reynaerde chegou a passar a história

Robin Hood
no cinema



a animação em 1943, mas nunca chegou a ser estreado publicamente, havendo algumas justificações para o facto. Uma, por já não ser necessário nesse ano, pois todos os judeus holandeses já haviam sido enviados para campos de concentração, outra por a personagem central ser uma raposa, animal de reputação duvidosa para ser erguido como anti-semita que mata rinocerontes judeus. Desaparecido durante anos, este filme holandês pôde ser visto, numa versão restaurada, em 2006, no Festival do Filme Holandês de Animação de Utrecht. Coisa que não pode acontecer com o filme imaginado originalmente por Disney, que nunca saiu do papel, pois o produtor achou que a ideologia não seria a mais aconselhável na altura. Mas este interesse de Disney por este “conto europeu” não deixa de ser surpreendente, sendo ele um judeu.

A versão de 1973, no entanto, vai recuperar muitas das personagens idealizadas para esse “Reynard the Fox”, nomeadamente a figura de Robin Hood e do Xerife, um lobo. E algumas situações: beijar a mão do rei e roubar as jóias. Mas há outras influências directas de outras obras do mesmo estúdio, como “O Livro da Selva” (The Jungle Book), de 1967, que empresta várias situações e algumas sequências de dança, directamente

Robin Hood
no cinema

importadas da versão animada da obra de Rudyard Kipling. “Robin Hood” é produto de uma época de grande indefinição nos estúdios Disney. Este morrera em 1966, e os anos que se lhe seguiram foram dramáticos para a produtora. Houve quem a abandonasse para criar outros projectos, houve quem continuasse obras em andamento, como “The Jungle Book”, de 1967, que alguns se aprestaram a considerar a última obra-prima



saída ainda das mãos do mestre. Os seguintes, “The Aristocats, “Robin Hood” ou “The Rescuers”, foram olhados com desconfiança na altura, mas presentemente recuperados, e são mesmo inovadores nalguns aspectos.

A adaptação de Ken Anderson transpõe a história para o reino dos animais, como é desde logo dito pelo excelente galo menestrel, de nome Alan-a-Dale, que inicia as aventuras situando a trama através de uma balada que tem ficado nos ouvidos de muitas gerações: “Há muito tempo, o bom rei Ricardo de Inglaterra partiu para as cruzadas. Durante a sua ausência, O Príncipe João, seu irmão, ambicioso e traidor, usurpa a coroa. Robin dos Bosques era a única esperança do povo. Ele roubava aos ricos para dar aos pobres. Há muitas versões desta história, nós, no reino animal, temos a nossa própria versão.”

A esta se chama uma versão antropomórfica, dado que figuras de animais agem e sentem como humanos, prática corrente em quase toda a animação, sobretudo a saída dos Estúdios Disney, desde a sua criação. Temos assim Robin e Marian como raposas; o Príncipe João como leão, tal como Ricardo; o venenoso e sibilante Hiss, como serpente; João Pequeno como urso; Frei Tuck na pele de texugo; e o Xerife a vestir a de lobo, por entre muitos elefantes, crocodilos, hipopótamos, rinocerontes e hienas, que fizeram papéis de maus, como membros dos exércitos do tirano. Há ainda muita arraia miúda, ratos, coelhos, e etc. Quanto às peripécias, elas acompanham a lenda propagada, com algumas alterações que o facto de ser um filme “para toda a família” facilmente se compreende que implique. Robin e João Pequeno, foras-da-lei, passeiam pela Floresta de Sherwood, roubando aos ricos e distribuindo pelos pobres, com a justificação de que “pedem emprestado” e estabelecem uma “doce caridade”, perante a afrontosa tirania do Príncipe João. Há a proverbial visita ao castelo de Nottingham e o imprescindível torneio de arco e flecha, e a situação desgraçada desta cidade, envolta na escuridão e no temporal, pejada de presos e mortos, de tortura e dor, de solidão, até na igreja, onde já ninguém vai, bem como a curiosa justificação do ditador que, a certa altura, afirma que “hipnotizou Ricardo para o levar a ir para longe em cruzada”. Como parece tão actual esta modalidade de hipnotizar governantes ou opinião pública, para se poder depois fazer o que se quer! O Príncipe João é, aliás, uma criação magnífica, carregada de humor, chuchando no polegar, traumatizado por uma infância infeliz (“A mãe sempre gostou mais de Ricardo do que de mim”), dormindo agarrado ao seu tesouro, qual Tio Patinhas medieval. A cobrança de impostos é uma constante obsessiva, que vai crescendo de infâmia à medida que o filme decorre. O normal. Mesmo o duelo final entre Robin e o tenebroso Xerife não deixa de aparecer, logo seguido pelo final feliz, abençoado por Frei Tuck e Ricardo, Coração de Leão.

A animação é simples, mas a realização de Wolfgang Reitherman muito eficaz, as vozes originais brilhantes, e o produto acabado irá resistir ao tempo, continuando a encantar graúdos e miúdos, aqui irmanados



Robin Hood
no cinema

numa das mais preciosas armas dos estúdios Disney: conseguir agradar a públicos de todas as faixas etárias.

ROBIN DOS BOSQUES

Título original: Robin Hood

Realização: Wolfgang Reitherman (EUA, 1973); **Argumento:** Ken Anderson, Larry Clemmons; **Música:** George Bruns, Floyd Huddleston, Roger Miller; **Montagem:** Tom Acosta, Jim Melton; **Direcção artística:** Don Griffith; **direcção de produção:** Don A. Duckwall; **Assistentes de realização:** Dan Alguire, Edward Hansen, Jeff Patch; **Som:** Evelyn Kennedy, Herb Taylor; **Efeitos especiais:** Jack Buckley, Dan MacManus; **Animação:** Dale Baer, Don Bluth, Eric Cleworth, Fred Hellmich, Eric Larson, Burny Mattinson, Cliff Nordberg, Art Stevens; **Produção:** Wolfgang Reitherman; **Intérpretes** (vozes): Brian Bedford (Robin Hood), Peter Ustinov (Príncipe John/Rei Richard), Phil Harris (Little John), Terry-Thomas (Sir Hiss), Monica Evans (Marian), Carole Shelley (Lady Kluck), Andy Devine (Frei Tuck), Roger Miller (Alan-A-Dal), Pat Buttram, George Lindsey, Ken Curtis, Billy Whitaker, Dana Laurita, Dora Whitaker, Richie Sanders, J. Pat O'Malley, Candy Candido, Barbara Luddy, John Fiedler, Beulah Bondi, Jonas Bergström, Jacques Marin, etc. **Duração:** 83 minutos; **Classificação etária:** M/ 6 anos; **Distribuição em Portugal:** Lusomundo Audiovisuais (cinema e DVD);

6. “A FLECHA E A ROSA”, 1976

O “glamour” do “glorious technicolor” desapareceu. As cores fortes foram substituídas pelos castanhos e cinzentos, os vinte anos pelos quarenta, as ilusões pelas desilusões, nada é o que foi há vinte anos na lenda ou há vinte anos no cinema. Já não há Douglas Fairbanks ou Errol Flynn para vigorosamente combaterem “por sua dama e el-rei”. O rei mítico, o Ricardo, Coração de Leão das cruzadas e da expansão da fé cristã, não passa de um carniceiro, e as expedições punitivas a Jerusalém oferecem agora uma visão muito diferente. O filme é de 1976 e, entretanto, as plateias evoluíram, passaram pelo Maio de 68, e desacreditaram em mitologias.

Em determinada sequência do filme de Richard Lester, Robin Hood, o quarentão que sofre de reumático e já não tem a agilidade de outros tempos, abraça-se a Marian e relembra os tempos de Ricardo na Cruzada: “Poupou os ricos para ficar com o resgate, poupou os fortes para deles fazer escravos, e matou velhos, mulheres e crianças. Ao fim do dia eram 3.000 mortos na planície. Mandou abrir todos os cadáveres para encontrar tesouros dentro dos seus corpos. Com o beneplácito dos bispos que abençoavam a carnificina. Estou farto! Regressei a Inglaterra, porque é o meu país.” E Marian acrescenta: “Também tinham alma esses pagãos que mataste”.

Robin Hood
no cinema

O clima é de desilusão e de presságio de morte. Logo na imagem inicial surgem três maçãs viçosas e, no plano seguinte, as mesmas três maçãs aparecem podres. É a passagem do tempo a cumprir a sua função. É tempo para abutres e não para falcões ou águias.

No início do filme, este envelhecido Robin Hood cumpre uma última ordem de Ricardo. Com o seu fiel João Pequeno, e meia dúzia de cavaleiros, cerca um decrépito castelo, para encontrar um tesouro. O castelo tem apenas um velho louco e crianças, e o tesouro não passa de uma pedra sem qualquer valor. Mas, Ricardo exige o cumprimento da ordem: arrasar o castelo e chacinar os seus habitantes. Robin recusa-se a tomar parte neste massacre sem significado, e ele e João serão presos. As amizades de há vinte anos não sobrevivem. O rei tornou-se num déspota. Ou é finalmente visto como o déspota que sempre fora. Sabe, e não aprecia, que está sempre a ser julgado aos olhos de Robin. Uma seta arremessada à mão atravessa o pescoço de Ricardo, que morre tempos depois, o que, por sua vez, salva Robin e João de igual sorte. Com Ricardo parte o “senhor” a quem servir e a quem se jurara lealdade. As ilusões perderam-se antes, quando Ricardo mostrara realmente a sua identidade, cruel e soberbo, arrogante e gabarola, tudo destruindo à sua passagem, em nome da fanfarronice de um absoluto poder. Vinte anos antes, Robin e Ricardo tinham sido amigos, foram ambos à Terra Santa, com 500.000 homens em armas. Regressaram 50. Robin lamenta o engano: “Tomava-o como um grande rei. Em Sherwood. Agora já não o conheço.” Ou, finalmente, conhece-o. Ricardo, antes de morrer, ainda explica que “a sua vida tinha



sido amaldiçoada pelo pai, no momento em que ele o matara”. Voltando-se para Robin: “Ficas livre de mim. Que serás tu sem mim?”.

Robin dos Bosques e João Pequeno, Marian e o Xerife de Nottingham deixaram, pois, passar vinte anos sobre o seu período de glória, os seus vinte anos. Robin fez as cruzadas, desapareceu durante dezoito anos do olhar de Marian, que, entretanto, professara, e é agora madre superiora numa abadia, em Kirkly. Leal a Robin, casara com o único com quem nunca seria infiel: Deus. É em Kirkly que Robin a vai reencontrar e levá-la de regresso à floresta de Sherwood, onde tentam viver o já vivido. O tempo passara, e se o amor resistiu, os heróis não. De Robin e Marian fica a lenda que os trovadores irão cantar, depois de beberem o elixir que os libertará finalmente.

A descrição desta Idade Média é cuidada e implacável. Não há heróis nem cenários de cores vivas e de elegante grandeza, mas lama e roupa suja e esfrangalhada. O rei bebe vinho por um balde e o sangue escorre-lhe do pescoço enquanto dança. Pelos caminhos e nas praças das cidades há pobres e humilhados, presos e pedintes, olhos esgazeados de fome. E ovos e galinhas extorquidos para pagar impostos, para os poderosos consumirem sem pudor.

Robin Hood
no cinema

Em Sherwood a floresta envelheceu também. Árvores e troncos mortos. “Muitos espinhos crescem durante vinte anos. A minha árvore! Não resta nada!”, lamenta-se Robin. Mas resta a lenda. Encontram Frei Tuck que se tornou um baladeiro emérito e que canta as aventuras de Robin, a pedido. “Cantam-se por todo o lado os teus feitos”, explica. Canta para Robin que, divertido, afirma que nada daquilo é verdadeiro. “Não fiz nada disso!”, ao que Frei Tuck responde, continuando a cantar: “Eu sei!” “Quando a lenda é mais forte que a realidade, imprime-se a lenda”, já o tinham dito noutra filme, este no Oeste Americano.



Tal como antigamente, regressam a Sherwood para combater o novo rei, “João sem Terra”. Voltam a arregimentar um exército de maltrapilhos em busca da dignidade perdida. Voltam a tingir as roupas do verde dos bosques, mas nem a cor é a mesma. O desfecho não poderia, pois, ser idêntico, ainda que o duelo final entre Robin e o Xerife de Nottingham seja igualmente encenado com brilho. Curioso é que é entre estes dois homens, que se odeiam e se respeitam, que surge o lampejo da dignidade. A figura do Xerife, admiravelmente interpretada por Robert Shaw, é de uma complexidade psicológica invulgar. Os heróis perderam o viço de outrora e é o Xerife de Nottingham quem mais resiste à usura do tempo. Robin assume mesmo um discurso pacifista: “Não perdi nenhuma batalha e, afinal, o que ganhei?”.

Americano nascido em Filadélfia (a 19 de Janeiro de 1932), mas com uma carreira quase integralmente cumprida em Inglaterra, Richard Lester ficou conhecido sobretudo pelas suas comédias e os primeiros filmes interpretados pelos Beatles: “A Hard Day’s Night” (1964) ou “Help” (1965). Depois foi o triunfo em Cannes, com a Palma de Ouro para “The Knack...And How to Get It” (1965), um perturbante “Petulia” (1965), e um filme antibelicista, com os olhos no Vietname, “How I Won the War”, interpretado por John Lennon, em 1967. Seguiram-se “Juggernaut” (1974), “Robin and Marian” (1976), “Cuba” (1979), e as duas jornadas de “The Three Musketeers” (1973) e “The Four Musketeers” (1974). Em 1988, na rodagem de “The Return of the Musketeers”, um actor amigo pessoal de Lester, Roy Kinnear, morreu na sequência da queda de um cavalo e o cineasta resolveu afastar-se dos estúdios. Voltou, em 1991, para dirigir Paul McCartney, em “Get Back”. Em “A Flecha e a Rosa”, Richard Lester, sem atingir o seu melhor, assina um filme interessante, com alguns excelentes momentos, boas interpretações, uma cuidada direcção artística e um bom sentido

Robin Hood
no cinema

da aventura, aqui mais interior do que exterior. Tem sequências de um saboreado humor, subtil e contundente, e um olhar absolutamente novo e irreverente sobre as personagens e os tempos de que se ocupa. Muito bons actores acompanham-no nesta façanha discreta, como Sean Connery em bom plano, num Robin dos Bosques entradote, mas charmoso, no seu porte descuidado, ou Audrey Hepburn (a recordar os tempos do seu “A História de Uma Freira”, de William Wyler) e ainda Robert Shaw (Xerife de Nottingham), Richard Harris (brilhante em Ricardo, Coração de Leão), Nicol Williamson (João Pequeno), Denholm Elliott (Will Scarlett), Kenneth Haigh (Sir Ranulf), Ronnie Barker (Frei Tuck) ou Ian Holm (João sem Terra). E ainda se avista uma divertida Victoria Abril, no início da carreira, num filme em grande parte rodado em terras de Espanha.

A FLECHA E A ROSA

Título original: *Robin and Marian*

Realização: Richard Lester (EUA, 1976); **Argumento:** James Goldman; **Produção:** Denis O’Dell, Richard Shepherd, Ray Stark; **Música:** John Barry; **Fotografia (cor):** David Watkin; **Montagem:** John Victor-Smith; **Casting:** Mary Selway; **Design de produção:** Michael Stringer; **Direcção artística:** Gil Parrondo; **Guarda-roupa:** Yvonne Blake; **Maquilhagem:** José Antonio Sánchez ; **Direcção de Produção:** Barrie Melrose, Juan Clemente Prosper, Apolinar Rabinal, Roberto Roberts, Dusty Symonds ; **Assistentes de realização:** José López Roderó; **Departamento de arte:** Julián Mateos, Francisco Prósper; **Som:** Roy Charman, Gerry Humphreys, Don Sharpe, Paul Smith; **Efeitos especiais:** Eddie Fowlie; **Companhias de produção:** Columbia Pictures Corporation, Rastar Pictures; **Intérpretes:** Sean Connery (Robin Hood), Audrey Hepburn (Lady Marian), Robert Shaw (Xerife de Nottingham), Richard Harris (Ricardo, Coração de Leão), Nicol Williamson (João Pequeno), Denholm Elliott (Will Scarlett), Kenneth Haigh (Sir Ranulf), Ronnie Barker (Frei Tuck), Ian Holm (João sem Terra), Bill Maynard, Esmond Knight, Veronica Quilligan, Peter Butterworth, John Barrett, Kenneth Cranham, Victoria Abril, Montserrat Julió, Victoria Hernández Sanguino, Margarida Minguillón, etc. **Duração:** 106 minutos; **Distribuição** em Portugal: Zon Lusomundo; **Classificação etária:** M/ 12 anos.

Robin Hood
no cinema

Nota: Entre 1938 e 1976 surgiram várias versões de aventuras de Robin Hood, entre as quais algumas nada desprezíveis, como a já referida “The Story of Robin Hood and His Merrie Men” (1952), uma realização de Ken Annakin, segundo argumento de Lawrence Edward Watkin, com Richard Todd em Robin Hood. Mas a mais interessante seria mesmo “Sword of Sherwood Forest” (1960), de Terence Fisher, com argumento de Alan Hackney e produção da Hammer Films, uma casa especializada em filmes de terror gótico que, durante as décadas de 50 e 60, recolocou no mercado todos os grandes mitos da literatura e cinema de terror (“Frankenstein”, “Drácula”, “O Médico e o Monstro”, “A Múmia”, etc.) quase sempre pela mão inspirada e talentosa de Fisher, um dos grandes mestres do gótico, quase sempre acompanhado pelos actores Christopher Lee e Peter Cushing. Richard Greene, o Robin Hood deste filme de Fisher, tinha sido o protagonista de uma reputada e muito popular série de televisão e não pretendeu abandonar a personagem sem uma passagem pelo cinema. Surge assim ao lado de Sarah Branch (Marian), Peter Cushing (Xerife de Nottingham) ou Nigel Green (João Pequeno).

7. “ROBIN HOOD: PRÍNCIPE DOS LADRÕES”, 1991

“Robin Hood: Príncipe dos Ladrões”, de Kevin Reynolds, é uma obra interessante de um ponto de vista ideológico por introduzir algumas alterações no esquema tradicional das aventuras deste herói medieval, sobretudo no que se refere às sempre presentes conotações com o mundo muçulmano, que acaba por surgir quando se fala das cruzadas e do confronto entre islamismo e cristianismo. Cinematograficamente, porém, a qualidade da obra é menor, em comparação com as suas precedentes.

Kevin Reynolds, o realizador (nascido nos EUA, em San Antonio, a 17 de Janeiro de 1952), iniciou a sua carreira no início da década de 80, com “Proof”, e prolongou-a com algumas obras curiosas, sobretudo “Fandango” (1985), “The Beast of War” (A Besta da Guerra, 1988) ou “Rapa Nui” (1994). Mas a sua colaboração com Kevin Costner, em “Robin Hood: Prince of Thieves” (1991) e depois em “Waterworld” (1995) não foi muito brilhante e marcou um período de conflitos que resultaria em perda para ambos e principalmente para as obras em questão. Costner perdeu o carisma que vinha adquirindo como grande vedeta e Reynolds não mais voltaria a assinar títulos como os que inauguraram a sua carreira. “One Eight Seven” (Condenação à Morte, 1997), “The Count of Monte Cristo” (O Conde de Monte Cristo, 2002) ou “Tristan + Isolde” são obras interessantes, mas perderam algum brilho em relação às da época inicial, mais irreverentes e menos académicas. Mas a dupla Costner e Reynolds parece que vai voltar, no próximo projecto que se anuncia para 2011: “Learning Italian”.

“Robin Hood: Prince of Thieves” tem argumento original de Pen Densham e John Watson, e introduz algumas novidades no tema (algumas delas posteriormente muito gozadas na comédia de Mel Brooks, de que falaremos oportunamente). Uma legenda inicial introduz época e personagens: “800

Robin Hood
no cinema



anos atrás, Ricardo Coração de Leão, Rei de Inglaterra, dirige a III cruzada para libertar o Santo Graal das mãos dos turcos. A maior parte dos jovens nobres ingleses que o acompanharam não regressou a casa.” Estamos em Jerusalém, 1194. Numa prisão, turcos torturam cristão e mouros. Mas Robin de Locksley intervém, consegue livrar-se das grilhetas, libertar os companheiros de infortúnio, entre os quais Azeem, um negro mouro, que o irá acompanhar ao longo de toda a obra, esperando o momento certo para saldar a dívida de gratidão que contraiu ao lhe salvarem a vida. Um dos presos, antes de morrer, oferece a Robin um anel, que espera que este entregue à irmã, Marian, para quem pede protecção.

Entretanto, em Inglaterra, terra pátria por que suspira Robin, as coisas não estão melhor. O tenebroso Xerife de Nottingham e o seu primo Guy of Gisborne colocam o país a ferro e fogo e uma das vítimas destes cavaleiros mascarados (que se assemelham em muito aos cavaleiros da Ku Klux Klan) é o próprio pai de Robin, que é morto, e o seu castelo e terras expropriados. É isso mesmo que o herói irá descobrir, quatro meses depois, quando chegar a casa, acompanhado pelo mouro, que não bebe álcool, reza em direcção a Meca, e acha “muito interessante esta Inglaterra” quando descobre as atrocidades que por ali se praticam. Uma afirmação que tem muito que se lhe diga, pois costuma ser endereçada aos muçulmanos pelos povos ocidentais. O que implica que haverá sempre formas recíprocas de ver os problemas, consoante ao pontos de vista, isto é, as culturas e civilizações diferentes. Ou, analisado ainda por um outro prisma, que a condição humana é idêntica, quaisquer que sejam essas culturas e civilizações diferentes: sempre haverá barbárie, fruto da ganância e da febre de poder. Muito mais tarde, o mesmo Azeem dirá uma frase muito acertada: “Não há homens perfeitos, apenas intenções perfeitas”.

Um criado do velho Lord de Locksley, a quem a brutalidade dos despóticos senhores de Nottingham havia retirado os olhos, acompanha o seu “menino” e o trio encontra Marian que não tem boas recordações do machão Robin, quando mais novo. Mas Robin passara por experiências que lhe mudaram a perspectiva de vida. Marian dá voz ao pensamento geral: não compreende porque Robin (e o rei e os cruzados) deixaram a Inglaterra e o seu povo, e o entregaram em mãos déspotas. Robin vai tentar remediar o problema e refugia-se na floresta de Sherwood (“esta floresta tem olhos”), onde vai arregimentando um exército de deserdados revoltados com a tirania. Mas alguns destes chamam-lhe “ricaço” e não têm muita confiança nele. Ele tem de se impor, e será ele próprio a proclamar que “não quer ser apenas um deles, mas o seu chefe”. Fabricam armas com as próprias mãos, organizam-se socialmente, iniciam o confisco de bens, repartem pelos pobres o ouro e lutam pela sua terra. Diz Robin: “Aprendi nas cruzadas que um homem a lutar pela terra que é sua vale por muitos”. Vai mais além: “A nobreza não é um direito hereditário. Depende dos nossos actos”. Uma revolução, portanto, ao nível das ideias.

Mas o argumento de “Robin Hood: Prince of Thieves” introduz novas personagens, como Mortiana, a feiticeira, em quem o psicótico Xerife de Nottingham confia. Acusa a igreja, ou uma parte dela, a que mais de perto convive com o poder, de se submeter ao seu jugo (o melhor exemplo de membro da igreja é o entusiasta cervejeiro Frei Tuck, o que diz muito dos outros). Numa altura de desespero máximo, o Xerife chega mesmo a declarar: “Cancelem o Natal!”, uma das várias notas de humor em que este filme é pródigo. Descobre-se que Will Scarlet afinal é irmão de Robin, produto de uma ligação que o Lord teve, depois da morte da mulher. Robin abraça-o, numa cena a rondar o patético, e assume: “Tenho um irmão!”

Perante o estado caótico que vai descobrindo no reino de Inglaterra, Azeem volta a comentar: “E chamam-me ladrão a mim?”. Tendo Costner como herói (e produtor), o realizador não se exime a uma cena de nu integral, visto de costas, com Robin a sair das águas onde se banhou, perante o olhar afogueado de Marian. As cenas de luta e de guerra atingem uma violência pouco usual nas outras versões anteriores, sobretudo no ataque ao acampamento da Floresta pelas forças do Xerife e dos mercenários celtas, entretanto contratadas para o efeito. Houve quem vislumbrasse semelhanças com algumas cenas de “Apocalypse Now”, mas há seguramente similitudes com a guerra de guerrilha dos vietcongues. Houve algumas invenções técnicas dignas de registo, como a colocação de

Robin Hood
no cinema

uma micro câmara de filmagem numa flecha, o que permitiu ao espectador a “visão” desta flecha em trânsito até ao seu alvo.

Finalmente tudo se resolverá com o inevitável duelo final de Robin e o Xerife, muito movimentado e criativo, para culminar com a cena de casamento de Robin e Marian, abençoado pelo rei Ricardo, que chega a tempo, regressado das cruzadas, sob a forma de Sean Connery (o mesmo que fora Robin Hood anteriormente e aqui regressa ao épico, agora como Rei), que cobrou 250.000 dólares por dois dias de filmagens (tendo doado a quantia para instituições de caridade). Falta a canção de BrYan Adams, que entra a encerrar o muito “romântico” “happy end”.

Costner exhibe galhardamente o sotaque yanque, contra a sua própria vontade, que preferia o britânico, mas prevaleceu aqui a vontade do realizador. O orçamento de “Robin Hood - O Príncipe dos Ladrões” atingiu os 50 milhões de dólares, mas as receitas do filme em todo o mundo subiram até aos 390 milhões de dólares, o que fez da obra um sucesso comercial.

Morgan Freeman é um bom Azeem. Christian Slater, um medíocre Will Scarlett. Mary Elizabeth Mastrantonio uma bonita Marian, mas sem charme ou encanto (o papel seria de Robin Wright Penn, se esta não estivesse grávida na altura). Alan Rickman estudou o “método” para o seu esquizofrénico Xerife de Nottingham. Michael Wincott sustenta bem Guy of Gisborne. Kevin Costner, que nunca encontra um tom certo para a figura, é um dos menos interessantes Robin de Locksley da vasta filmografia deste herói. Mas o filme, com todas as suas fragilidades, acaba por ser um bom representante do espírito do tempo em que foi produzido.

Robin Hood
no cinema

_ROBIN HOOD: PRÍNCIPE DOS LADRÕES

Título original: Robin Hood: Prince of Thieves

Realização: Kevin Reynolds (EUA, 1991); **Argumento:** Pen Densham, John Watson; **Produção:** Gary Barber, Pen Densham, Michael J. Kagan, Richard Barton Lewis, David Nicksay, James G. Robinson, John Watson, Kevin Costner; **Música:** Michael Kamen; **Fotografia (cor):** Douglas Milsome; **Montagem:** Peter Boyle; **Casting:** Noel Davis, Ilene Starger, Jeremy Zimmerman; **Design de produção:** John Graysmark; **Direcção artística:** Fred Carter; **Guarda-roupa:** John Bloomfield; **Maquilhagem:** Christine Allsopp, Lynda Armstrong, Daniel Parker, Lisa Tomblin; **Direcção de Produção:** Malcolm J. Christopher, Michael Hartman; **Assistentes de realização:** Nick Heckstall-Smith, Peter Heslop, Mark Illsley, Max Kleven, Adam Somner, David Tringham; **Departamento de arte:** Dominique Coste, Bill Stallion; **Som:** Robert Grieve; **Efeitos especiais:** Steve Hamilton, Barry Whitrod; **Efeitos visuais:** Craig Barron, Rob Burton; **Companhias de produção:** Warner Bros. Pictures, Morgan Creek Productions; **Intérpretes:** Kevin Costner (Robin Hood), Morgan Freeman (Azeem), Mary Elizabeth Mastrantonio (Marian Dubois), Christian Slater (Will Scarlett), Alan Rickman (Xerife de Nottingham), Geraldine McEwan (Mortianna), Michael McShane (Frei Tuck), Brian Blessed (Lord Locksley), Michael Wincott (Guy of Gisborne), Nick Brimble (João Pequeno), Soo Drouet (Fanny), Daniel Newman, Daniel Peacock, Walter Sparrow, Harold Innocent, Jack Wild, Michael Goldie, Liam Halligan, Marc Zuber, Merelina Kendall, Imogen Bain, Jimmy Gardner, Bobby Parr, John Hallam, Douglas Blackwell, Pat Roach, Andy Hockley, John Dallimore, Derek Deadman, Howard Lew Lewis, John Tordoff, Andrew Lawden, Susanah Corbett, Sarah Alexandra, Christopher Adamson, Richard Strange, John Francis, etc. **Duração:** 145 ou 155 minutos; **Distribuição em Portugal:** Zon Lusomundo; **Classificação etária:** M/ 12 anos; **Estreia em Portugal:** 15 de Agosto de 1991.

8. “ROBIN HOOD: HERÓIS EM COLLANTS”, 1993

A comédia ou a paródia também contagiaram no cinema a vida e as aventuras de Robin Hood. Haverá vários exemplos a citar mais o título mais sugestivo é definitivamente “Robin Hood: Heróis em Collants”, saído da imaginação desenfreada de Mel Brooks, actor de inúmeras obras e director de uma bela dúzia de comédias que satirizam outros tantos filmes de géneros: “Os Produtores” ou “Por Favor não Matem as Velhinhas” (The Producers, 1968), “Balbúrdia no Oeste” (The Twelve Chairs, 1970), “Balbúrdia no Leste” (Blazing Saddles, 1974), “Frankenstein Júnior” (Young Frankenstein, 1974), “A Última Loucura de Mel Brooks” (Silent Movie, 1976), “Alta Ansiedade” (High Anxiety, 1977), “Uma Louca História do Mundo” (History of the World: Part I, 1981), “A Mais Louca Odisseia no Espaço” (Spaceballs, 1987), “Porca de Vida” (Life Stinks, 1991), “Robin Hood: Heróis em Collants” (Robin Hood: Men in Tights, 1993) ou “Drácula, Vivo ou Morto” (Dracula: Dead and Loving It, 1995). Do terror ao western, da ficção científica ao filme mudo, do suspense à Hitchcock ao filme de aventuras, por tudo passou um pouco de humor retintamente “yiddish” deste judeu norte-americano, nascido a 28 de Junho de 1926, no Brooklyn, em Nova Iorque.

Robin Hood
no cinema

“Robin Hood: Heróis em Collants” inicia-se impondo desde logo o estilo da comédia: uma fila de archeiros lançam setas em chamas em direcção ao ecrã, incendiando-o, das labaredas nascendo o título da obra. No plano seguinte, os aldeões chamam pelos bombeiros e lamentam-se: “Deve haver outras maneiras de fazer genéricos!” Ou ainda: “Sempre que fazem um filme sobre Robin Hood incendeiam-nos a aldeia. Deixe-nos em paz, senhor Mel Brooks!” O humor resulta do anacronismo, do filme dentro do filme, da acção que se auto-parodia, da cinefília que se mobiliza abordando situações muito conhecidas de clássicos para as satirizar.



Mel Brooks não se leva muito a sério. É uma das suas virtudes. Mas cumpre os cânones, subvertendo-os: como em todos os outros filmes sobre Robin Hood a história da personagem surge de uma tradição oral, de baladas cantadas ao longo de toda a Idade Média e idades posteriores. Aqui também será evocada, mas através de um grupo de rap que canta e dança, introduzindo o tema e as figuras centrais.

Depois é o descambar completo da história, com Robin preso em Jerusalém, a evasão colectiva, a fuga, a indicação de procurar Ahchoo (Santinho!) quando chegar a Inglaterra, a viagem a nado de Jerusalém até à Grã-Bretanha, onde descobre que a sua casa amuralhada está a ser literalmente levada por um fiscal de finanças. Quando lhe perguntam pelo King (rei), ele pergunta qual King? O King Richard? O King Kong? O Larry King?

Marian canta na varanda, ansiando pela chegada do homem da sua vida, e que traga sobretudo a chave para abrir o seu pesado e metálico cinto de castidade, e Robin afirma que raras vezes se viu (ouviu) um Robin com um tão bom sotaque inglês (uma alfinetada nítida no sotaque norte-americano de Kevin Kostner; mas não só). Depois há constantes referências a outros actores que interpretaram filmes sobre Robin dos Bosques: este Sir Robin of Loxley entra pela sala de jantar do Príncipe João com um javali às costas, como o fazia Errol Flynn, combate com o Xerife de Nottingham com as sombras reproduzidas nas paredes (mas o duelo é de sombras chinesas que brincam ao cão e ao gato), o seu amigo Will Scarlett afirma que Scarlett é o nome do meio, pois se chama Will Scarlett O' Hara (“E Tudo o Vento Levou”), e não hesita em apresentar um longa lista de tarefas a empreender, quando regressa a floresta de Sherwood: lutar contra a tirania do rei, pelos pobres e oprimidos, etc., etc, defender a floresta (preocupações ambientalistas!) e pugnar “pela semana de quatro dias de trabalho.”

Robin Hood
no cinema



O humor é contagiante, as situações divertidíssimas, algumas figuras são de antologia (como o cego que acompanha o herói, a angustiada Marian na sua redoma de metal, o snob Príncipe João ou o negro Ahchoo, que acabará por se candidatar a Xerife de Nottingham, antecipando de alguns anos Obama, mas afirmando que, em “Balbúrdia no Oeste”, “um Xerife negro tinha resultado muito bem!”).

Uma comédia que interrompe com bom humor a filmografia de Robin Hood.

ROBIN HOOD: HERÓIS EM COLLANTS

Título original: Robin Hood: Men in Tights

Realização: Mel Brooks (França, EUA, 1993); Argumento: J.D. Shapiro, Evan Chandler, Mel Brooks; Produção: Mel Brooks, Evan Chandler, Peter Schindler; Música: Hummie Mann; Fotografia (cor): Michael D. O’Shea; Montagem: Stephen E. Rivkin; Casting: Lindsay Chag, Bill Shepard; Design de produção: Roy Forge Smith; Direção artística: Stephen Myles Berger; Decoração: Ronald R. Reiss; Guarda-roupa: Dodie Shepard; Maquilhagem: Thomas R. Burman, Bari Dreiband-Burman, Susan Zietlow-Maust; Direção de Produção: Robert Latham Brown; Assistentes de realização: Gregg Goldstone, Peter Schindler, Kenneth J. Silverstein; Departamento de arte: Cate Bangs, David M. Haber, Carol Lavoie, Gary A. Lee; Som: Harry E. Snodgrass; Efeitos especiais: Richard Ratliff; Efeitos visuais: Mat Beck; Companhias de produção: Brooksfilm, Gaumont; **Intérpretes:** Cary Elwes (Robin Hood), Richard Lewis (Príncipe João), Roger Rees (Xerife de Rottingham), Amy Yasbeck (Marian), Mark Blankfield (Blinkin), Dave Chappelle (Ahchoo), Isaac Hayes (Asneezee), Megan Cavanagh (Broomhilde), Eric Allan Kramer (João Pequeno), Matthew Porretta (Will Scarlet O’Hara), Tracey Ullman (Latrine), Patrick Stewart (Rei Ricardo, Coração de Leão), Dom DeLuise (Don Giovanni), Dick Van Patten, Robert Ridgely, Mel Brooks (Rabi Tuckman), Steve Tancora, Joe Dimmick, Avery Schreiber, Chuck McCann, Brian George, Zitto Kazann, Richard Assad, Herman Poppe, Clive Revill, Joe Baker, Carol Arthur, Kelly Jones Gabriele, Clement von Franckenstein, Corbin Allred, Chase Masterson, Don Lewis, Roger Owens, Patrick Valenzuela, Dante Henderson, Bryant Baldwin, Diesko Boyland Jr., Edgar Godineaux Jr., etc. **Duração:** 104 minutos; Distribuição em Portugal: Zon Lusomundo; Classificação etária: M/ 12 anos; Estreia em Portugal: 17 de Junho de 1994.

Robin Hood
no cinema



9. “Robin Hood”, 2010

Uma versão nova de “Robin Hood” surgiu em 2010, com a assinatura de Ridley Scott, e tendo como protagonista Russell Crowe, um actor que já trabalhara com este realizador em “Gladiador” (2000), “A God Year” (Um Ano Especial, 2006), “American Gangster” (Gangster Americano”, 2007) e “Body of Lies” (O Corpo da Mentira, 2008), e com bons resultados para ambos.

Com argumento de Tom Stoppard, Brian Helgeland, Ethan Reiff, Cyrus Voris, esta nova recuperação da figura do fora-da-lei impunha algumas condições. O próprio Russell Crowe, que além de actor foi um dos produtores da obra, só aceitou interpretar esta figura, que para si era mítica desde criança, desde que se tratasse de uma visão enriquecedora, fosse Ridley Scott a realizar e fosse Cate Blanchett a recriar a figura de Marian (em lugar de Sienna Miller, que chegou a estar apontada para o papel). Tudo escolhas acertadas, como se viria a ver depois.

A ideia era criar um ambiente mais realista, um contexto histórico mais credível e menos efabulado, e uma história que ainda não tivesse sido contada. Neste aspecto, o argumento baseia-se nos anos anteriores à personagem lendária do Robin Hood da Floresta de Sherwood. O que terá levado alguém a ser lembrado por esta gesta? Como se criou a figura de Robin Hood? De certa forma este filme acaba onde quase todos os outros começam (já tínhamos um que começava vinte anos depois de todos os outros terminarem).

A abrir, em legenda, pode ler-se: “Em tempos de tirania e de injustiça, quando a lei oprime o povo, o fora da lei ocupa o seu lugar na História. A Inglaterra de início do século XII vivia uma época assim.” E mais ainda: “Ricardo Coração de Leão, despojado de glória e riquezas, regressa a Inglaterra, depois de dez anos de cruzada. No seu exército há um arqueiro chamado Robin Longstride. É esta a história do seu regresso à Pátria, onde vai viver como um foragido por defender os mais fracos.”

A primeira sequência dá, desde logo, o tom do filme. Estamos em França, em 1199, o exército inglês ataca o castelo de Chalus, e a reconstituição é bastante boa, quer ao nível da violência do clima, como igualmente na recuperação dos artefactos de guerra então utilizados no assalto e na defesa de um castelo. Estamos no meio de uma refrega e sente-se o cheiro da lama e do sangue, da pólvora e da carne queimada. Será aí que Ricardo Coração de Leão vai perder a vida, com uma flecha tresmalhada que lhe atravessa o pescoço. Mas antes disso, em montagem paralela, vai-se sabendo o que se passa em Londres, onde o Príncipe João usurpara o trono, dorme com a amante francesa, discute com a mãe, demite o seu chanceler, e coloca no seu lugar o traidor Godfrey, que se encontrava acolitado com o rei de França para lhe entregar numa bandeja o reino de Inglaterra.

Acompanhando a montagem paralela entre as acções em Inglaterra e França,



e antes ainda de sucumbir, Ricardo passeia de noite pelo acampamento dos seu exército e resolve encontrar “um homem honesto”. Saem-lhe ao caminho dois jogadores que se desentenderam e a um deles pergunta Ricardo: “Sê honesto comigo: Deus fica satisfeito com a minha cruzada?” O inquirido é Robin, que responde sem hesitar que não: “No dia no massacre de Acre, em que decepámos 2.500 homens, mulheres e crianças muçulmanas, ficámos sem Deus.” O rei chama-lhe “honesto corajoso e... ingênuo. O típico inglês”. E assim vão presos Robin e o seu adversário de contenda, que outro não é que João Pequeno. Mas Robin não duvida: “Vou fugir. Não devo servidão a nenhum homem ou Deus.” Assim faz, com um bando de presos que o acompanham.

Morto Ricardo, um grupo de cavaleiros regressa a Inglaterra, com o cavalo do Rei e a sua coroa. Godfrey e sicários montam uma emboscada, que por sua vez é emboscada por Robin, que passa a deter a coroa e as indumentárias necessárias para regressarem a solo inglês como cavaleiros. Usurpam os títulos dos assassinados e regressam, dispostos a vingarem aqueles que viram morrer. Entre eles, o filho do Lord de Loxley, que entrega a Robin a sua espada, antes de fechar os olhos e entrar na eternidade. Será como Robert Loxley que Robin atravessa Inglaterra, rumo às terras do Norte, para chegar a Nottingham, procurar o pai de Robert, a quem entrega a espada e informa da morte do filho, e conhecer Marian, nesta altura já viúva de Robert. Percebe a infâmia dos impostos recolhidos pelo governo despótico, compreende a violência praticada no dia a dia da vida dos campos, os bens confiscados, as sementes roubadas em nome do rei, e as abelhas do bom Frei Tuck, que lhe dão o hidromel com que acalenta a visão das injustiças.

Claro que, além do vilão Godfrey, ainda existe o Xerife de Nottingham, que tenta seduzir Marian, entretanto já cativada por Robin, e ainda o país a

Robin Hood
no cinema



ferro e fogo, os senhores do Norte revoltados contra a tirania, a entrada das tropas francesas no Sul de Inglaterra, traição sobre traição, o “paguem ou queimem” do Xerife, dirigido ao povo e aos soldados, frase que incendeia aldeias e castelos à passagem das tropas régias, o povo em revolta, e a promessa do Príncipe João, que afirma respeitar a “Carta dos Direitos”, caso a Inglaterra se reúna como um todo para estancar a invasão francesa. Mas, terminada a batalha, expulsos os invasores, travado o inevitável duelo entre Godfrey e Robin, “os direitos do povo e a liberdade garantida por lei” passam a letra morta e Robin e seus companheiros refugiam-se na floresta de Sherwood, onde são declarados “out of law”. Nasce a lenda de “Robin Hood” e acaba o filme. A maioria dos outros começa aqui.

Esta versão de Ridley Scott não será uma obra-prima, mas tem qualidades inequívocas. Excelente fotografia que recupera com realismo um tempo, boa reconstituição de época, boas cenas de acção, uma narrativa que agarra o espectador, dirigida com “métier” por um cineasta que sabe do seu ofício, um elenco que será dos melhores a recriar as figuras tradicionais e algumas que surgem pela primeira vez. Russell Crowe é um actor vitalista, que cumpre bem este tipo de trabalhos. Dizer que repete um estilo já visto em “Gladiador”, é esquecer que Errol Flynn também o fazia, de “Robin Hood” para “Capitão Blood”, e etc. Nada a opor. Cate Blanchett é uma das mais fortes e intimistas Marian da história do cinema, e Max von Sydow é brilhante. William Hurt, Mark Strong, Oscar Isaac ou Danny Huston defendem muito bem os papéis que lhes couberam, mais ou menos amaldiçoados pela vilania dos comportamentos.

Ridley Scott, que nos deu obras brilhantes, como “The Duelists” (O Duelo, 1977), “Alien” (Alien - O 8.º Passageiro, 1979), “Blade Runner” (Perigo Eminente, 1982), “Thelma & Louise” (Telma e Louise, 1991) ou mesmo “Gladiador” (2000) e “Hannibal” (2001), entre algumas mais, tem sido

Robin Hood
no cinema



Robin Hood
no cinema

um pouco injustamente crucificado pela sua obra mais recente, onde, todavia, existem títulos muito interessantes, como o já referido “O Corpo da Mentira” ou este mesmo “Robin Hood”.

_ROBIN HOOD

Título original: Robin Hood

Realização: Ridley Scott (EUA, Inglaterra, 2010); Argumento: Brian Helgeland, Ethan Reiff, Cyrus Voris; Produção: Michael Costigan, Russell Crowe, Michael Ellenberg, Brian Grazer, Ryan Kavanaugh, Nikolas Korda, Charles J.D. Schlissel, Ridley Scott, James Whitaker; Música: Marc Streitenfeld; Fotografia (cor): John Mathieson; Montagem: Pietro Scalia; Casting: Jina Jay; Design de produção: Arthur Max; Direção artística: David Allday, Ray Chan, John King, Karen Wakefield; Decoração: Sonja Klaus; Guarda-roupa: Janty Yates; Maquilhagem: Kevin Alexander, Paul Engelen; Direção de Produção: Teresa Kelly, Nikolas Korda, Siobhan Lyons, Hermione Ninnim, Lena Scanlan; Assistentes de realização: Robert Grayson, Sid Karne, Max Keene, Danny McGrath, Rory Shaw, Alexander Witt; Departamento de arte: Hideki Arichi, Toby Britton, Dean Clegg; Som: Harry Cohen, Ann Scibelli; Efeitos especiais: Paul Clancy, Huw Millar, Rupert Morency, Andrew Ryan, Trevor Wood; Efeitos visuais: Bastian Hopfgarten, Paula Nederman, Richard Stammers; Companhias de produção: Universal Pictures, Imagine Entertainment, Relativity Media, Scott Free Productions; **Intérpretes:** Russell Crowe (Robin Longstride), Cate Blanchett (Marion Loxley), Max von Sydow (Sir Walter Loxley), William Hurt (William Marshal), Mark Strong (Godfrey), Oscar Isaac (Príncipe João), Danny Huston (Rei Ricardo, Coração de Leão), Eileen Atkins (Eleanor de Aquitania), Mark Addy (Frei Tuck), Matthew Macfadyen (Xerife de Nottingham), Kevin Durand (João Pequeno), Scott Grimes (Will Scarlet), Alan Doyle, Douglas Hodge, Léa Seydoux, Robert Pugh, Gerard McSorley, Velibor Topic, Ciaran Flynn, Simon McBurney, Denise Gough, John Nicholas, Thomas Arnold, Pip Carter, Mark Lewis Jones, Bronson Webb, Denis Menochet, Jamie Beamish, John Atterbury, Luke Evans, Roy Holder, Mark David, Ruby Bentall, Ned Dennehy, Nicolas Simon, Lisa Millett, Stuart Martin, Jessica Raine, Steve Evets, Eric Rulliat, Abraham Belaga, Jack Downham, Richard Riddell, David Bertrand, etc. **Duração:** 140 minutos; Distribuição em Portugal: Zon Lusomundo; Classificação etária: M/ 12 anos; Estreia em Portugal: 13 de Maio de 2010.



CineEco2010

**RETROSPECTIVA
KATHRYN BIGELOW**

Este ano, na cerimônia de atribuição dos Oscars, houve uma situação a merecer atenção muito especial. Nas categorias de melhor filme e de melhor realizador estiveram em disputa, frente a frente, James Cameron, com “Avatar” e Kathryn Bigelow com “Estado de Guerra”, um casal que já foi marido e mulher (1). Aprofundando esta curiosidade, há que recordar de um lado um dos filmes mais caros de sempre, que se converteu na maior fonte de receitas até hoje conhecida, enquanto, no outro extremo, temos uma obra de orçamento reduzido, que, apesar da boa recepção crítica e do triunfo em festivais e diversas premiações, não conseguiu descolar da 131ª posição no “box office” anual norte-americano. Sendo ambos filmes de guerra, um futurista, outro bem real e presente, realista e quase documental, ambos se servem da guerra para a combater e ambos se mostram relutantes com a presença americana fora de portas, a impor a sua ordem. Se este aspecto os irmana, já o lado majestosamente espectacular de “Avatar” se afasta completamente do intimismo de “The Hurt Locker”, o que para um “filme de guerra”, não deixa de ser absolutamente surpreendente. O resultado é de todos conhecido: Kathryn Bigelow ganhou em toda a linha e tornou-se num caso único na história da industria cinematográfica norte americana, impondo-se como cineasta de reais méritos, que os Oscars mais não vieram do que confirmar.

Diga-se pois de Kathryn Ann Bigelow que esta é uma das mais interessantes cineastas norte-americanas reveladas na década de 80. Nascida a 27 de Novembro de 1951, em San Carlos, Califórnia, filha de um gerente de fábrica de tintas e de uma livreira, foi como bolsreira do Whitney Museum, em Nova Iorque, que começou a sua carreira de pintora. Depois, estudou cinema, teoria e crítica, na Columbia University, onde foi aluna de Vito Acconci e Susan Sontag.

O seu filme de estreia foi uma curta-metragem de ficção, “The Set-Up” (1978), rodado como projecto de fim de curso, na Universidade de Columbia. Exercício de estilo procurava analisar o comportamento violento, mostrando dois homens lutando entre si, enquanto na banda sonora dois professores de semiótica, Sylvère Lotringer e Marshall Blonsky, escarpelizavam a sedução que a violência exerce sobre o espectador de cinema e do audiovisual em geral. Filme de cinéfila, mais do que isso, de intelectual que pensa o poder das imagens e das sugestões cinemáticas, “The Set-Up” indicava desde logo algumas das obsessões temáticas desta cineasta.

Seguiu-se “The Loveless” (1982) que mantém as mesmas preocupações, acrescentando algumas outras características ao cinema de Kathryn Bigelow que aqui assina o argumento e a realização com Monty Montgomery. O que mais surpreende neste pequeno filme de série B, com orçamento diminuto, cenários quase todos naturais, um elenco de jovens debutantes (assinala a estreia como actor de Willem Dafoe) é a recriação da atmosfera



Retrospectiva
Kathryn
Bigelow

dos anos 50 numa América seduzida pelo rock-and-roll e por uma série de imagens que rapidamente se tornaram ícones de uma juventude e de uma época. Os blusões de couro negro, enfeitados com incrustações metálicas (algumas de inspiração nazi), bem à maneira de “The Wild One” e de Marlon Brando, as Harley-Davidsons e o tuning, para aguçar a velocidade e competir nas corridas de motorizadas (quem não relembra James Dean?), os Thunderbird e os descapotáveis e as louras provocantes, a Playboy, as pin-ups nas paredes, os beijos “à cinema”, as jukeboxes nos snack bares à beira das estradas, com a sua bomba de gasolina acoplada, os cartazes, os néons, máquinas de Coca-Cola e rodadas de cerveja, o cigarro ao canto da boca ou na mão, os Lucky Strike em cima do capot vermelho, os motéis e os quartos quentes com a luz coada pelas persianas e os televisores, a preto e branco, a debitemos casos de polícia e de violência urbana, striptease nos bares e cenas de sexo no exterior, a nostalgia nocturna de Edward Hooper, na pintura, ou de Sallinger, na literatura, a América da violência explosiva, dos rebeldes sem causa, dos conflitos de gerações, sempre a Leste do Paraíso, esse o clima que “The Loveless” impõe desde as primeiras imagens.



“Loveless”.

Retrospectiva
Kathryn
Bigelow

Concorde-se que o estilo de Kathryn Bigelow e Monty Montgomery é de uma eficácia espantosa. Vemos sair Vance (Willem Dafoe) de uma estrada subalterna, entrar na via rápida, depois de ajeitar o blusão e compor o cabelo bem abrilhantado, vemo-lo conduzir a grande velocidade, e percebe-se que, não já, mas lá mais para o fim, a tragédia se vai instalar. Depois pára num snack-bar, atira-se a uma das empregadas, que lhe confessa que ficou por ali, naquele descampado, depois do marido morrer, julgava que seriam alguns meses, já passaram cinco anos, e a sua sorte está traçada, “stripe” nas noites loucas de cerveja e whisky. Vance encontra-se ali com um grupo de motards que vêm ao seu encontro e preparam a Harley-Davidson para a corrida que se anuncia. Confessa em voz off que esta é a sua vida, “afastado de tudo, não é amigo de ninguém, este espaço sem fim é a sua eternidade”.

Pára junto de um automóvel em pane, com uma condutora em apuros, auxilia-a mudando o pneu furado, mas rouba-a e beija-a, sem a violentar. Sente-se frustração no ar, os planos são longos, o clima sensual, quente, a música ajuda a definir a atmosfera, os enquadramentos, a cor de um entardecer febril acentua as carências e a violência. Os movimentos de câmara são milimetricamente elaborados, como na cena de Vance sentado no snack, primeiro focado de costas, depois rodando a câmara até o apanhar de frente, numa pose estudada e roubada a Marlon Brando.

Esta é uma “road movie” com uma longa paragem numa estação de serviço, onde tudo começa e acaba. Por ali passa Telena (Marin Kanter) no seu provocante descapotável, maria-rapaz que relembra “Anybody’s” (de West Side Story), viaja sem fito em busca de excitação, traz uma cicatriz na cara e memórias dolorosas da família, irá ser apanhada na cama com Vance por



“Depois do Anoi-tecer”.

Retrospectiva
Kathryn
Bigelow

um pai enraivecido, e a tragédia começa e acaba horas depois. Há no ar uma impureza fascista, desse fascismo quotidiano em que algumas zonas da América é pródiga (*Sweet Bird if Youth*, Tennessee Williams). A tensão é constante, os olhares são crispados. O filme avança lentamente, mas de início a progressão dramática está sabiamente dominada. Depois, lá para o meio, a juventude dos responsáveis vem ao de cima, e a estrutura dramática esfarela-se um pouco, o andamento do argumento rola sem avançar, o ritmo é mastigado, mas rapidamente encarrila e prepara o final com o seu quê, à vez, de previsível e de inesperado.

Filme de cinéfilos e de artistas plásticos (vem ao de cima a preparação artística de Kathryn Bigelow, que estudou pintura e sabe enquadrar e colorir com mestria), filme de intelectuais fascinados pelos clássicos norte americanos e a narrativa europeia, eivado de uma psicanálise muito em voga por essa altura, com referências a fetichismos e traumas de alguma violência libidinal, “*The Loveless*” não é uma obra perfeita, mas é um excelente prenúncio de carreira, desenvolvendo um contido furor obsessivo e tragicamente poético, embalado por uma banda sonora inspirada, de Robert Gordon e John Lurie. Igualmente um bom início de carreira para Willem Dafoe.

“Depois do Anoi-tecer” (*Near Dark*) vem a seguir e assinala a primeira longa-metragem a solo de Kathryn Bigelow, aqui com argumento escrito a meias com Eric Red. A banda sonora trás a assinatura dos Tangerine Dream e a história é uma curiosa combinação de western e filme de vampiros., desenvolvida com excelente ambiente soturno e algumas novidades dignas de serem registadas. Em 1990 escreve e dirige “*Blue Steel*” (Aço Azul), com Jamie Lee Curtis, um “thriller” tumultuoso sobre uma mulher

polícia perseguida, e em perseguição, de um assassino psicótico. Com “Point Break” (Ruptura Explosiva, 1991), protagonizado por Keanu Reeves, um agente do FBI que tenta prender um gang de assaltantes de bancos que actua com máscaras dos ex-presidentes dos EUA, Reagan, Nixon, LBJ e Jimmy Carter, volta a captar as atenções de público e crítica, que se rendem definitivamente ao seu talento em “Strange Days” (Estranhos Prazeres, 1995), uma psicadélica e violenta incursão por uma Los Angeles de pesadelo.

Lenny Nero (Ralph Fiennes) foi outrora polícia, mas vive agora de pequenos expedientes. Estamos a dois dias do fim do milénio, e Los Angeles assemelha-se a uma metrópole à beira do caos, povoada por luzes de néon, apinhada de lixo, batida por chuvas ácidas, onde se respira uma poluição intensa e se vive uma violência quotidiana que não deixa de surpreender. Cada vez menos, infelizmente. O cenário é, realmente, dantesco, com as ruas juncadas de gente que não consegue sequer transitar, onde o crime campeia e a polícia não parece ter mãos a medir para tentar impedir a proliferação de atentados de toda a ordem. Roubos, assassinatos, drogas, explosões, atentados, e a última moda: clips com “viagens” que permitem a quem as vê sentir as emoções vividas por outros.

Retrospectiva
Kathryn
Bigelow

Realidade virtual que não tem já nada de imaginado, de ficcionado, mas que representa realmente o que alguém sentiu em momentos especiais. Lenny Nero, por exemplo, anda sempre com alguns “clips” seus que arquivam momentos passados com a sua antiga companheira, a belíssima Faith, interpretada por Juliette Lewis, e que ele revive em períodos de angustiante saudade. De resto, esse é o seu campo. Lenny define-se a si próprio como “o Pai Natal do subconsciente”, ao conseguir arranjar o que os clientes pretendem, uma cena de amor mais intenso, uma emoção mais



“Aço Azul”.

invulgar, o assalto a uma residência, visto pelo assaltante ou pela incauta vítima... O cliente pede e ele arranja a sensação procurada, com exceção de “clips” que vão até à morte. Estes parecem ser os mais desejados, mas Lenny não pactua com os “black-jacks” que oferecem mortes reais, conhecidos por “snuffs” virtuais.

Esta ameaçadora antecipação de Kathryn Bigelow, adaptava a um futuro muito próximo - os dias 30 e 31 de Dezembro de 1999 -, o esquema do “filme negro” dos anos 40: um antigo “cop” com alguma moral de reserva que o obrigará a deslindar o crime, num lamaçal social sem retorno possível. Depois temos Faith, a mulher fatal que o arrasta apaixonadamente para o abismo e Mace, a rija rapariga de princípios, que vive só com um filho que tem de educar, e que forma com Lenny uma dupla imbatível. Os possíveis vilões dispersam-se um pouco por todo o lado, desde o agente de cantores rock até aos esquadrões da morte promovidos e institucionalizados pela própria polícia local. E há ainda um antigo polícia que divide cumplicidades com Lenny enquanto vai aceitando negócios nem sempre muito limpos. Nada de muito original para quem viu Bogart e Cagney, entre outros. Apenas o cenário é diferente, roçando o pesadelo de “Blade Runner” ou de alguns outros filmes de James Cameron, então marido da realizadora e co-autor de muitos dos seus argumentos, “Strange Days” incluído. Antecipação científica? No campo da tecnologia, talvez, mas nada de muito implausível num futuro muito próximo. Kathryn Bigelow falou na necessidade de um “realismo social” e é precisamente esse um dos pontos essenciais de Estranhos Prazeres.

O crime, aquele em particular que o filme irá acompanhar, fala de um cantor de rock, negro, Jeriko One, que é visto e ouvido com respeito pela comunidade negra nas suas prédicas sociais, e que um dia aparece

Retrospectiva
Kathryn
Bigelow

“Ruptura Explosiva”.



“Estranhos Prazeres”.

Retrospectiva
Kathryn
Bigelow

assassinado. Quem será o autor deste ajuste de contas de rua, que tem muito de semelhante com outros “fait divers” bem conhecidos de todos, como o caso Rodney King que abalou há anos a calma dessa mesma cidade? Essa será a linha condutora da investigação, mas o mais interessante nesta obra de Kathryn Bigelow encontra-se na vigorosa descrição de uma sociedade que o operador acompanha de câmara à mão (2), criando assim uma dolorosa sensação de instabilidade e insegurança que facilmente se transmite ao espectador. Associado a este aspecto um outro que é igualmente base insistente de referências críticas - a exploração da realidade virtual para satisfazer as necessidades cada vez mais patológicas dessa mesma sociedade que, envolta pelo crime e pela violência, quer ser espectador privilegiado de realidades cada vez mais brutais. Dir-se-ia que Kathryn Bigelow aponta as suas armas críticas à televisão e os “reality shows”, mas com inteligência faz participar dessa crítica o próprio cinema, o seu próprio filme inclusive. Nesse aspecto, “Estranhos Prazeres” aproxima-se muito de “Assassinos Natos”, de Oliver Stone, e não só pelo facto de ambos conterem nos seus elencos a inquietante Juliette Lewis.

O filme seguinte, “The Weight of Water” (Tempestade no Mar), baseado num romance de Anita Shreve, que abordava as relações tensas e sufocantes entre duas mulheres. “K-19: The Widomaker” (2002), com Harrison Ford, foi um fracasso de bilheteira, que impôs a Bigelow um período de tréguas, regressando em força com “The Hurt Locker” (Estado de Guerra, 2009). Entretanto foi afiando as garras nalguns episódios de séries para televisão, como “Wild Palms” (1993), “Homicide: Life on the Street” (3 episódios, 1998-1999) ou “Karen Sisco” (1 episódio, 2004). Tem em pré produção “The Miraculous Year”, para televisão, previsto para 2011.



“Tempestade no Mar”.

Retrospectiva
Kathryn
Bigelow

“Estado de Guerra” concretiza a consagração, mesmo antes dos resultados dos Oscars. Já ganhara o prêmio para melhor realizador do ano da “Directors Guild of America”, fora melhor realizador e melhor filme de 2009, para a British Academy Film Awards, ganhara nomeações para os Golden Globe e os Oscars. James Cameron, que arrecadou o Globo, afirmou que Bigelow deveria ter sido a vencedora. Mas foi a primeira mulher a ganhar um BAFTA Award, para melhor realização, e a sua nomeação para melhor realizadora, nos Oscars, só tinha três precedentes: Lina Wertmüller, com “Pasqualino das Sete Beldades” (1976), Jane Campion, com “O Piano” (1993), e Sofia Coppola, com “Lost in Translation” (2003). Ganhou, foi por isso a primeira a consegui-lo nesta categoria.

Posto isto, “Estado de Guerra” é realmente um grande filme, que vive agarrado a três ou quatro personagens, militares americanos na guerra do Iraque, especialistas em localizar e despoletar minas e bombas. O cenário não pode ser mais desolador e miserável, as ruas esventradas de Bagdad, o lixo arrastado pelo vento, a areia a entranhar-se nas roupas e nos olhos, e um militar vestido de astronauta caminhando numa paisagem de “western spaghetti”. Um robot que parece saído da “Guerra das Estrelas” dos pobrezinhos tenta desmantelar à distância uma mina, mas quebra uma das rodas, e lá parte o astronauta intrépido no seu encaço, procurando resolver com os dedos o que não foi conseguido com a tecnologia. A tensão cresce, mas este é apenas um dos lados da questão. O mais angustiante é ver os soldados numa rua de uma cidade que desconhecem, armas apontadas às casas e a cada transeunte que passa, olhos dilatados pela dúvida, pela suspeita, pela impossibilidade de confiarem em quem quer que seja. Nesta guerra não há aliados, só inimigos. Ou potenciais

inimigos. Um rosto que se aproxima é alguém que tem de se afastar ou de se abater, um olhar por detrás de um cortinado, um comerciante a teclar num telemóvel, um rebanho a pastar lá longe, tudo adquire um peso insuspeito, uma presença inquietante, e a tensão redobra.

A câmara movimenta-se à mão, e esta oscilação é mais um elemento perturbador. Aproxima-se, afasta-se, re-enquadra o espaço, corre em direcção ao estranho objecto, rente ao chão, vagueia nos primeiros andares destas casas que se fecham sobre si próprias, e este estilo de narração é a essência do próprio filme. A câmara são os olhos perscrutantes dos militares, intimidados e alerta.

Há uma legenda a abrir o filme que reza assim: “A emoção da batalha costuma ser um vício forte e letal. A guerra é uma droga”. O autor Chris Hedges, jornalista e correspondente de guerra, especialista no Médio Oriente, é autor de obras como “Empire of Illusion: The End of Literacy and the Triumph of Spectacle” (2009). James, protagonista deste filme, é um viciado em saturação de adrenalina. Para ele o perigo é uma espécie de roleta russa que deseja ou um suicídio programado ao jogo. Não se põe em risco só a si, mas a toda a equipa que comanda, homens que o detestam e o admiram simultaneamente.

Retrospectiva
Kathryn
Bigelow

O argumento de “Estado de Guerra” parte das experiências pessoais de Mark Boal, jornalista e argumentista, que experimentou a guerra “in loco” e dela já tinha extraído material para um outro filme, “No Vale de Elah”, de Paul Haggis. O resultado é brilhante, colocando-se ao lado dos melhores filmes que a barbárie da guerra já inspirou. Rodado na Jordânia, deixa-se impregnar pela secura do deserto e a desconfiança do clima. Nove nomeações para Oscars, entre as quais a de melhor filme, melhor realização e melhor actor, Jeremy Renner, são reconfortantes recompensas para uma



“K-11”.



autora que, ao longo da sua curta mas impressionante carreira, se tem dedicado a estudar e analisar com particular acuidade casos de alienante adição, quer seja à violência, às drogas ou ao perigo que a guerra transporta.

Retrospectiva
Kathryn
Bigelow

(1) Completando a curiosidade, diga-se que Cameron já foi casado por cinco vezes: Sharon Williams (1978–1984), Gale Anne Hurd (1985–1989), Kathryn Bigelow (1989–1991), Linda Hamilton (1997–1999), Suzy Amis (2000–até ao presente). Oscilando, portanto, entre realizadoras e atrizes.

(2) Kathryn Bigelow explica numa entrevista que para as cenas de câmara subjectiva tiveram que construir uma câmara nova, muito leve, que pudesse “ver” de noite e rodasse facilmente 360 graus.



“Estado de Guerra”.

Filmografia:

Como realizadora:

Título original: *The Set-Up*

Realização: Kathryn Bigelow (EUA, 1978);
Argumento: Kathryn Bigelow; **Som:** Neal Marshad; **Intérpretes:** Gary Busey, e os professores Sylvère Lotringer e Marshall Blonsky (em voz off);
Duração: 17 min

Título original: *The Loveless*

Realização: Kathryn Bigelow, Monty Montgomery (EUA, 1982); **Argumento:** Kathryn Bigelow, Monty Montgomery; **Produção:** A. Kitman Ho, Grafton Nunes; **Música:** Robert Gordon, John Lurie; **Fotografia (cor):** Doyle Smith; **Montagem:** Nancy Kanter; **Design de produção:** Lilly Kilvert; **Maquilhagem:** Michael Tyler; **Companhia de produção:** Pioneer Films; **Intérpretes:** Willem Dafoe (Vance), Robert Gordon (Davis), Marin Kanter (Telena), J. Don Ferguson (Tarver), Tina L'Hotsky (Sportster Debbie), Lawrence Matarese (La Ville), Danny Rosen (Ricky), Phillip Kimbrough (Hurley), Ken Call (Buck), Elizabeth Gans (Augusta), Margaret Jo Lee, John King, Bob Hannah, Jane Berman, A.B. Calloway, Leslie Kribbs Jr., Don Tilly, Herbie Benton, Isaiah Houston, Charles Robertson, Cliff Hall, Chris Johnson, Michael Gorgick, Ned Lambert, Freddie West, Earl Jackson, Oscar Waycaster, Michael Birnes, Robin Davis, Allan Hunt, George Logan, Virginia Logan, Nicholas Warf, Paul Williams, Mary-Ann Monforton, Wallace Melton, Huey Dixon, John Cottes, Edward McDuffie, Alan Rawlins; etc. **Duração:** 82 min

DEPOIS DO ANOITECER

Título original: *Near Dark*

Realização: Kathryn Bigelow (EUA, 1987);
Argumento: Kathryn Bigelow, Eric Red; **Produção:** Steven-Charles Jaffe, Mark Allan, Edward S. Feldman, Charles R. Meeker, Diane Nabatoff, Eric Red; **Música:** Christopher Franke, Edgar Froese, Paul Haslinger ("Tangerine Dream"); **Fotografia (cor):** Adam Greenberg; **Montagem:** Howard E. Smith; **Casting:** Karen Rea; **Design de produção:** Stephen Altman; **Direção artística:** Dian Perryman; **Guarda-roupa:** Joseph A. Porro; **Maquilhagem:** Derek Howard, Daniel Marc, Linda Nottestad, Davida Simon, Gordon J. Smith; **Direção de produção:** Mark Allan, Joe Dishner, Brent Sellstrom; **Assistentes de realização:** Guy J. Louthan, Ian McVey, John Scherer, Chuck Williams; **Departamento de arte:** Thomas P.

Wilkins; **Som:** Lee Chaloukian, R.J. Palmer, David Lewis Yewdall; **Efeitos especiais:** Dale L. Martin; **Efeitos visuais:** Bruce A. Block, Bret Mixon; **Companhias de produção:** F/M, Near Dark Joint Venture; **Intérpretes:** Adrian Pasdar (Caleb Colton), Jenny Wright (Mae), Lance Henriksen (Jesse Hooker), Bill Paxton (Severen), Jenette Goldstein (Diamondback), Tim Thomerson (Loy Colton), Joshua John Miller (Homer), Marcie Leeds (Sarah Colton), Kenny Call (Xerife), Ed Corbett, Troy Evans, Bill Cross, Roger Aaron Brown, Thomas Wagner, Robert Winley, James LeGros, Jan King, Danny Kopel, Billy Beck, S.A. Griffin, Bob Terhune, William T. Lane, Gary Littlejohn, Paul M. Lane, Eddie Mulder, Don Pugsley, Neith Hunter, Theresa Randle, Tony Pierce, Gordon Haight, Leo Geter, Gary Wayne Cunningham, etc. **Duração:** 94 min; **Distribuição em Portugal:** Classificação etária: M/18 anos; **Estreia em Portugal:** 7 de Dezembro de 1990; **Locais de filmagem:** Casa Grande, Arizona, EUA.

Título original: *New Order: Substance (1989)*

Realização: Kathryn Bigelow (video "Touched By The Hand Of God"), Robert Breer (video "Blue Monday 1988"), Philippe Decouflé (video "True Faith"), Jonathan Demme (video "The perfect kiss"), Rick Elgood (video "Shellshock"), Robert Longo (video "Bizarre Love Triangle"), Charles Sturridge (video "Confusion") e William Wegman (video "Blue Monday 1988") (Inglaterra, 1989); **Intérpretes:** Gillian Gilbert, Peter Hook, Stephen Morris, Bernard Sumner, "New Order", Bill Paxton (video "Touched by the Hand of God"); **Duração:** 37 minutos.

AÇO AZUL

Título original: *Blue Steel*

Realização: Kathryn Bigelow (EUA, 1989);
Argumento: Kathryn Bigelow, Eric Red; **Produção:** Michael Flynn, Lawrence Kasanoff, Edward R. Pressman, Michael Rauch, Diane Schneider, Oliver Stone; **Música:** Brad Fiedel; **Fotografia (cor):** Amir M. Mokri; **Montagem:** Lee Percy; **Casting:** Risa Bramon Garcia, Billy Hopkins; **Design de produção:** Toby Corbett; **Decoração:** Susan Kaufman; **Guarda-roupa:** Richard Shissler; **Maquilhagem:** Marie-Ange Ripka, Toni Trimble; **Direção de produção:** Steven Felder, Kerry Orent; **Assistentes de realização:** Herb Gains, Nathalie Vadim; **Departamento de Arte:** Jeffrey L. Glave, Sandy Hamilton, Daniel E. Mahon, Stephen Shapiro; **Som:** Richard King; **Efeitos especiais:** Wilfred Caban, Steven Kirshoff; **Companhias de produção:** Lightning Pictures, Precision Films, Mack-Taylor Productions; **Intérpretes:** Jamie Lee

Curtis (Megan Turner), Ron Silver (Eugene Hunt), Clancy Brown (Nick Mann), Elizabeth Peña (Tracy Perez), Louise Fletcher (Shirley Turner), Philip Bosco (Frank Turner), Kevin Dunn, Richard Jenkins, Markus Flannagan, Mary Mara, Skipp Lynch, Mike Hodge, Mike Starr, Chris Walker, Tom Sizemore, David Ilku, Andrew Hubatsek, Joe Jamrog, Matt Craven, Reginald Wells, Heidi Kempf, Toni Darling, William Marshall, James Shannon, Thomas Dorff, William Wise, Lauren Tom, Faith Geer, etc. **Duração:** 102 minutos.

RUPTURA EXPLOSIVA

Título original: *Point Break*

Realização: Kathryn Bigelow (EUA, Japão, 1991); Argumento: Rick King, W. Peter Iliff; Produção: Peter Abrams, James Cameron, Rick King, Robert L. Levy, Michael Rauch; Música: Mark Isham; Fotografia (cor): Donald Peterman; Montagem: Howard E. Smith; Casting: Sharon Bialy, Richard Pagano; Design de produção: Peter Jamison; Direção artística: Pamela Marcotte; Decoração: Linda Spheeris; Maquilhagem: Paul Abascal, Wes Dawn; Direção de produção: Burt Bluestein, Gary Daigler; Assistentes de realização: Herb Gains, Hilbert Hakim, Carla McCloskey, Chitra F. Mojtabai, Glenn R. Wilder; Departamento de Arte: Ann Harris; Som: David Bartlett, Dean Beville, Donald Flick, Stephen Hunter Flick, Avram D. Gold, Joel Valentine; Efeitos especiais: Terry D. Frazee; Efeitos visuais: Rhonda C. Gunner, Richard E. Hollander, Gregory L. McMurry, John C. Wash; Companhias de produção: JVC Entertainment Networks, Largo Entertainment; **Intérpretes:** Patrick Swayze (Bodhi), Keanu Reeves (Johnny Utah), Gary Busey (Pappas), Lori Petty (Tyler), John C. McGinley (Ben Harp), James LeGros (Roach), John Philbin (Nathaniel), Bojesse Christopher, Julian Reyes, Daniel Beer, Chris Pedersen, Vincent Klyn, Anthony Kiedis, Dave Olson, Lee Tergesen, Sydney Walsh, Christopher Pettiet, Dino Andino, Michael Kopelow, Matt Archbold, Julie Michaels, Kimberly Martin, Mike Genovese, Jack Kehler, etc. **Duração:** 120 minutos.

PALMEIRAS BRAVAS

Título original: *Wild Palms*. Mini-série de TV. Episódios: “Everything Must Go”, “The Floating World”, “Rising Sons”, “Hungry Ghosts” e “Hello I Must Be Going”;

Realização: Kathryn Bigelow (hora 4), Keith Gordon (horas 3 e 5), Peter Hewitt (horas 1 e 2), Phil Joanou (hora 6) (EUA, 1993); Argumento: Bruce Wagner; Produção: Michael Rauch, Oliver Stone, Bruce Wagner; Música: Ryûichi Sakamoto; Fotografia (cor): Phedon Papamichael;

Montagem: Norman Hollyn, Patrick McMahon, Stan Salfas; Casting: Sharon Bialy, Debi Manwiller, Richard Pagano; Design de produção: Dins W.W. Danielsen; Direção artística: Mark Zuelzke; Decoração: Suzette Sheets; Guarda-roupa: Judianna Makovsky; Maquilhagem: Kathy C. King, Andre Blaise, Gina Monaci, Danielle Russell; Direção de produção: Bill Brown, Patti Kent; Assistentes de realização: David Cass Jr., Sara Fischer, David Hallinan, Martha L. Mericka, Jane Paul, Margie Sperling; Departamento de Arte: Don ‘Tex’ Clark, Doug Harlocker, Laura McIntyre, John Stone; Som: Paul Berolzheimer, Mark Cookson, Louis Creveling, Patrick Giraudi, David Grant, Dan Jamele, Scott A. Jennings, Beau Maxwell, Craig Sadler, Steve Scoville, Paul Urmsion, etc.; Efeitos especiais: Karin Hanson; Companhias de produção: American Broadcasting Company (ABC), Greengrass Productions, Ixtlan; **Intérpretes:** James Belushi (Harry Wyckoff), Dana Delany (Grace Wyckoff), Robert Loggia (Sen. Anton Kreuzer), Kim Cattrall (Paige Katz), Angie Dickinson (Josie Ito), Ernie Hudson (Tommy Lazlo), Bebe Neuwirth (Tabba Schwartzkopf), Nick Mancuso (Tully Woiwode), Charles Hallahan (Gavin Whitehope), Robert Morse (Chap Starfall), David Warner (Eli Levitt), Ben Savage (Coty Wyckoff), Bob Gunton (Dr. Tobias Schenk!), Brad Dourif (Chickie Levitt), Aaron Michael Metchik, Rondi Reed, Beata Pozniak, Charles Rocket, François Chau, Eugene Lee, William Gibson, Danny Kamekona, Sean Kanan, Monica Mikala, etc. **Duração:** 300 minutos.

Retrospectiva
Kathryn
Bigelow

ESTRANHOS PRAZERES

Título original: *Strange Days*

Realização: Kathryn Bigelow (EUA, 1995); Argumento: James Cameron, Jay Cocks; Produção: James Cameron, Steven-Charles Jaffe, Lawrence Kasanoff, Rae Sanchini, Ira Shuman; Música: Graeme Revell; Fotografia (cor): Matthew F. Leonetti; Montagem: Howard E. Smith, James Cameron; Casting: Sharon Bialy, Debi Manwiller, Richard Pagano, Melissa M. Thomas; Design de produção: Lilly Kilvert; Direção artística: John Warnke; Decoração: Kara Lindstrom; Guarda-roupa: Ellen Mirojnick; Maquilhagem: Michael F. Blake, Kathy W. Estocin, Michael Germain, Linda Grimes, Robert L. Stevenson; Direção de produção: Ira Shuman; Assistentes de realização: Albert Cho, Kenneth D. Collins, Steve Danton, Steven-Charles Jaffe; Departamento de Arte: Gregory P. Alcus, Kai Blomberg, Michael Marcus, Sydney Sharpe, Doug Sieck; Som: Gary Rydstrom, Brian Williams; Efeitos especiais: James S. Trois, Gregor Joackim; Efeitos visuais: James Lima, Janek

Sirrs, Kara Stephens; Companhias de produção: Lightstorm Entertainment; **Intérpretes:** Ralph Fiennes (Lenny Nero), Angela Bassett (Lorette 'Mace' Mason), Juliette Lewis (Faith Justin), Tom Sizemore (Max Peltier), Michael Wincott (Philo Gant), Vincent D'Onofrio (Burton Stecker), Glenn Plummer (Jeriko One), Brigitte Bako (Iris), Richard Edson (Tick), William Fichtner, Josef Sommer, Joe Urla, Nicky Katt, Michael Jace, Louise LeCavalier, David Carrera, Jim Ishida, Todd Graff, Malcolm Norrington, Anais Munoz, Ted Haler, Rio Hackford, Brook Susan Parker, Brandon Hammond, Donald 'Donnie' Young, B.J. Crockett, Dex Elliot Sanders, Ronnie Willis, David Packer, Paulo Tocha, etc. Duração: 145 minutos; Classificação etária: M/ 18 anos; Distribuição em Portugal: Filmes Lusomundo; Data de estreia em Portugal: 15 de Março de 1996.

DEPARTAMENTO DE HOMICÍDIOS

Título original: *Homicide: Life on the Street*. Série de TV (1993-1999)

Criador: Paul Attanasio (EUA, 1993-1999); **Realização:** Kenneth Fink (8 episódios), Alan Taylor (7 episódios), Nick Gomez (6 episódios), Peter Medak (6 episódios), Jean de Segonzac (6 episódios), John McNaughton (5 episódios), Clark Johnson (5 episódios, 1996-1998), Leslie Libman (4 episódios), Larry Williams (4 episódios), Uli Edel (4 episódios), Lee Bonner (3 episódios), Tim Hunter (3 episódios), Edwin Sherin (episódios), Barbara Kopple (3 episódios), Kyle Secor (3 episódios), **Kathryn Bigelow** (3 episódios, 1998-1999), Jay Tobias (3 episódios), Barry Levinson (2 episódios), Martin Campbell (2 episódios), Ted Demme (2 episódios), Whitney Ransick (2 episódios), Christopher Menaul (2 episódios), Timothy Van Patten (2 episódios), Michael Fields (2 episódios), Peter Weller (2 episódios), Ed Bianchi (2 episódios), Robert Harmon (2 episódios); **Argumento:** Paul Attanasio, David Simon, Tom Fontana, Darryl Wharton, James Yoshimura, Anya Epstein, Julie Martin, Henry Bromell, Bonnie Mark, Sean Whitesell, Jorge Zamacona, Eric Overmyer, Noel Behn, David Mills, Yaphet Kotto, David Rupel, Christopher Kyle, Linda McGibney, Sara B. Cooper, Joy Kecken; **Produção:** Jim Finnerty, Tom Fontana, Barry Levinson, Gail Mutrux, Julie Martin, James Yoshimura, Debbie Sarjeant, Anya Epstein, Eric Overmyer, David Simon, Henry Bromell, Jorge Zamacona, Lori Mozilo, Sara B. Cooper; **Música:** Douglas J. Cuomo, Jeff Rona; **Fotografia (cor):** Alex Zakrzewski, Jean de Segonzac, Wayne Ewing, Phil Oetiker; **Montagem:** Jay Rabinowitz, Cindy Mollo, Ken Eluto, Jay Pires, Deborah Moran,

Gregg Featherman, Sylvia Waliga, Ned Bastille, Richard Harkness, Barry Levinson; **Casting:** Louis DiGiaimo, Brett Goldstein; **Design de produção:** Vincent Peranio, Susan Kessel; **Direção artística:** F. Dale Davis; **Decoração:** Susan Kessel, Llu Williamson; **Guarda-roupa:** Tina Nigro, Rolande Berman, Van Smith; **Som:** Bruce Litecky, Lorenzo Millan, Regina Mullen; **Efeitos especiais:** Andrew Mortelliti, John Stifanich; **Efeitos visuais:** Mark Pellington, Scott Milne; **Companhias de produção:** Baltimore Pictures, Fatima Productions, MCEG/Sterling Entertainment, NBC Studios, Reeves Entertainment Group, Thames Television; **Intérpretes:** Richard Belzer (Det. John Munch), Clark Johnson (Det. Meldrick Lewis), Yaphet Kotto (Lt. Al Giardello), Kyle Secor (Det. Tim Bayliss), Andre Braugher (Det. Frank Pembleton), Melissa Leo (Det. Sgt. Kay Howard), Reed Diamond (Det. Mike Kellerman), Sharon Ziman (Naomi), etc. **Duração:** 60 minutos (cada um dos 122 episódios).

TEMPESTADE NO MAR

Título original: *The Weight of Water*

Realização: Kathryn Bigelow (EUA, França, 2000); **Argumento:** Alice Arlen, Christopher Kyle, segundo romance de Anita Shreve; **Produção:** Lisa Henson, A. Kitman Ho, Steven-Charles Jaffe, Lorenzo O'Brien, Sigurjon Sighvatsson, Sean Wimmer, Janet Yang, Christopher Zimmer; **Música:** David Hirschfelder; **Fotografia (cor):** Adrián Biddle; **Montagem:** Howard E. Smith; **Casting:** Mali Finn; **Design de produção:** Karl Júlíusson; **Direção artística:** Mark Laing; **Decoração:** Laura Cuthill, Patricia Larman; **Guarda-roupa:** Marit Allen; **Maquilhagem:** Felicity Bowring, Suzanne Stokes-Munton; **Direção de produção:** Karl Braun, Thomas Hayslip, Sean Wimmer; **Assistentes de realização:** Mark Ambury, Devin Hillier, Jose Jimenez, Kayla Popp, Jason Shipley, David J. Webb; **Departamento de Arte:** Daniel R. Bradette, Robert Grani, Tony Perez, Tammy Peters, Gabriele Schnutgen, Bruce Shibley, Jason Shurko; **Som:** Jeffree Bloomer, Lance Brown, Marc Fishman, Michael Hertlein, Michael Kamper, Mike Smith; **Efeitos especiais:** Gary Coates, Ted Ross; **Efeitos visuais:** Corey J. Cauchon, Robin L. D'Arcy; **Companhias de produção:** Studio Canal, Manifest Film Company, Palomar Pictures, Miracle Pictures; **Intérpretes:** Sean Penn (Thomas Janes), Catherine McCormack (Jean Janes), Elizabeth Hurley (Adaline Gunne), Sarah Polley (Maren Hontvedt), Ciarán Hinds, Richard Donat, Ulrich Thomsen, Anders W. Berthelsen, Joseph Rutten, John Walf, Katrin Cartlidge, Vinessa Shaw, Adam Curry, Josh Lucas, John Maclaren, Rita Kvist, Jan Tore Kristoffersen,

Catherine Kellner, Karl Júlíusson, Peter Cobbold, R.D. Call, Scobie, Murdoch MacDonald, etc.
Duração: 113 minutos.

K-19

Título original: *K-19: The Widowmaker*

Realização: Kathryn Bigelow (EUA, Inglaterra, Canadá, Alemanha, 2002); **Argumento:** Louis Nowra, Christopher Kyle; **Produção:** Kathryn Bigelow, Edward S. Feldman, Basil Iwanyk, Steven-Charles Jaffe, Mary Montiforte, Brent O'Connor, Sigurjon Sighvatsson, Christine Whitaker, Mark Wolfe; **Música:** Klaus Badelt; **Fotografia (cor):** Jeff Cronenweth; **Montagem:** Walter Murch; **Casting:** Ross Clydesdale, Mali Finn, Mary Selway; **Design de produção:** Karl Júlíusson, Michael Novotny; **Direção artística:** Arvinder Grewal, Angela Murphy, William Ladd Skinner; **Decoração:** Ian Greig, Carol Lavalley, Dan Wladyka; **Guarda-roupa:** Marit Allen; **Maquilhagem:** David R. Beecroft, Jordan Samuel, Christina Smith; **Direção de produção:** Gilles Bélanger, Petter J. Borgli, Emanuel 'Manny' Danelon, Sergei Gurevich, Neil Ravan, Frank Venegas; **Assistentes de realização:** Dara Bratt, Gary Capo, Steve Danton, John Karmouche, Jennifer A. Murray, Kristie Sills, Ken Wada, Bob Warwick; **Departamento de Arte:** Brett Phillips; **Som:** Pat Jackson; **Efeitos especiais:** Colin Chilvers, Tony Kenny; **Efeitos visuais:** Adrienne Anderson, Bill Coffin, Bruce Jones, Gareth Murphy, John Nelson, Jason Snyman, Lance Wilhoite; **Companhias de produção:** First Light Production, IMF Internationale Medien und Film GmbH & Co. 2. Produktions KG, Intermedia Films, National Geographic Society, New Regency Pictures, Palomar Pictures; **Intérpretes:** Harrison Ford (Capt. Alexei Vostrikov), Liam Neeson (Capt. Mikhail Polenin), Joss Ackland (Marshal Zelentsov), Peter Sarsgaard, Peter Stebbings (Kuryshv), Sam Spruell (Dmitri), Christian Camargo (Pavel), Roman Podhora, Sam Redford, Steve Nicolson, Ravil Isyanov, Tim Woodward, Lex Shrapnel, Shaun Benson, Kristen Holden-Ried, Dmitry Chepovetsky, Christopher Redman, Tygh Runyan, John Shrapnel, George Anton, James Francis Ginty, Peter Graham, Shawn Mathieson, Jacob Pitts, Christopher Routh, Lubomir Mykytiuk, Michael Gladis, Donald Sumpter, Natalia Vintilova, Steve Cumyn, Austin Strugnell, Arseny Sydelnykov, JJ Field, Peter Oldring, Joshua Close, Ingvar Eggert Sigursson, Gerrit Vooren, Joey Purpura, Lev Prygunov, Jeremy Akerman, Lee J. Campbell, Pat Nixon (arquivo), Richard Nixon (arquivo), etc. **Duração:** 138 minutos; **Classificação etária:** M/ 12 anos; **Distribuição em Portugal:** Filmes Lusomundo; **Data de estreia em Portugal:** 3 de Janeiro de 2003.

Título original: *He Was a Friend of Mine, da série de TV "Karen Sisco"*

Realização: Kathryn Bigelow (EUA, 2004); **Argumento:** Scott Frank, Peter Lefcourt, Elmore Leonard, Jason Smilovic; **Produção da série:** Rob Corn, Peter Giuliano, Terri Kopp, Peter Lefcourt; **Produção do episódio:** Lois Johnson, John Mankiewicz, Mark H. Ovitz, Barry Sonnenfeld, Danny DeVito; **Música:** Danny Lux, Wayne Jones; **Fotografia (cor):** Edward J. Pei; **Montagem:** Neil Mandelberg; **Casting:** John Brace, Linda Lowy; **Design de produção:** Gregory Melton; **Decoração:** Leslie McCarthy-Frankenheimer; **Guarda-roupa:** Sabrina Rosen; **Maquilhagem:** Maryann Marchetti, **Direção de produção:** Wayne Carmona; **Assistentes de realização:** Alison Troy; **Departamento de Arte:** Rod England, Rich Hobaica, Mara A. Spear; **Som:** Mark Cookson, Fred Kupfer; **Efeitos especiais:** William H. Schirmer; **Intérpretes:** Carla Gugino (Karen Sisco), Bill Duke (Amos Andrews), Robert Forster (Marshall Sisco), Dylan Bruno (Det. Rollins), Christian Camargo (Lex), Robert Deacon (Mordecai Jones), April Grace, Wayne Lopez, Daniel Lujan, Simon Mainwaring, William O'Leary, Clarence Williams III, etc. **Data de emissão (EUA)** 14 de Abril 2004 (1ª temporada, Episódio 10).

Retrospectiva
Kathryn
Bigelow

Título original: *Mission Zero*

Realização: Kathryn Bigelow (Itália, 2007); **Argumento:** Sofia Ambrosini, Sergio Rodriguez, Stefano Volpi; **Produção:** Antonello Filosa, Carlotta Magnani, Susane Preissler, Stefano Quaglia; **Música:** Machine Head; **Fotografia (cor):** Janusz Kaminski; **Montagem:** Marc Langley; **Maquilhagem:** Alexis Kelley; **Assistentes de realização:** Federico Dotto; **Departamento de Arte:** Warren Drummond; **Som:** Dustin Camilleri, Steve Dewey, Machine Head, Kip Smedley; **Companhias de produção:** Pirelli Film; **Intérpretes:** Uma Thurman, Jason Maltas (Pirelli Man), Mathew Vigil, Kevin Kazakoff, Mikey Huerta, Ronnie Troop, Jeff Sanders, Rex Reddick, Gilbert B. Combs, Mary Albee, John Syphor, Zoran Radanovich, Bonnie Yanagushua, Roger Patterson, Arezu Kazerooni, Dante Dahabreh, Choice Patton, Jesse Persomon, Kwesi Phillips-Mashack, Sean Graham, Jake Yacobi, Samuel Hubinette, Robert Alonzo, George A. Sack Jr.; **Duração:** 8 minutos.

ESTADO DE GUERRA

Título original: *The Hurt Locker*

Realização: Kathryn Bigelow (EUA, 2008); **Argumento:** Mark Boal; **Produção:** Kathryn Bigelow, Mark Boal, Nicolas Chartier, Jenn Lee, Tony Mark, Donall McCusker, Jack Schuster, Greg

Shapiro; Música: Marco Beltrami, Buck Sanders; Fotografia (cor): Barry Ackroyd; Montagem: Chris Innis, Bob Murawski; Casting: Mark Bennett; Design de produção: Karl Júlíusson; Direção artística: David Bryan; Decoração: Amin Charif El Masri; Guarda-roupa: George L. Little; Maquilhagem: Daniel Parker, Robin Pritchard, Janice Rhodes; Direção de Produção: Karima Ladjimi, Jack Schuster; Assistentes de realização: Nicolas Duchemin Harvard, Michelle Fitzpatrick, David Ticotin; Departamento de arte: Rime Al-Jabr, Sana'a Jaber, Marwan Kheir, Mike Malik, Gary Thomas; Som: Paul N.J. Ottosson; Efeitos especiais: Blair Foord, Ernst Gschwind, Richard Stutsman; Efeitos visuais: Benjamin H. Bernard, Changsoo Eun, Tom Kendall, Dan Lopez, Kurt McKeever, Bob Minshall, Alex Romano, Doug Spilatro; Companhias de produção: First Light Production, Kingsgate Films; **Intérpretes:** Jeremy Renner (Sgt. William James), Anthony Mackie (Sgt. JT Sanborn), Brian Geraghty (Spc. Owen Eldridge), Guy Pearce (Sgt. Matt Thompson), Ralph Fiennes (chefe de grupo), David Morse (Coronel Reed), Evangeline Lilly (Connie James), Christian Camargo (Coronel John Cambridge), Suhail Aldabbach, Christopher Sayegh, Nabil Koni, Sam Spruell, Sam Redford, Feisal Sadoun, Barrie Rice, Imad Dadudi, Erin Gann, Justin Campbell, Malcolm Barrett, Kristoffer Ryan Winters, J.J. Kandel, Ryan Tramont, Michael Desante, Hasan

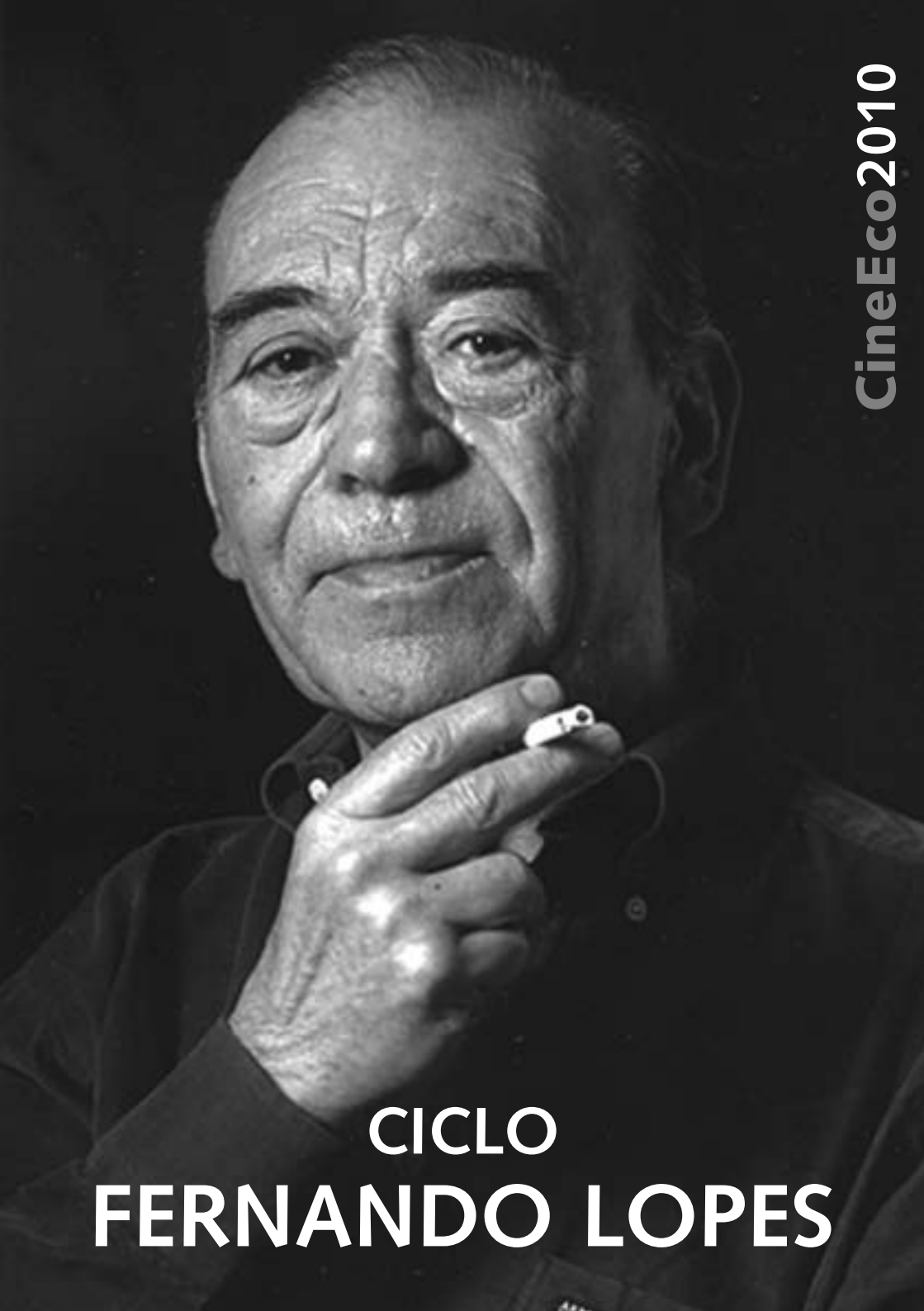
Darwish, Wasfi Amour, Nibras Quassem, Ben Thomas, Nader Tarawneh, Anas Wellman, Omar Mario, Fleming Campbell, David Gueriera, Kate Mines, etc. **Duração:** 131 minutos; Distribuição em Portugal: ZON Lusomundo; Classificação etária: M/ 16 anos; Estreia em Portugal: 17 de Setembro de 2009.

Título original: The Miraculous Year (TV) (em produção)

Realização: Kathryn Bigelow (EUA, 2011); Argumento: John Logan; Produção: Kathryn Bigelow, Lydia Dean Pilcher, John Logan, Margot Lulick, Dara Schnapper; Música: Adam Guettel; Fotografia (cor): Barry Ackroyd; Casting: Mark Bennett; Design de produção: Naomi Shohan; Direção artística: Kevin Rupnik; Decoração: Debra Schutt; Guarda-roupa: John A. Dunn; Maquilhagem: Linda Grimes, Stephanie Pasicov; Direção de Produção: Melissa Gelemter; Assistentes de realização: Jennifer Roberts, Woodrow Travers; Companhias de produção: Cine Mosaic, Home Box Office (HBO); **Intérpretes:** Eddie Redmayne (Connor Lynn), Frank Langella (Alex Segal), Hope Davis (Mandy Vance), Linus Roache (Scott Vance), Elaine Cassidy (Brona McKinney), Stark Sands (Duke Ellis), Louis Ozawa Changchien, Patti LuPone, Norbert Leo Butz, Remy Nozik, Ron Maestri, Logan Georges, Ben Hauck, Kristine Covillo, Laura Sheehy, etc.



“Mission Zero”, produção para um anúncio da Pirelli.

A black and white close-up portrait of an elderly man, Fernando Lopes, with a thoughtful expression. He is holding a lit cigarette in his right hand, which is raised to his chin. The lighting is dramatic, highlighting the texture of his skin and the details of his face against a dark background.

CineEco2010

CICLO
FERNANDO LOPES

Fernando Lopes é um dos nomes mais importantes da chamada geração do cinema novo português que surgiu na realização no início da década de 60 do século passado. Começando pelo documentarismo, depois de estudos em Inglaterra, e de uma aprendizagem do “metier” na RTP (então no princípio da sua actividade regular), Fernando Lopes não se desviou nunca da sua formação, tendo o real e o social como base, nem das suas obsessões mais pessoais, que transitam de filme para filme, a noite, a mulher, o bolero, os ambientes boémios, a amizade. De “Belarmino” a “Sorrisos do Destino” vai a sua preparação iniciática durante a época do “free cinema” em Londres, ao seu fascínio pela “Nouvelle Vague” francesa. Com Lisboa e a sua aldeia natal sempre como pano de fundo, homem de origens rurais e de vivência cidadina.

Ciclo
Fernando Lopes

Homem de sete ofícios, ou mais, dentro do universo da imagem, de tudo um pouco fez, desde director do Centro Português de Cinema, cooperativa de cineastas apoiada pela Fundação Calouste Gulbenkian, até director da revista “Cinéfilo”, director da RTP-2, durante um período que foi dos mais fecundos desta casa. Admirador de livros e amigo de escritores, várias foram as suas adaptações cinematográficas de obras literárias, de Mário Zambujal a Carlos de Oliveira, de Antonio Tabucchi a José Cardoso Pires, sempre com encorajantes resultados, mercê do seu talento e sensibilidade, mas igualmente do escrúpulo no trabalho da transposição do texto escrito para a imagem. Por tudo isto é um dos grandes do cinema nacional, o que muito honra o Cine Eco tê-lo como presidente do seu Júri Internacional neste ano de 2010. Altura igualmente para lhe prestarmos a melhor homenagem que se pode dispensar a um autor – exhibir algumas obras suas. O que fazemos, na certeza de mostrarmos alguns dos grandes momentos da história da cinematografia portuguesa dos últimos 50 anos. Resta dizer que se homenageia igualmente um amigo.

Os filmes que dele iremos ver: “Belarmino” (1964), “Uma Abelha na Chuva” (1972), “Crónica dos Bons Malandros” (1984), “Pina Bausch - Lissabon Wuppertal Lisboa” (1998), “O Delfim (2002), “Os Sorrisos do Destino” (2009) e ainda o documentário de João Lopes, “Fernando Lopes, Provavelmente” (2008).

Fernando Lopes faz parte duma geração de realizadores que desponta para o cinema através do movimento cineclubista (foi sócio do Cineclub Imagem) e que adquire os primeiros conhecimentos técnicos graças ao trabalho em televisão (ingressou na Rádio Televisão Portuguesa no ano de inauguração, 1957).

Partiu para Londres em 1959, como bolseiro do Fundo de Cinema Nacional, aí frequentando um curso de realização na London School of Film Technique e vindo a rodar em 1960 as curtas-metragens *The Bowler Hat*, *Interlude* e *The Lonely Ones*. De regresso a Portugal, filma vários documentários, alguns dois quais para televisão, neles revelando uma linguagem moderna, longe do que era habitual nesse tipo de projectos: *Marinha Portuguesa* (1961), *Ano Mundial do Refugiado* (1961), *Domingos Sequeira* (1961), *O Voo da Amizade* (1961), *As Pedras e o Tempo — Évora* (1961), *A Cidade das Sete Colinas — Marçano Precisa-se* (1962), *Este Século em que Vivemos* (1962), *As Palavras e os Fios* (1962), *1X2* (1963).

Em 1964 realiza *Belarmino*, um filme-documento tomando como ponto de partida a figura do pugilista Belarmino Fragoso, um antigo campeão em fase de decadência, que é entrevistado pelo jornalista Baptista Bastos. Num misto de ficção e documentário, a câmara deambula por uma Lisboa que vai desaparecendo (as antigas salas de cinema, os clubes nocturnos), ao som de “jazz” (género musical que pela primeira vez constituía a banda sonora dum filme português).

Ciclo
Fernando Lopes



Durante a rodagem de “Uma Abelha na Chuva”.



“Belarmino”.

Ciclo
Fernando Lopes

Depois dum estágio de três meses em Hollywood, em 1965, retoma a realização de trabalhos para televisão e de mais alguns documentários, como *Cruzeiro do Sul* (1966), sobre a navegação aeronaval portuguesa e as figuras dos pilotos Gago Coutinho e Sacadura Cabral, *Vermelho, Amarelo e Verde* (1966), *Hoje, Estreia* (1967), *Tejo — Rota do Progresso* (1967) e *Aventura Calculada* (1970), sobre o Laboratório Nacional de Engenharia Civil.

Em 1970 é nomeado presidente do Centro Português de Cinema, cooperativa de cineastas apoiada pela Fundação Calouste Gulbenkian. Um ano depois realiza aquele que é considerado um dos melhores filmes de sempre do cinema português e, indiscutivelmente, uma das mais conseguidas adaptações duma obra literária ao grande écran. *Uma Abelha na Chuva*, com base no romance homónimo de Carlos de Oliveira, não se limita a ser a transposição para a tela, capítulo a capítulo, do original (o que se tentava, em geral, e acabava por ser uma falha das adaptações de textos literários), mas o resultado duma análise profunda do romance de Oliveira, a que Fernando Lopes retirou personagens que seriam menos “cinematográficas” e acrescentou uma representação teatral de “*Amor de Perdição*”, de Camilo Castelo Branco, com cenas que estabelecem um paralelismo com os sentimentos e a conduta da principal personagem feminina. A fotografia a preto e branco de Augusto Cabrita (que já havia assinado a fotografia de Belarmino) é dos trabalhos técnicos mais perfeitos até então realizados, valorizando cenas dum rigor estético invulgar e contribuindo para transmitir o desencanto dum Portugal rural opressivo. O documentário *Nacionalidade: Português* (1972), com produção do escritor Nuno Bragança, e a direcção da renascida revista *Cinéfilo* (1973-



“Nós por Cá Todos Bem”.

Ciclo
Fernando Lopes

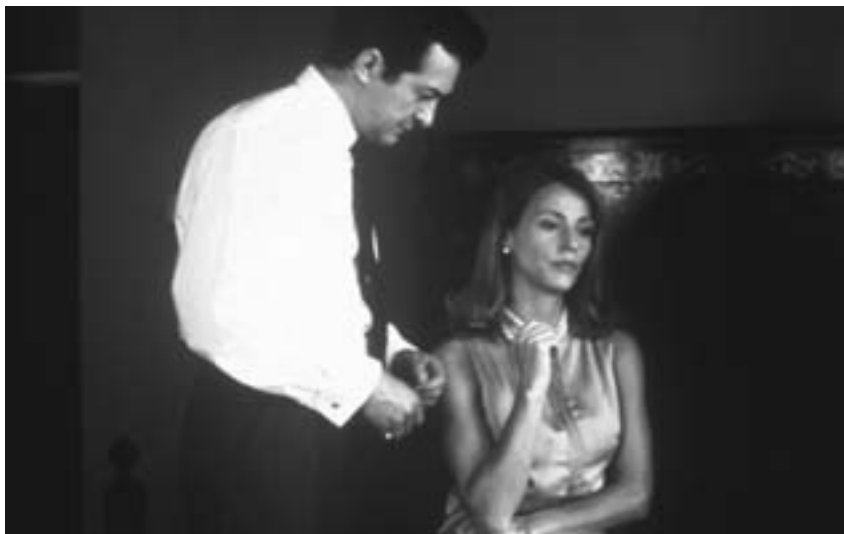
1974) são os seus trabalhos de maior vulto antes da Revolução de 25 de Abril de 1974, cujos desenvolvimentos filmou com outros realizadores, colaborando na autoria colectiva de *As Armas e o Povo* (1975).

Data ainda de 1975 o seu documentário *O Encoberto*, dedicado à polémica estátua de D. Sebastião no centro da cidade de Lagos, criada pelo escultor José Cutileiro. *Habitat* (1975), outro documentário, antecede a sua terceira longa-metragem, *Nós Por Cá Todos Bem* (1976), em que, partindo do percurso de vida da sua própria mãe, faz contrastar a vida no campo e na cidade e faz preservar experiências de vida ocorridas num contexto político-social distante do da realização do filme.

Sons e Cores de Portugal (1977) e *Lisboa* (1979), este último para televisão, são outros trabalhos na área do documentarismo no final da década de 70, um período em que se intensifica a sua actividade televisiva ao dirigir entre 1978 e 1980 a programação do segundo canal da Rádio Televisão Portuguesa, a que imprimiu uma identidade própria, distinguindo-o significativamente do primeiro canal.

Findas as funções na RTP 2, Fernando Lopes regressa ao cinema com o documentário *Altitude 114* e, em 1984, com a adaptação do romance de Mário Zambujal *Crónica dos Bons Malandros*. Ainda que menos elogiado pela crítica do que os seus filmes de fundo anteriores, *Crónica dos Bons Malandros* regista um assinalável êxito junto do público, graças à popularidade do livro (e do seu autor) e ao conjunto de intérpretes, na sua maioria muito conhecidos do teatro e da televisão.

A próxima longa-metragem, *Matar Saudades* (1987) volta a suscitar algumas reservas por parte da crítica, mas traz aos ecrãs um tema estranhamente pouco frequente no cinema nacional, ainda que constitua uma constante



“O Delfim”.

Ciclo
Fernando Lopes

da vida portuguesa: a emigração. A história do regresso dum emigrante ex-combatente da Guerra Colonial não merece também os favores do público numa época, aliás, de acentuadas dificuldades económicas no campo do cinema. Há um número relativamente escasso de produções nacionais no final da década de 80, embora se intensifique o regime de co-produção, a que Fernando Lopes recorrerá para *O Fio do Horizonte* (1993). Trata-se da adaptação dum original do escritor italiano Antonio Tabucchi, nome de há muito ligado à cultura portuguesa.

Embora continuando a dedicar-se ao cinema através da realização de documentários, como *Se Deus Quiser* (1996) (para televisão), *Gérard fotógrafo* (1997), *Lissabon — Wupperthal — Lisboa* (1998) e *Cinema* (2001), uma homenagem ao cinema português e aos que nele trabalham, Fernando Lopes volta a obter o reconhecimento unânime da crítica com a adaptação da obra emblemática de José Cardoso Pires *O Delfim*, retrato dum marialvismo localizado nos anos 60, mas não completamente erradicado da sociedade portuguesa.

Com experiência também no campo do ensino (na Escola Superior de Cinema), Fernando Lopes é um dos mais prestigiados realizadores portugueses, responsável por alguns dos filmes esteticamente mais inovadores da cinematografia nacional.

Alcides Murtinheira, *in* “Centro de Língua Portuguesa / Instituto Camões”

http://www1.uni-hamburg.de/clpic/tematicos/cinema/realizadores/lopes_fernando.html

Fernando Lopes: o fascínio da mulher.
Em cima, Alexandra Lencastre e ao lado Paula Guedes,
Lia Gama, Adelaide João e Zita Duarte.



_ Filmografia

Como realizador:

As Pedras e o Tempo (1961) Curta-metragem documental
O Voo da Amizade (1962) Curta-metragem documental
As Palavras e os Fios (1962) Curta-metragem documental
Belarmino (1964) Longa-metragem documental
Rota do Progresso (1964) Curta-metragem documental
Cruzeiro do Sul (1966) Curta-metragem documental
Se Deus Quiser (1966) Curta-metragem documental
Hoje, Estreia (1967) Curta-metragem documental
Tejo na Rota do Progresso (1967) Curta-metragem documental
Vermelho, Amarelo e Verde (1969) Curta-metragem documental
Uma Abelha na Chuva (1972) Longa-metragem de ficção
A Aventura Calculada (1972) Curta-metragem documental
Nacionalidade: Português (1972) Média-metragem documental
Era Uma Vez... Amanhã (1972) Curta-metragem documental
O Encoberto (1975) Curta-metragem documental
Cantigamente (série de TV, 1 episódio, 1976) TV
Nós por cá Todos Bem (1978) Longa-metragem de ficção
Lisboa (1979) (TV) Média-metragem documental
Crónica dos Bons Malandros (1984) Longa-metragem de ficção
Matar Saudades (1988) Longa-metragem de ficção
O Fio do Horizonte (1993) Longa-metragem de ficção
Gérard, Fotógrafo (1998) (TV) Curta-metragem documental
Pina Bausch - Lissabon Wuppertal Lisboa (1998) Média-metragem documental (TV)
Cinema (2001) Curta-metragem documental
O Delfim (2002) Longa-metragem de ficção
Lá Fora (2004) Longa-metragem de ficção
Tomai Lá do O'Neill (2004) Média-metragem documental
98 Octanas (2006) Longa-metragem de ficção
Ela por Ela (2006) série de TV
Os Sorrisos do Destino (2009) Longa-metragem de ficção

Ciclo
Fernando Lopes



“Crónica dos Bons Malandros”.

HOMENAGEM A ARTHUR PENN



CineEco2010

HOMENAGEM A ARTHUR PENN

Arthur Penn, o cineasta que, entre muitas outras importantes obras, nos deu “Bonnie and Clyde”, um dos filmes mais marcantes da década de 60, faleceu no dia 28 de Setembro de 2010, em Nova Iorque. Havia completado 88 anos um dia antes.

Filho de um relojoeiro, nasceu em Filadélfia, a 27 de Setembro de 1922, nos EUA. Começou por estudar literatura, mas foi forçado a abandonar os estudos para lutar na Segunda Guerra Mundial, onde montou igualmente espectáculos teatrais para entreter os soldados. Depois, prosseguiu a formação em Itália (Perugia e Florença), antes de regressar aos EUA e entrar no Actor’s Studio de Nova York. Trabalhou para a emissora de televisão NBC, e iniciou a sua actividade na televisão, nos anos 50. Pertencente a uma geração de cineastas que fez a aprendizagem das potencialidades da imagem através da televisão, Arthur Penn estreou-se no cinema em 1958, com “The Left-Handed Gun” (Vício de Matar), um “western” baseado na vida de Billy, the Kid (Paul Newman), e que fora anteriormente escrito por Gore Vidal para a televisão.

Homenagem a
Arthur Penn

O filme chamou a atenção para o estilo de Penn, para a originalidade da sua abordagem psicológica da personagem, ganhou prémios em festivais europeus, e lançou alguns dos temas obsessivos do cinema deste autor: a revolta de marginais, ou de simples humildes, perante o poder constituído; a força do mito perante a realidade; o papel da violência e a sua utilização arbitrária; o estudo das forças sociais por detrás dos comportamentos individuais... Ligando todas estas referências, uma utilização criteriosa e também absorvente do actor, do seu rosto e do seu corpo, um pouco na linha do estilo “Actor’s Studio”, de que, aliás, se mostra adepto incondicional ao escolher para dirigir actores como



Arthur Penn.

Paul Newman, Marlon Brando, Dustin Hoffman, Jack Nicholson, Anne Bancroft, Warren Beatty, Fay Dunaway, Gene Hackman, etc.

Essas dominantes e esses temas estiveram presentes em quase todos os filmes posteriores de Arthur Penn. Em “O Milagre de Ann Sullivan”, seu filme seguinte, transpõe para o ecrã uma peça teatral da autoria de William Gibson, que anteriormente já havia dirigido na televisão, e que acompanha a tenaz luta de Anne Sullivan para ensinar a cega e surda Helen Keller a comunicar com o mundo exterior. O filme grangeou celebridade a Penn e um Oscar a Anne Bancroft, o de melhor atriz, e um outro a Patty Duke, o de melhor atriz secundária.

“Mickey One”, de 1965, assinala a sua primeira colaboração com Warren Beatty e mostra igualmente a influência das narrativas europeias, sobretudo as decorrentes da eclosão da “Nouvelle Vague” francesa, sobre Arthur Penn. Aborda a vida de um entertainer, um comediante de shows de boîtes, que é perseguido pela máfia. Com uma linguagem inovadora e provocante, um pouco na linha do “A Bout de Soufle”, de Godard, iria dividir público e crítica, sendo hoje uma obra de culto, olhada como uma parábola anti-macarthista.

Mais clássica na sua escrita, mas nem por isso menos exaltante era “Perseguição Impiedosa” (1966), uma produção de Sam Spiegel, com argumento de Lillian Hellman, sobre o clima de violência vivido no sul dos Estados Unidos.

“Bonnie e Clyde”, do ano seguinte, assinala o seu ponto mais alto na carreira, disputando 10 nomeações para os Oscars de 1967. A violência poética da abordagem, o clima recriado e a maneira pouco habitual de retratar foras da lei causaram perplexidade e celeuma.

Seguiram-se-lhe, na mesma linha, “O Restaurante de Alice”, “O Pequeno

Homenagem a
Arthur Penn



Durante a rodagem de “Bonnie and Clyde”.

Grande Homem”, outro grande sucesso de público de Arthur Penn, aqui dirigindo Dustin Hoffman num dos seus papéis mais conseguidos, e ainda “Um Lance no Escuro” e “Duelo no Missouri”, que assinalava o encontro de Marlon Brando com Jack Nicholson, num outro “western” de boa memória. Em 1981, Arthur Penn dirige “Quatro Amigos”, e a partir daí a sua estrela empalideceu. Injustificadamente, apesar do filme ter sido um relativo fracasso comercial. Esta obra é um notável retrato de uma geração perdida entre os sonhos de final dos anos 50, início dos anos 60, e as duras realidades do assassinato de Kennedy e da guerra do Vietname, dos conflitos sociais e das manifestações anti racistas.

Quatro Amigos, filme que Arthur Penn dirigiu em 1981, parece ser uma daquelas obras malditas que de vez em quando surgem na carreira de um cineasta. Maldita sobretudo porque na altura da sua estreia correu muito mal, em termos de bilheteira, deixando o realizador obviamente em maus lençóis, não lhe permitindo, depois desse malogro comercial, outras tentativas pessoais, interrompendo por isso uma carreira a todos os títulos notável. Maldita finalmente também porque se trata de um grande filme, injustamente menosprezado na época, mas que, hoje em dia, se apresenta já como um “filme de culto” para uma grande parte de cinéfilos do mundo inteiro.

Tido como verdadeiro liberal e democrata, Arthur Penn terá tido, segundo o “New York Times”, uma participação decisiva na eleição do então senador John F. Kennedy, durante o debate em que Kennedy enfrentou Richard M. Nixon em 1960. Foi ele que indicou ao futuro presidente a forma de olhar directamente para as câmaras e dar respostas curtas e sucintas, o que deu a Kennedy uma aura de confiança e calma, que contrastou com a presença do seu adversário. Além disso, Penn também dirigiu, na televisão, o terceiro debate entre os dois candidatos.

Nos últimos anos da sua vida, trabalhava sobretudo para a televisão, sendo, por exemplo, produtor executivo da série “Law & Order”.

Homenagem a
Arthur Penn



“Vício de Matar”.



Em meados da década de 60, tinha eu uma coluna de crítica cinematográfica no semanário “O Século ilustrado”. Remexendo papéis antigos, encontrei dois textos relativos a obras de Arthur Penn, de que me permito aqui recordar algumas passagens.

Homenagem a
Arthur Penn

Sobre “Perseguição Impiedosa” (publicado a 19 de Novembro de 1966), escrevi:

Arthur Penn, autor de “Vício de Matar”, “O Milagre de Ana Sullivan” e de “Mickey One”, voltou aos nossos “écrans” com uma obra em tudo digna dos seus anteriores trabalhos, todos eles de grande qualidade, interesse e desassombro. “Perseguição Impiedosa” é mais uma película de análise social, onde um americano enojado, retrata a sua América, racista e degradada, com a qual não sente o mais pequeno contacto.

Dividida em duas partes, “The Chase” prepara na primeira metade a explosão de violência, de ódio e mesquinhez que a segunda irá oferecer, sem qualquer espécie de complacência ou conformismo. Até ao intervalo, o espectador toma conhecimento com a vida quotidiana de uma cidade do Sul dos EUA. Estamos numa tarde de Verão de um sábado. Paira sobre a cidade um medo surdo provocado pelo regresso de um preso que conseguiu fugir da cadeia sem ter completado toda a pena. Este será o pretexto para se exaltarem os ânimos, para que venha ao de cima a verdadeira imagem de uma cidade sulista onde a intolerância e o fanatismo ameaçam a todo o momento incendiar o ambiente, em vagas de ódio e de violência mal contidas. Após esta primeira parte, os laços cedem, os homens animalizam-se, os instintos primários regressam à flor da pele e tudo se incendeia em labaredas que não irão poupar os únicos homens justos e “humanos”. O resto será um caudal de violência que fará os espectadores saírem da sala com os olhos raiados de raiva e o estômago entorpecido pelos contínuos socos que uma multidão fanática não deixará de

lhe merecer. Este um dos méritos do filme de Penna: levar o espectador a viver e sentir na carne um drama de loucura e vômito que os homens não conseguiram anda afastar, Esta é uma salutar descida ao inferno, para que todos nós nos sintamos humanamente responsáveis pelo que presenciamos.

Sobre “Bonnie e Clyde”, num outro texto aparecido um ano depois (23 de Dezembro de 1967), escrevia assim:

“Bonnie e Clyde” é de novo Arthur Penn nos “écrans” lisboetas. Obra de autor, pessoal, polémica, apaixonante, “Bonnie e Clyde” prolonga, pois, um estilo, um clima, uma vontade.

Inspirando-se em factos reais, ocorridos nos EUA., no início da década de 30, Arthur Penn recorda Bonnie e Clyde que existiram como personagens de carne e sangue, foras-da-lei de reputação lendária, diz-se que roubavam os bancos e ajudavam os pobres, e encarnavam em si um ideal de justiça social que os negros tempos da depressão económica tinham afastado há muito da sociedade norte-americana. Roubando e matando depois (entrando numa engrenagem de violência de que lhe desconheciam as regras, mas de que lhe suspeitavam a aliciante aventura), Bonnie e Clyde transformaram-se num dos mais famosos casais de “gangsters” que a América conheceu. Clyde, de metralhadora em punho, e estranhamente impotente no amor (diz Penn: “...será talvez psicologia primária, mas pode presumir-se que as pessoas que vivem muito com armas na mão têm um problema qualquer no campo sexual...”), Bonnie compondo poesias da sua vida aventureira, nos intervalos dos assaltos, e todas as figuras secundárias: o irmão de Clyde e a sua mulher, pequeno-burguesa, dada a frequentes ataques de histeria, o jovem motorista, a mãe de Bonnie - e todos os “pobres brancos” de uma América em crise e esfaimada. o xerife, todos estes retratos nos dão de

Homenagem a
Arthur Penn



“Persiguição Impiedosa”.

corpo inteiro uma nação, uma época, um povo. Penn vai até á minúcia, esgravata documentação até ao impossível, e descobre a respiração, as veias, o sangue que corria nessa América de 30.

Depois, há ainda que falar de um ritmo: um intercalar de situações burlescas e de cenas de uma violência trágica, desgastante, envolvente. Ao ritmo trepidante de uma balada do velho Oeste que serve de pano de fundo a toda uma sério de perseguições e fugas astuciosas, sucede-se o crepitar medonho de metralhadoras despejando a morte; a uma cena de amor nos campos livres e selvagens, justapõe-se o esgar último de um condenado crivado de balas, jorrando sangue - sangue, vermelho-vivo, quente...

Deporia, cite-se ainda, a interpretação de Paye Dunaway e Warren Beatty, dois dos muitos anjos caídos, homens desalojados da sua condição, figuras à procura do seu lugar, mas recusando entrar no jogo que lhes oferecem. Finalmente, assinala-se que Artliur Penn nos deu a obra-prima que vinha prometendo desde início. Acrescente-se que promete mais, muito mais...

Não será muito bom, muito mau também não é. Era a violência dos vinte e poucos anos, mas continuo hoje a aceitar como boa a análise, a que os tempos me deram razão. Recordo que o meu texto sobre “Bonnie e Clyde” provocou uma pequena polémica minha com José Régio, que entretanto escrevera um texto criticando abertamente o filme e a sua violência excessiva.

Aqui fica portanto a minha homenagem a um autor que muito terá marcado a minha juventude, e a de uma geração, de espectadores e de cineastas. Sem Arthur Penn, Coppola, Scorsese, Peckimpah, entre tantos, poderiam ter tido outros percursos, e não terem realizado algumas das suas obras maiores.

Homenagem a
Arthur Penn

Lauro António



“Bonnie and Clyde”.



Homenagem a
Arthur Penn



ARTHUR PENN Filmografia

- 1958: **The Left Handed Gun** (“Vício de Matar”)
- 1962: **The Miracle Worker** (“O Milagre de Anne Sullivan”)
- 1964: **The Train**
- 1965: **Mickey One**
- 1966: **The Chase** (“Perseguição Impiedosa”)
- 1967: **Bonnie and Clyde** («Bonnie e Clyde»)
- 1968: **Flesh and Blood** (TV)
- 1969: **Alice’s Restaurant** («O Restaurante de Alice»)
- 1970: **Little Big Man** («O Pequeno Grande Homem»)
- 1973: **Visions of Eight** (“Vencedores e Vencidos”)
- 1975: **Night Moves** (“Um Lance no Escuro”)
- 1976: **The Missouri Breaks** (“Duelo no Missouri”)
- 1981: **Four Friends** (“Quatro Amigos”)
- 1985: **Target** (“O Alvo”)
- 1987: **Dead of Winter** (“A Noite Gótica”)
- 1989: **Penn & Teller Get Killed**
- 1993: **The Portrait** (TV)
- 1995: **Lumière et Compagnie**
- 1996: **Inside** (TV)

A black and white photograph of a man with dark hair and thick-rimmed glasses. He is looking directly at the camera with a neutral expression. A lit cigarette is held in his mouth. He is wearing a dark jacket over a collared shirt. He is leaning out of a window frame made of rough wood. In the foreground, a potted plant with large, dark leaves is partially visible, obscuring the lower part of his torso. The background behind him shows a patterned curtain with a floral or leaf design. The overall mood is contemplative and cinematic.

CineEco2010

**HOMENAGEM A
CLAUDE CHABROL**

Claude Chabrol, falecido recentemente em Paris, foi um dos mais importantes e interessantes cineastas franceses da última metade do século XX e de inícios do actual. Aparecido com a “Nouvelle Vague”, foi um dos seus autores mais pessoais e com uma obra mais coerente e densa. Multiplicando-se por realizações no cinema e na televisão, raramente uma obra sua não possuía a qualidade mínima e muitas vezes atingia a qualidade máxima, mesmo que variando de género, mas nunca de estilo. O Cine Eco recorda-o através de um pequeno ciclo de obras suas mais recentes (infelizmente a quase integralidade da sua filmografia mais antiga não está disponível em DVD, no nosso país), procurando sublinhar a importância do seu contributo no contexto da cinematografia contemporânea e igualmente como retratista implacável da sociedade francesa pós De Gaulle.

Homenagem a
Claude Chabrol

Claude Chabrol mereceria uma outra aproximação, bem mais detalhada e documentada. Esperemos que outras oportunidades surjam para melhor estudar e usufruir da obra deste cineasta invulgar, de olhar irónico e sarcástico e de crítica obstinada sobre os vícios da corrupção e da hipocrisia de uma sociedade doente, onde os valores se degradam e as virtudes se perdem. Sem falsos moralismos e com uma observação mordaz, Claude Chabrol foi um burguês “suicida” que pintou como poucos o ambiente onde habitava e que tão bem conhecia.



Claude Henri Jean Chabrol nasceu em Paris, a 24 de Junho de 1930 e faleceu na mesma cidade, a 12 de Setembro de 2010.

Durante a Segunda Guerra Mundial, Claude Chabrol passou sua juventude em Sardent (departamento da Creuse), para onde foram enviados os seus pais, farmacêuticos de profissão. Fez estudos de direito, durante os quais conheceu Jean-Marie Le Pen, e participou do lançamento da “Nouvelle Vague” francesa, ao lado de François Truffaut e Jacques Rivette, com quem colaborou nos “Cahiers du Cinema”. Nesta revista fundada por André Bazin e Jacques Doniol-Valcroze, foi um dos que mais empenhadamente defenderam a “política dos autores”, publicando com Éric Rohmer, em 1957, um livro sobre Alfred Hitchcock, um cineasta que soube impor o seu estilo pessoal, “autoral”, a Hollywood.

Casou-se com Agnès, rica herdeira que lhe ajudou a financiar a criação da sua empresa de produção. Esta começou com um filme de curta-metragem de J. Rivette, “Le Coup du Berger”, com o actor Jean-Claude Brialy. Em 1959, dirigiu seu primeiro filme, “Le Beau Serge”, em Sardent, filme que se tornou o manifesto inicial da “Nouvelle Vague”.

Divorciou-se cinco anos depois para casar com a actriz Stéphane Audran, começando uma frutuosa colaboração até se separarem, em 1980. Durante este período, tornou-se um especialista da análise da burguesia francesa, criticando com veemência um conformismo que servia para dissimular a efervescência de vícios e de ódios. Quer seja no domínio da comédia

Homenagem a
Claude Chabrol



feroz ou do filme policial, frequentemente associado ao argumentista Paul Gégauff, Claude Chabrol nunca deixou de assediá-la hipocrisia, as baixezas e a besteira com deleitação ímpar e intensa alegria, à qual participam seus atores predilectos: Stéphane Audran, Michel Bouquet, Jean Yanne. Ele compôs assim um retrato sem compromisso da França dos anos de 1970, áspero e corrosivo, onde predominam “La Femme Infidèle”, “Juste avant la Nuit” ou “Les Biches”.

No final da década de 1970, deu uma reviravolta e optou por assuntos mais ecléticos. O seu encontro com a então jovem atriz Isabelle Huppert, em 1978, que se tornou conhecida em grande parte graças à sua colaboração com Chabrol, foi decisivo. “Violette Nozière”, sobre a envenenadora parricida que causou escândalo nos anos de 1930, acrescentou uma dimensão suplementar à galeria de monstros até então filmados por Chabrol (que já havia adaptado um outro facto diverso sangrento no filme “Landru2, em 1963, com o actor Charles Denner). Ao mesmo tempo, formou um dueto extremamente eficaz com Isabelle Huppert, abordando tanto os limites do filme policial, (Rien ne va plus, em 1997), como os limites da adaptação literária (Madame Bovary) ou do filme político, “L’Ivresse du Pouvoir”, culminando com o irreverente “La Cérémonie”, em 1995, adaptação de um romance de Ruth Rendell, “L’Analphabète”.

Homenagem a
Claude Chabrol

Numa tonalidade mais leve, confiou nesta época a Jean Poiret, papéis nos filmes intitulados “Inspecteur Lavardin” e “Poulet au Vinaigre”, continuando a dirigir ao mesmo tempo filmes policiais em ambientes provincianos, como por exemplo “Au cœur du Mensonge” e “La Demoiselle d’Honneur”. Numa inesperada tonalidade fantástica realizou, em 1976, “Alice ou la Dernière Fugue”, com Sylvia Kristel, um género que ele só abordou nesta ocasião.

Em 1983, casou-se pela terceira vez, desta feita com Aurore Pajot, que se tornou sua argumentista predilecta. A filha dela, Cécile Maistre, tornou-se sua assistente em muitos filmes. Chabrol trabalhou com o seu filho mais novo Thomas Chabrol, como actor, enquanto outro filho seu, Matthieu Chabrol, criou a música de alguns dos seus filmes a partir da metade dos anos 80.

Recebeu, pelo conjunto da sua obra cinematográfica excepcional, o prêmio René-Clair da “Académie Française”, em 2005, a “Caméra d’or” da quinquagésima nona edição Berlinale em 2009 e o Grande Prêmio da “Société des Auteurs et Compositeurs Dramatiques” (SACD), em 2010.

Claude Chabrol morreu em 12 de setembro de 2010, aos 80 anos, de complicações cardíacas e pulmonares. Foi sepultado na sexta-feira 17 no cemitério de Père-Lachaise, após uma reunião de amigos e parentes na Cinémathèque Française.



Homenagem a
Claude Chabrol

_Filmografia Realizador

Cinema:

- 1958 Le Beau Serge
- 1959 Les cousins
- 1959 À double tour
- 1960 Les Bonnes Femmes
- 1961 Les Godelureaux
- 1962 Les sept Péchés capitaux
- 1962 L'Oeil du Malin
- 1963 Ophélie
- 1963 Landru
- 1964 Les plus belles escroqueries du monde
- 1964 Le Tigre aime la chair fraîche
- 1965 Paris vu par...
- 1965 Marie-Chantal contre docteur Kha
- 1965 Le Tigre se parfume à la dynamite
- 1966 La Ligne de démarcation
- 1967 Le Scandale
- 1967 La Route de Corinthe
- 1968 Les Biches
- 1969 La Femme infidèle
- 1969 Que la bête meure
- 1970 Le Boucher
- 1970 La Rupture
- 1971 La Décade prodigieuse
- 1972 Docteur Popaul
- 1973 Les Noces rouges
- 1974 Nada
- 1975 Une Partie de plaisir
- 1975 Les innocents aux mains sales
- 1976 Les Magiciens
- 1976 Folies bourgeoises
- 1977 Alice ou la Dernière Fugue
- 1978 Les Liens de sang
- 1978 Violette Nozière
- 1980 Le Cheval d'orgueil
- 1982 Les Fantômes du chapelier
- 1984 Le Sang des autres
- 1985 Poulet au vinaigre
- 1986 Inspecteur Lavardin
- 1987 Masques
- 1988 Le Cri du hibou
- 1989 Une Affaire de femmes
- 1990 Jours tranquilles à Clichy
- 1990 Docteur M
- 1991 Madame Bovary
- 1992 Betty
- 1993 L'Œil de Vichy
- 1994 L'Enfer
- 1995 La cérémonie
- 1997 Rien ne va plus
- 1999 Au Coeur du Mensonge
- 2000 Merci pour le chocolat
- 2001 La Comédie de l'innocence
- 2002 La fleur du mal
- 2004 La Demoiselle d'honneur
- 2006 L'ivresse du pouvoir
- 2007 La Fille coupée en deux

1974 : Le banc de la désolation: série Nouvelles de Henry James'
 1974 : Nul n'est parfait:série Histoires insolites
 1974 : Monsieur Bébé: série Histoires insolites
 1974 : Les gens de l'été: série Histoires insolites
 1974: Une invitation à la chasse: série Histoires insolites
 1976 : De Grey: série Nouvelles de Henry James
 1978 : Monsieur Saint-Saëns: série Il était un musicien
 1978 : 2 + 2 = 4: série Madame le juge
 1979 : Boucles d'oreille: série Histoires insolites
 1979 : Monsieur Liszt: série Il était un musicien
 1979 : Monsieur Prokofiev: série Il était un musicien
 1980 : Le Tramway fantôme : série Fantômas
 1980 : L'Échafaud magique : série Fantômas
 1981 : Le Système du docteur Goudron et du professeur Plume
 1981 : Les Affinités électives
 1982 : La Danse de mort
 1982 : M. le maudit
 1988 : L'Escargot noir: série Les Dossiers secrets de l'inspecteur Lavardin
 1989 : Maux croisés
 1996 : Cyprien Katsaris
 2001 : Les Redoutables
 2007 : La Parure : série Chez Maupassant
 2008 : Le Petit Fût : série Chez Maupassant
 2009 : Le Petit Vieux des Batignolles : série Au siècle de Maupassant
 2009 : Le Fauteuil hanté : série Au siècle de Maupassant

Como actor

Cinema

1959 : Les Jeux de l'amour, de Philippe de Broca
 1960 : Saint-Tropez Blues, de Marcel Moussey
 1961 : Les Sept Péchés capitaux
 1961 : L'Œil du Malin
 1962 : Les Ennemis, de Édouard Molinaro
 1963 : Les Durs à cuire, de Jack Pinoteau
 1965 : Paris vu par... (sketch La muette)
 1965 : Marie-Chantal contre le Docteur Kha
 1965 : Le Tigre se parfume à la dynamite
 1965 : Brigitte et Brigitte, de "Luc Moullet"
 1967 : La Route de Corinthe
 1968 : Les Biches
 1968 : La Femme écarlate, de "Jean Valère"
 1970 : Sortie de secours, de "Roger Kahane"
 1970 : Aussi loin que l'amour, de Frédéric Rossif
 1972 : The other side of the wind, de Orson Welles, (inacabado)

1972 : Un meurtre est un meurtre, de "Étienne Périer"
 1973 : Le Permis de conduire, de Jean Girault
 1976 : Folies bourgeoises
 1977 : L'Animal, de Claude Zidi
 1981 : Les Folies d'Élodie, de André Génovès
 1982 : Les Voleurs de la nuit, de Samuel Fuller
 1983 : Polar, de Jacques Bral
 1985 : Suivez mon regard, de Jean Curtelin
 1986 : Je hais les acteurs, de Gérard Krawczyk
 1986 : Sale destin, de Sylvain Madigan
 1987 : Jeux d'artifices, de Virginie Thévenet
 1987 : L'Été en pente douce, de Gérard Krawczyk
 1987 : Alouette je te plumerai, de Pierre Zucca
 1988 : Sœurs froides', série de televisão: o apresentador"
 1992 : Sam suffit, de Virginie Thévenet
 1996 : Le Fils de Gascogne, de Pascal Aubier
 2002 : La Deuxième Vérité, de Philippe Monnier
 2005 : Lucifer et moi, de Jean-Jacques Grand-Jouan
 2006 : Avida", de Benoît Delépine e Gustave Kervern
 2010 : Gainsbourg, vie héroïque, de Joann Sfar
 2010 : Le jour des Corneilles, de Jean Christophe Dessaint (voz, em desenho animado)

Televisão

2002 : La Deuxième Vérité, de "Philippe Monnier"

Filmes sobre Chabrol

Chabrol, realizado por André S. Labarthe, para Cinéastes de Notre Temps, 1995
 Claude Chabrol, l'Artisan, realizado por Patrick Le Gall em 2002

Bibliografia

Romance

L'Adieu aux dieux, Encre, 1980

Novelas

Musique douce, em "Mystère Magazine", novembro de 1953 ;
 Le Dernier Jour de souffrances, em Mystère Magazine", Fevereiro de 1957.

Argumentos

Les Nocces rouges (com Roger Corbeau), Seghers, Collection Filmothèque, 1973.

Ensaio

Hitchcock, com Éric Rohmer", Ed. Universitaires "Classiques du Cinéma" n° 6, 1957. Reedição: Ramsay-poche cinéma n° 23, 1986;
 Como Fazer um Filme (com a colaboração de François Guérif); Ed. Dom Quixote, Lisboa, 2010.

Grosso modo, podemos dizer que existem dois tipos de cineastas: os narradores e os poetas. Os narradores são os que desejam contar histórias, que não têm uma visão do mundo particular, que não sentem ter mensagens específicas a transmitir, mas que, pelo contrário, desejam dar uma forma particularmente atraente às histórias criadas por outros. São obrigados, praticamente, a interessar-se apenas pela forma, mas devem fazê-lo de maneira muito aplicada. Mesmo um realizador que não tenha nada a dizer, que não tenha qualquer talento de argumentista, que, em última análise, não tenha qualquer imaginação, pode revelar-se um cineasta fantástico, na medida em que pode dominar todos os parâmetros, e não apenas os técnicos, que são necessários à feitura de um filme.

Digo “e não apenas os técnicos” porque a palavra “técnico” sempre me divertiu. A verdade é que os bons técnicos, os grandes técnicos de cinema, são raros e normalmente não são aqueles que julgamos. Lembro-me que, em França, realizadores que assinaram alguns filmes divertidos - penso em gente como Ralph Habib¹ ou Gilles Grangier - eram considerados técnicos muito hábeis. O que não era, de todo, o caso.

Homenagem a
Claude Chabrol

Os filmes de Gilles Grangier, por exemplo, eram corretamente realizados, mas o que os tornava interessantes era a sua visão das coisas. Em França, temos tido muito poucos realizadores que sejam grandes técnicos, exceto talvez Julien Duvivier³. Mas também ele possuía uma visão pessoal do mundo muito pessimista. Não realizava filmes apenas para fabricar um óptimo objecto de distração, como faziam Richard Thorpe ou Gordon Douglas, que, não sendo técnicos extraordinários, executavam bem o seu trabalho. O único sobre o qual poderíamos dizer que era um técnico fora de série, uma vez que era através da técnica que ele imprimia o seu estilo



ao filme, era Ernst Lubitsch. Era uma técnica muito particular, que deixava de fora muitas coisas, mas que, em contrapartida, perfeiçoava imenso outras. Lubitsch conseguiu, unicamente através da maneira como filmava, ou seja, através da forma, exprimir, não uma filosofia, mas uma maneira pessoal de ver as coisas, um estilo próprio.

Os poetas são os que possuem uma Weltanschauung (Visão do Mundo), como dizem os nossos vizinhos além-Reno, e que procuram exprimi-la através dos filmes. Por vezes, estes “poetas” (utilizo esta palavra à falta de melhor) possuem igualmente dons narrativos, o que é fantástico. Mas desde que um narrador acabe por ter uma Weltanschauung, passa obrigatoriamente para a categoria dos poetas.

Podemos dizer que, no cinema, a priori, o poeta é mais nobre do que o narrador. Mas, ao mesmo tempo, os piores filmes da história do cinema foram feitos por poetas, pois, geralmente, não dominam grande parte dos elementos essenciais num filme - como a dramaturgia, por exemplo.

Frequentemente, muitos destes “poetas” (e esta é a prova de que a palavra “poeta” não é a ideal), são didácticos, o que quer dizer que não possuem uma visão do mundo, mas apenas ideias sobre as coisas, o que não é de todo semelhante. São senhores de um forte espírito dialéctico e, ao desenvolverem as suas ideias, explicam ao mesmo tempo porque é que as outras não são boas, o que dá origem a filmes um pouco desagradáveis pelo seu maniqueísmo ou, muito simplesmente, por serem maçadores.

Esta é a razão pela qual o público tem muitas vezes tendência para considerar mais agradáveis os filmes dos narradores. E, claro está, mais vale um bom filme de um narrador que o filme falhado de um poeta.

O poeta não cria senão para traduzir a sua visão, que lhe parece ser a correcta, e que ele acha ser o único modo de a humanidade progredir. O seu problema é o inverso do problema dos narradores. Entre os poetas há os “audaciosos”, que encarnam muitas vezes a ideia de vanguardismo. O pior é que as suas audácias nem sempre vão de encontro à sua visão do mundo. Acabam por ser apanhados na armadilha da forma que dão aos seus filmes. De certa maneira, Jean-Luc Godard é traído pela forma. É o que o impede de se fazer compreender por um maior número de espectadores.

Inversamente, os poetas mais cautelosos desejam exprimir bem a sua Weltanschauung, mas sem que isso lhes custe muito. São capazes de a trair, se for necessário, para garantir as audiências. Tornam-se narradores, o que não é necessariamente uma atitude negativa. São os primeiros a procurar um estilo eficaz, uma dramaturgia sólida para compensar o facto de aquilo que contam não corresponder inteiramente àquilo que desejam contar.

Isso já me aconteceu.

E, ao tornarem-se narradores para assegurar o ganha-pão, pode acontecer-lhes, aqui e ali, reconhecerem uma figura que lhes é familiar, quando e onde menos esperam. É como reencontrar uma cara conhecida no meio de estranhos, o que é sempre agradável.

Claude Chabrol, in “Como fazer um Filme”

O bom e velho Chabrol continua imparável. Nada o demove há quase 50 anos de fazer o cinema que quer. Há títulos melhores, outros menos bons, mas não filmes maus e sobretudo desinteressantes na carreira deste veterano que se iniciou na “Nouvelle Vague”, em finais da década de 50, e que daí até hoje não pára de nos surpreender com as suas análises ácidas, cínicas e bem humoradas sobre os bons (raros) e maus (muitos) costumes da burguesia francesa. Chabrol lá continua, “bon vivant”, comendo e bebendo muito bem, fumando e catrapiscando mulheres bonitas, fazendo filmes inteligentes pelo meio e julgando os seus contemporâneos, não por aquilo que muitos julgam, mas por aquilo que ele mais abomina: a hipocrisia, o puritanismo, o falso moralismo.

Neste aspecto, “L’ Ivresse du Pouvoir” (“A Bebeira do Poder” e não “A Comédia do Poder” como aparece traduzido - por alguma razão Chabrol abandonou este título, que era o que funcionava durante a rodagem) é um manancial de sugestões que só quem não percebe nada de Chabrol pode deixar-se enganar e levar para outros terrenos. “L’ Ivresse du Pouvoir” não é um filme sobre a corrupção do poder, sobre as ligações entre o poder político e o poder económico. Isso seria muito directo e muito fácil para Chabrol, que já tocou no tema vezes sem fim. Agora esse não é o tema, ainda que ele esteja presente como pano de fundo. Mas o tema aqui é a bebedeira de poder de uma juíza de instrução que se julga a mulher mais poderosa de França porque pode mandar prender e torturar psicologicamente à sua frente esses “Presidentes” que não valem nada ao pé da sua intransigência, da sua moral incorrupta, da sua decência imaculada.

Jeanne Charmant-Killman (admirável Isabelle Huppert, que se presta a um jogo de uma frieza e de um rigor de composição sem paralelo) é uma juíza que tem entre

Homenagem a
Claude Chabrol



mãos uma investigação explosiva que irá mandar para a cadeia um conjunto de administradores e políticos corruptos. Nada de muito especial, pois que eles mesmo admitem que é precisos besuntar as mãos, que as “luvas” fazem parte dos negócios, que as percentagens por baixo da mesa são o que são. De resto, bons jantares, amantes, charutos (que divertido é Chabrol a ostentar charutos, e a mostrar cigarros um pouco por todo o lado, até parecer uma vingança contra o politicamente correcto!), viagens, férias, boa vida, quem a não quer, podendo ter, tendo à sua disposição cartões de crédito fornecidos pela empresa?

Não o quer a incorruptível Charmant-Killman (Charmant, não se esqueçam!) que não deixa fumar na sua presença (mas ela fuma), não permite as investidas do marido na cama (está cansada, fica para amanhã), não aceita a sua apetência pelo sobrinho (apesar de passar os dias com os lábios a centímetros dos dele – Chabrol é terrível!), não confia em ninguém, a não ser no seu fiel colaborador de longa data (verão com que resultados!), não recebe uma caixa de vinhos como oferta, apesar de não desdenhar de um aperitivo, durante a noite, movimentada-se com a discricção, trabalha até altas horas da noite, enfim, um verdadeiro exemplo para todos, mas que Chabrol acha que ultrapassa todas as marcas de humanidade. Afinal a Charmant juíza Killman irá cruzar-se no hospital com o marido que se tentou suicidar e o desgraçado do “Presidente” que sofre de uma depressão profunda. E tudo para quê? Em nome de quê? Com que resultados? Assim volta tudo ao princípio e a juíza encolhe os ombros e confessa que se está nas tintas para tudo. Afinal o seu poder não é real, é virtual, é o poder que os outros lhe entregam, lhe permitem usar e ostentar, mas que só usa e ostentam enquanto outros o permitirem. Este é um jogo viciado por muitos lados e o encontro final de Charmant-Killman e do “Presidente” Michel Humeau, mais não é do que cruzar de duas vítimas de um mesmo processo. Com a agravante de, como diz Chabrol, “Jeanne nos aparecer progressivamente como uma espécie de Robespierre de saias, à medida que vamos tendo cada vez mais compaixão por Humeau...”

Resumindo: Chabrol pode compreender alguns delitos, mas não compreende os que se querem sobre humanos de pés de barro. Charmant-Killman só começa a ser simpática quando desce do pódio onde ela própria se colocara e começa a perceber o desastre da sua vida pessoal. Quando descobre que a felicidade pode ser Félix, sem outras ambições que um bom poker. Quando descobre que o Sibeau afinal era tão ambicioso como ela, ainda que em campos opostos. Quando percebe afinal a fragilidade do ser humano.

Excelente fotografia de Eduardo Serra, que combate todos os rodriguinhos e nos oferece um quotidiano sem magia, magnifica sequências (como o plano sequência inicial, com a saída de Michel Humeau do escritório, acompanhado pela câmara à mão até ser detido pela policia fora do edifício), notáveis actores (além da já referida Isabelle Huppert, há ainda a referir François Berléand, Patrick Bruel, Jean-François Balmer ou Thomas Chabrol) fazem de “A Comédia do Poder” uma triste comédia a não perder, assinada por um dos maiores cineastas europeus vivos.



HOMENAGEM A
TONY CURTIS



__HOMENAGEM A TONY CURTIS

Ano nefasto este. A fechar o catálogo do Cine Eco 2010, mais uma notícia triste. Morre Tony Curtis. Apenas a tempo de recolher um texto da Alexandra Prado Coelho, aparecido no “Público”, e acomodar uma filmografia referindo os trabalhos mais relevantes deste actor. Um deles, “Quanto Mais Quente, Melhor”, assinado por Billy Wilder, que recordaremos aos nossos espectadores.

_O MENINO BONITO DO BRONX QUE O CINEMA TRANSFORMOU EM PRÍNCIPE

“Quanto Mais Quente Melhor”, o filme em que se vestia de mulher e contracenava com Marilyn Monroe, foi o ponto alto da carreira de Tony Curtis. O actor, que nas décadas de 50 e 60 foi uma das estrelas de Hollywood, morreu ontem aos 85 anos.

Quando era miúdo, no Bronx do início dos anos 30, em plena Grande Depressão, Bernard Schwartz - que mais tarde viria a tornar-se famoso em Hollywood com o nome de Tony Curtis - aprendeu a desviar-se dos murros dos outros miúdos e das pedras que lhe eram atiradas nas guerras de gangs para proteger o que tinha de mais valioso: o rosto.

O actor norte-americano, que morreu em Las Vegas, com uma paragem cardíaca, foi desde o início o “menino bonito” de Hollywood. E ele sabia que era esse rosto, com o cabelo preto encaracolado e os olhos muito azuis, que iria chamar as atenções. Foi assim, de facto, na primeira fase da sua carreira, quando, recordava ontem o “Washington Post”, teve que mandar fazer um fato especial que aguentasse os puxões que recebia das admiradoras que o perseguiram nas ruas.

Ontem, nos obituários que se fizeram na imprensa internacional, o filme mais citado foi “Quanto Mais Quente Melhor”, a comédia de Billy Wilder,

Homenagem a
Tony Curtis





Homenagem a
Tony Curtis

na qual contracena com Marilyn Monroe e Jack Lemmon - os dois amigos, disfarçados de mulheres, disputam as atenções de Marilyn/Sugar Kane. O filme, de 1959, foi provavelmente o maior sucesso da sua carreira, apesar de ter sido pelo seu papel como um racista que foge da prisão algemado a um prisioneiro negro (Sidney Poitier) em “Os Audaciosos” (1958) que foi nomeado para o Óscar de Melhor Actor.

De soldado a actor

Nascido em 1925, filho de imigrantes judeus vindos da Hungria, Tony Curtis teve uma infância difícil. Vivía com os pais e os dois irmãos numa casa ligada à loja onde o pai trabalhava como alfaiate. Contou várias vezes em entrevistas que a mãe lhe batia frequentemente (mais tarde, soube-se que Helen Schwartz sofria de esquizofrenia, tal como Robert, um dos irmãos de Bernard/Tony). A América estava mergulhada numa grave crise económica, e a família Schwartz foi profundamente afectada - durante algum tempo, Tony e o irmão Julius tiveram de ser colocados numa instituição, porque os pais não tinham dinheiro para os alimentar. Julius acabaria por morrer, mais tarde, atropelado por um camião.

Tony Curtis alistou-se depois na Marinha e assistiu à rendição do Japão em 1945. Quando a guerra acabou, regressou a Nova Iorque e inscreveu-

se numa escola para aprender a representar. Teve como colegas, entre outros, Walter Matthau, mas foi a sua cara bonita que primeiro chamou a atenção dos agentes cinematográficos. Em 1948, assinava um contrato com os estúdios da Universal e mudava o nome para Tony Curtis.

Na fase inicial da carreira, dedicou-se sobretudo à comédia. Em 1951, casou com a actriz Janet Leigh (que, mais tarde, viria a fazer “Psico”, com Alfred Hitchcock) e o casal tornou-se um dos mais mediáticos de Hollywood. Juntos tiveram duas filhas, uma das quais, Jamie Lee Curtis, viria também a ser actriz.

Casamentos e talk-shows

As décadas de 50 e de 60 foram o ponto alto da carreira de Tony Curtis, sublinhava ontem o “The New York Times”, e o sucesso obtido nas comédias fez aumentar a ambição de se lançar como actor dramático. Entrou em filmes como “Spartacus” (1960), de Stanley Kubrick, e “The Boston Strangler” (1968), de Richard Fleischer, no qual interpretava o assassino Albert DeSlavo - e para o qual engordou, esperando que o papel lhe permitisse relançar a sua carreira, já em declínio.

Homenagem a
Tony Curtis

As décadas seguintes foram marcadas por vários casamentos (seis, ao todo, ao longo da sua vida, e seis filhos, um dos quais, Nicholas Curtis, morreu em 1994 com uma overdose de heroína), e por uma série de papéis pouco relevantes em filmes e séries televisivas. Convidado frequentemente para participar em talk-shows televisivos, nos últimos anos passou a dedicar-se à pintura.

Em 1996, explicou numa entrevista ao jornal britânico “The Independent” como o cinema mudou a sua vida: “Os filmes deram-me o privilégio de ser um aristocrata, de ser o príncipe.”

Alexandra Prado Coelho, in Público, de 1 de Outubro de 2010



TONY CURTIS

_Filmografia

Criss Cross (1949)
City Across the River (1949)
The Lady Gambles (1949)
Take One False Step (1949) (cena cortada)
Johnny Stool Pigeon (1949)
How to Smuggle a Hernia Across the Border (1949) (curta)
Woman in Hiding (1950)
Francis (1950)
I Was a Shoplifter (1950)
Sierra (1950)
Winchester '73 (1950) (como Anthony Curtis)
Kansas Raiders (1950)
The Prince Who Was a Thief (1951)
Meet Danny Wilson (1952)
Flesh and Fury (1952)
No Room for the Groom (1952)
Son of Ali Baba (1952)
Houdini (1953)
The All-American (1953)
Forbidden (1953)
Beachhead (1954)
Johnny Dark (1954)
The Black Shield of Falworth (1954)
Six Bridges to Cross (1955)
So This Is Paris (1955)
The Purple Mask (1955)
The Rawhide Years (1955)
The Square Jungle (1955)
Trapeze (1956)

Mister Cory (1957)
Sweet Smell of Success (1957)
The Midnight Story (1957)
The Vikings (1958)
Kings Go Forth (1958)
The Defiant Ones (1958)
The Perfect Furlough (1958)
Some Like It Hot (1959)
Operation Petticoat (1959)
Who Was That Lady? (1960)
The Rat Race (1960)
Spartacus (1960)
Pepe (1960) (cameo)
The Great Impostor (1961)
The Outsider (1961), as Ira Hayes
Taras Bulba (1962)
40 Pounds of Trouble (1962)
The List of Adrian Messenger (1963)
Captain Newman, M.D. (1963)
Paris, When It Sizzles (1964)
Wild and Wonderful (1964)
Goodbye Charlie (1964)
Sex and the Single Girl (1964)
The Great Race (1965)
Boeing Boeing (1965)
The Flintstones (1965) (voz)
Chamber of Horrors (1966)
Not with My Wife, You Don't! (1966)
Arrivederci, Baby! (1966)
Don't Make Waves (1967)
On My Way to the Crusades, I Met a Girl Who... (1968)
Rosemary's Baby (1968) (voz)
The Boston Strangler (1968)
Monte Carlo or Bust (1969)

I 277 I
cineeco2010

Homenagem a
Tony Curtis



You Can't Win 'Em All (1970)
Suppose They Gave a War and Nobody
Came? (1970)
The Persuaders! (1971-1972)
Mission: Monte Carlo (1974)
Lepke (1975)
The Count of Monte Cristo (1975)
London Conspiracy (1976)
The Last Tycoon (1976)
Casanova & Co. (1977)
Sextette (1978)
The Manitou (1978)
The Bad News Bears Go to Japan (1978)
The Users (1978)
Electric Light Orchestra Out of the Blue: Live
at Wembley (1978)
Double Take (1979)
Title Shot (1979)
Little Miss Marker (1980)
It Rained All Night the Day I Left (1980)
The Mirror Crack'd (1980)
The Scarlett O'Hara War (1980)
Othello, the Black Commando (1982)
Where Is Parsifal? (1983)
BrainWaves (1983)
The Fantasy Film Worlds of George Pal
(1985) (documentário)
Club Life (1985)
Insignificance (1985)
The Last of Philip Banter (1986)
Balboa (1986)

The Passenger - Welcome to Germany
(1988)
Lobster Man From Mars (1989)
Midnight (1989)
Tarzan in Manhattan (1989)
Walter & Carlo In America (1989)
Prime Target (1991)
Center of the Web (1992)
Hugh Hefner: Once Upon a Time (1992)
(documentário)
Naked in New York (1993)
The Mummy Lives (1993)
A Century of Cinema (1994) (documentário)
The Immortals (1995)
The Celluloid Closet (1995) (documentário)
Roseanne - série de TV (1996)
Hardball (1997)
Brittle Glory (1997)
Elvis Meets Nixon (1997)
Alien X Factor (1997)
Stargames (1998)
Louis & Frank (1998)
Play It to the Bone (1999)
Reflections of Evil (2002) (narrador)
Where's Marty? (2006)
The Blacksmith and the Carpenter (2007)
(voz)
David & Fatima (2008)
The Jill & Tony Curtis Story (2008)
(documentário)



CineEco2010

A black and white portrait of a woman with short, dark, wavy hair, looking slightly to the right. She is wearing a dark, high-collared garment. The background is a light, textured surface. Overlaid on the bottom right of the image is handwritten text in dark ink. The main title is in large, bold, white capital letters.

**HOMENAGEM A
MARIA DULCE**

*...são de
Maria Dulce
1957*

__HOMENAGEM A MARIA DULCE

A 24 de Agosto de 2010 morreu Maria Dulce. Morreu só, numa casa onde habitava ocasionalmente, em Bucelas. Só. A notícia era lacónica, como a sua despedida: “A atriz Maria Dulce, 73 anos, morreu hoje na sua casa em Bucelas (Loures), disse à Lusa fonte do Dramax - Centro de Artes de Oeiras Box. A atriz estava ensaiar a peça “Sabina Freire”, de Manuel Teixeira Gomes, encenada por Celso Cleto, com estreia prevista para 5 de Outubro no auditório Eunice Munoz, em Oeiras. “A atriz apareceu morta hoje em casa, em Bucelas. O corpo seguiu para o Instituto Medicina Legal”, disse a mesma fonte. “Estamos também à procura de familiares da Maria Dulce, pois ela vivia sozinha e não temos quaisquer contactos”, disse.” (Este texto foi escrito ao abrigo do novo Acordo Ortográfico, acrescenta a nota colhida no Sapo, via Lusa).

Actriz, Maria Dulce não teve um fim de vida fácil, depois de conhecer a glória desde muito nova. O Cine Eco, querendo honrar a sua memória e a marca que deixa na arte de representar portuguesa, recorda-a, exibindo a única película que existe dela editada em DVD, precisamente “Frei Luís de Sousa”, de António Lopes Ribeiro, obra em que a actriz se estreava no cinema, de forma radiosa.

Homenagem a
Maria Dulce



Aqui há dois ou três anos, Luciano Reis (honra lhe seja feita!) escreveu uma curta biografia sobre a actriz, que foi publicada com o título “Maria Dulce - a Verdade a que tem Direito”. Luciano Reis soube que eu tinha uma particular estima pela actriz e pediu-me um prefácio, que escrevi com todo o gosto. Rezava assim:

PARA A MARIA DULCE COM AMOR

Durante alguns anos da minha adolescência vivi em Portalegre. Meu pai era professor e fora colocado nessa bela cidade do Alto Alentejo para se efectivar. Em finais dos anos 50, não sei precisar o ano, mas recordo que era um puto de 13 ou 14 anos que já tinha escolhido as paixões que me iriam acompanhar ao longo da vida. Uma delas era o cinema, outra a escrita, a leitura, os jornais, outra o SCP, outra as mulheres. Entre estas últimas, que na altura não eram ainda mulheres mas meninas mais ou menos da minha idade, encontrava-se a Maria Dulce, a Maria de Noronha, do “Frei Luís de Sousa”, filme de 1950. Devo ter visto o filme no ecrã do Teatro Portalegrense ou no cinema ao ar livre da Cine Parque, uma esplanada que funcionava durante o Verão.

Homenagem a
Maria Dulce

Ainda me lembro hoje como era bonita a gaiata loura de catorze anos, com os cabelos encaracolados, que tinha pouco mais anos idade que eu, e cintilava brilhantemente nesse filme de António Lopes Ribeiro. Não sei mesmo o que mais me impressionou na altura – se o dramático “Ninguém!” do Romeiro, se a presença da bela Maria Dulce. Já se sabe que todos os putos têm sonhos, um dos meus sonhos era a Maria Dulce. Linda de morrer (ou não estivesse no “Frei Luís de Sousa”!) e, ainda por cima, actriz, e de cinema. Era tudo o que eu podia desejar. Em sonhos... para quem vivia em Portalegre, nos anos 50. Sabem o que era isso? Perdido junto à fronteira com a Espanha, a muitas horas de Lisboa, longe de tudo... ainda sem televisão. Só revistas de cinema, jornais diários, jornais regionais, um ou outro filme português no cinema da terra.

Existia, todavia, uma prática saudável. Rara, mas mesmo assim salutar: de tempos a tempos aparecia em digressão pela província uma companhia teatral, normalmente uma revista ou comédia de sucesso garantido, uma vez por outra algo de mais substancial. Havia também a Companhia de Teatro Itinerante Rafael de Oliveira, e outros espectáculos musicais.

Pois não querem então lá ver que um dia apareceu anunciada a presença de Maria Dulce em Portalegre! Integrada em que projecto (como hoje se diz), já não me lembro. Mas não devia ser grande coisa, uma revista montada para consumo na província ou um “sarau para trabalhadores”, daqueles que a FNAT promovia para “Alegria no Trabalho”. Mas eu queria lá saber da qualidade do “projecto”. O que me interessava era a Maria Dulce em Portalegre, e esse episódio não o esqueci mais. Por varias razões: por ver a Maria Dulce, “ao vivo e a cores”, diriam os putos de hoje; porque era teatro, ou algo semelhante, e tudo o que mexesse num palco, valia a

pena, mas sobretudo por um acontecimento que ocorreu e que me marcou profundamente.

Passo a contar, para ficar registado para a História: anunciado o espectáculo para a noite do dia tal, calculei que a Maria Dulce e todo o elenco chegariam de véspera e ficariam instalados na Pensão Vinte e Um, a única então existente em Portalegre, onde todas as noites se podia ver a jantar o poeta José Régio, amigo da minha família, o que me fazia um frequentador assíduo da pensão. Consegui saber com facilidade quando chegava a comitiva, quantos dias iam ficar, introduzindo-me assim no segredo dos deuses.

Mal a Maria Dulce pôs o pé em Portalegre, já estava eu no seu encaço. Chegámos portanto à fala, à porta da Pensão Vinte e Um. Como já por essa altura escrevia umas “notícias” sobre espectáculos para os jornais da terra, pedi-lhe descaradamente uma borla para o espectáculo da noite. Eu e uns colegas de liceu que me acompanhavam. A Maria Dulce, com uma simpatia que rondava a sedução (mas o que não rondaria a sedução nela?), disse-me que deixaria bilhetes para nós na porta do Teatro, à hora do espectáculo. Assim foi. Às 21 horas, lá estava eu e os amigos a recolher a oferta: uma magnífica frisa para os atrevidos putos do liceu de Portalegre.

Nessa noite, cada palavra de Maria Dulce fazia aumentar a minha paixão. Que perdura até hoje, apesar dela não saber. Desencontros da vida.

Ao longo da tempos fui acompanhando a sua carreira, sempre com um interesse particular (um amor de adolescência não se esquece!). Uma ou outra vez tropecei em filmes medíocres (ela não voltou a ter muita sorte com os filmes, mas naquele tempo, quem tinha?), mas nunca por culpa dela, que tentava defender personagens banais em argumentos sem garra e realizações sem nada que as recomendassem. Em Espanha foi vedeta, mas também aí os filmes do período franquista não eram particularmente brilhantes. No teatro, porém, construiu uma carreira sólida, onde brilhou o seu enorme talento e dedicação à arte, sempre que havia oportunidade para o conseguir (Portugal é, todavia, madrasto para os seus artistas, já se sabe). Na revista obteve êxitos inesquecíveis. Na televisão, sobretudo ultimamente em séries e telenovelas, foi mantendo um registo de qualidade e de exigência para consigo própria e para com o seu público. Hoje é uma das presenças mais respeitadas e queridas do nosso espectáculo.

Já não tem os caracóis louros. Pois não. Vamos obviamente envelhecendo. “Os cabelos branqueando”, como dizia um nosso comum amigo, José Viana. Mas há dias, numa aula de História do Cinema Português, projectei o “Frei Luís de Sousa” e tudo voltou ao que era: eu adolescente, ela adolescente, a frisa no Teatro Portalegrense, Portalegre, à porta da Pensão Central, o autocarro com a companhia, pronto para regressar a Lisboa, eu a despedir-me de Maria Dulce, com o coração destroçado. Coisas de miúdos.

Um beijo para ti, Maria Dulce, do teu Lauro António

Há coisa de ano e meio, recebi um telefonema de Maria Dulce. Estava sem trabalho, morava em Mora, no Alentejo, sozinha, tinha uma pensão miserável, passava por dificuldades, ia neste ano de 2010 comemorar 60 anos de carreira (tinha-se estreado ao treze, em “Frei Luís de Sousa”) e perguntava-me, a medo, se eu queria integrar um projecto que ela tinha. Queria comemorar os seus 60 anos de carreira, havia um grupo de admiradores que propunha uma festa de homenagem, e ela, que tinha assistido a um festa idêntica, realizada em Oeiras por mim, em relação a José Viana, dizia-me que só aceitava que fosse eu a organizar os festejos. Uma festa, e se possível um vídeo sobre a sua vida e obra. Se eu aceitava? Claro que aceitava. E logo nessa altura a convidei a integrar o Júri de um festival que se realizaria em Maio, em Portel. Até uns dias antes do certame, contei com ela, teríamos alguns dias para falar do projecto. Mas, na altura do festival, ela fora convidada por Celso Cleto (honra lhe seja feita!) para integrar o elenco da peça “Hedda Gabler”, de Henrik Ibsen, produzida pelo Dramax, com a qual se apresentou em vários palcos nacionais e no Círculo de Bellas Artes, em Madrid. Não pôde estar no Festival, mas combinámos para mais tarde continuar a nossa conversa. Depois ela andou em tournée, durante vários meses, e eu fui parar ao hospital durante uma semana que deixou algum rasto. Voltámos a falar e a adiar o encontro, ela tinha um outro projecto, andava um pouco mais animada.

Homenagem a
Maria Dulce

Hoje telefonaram-me a dar conta da triste notícia.

Lamento, Maria Dulce, que os tempos tenham sido de novo madraços para projectos conjuntos. Mas acredita que teria tido o maior prazer em organizar a tal festa de homenagem e dirigir o documentário sobre a tua vida e obra. Bem os merecias. Bem os mereces. Beleza e talento não te faltaram. Apenas alguma sorte, neste tão triste final de vida.

E continuo a despedir-me, como o fiz no prefácio ao livro: “Um beijo para ti, Maria Dulce, do teu Lauro António”. As paixões da meninice nunca se esquecem.

FREI LUÍS DE SOUSA

Título original: *Frei Luís de Sousa*

Realização: António Lopes Ribeiro (Portugal, 1950); **Argumento:** António Lopes Ribeiro, Segundo peça de teatro de Almeida Garrett; **Produção:** António Lopes Ribeiro; **Música:** Jaime Silva Filho; **Fotografia (p/b):** Aquilino Mendes, Mário Moreira e Augusto Camilo, João Moreira; **Montagem:** António Lopes Ribeiro e Isabel de Sá; **Design de produção:** António Lopes Ribeiro; **Decoração:** Frederico George, Almeida e Sousa; **Guarda-roupa:** Carlos Ribeiro e Alberto Anahori; **Maquilhagem:** José María Sanchez; **Direcção de Produção:** Carlos F. Ribeiro; **Assistentes de realização:** Manuel Guimarães e Januário Moreira, António Veríssimo; **Som:** Henrique Dominguez, Manuel Barão, António Braz, Vasco Leal; **Companhias de produção:** Fundo do Cinema Nacional, Lisboa Filme; **Intérpretes:** Maria Sampaio (Madalena de Vilhena), Maria Dulce (D. Maria de Noronha), Raúl de Carvalho (Manuel de Sousa Coutinho), João Villaret (Telmo Pais), Barreto Poeira (Peregrino), Tomás de Macedo (Jorge), José Amaro (Miranda), Maria Olguim (Doroteia), Jaime Santos (Benfica), José Vitor, etc. **Duração:** 118 minutos; **Distribuição em Portugal:** Exclusivos Triunfo; **Classificação etária:** M/ 12 anos; **Estreia em Portugal:** 21 de Setembro de 1950.



Raúl de Carvalho e Maria Dulce em “Frei Luis de Sousa” de António Lopes Ribeiro, 1950.

Filmografia

Como Actriz

No Cinema

- 1950 - **Frei Luís de Sousa**, de António Lopes Ribeiro
- 1958 - **O Homem do Dia**, de Henrique Campos
- 1959 - **A Luz Vem do Alto**, de Henrique Campos
- 1960 - **Encontro com a Vida**, de Arthur Duarte
- 1979 - **Amor de Perdição**, de Manoel de Oliveira

Na Televisão

- 1993 - **A Banqueira do Povo** - Empregada dos Gonçalves
- 1998 - **Os Lobos** - Laurinda
- 1999 - **A Lenda da Garça** - Benvinda Matos
- 2000 - **Alves dos Reis** - Isaura
- 2001 - **Anjo Selvagem** - Madre superiora
- 2004 - **Baía das Mulheres** - Piedade Barão
- 2005 - **Dei - te Quase Tudo** - Firmina Águas

Como Produtora

No cinema

- 1959 - **A Luz Vem do Alto**, de Henrique Campos



CineEco2010

ANIMAÇÃO

COMO TREINARES O TEU DRAGÃO

Divertida aventura que tem lugar no lendário mundo de Vikings corpulentos e dragões ferozes, baseado no livro de Cressida Cowell. A história centra-se num jovem Viking chamado Hiccup que vive na ilha de Berk, onde lutar com dragões é um modo de vida. A esperteza e o sentido de humor do rapaz não encaixam lá muito com a sua tribo nem com o seu chefe, que, por acaso... é o seu pai. No entanto, quando Hiccup é incluído no Treino de Dragão, junto com os outros jovens Vikings, ele dá o seu melhor para provar que tem o que é preciso para ser um guerreiro. Mas quando encontra e se torna amigo de um dragão ferido o seu mundo fica de pernas para o ar. O que começou por ser a grande hipótese para Hiccup mostrar o seu valor, torna-se numa oportunidade de criar um novo caminho para o futuro de toda a tribo.

COMO TREINARES O TEU DRAGÃO

Título original: *How to Train Your Dragon*

Animação

Realização: Dean DeBlois, Chris Sanders (EUA, 2010); Argumento: William Davies, Dean DeBlois, Chris Sanders, segundo romance de Cressida Cowell; Produção: Bonnie Arnold, Kristine Belson, Michael A. Connolly, Doug Davison, Karen Foster, Tim Johnson, Roy Lee; Música: John Powell; Montagem: Maryann Brandon, Darren T. Holmes; Design de produção: Kathy Altieri; Direção artística: Pierre-Olivier Vincent; Departamento de arte: Wilbert Plijnaar; Som: Al Nelson, Jonathan Null, Randy Thom; Efeitos especiais: Tom Molet; Efeitos visuais: Evrim Akyilmaz, Matt Baer, Dugan Beach, Zachary Carter, Ken Faiman, Louis Flores; Animação: Cassidy Curtis, Ricardo F. Delgado, Steven Hornby, Nicolas Marlet, Takao Noguchi, Kristof Serrand; Companhias de produção: DreamWorks Animation, Mad Hatter Entertainment, Mad Hatter Films, Vertigo Entertainment; **Intérpretes** (vozes): Jay Baruchel (Hiccup), Gerard Butler (Stoick), Craig Ferguson (Gobber), America Ferrera (Astrid), Jonah Hill (Snotlout), Christopher Mintz-Plasse (Fishlegs), T.J. Miller (Tuffnut), Kristen Wiig (Ruffnut), Robin Atkin Downes, Philip McGrade, Kieron Elliott, Ashley Jensen, David Tennant, etc. **Duração:** 98 minutos; Distribuição em Portugal: Zon Lusomundo Audiovisuais; Classificação etária: M/6 anos; Data de estreia em Portugal: 25 de Março de 2010.





Animação



Depois de derrotar um dragão maléfico, resgatar uma bela princesa e salvar o reino dos seus sogros, que pode um ogre fazer mais? Bem, se fores o Shrek, de repente és um pai de família, completamente “domesticado”. Em vez de assustar os aldeões, como costumava fazer, o relutante Shrek passa agora a vida a dar autógrafos em forquilhas... Terá este ogre perdido a sua raça? Saudoso dos bons velhos tempos em que se sentia um “ogre à sério”, Shrek é levado a fazer um pacto com o falinhas mansas, Rumpelstiltskin. Subitamente, Shrek vê-se numa distorcida versão alternativa de Bué-Bué Longe onde os ogres são perseguidos, Rumpelstiltskin é rei e o Shrek e a Fiona nunca se conheceram. Agora depende de Shrek desfazer o mal que fez, na esperança de salvar os seus amigos, restaurar a ordem no reino e reclamar o seu Verdadeiro Amor.

As personagens não mudaram mas são outras. Quatro filmes depois do início, Shrek, Fiona, Burro e Gato das Botas evoluíram para algo bem diferente da origem. Na realidade alternativa que serve de pano de fundo a «Shrek Para Sempre!» Fiona é uma guerreira revolucionária, o Burro nunca conheceu Shrek e o Gato das Botas deixou a vida de lutador galã para engordar numa confortável almofada. Foi esta a alternativa que os argumentistas de Shrek encontraram para conseguir injectar nova alma na história. E se, no terceiro filme, era fácil perceber que já não haveria grande novidade a dar nas vidas de Shrek e companhia, o quarto encontrou um

Animação





Animação

renovado caminho para encerrar a saga. Os actores que deram as vozes às personagens principais da série são os mesmos desde a primeira fita e acompanharam a evolução das personagens. Cameron Diaz e Mike Myers estão no barco desde a primeira película bem como Eddie Murphy e Antonio Banderas desde a segunda e todos podem já dizer que, num pedaço considerável das suas carreiras, o universo de Shrek teve um lugar cativo. Banderas tem já assegurado o «spin-off» para o Gato das Botas. Quanto às restantes personagens, ainda não têm destino assegurado. E nem mesmo Shrek sabe se virá ainda a voltar aos cinemas ou não.

SHREK PARA SEMPRE! OU SHREK 4

Título original: *Shrek Forever After*

Realização: Mike Mitchell (EUA, 2010); **Argumento:** Josh Klausner, Darren Lemke; **Produção:** Andrew Adamson, Teresa Cheng, Gina Shay, Aron Warner, John H. Williams; **Música:** Harry Gregson-Williams; **Fotografia (cor):** Yong Duk Jhun; **Montagem:** Nick Fletcher; **Direcção artística:** Max Boas, Michael Hernandez; **Direcção de produção:** Tony Cosanella; **Departamento de arte:** Rejean Bourdages, Paul Fisher, Jorgen Klubien, Christopher Vigil; **Som:** Erik Aadahl; **Efeitos visuais:** Ken Bielenberg, Doug Cooper, Joe Hughes, Andrew Young Kim; **Animação:** Jeffrey Bradley, Marek Kochout, Jason Reisig; **Companhias de produção:** DreamWorks Animation, Pacific Data Images (PDI); **Intérpretes** (vozes): Mike Myers (Shrek), Eddie Murphy (Burro), Cameron Diaz (Princesa Fiona), Antonio Banderas (Gato das Botas), Julie Andrews (Rainha), Jon Hamm (Brogan), John Cleese (Rei Harold), Craig Robinson, Walt Dohrn, Jane Lynch, Lake Bell, Kathy Griffin, Mary Kay Place, Kristen Schaal, Meredith Vieira, Ryan Seacrest, Cody Cameron, Larry King, Regis Philbin, Christopher Knights, Conrad Vernon, Aron Warner, Jasper Johannes Andrews, Ollie Mitchell, etc. **Duração:** 93 minutos; **Distribuição em Portugal:** Zon Lusomundo Audiovisuais; **Classificação etária:** M/6 anos; **Data de estreia em Portugal:** 8 de Julho de 2010.

Depois de “Toy Story”, 1 e 2, o terceiro episódio da série parece que a dá por terminada. De modo feliz, pois não desmerece em nada dos anteriores, se não for mesmo superior a ambos. Os brinquedos fazem parte do imaginário colectivo de públicos de todas as idades, desde os que os têm agora, aos que já os tiveram na infância e certamente deles se recordam com nostálgico agradecimento pelos belos momentos de diversão que proporcionaram. Depois, há brinquedos para todos os gostos e alguns desgostos. Aqui se relembra “Quebra-Nozes”, que adultos e crianças gostam de ver e rever. “Toy Story 3” é o “Quebra-Nozes” da actualidade, em 3D e tudo. Mudam as tecnologias, mas não muda a condição humana, nem as emoções.

Animação

Andy era um miudinho que tinha brinquedos que se animavam. Andy cresceu, vai para a faculdade, alguns brinquedos continuam miraculosamente imaculados, uns vão para um saco preto que se pensa arrumar no sótão, e o fiel Woody, o “cow-boy”, será levado pelo dono. Mas Andy põe e os argumentistas da Pixar dispõem: o cow boy vai para junto dos restantes brinquedos e o saco é trocado e ruma a um infantário, onde, ao lado de criancinhas saídas de um filme de terror e possuídas pelo demónio da Tasmânia, se encontram muitos outros brinquedos traumatizados por vidas desgraçadas que resolvem, em unísono, não dar tréguas aos recém chegados. Claro que o filme adquire uma tonalidade de terror psicológico, que fará certamente as delícias do seu público-alvo. Quem, em criança, não chorou como uma Madalena com “Bambi”, quem não sofreu baba e ranho com “Branca de Neve” e a feiticeira, quem não sucumbiu à tristeza de “ET”? E cá estamos todos, mais ou menos traumatizados, mas sobretudo com as monstruosidades do dia a dia no telejornal, e não tanto pela fantasia da ficção cinematográfica ou literária (lembram-se de Hans Christian Andersen ou dos Irmãos Grimm?).

Pois bem, os brinquedos de Andy sofrem a bom sofrer, e nós com eles, até à grande evasão final, a que só falta Steve McQueen ou Pele. Altura para alguns se assoarem e outros assobiarem em francês na plateia, enquanto limpam os óculos de 3D. O final será happy, claro, mas a felicidade vem sobretudo do facto de ser ter assistido a um excelente filme de animação, de técnica impecável, com boas ideias de argumento e de realização, e sem cair na pecha muito vulgar de tratar as crianças como atrasadinhos mentais. A dobragem é magnífica, a portuguesa também, e o resultado final não será o melhor filme de 2010, mas sim uma das melhores animações dos últimos anos.

De resto há momentos de antologia, como a passagem de modelos de Ken, frente a Barbie, ou o destemperado do espacial Buzz Lightyear que, descontrolado, entra numa de mexicano imparável. Também gosto da boneca zarolha, que só por si merecia um título à parte, mas para “adultos de sólida formação moral”. Ela e o urso maléfico fariam um casal de “freaks”



Animação

de “cult movie”. Mas também há delicadas criaturas, como essa ternurenta Jessie, que nos faz desfazer de um afecto bem divertido.

TOY STORY 3

Título original: Toy Story 3

Realização: Lee Unkrich (EUA, 2010); **Argumento:** John Lasseter, Andrew Stanton, Lee Unkrich, Michael Arndt; **Produção:** Darla K. Anderson, John Lasseter; **Música:** Randy Newman; **Montagem:** Ken Schretzmann; **Departamento de arte:** Marty Baumann, Mark Cordell Holmes, Bud Luckey, Juliet Pokorny, Belinda van Valkenburg, etc. **Som:** Tom Myers; **Animação:** Andrew Cadelago, Tom Gately, David Park, James Reinhart Robertson, Christian Roman, Max Sachar, Michael Stocker, etc. **Casting:** Holly Dorff, Mickie McGowan; **Companhias de produção:** Pixar Animation Studios, Walt Disney Pictures; **Intérpretes (vozes originais):** Tom Hanks (Woody), Tim Allen (Buzz Lightyear), Joan Cusack (Jessie), Ned Beatty (Lotsy), Don Rickles (Mr. Potato Head), Michael Keaton (Ken), Wallace Shawn (Rex), John Ratzenberger, Estelle Harris, John Morris, Jodi Benson, Emily Hahn, Laurie Metcalf, Blake Clark, Teddy Newton, Bud Luckey, Beatrice Miller, Javier Fernandez Pena, Timothy Dalton, Lori Alan, Charlie Bright, Kristen Schaal, Whoopi Goldberg, etc. **Duração:** 103 minutos; **Distribuição em Portugal:** Zon Lusomundo Audiovisuais; **Classificação etária:** M/ 6 anos; **Estreia em Portugal:** 29 de Julho de 2010.

UP – ALTAMENTE

“Up-Altamente” é um muito bom filme de animação, mas não me parece estar à altura do coro de (quase) unanimidade que se estende à sua volta, desde que inaugurou o festival de Cannes (primeira longa de animação a lograr tal feito!). Julgo que é uma excelente animação, com magníficos desenhos, boa caracterização de personagens, um belíssimo enquadramento paisagístico (que funciona como elemento dramático por excelência), mas deixa algo a desejar quanto à história e à sua estrutura dramática. Dir-se-ia que existem duas histórias em uma, ainda por cima não muito bem cozinhadas.

Inicialmente assiste-se à vida de Carl Fredricksen, vendedor de balões, casado, feliz, até que a morte da mulher o vai encontrar com 78 anos, e desejoso de realizar o sonho da sua vida (e da mulher, que tem até um álbum dedicado à “Grande Aventura”): uma fabulosa viagem que o levará (e à sua casa) até às Cataratas do Paraíso. Prende então milhares de balões à sua modesta vivenda e consegue voar à descoberta do sonho. Que é também o pesadelo. Ou mesmo dois pesadelos: a presença de um intrometido escuteiro, mas bom rapaz, preocupado com a harmonia ecológica, e a chegada à terra onde o perigoso Charles Muntz persegue e cataloga ossadas de animais extintos ou em via de extinção. O filme é delicado até ao aparecimento de Muntz, torna-se uma vertiginosa aventura daí em diante. De início arrasta-se em fotografias de álbum

Animação



de família a puxar ao choradinho, depois lança-se numa aventura estilo Indiana Jones.

Obviamente que se trata de um filme estimável e recomendável, mas comparar “Up” com “Wall-E”, por exemplo, vindo da mesma Pixar, para mim fica a perder. De todas as formas a animação digital segue de vento em popa, anulando o pessimismo dos que asseguraram que a animação nunca mais seria a mesma coisa e perderia toda a magia. Digital ou não, o importante é a sensibilidade e o talento de quem cria, não as técnicas que utiliza.

UP - ALTAMENTE!

Título Original: Up

Realização: Pete Docter, Bob Peterson (EUA, 2009); **Argumento:** Bob Peterson, Pete Docter, Thomas McCarthy; **Produção:** Le Con, John Lasseter, Jonas Rivera, Andrew Stanton; **Música:** Michael Giacchino; **Montagem:** Katherine Ringgold; **Design de produção:** Ricky Nierva; **Direção artística:** Ralph Eggleston, Bryn Imagire, Harley Jessup, Daniel Lopez Munoz, Don Shank; **Departamento de arte:** James S. Baker, Josh Cooley, Stephanie Hamilton, Erik Langley, Bobby Rubio, Peter Sohn, Veronica Watson; **Som:** Tom Myers; **Efeitos visuais:** Gary Bruins, Tolga Goktekin, Thomas Jordan; **Animação:** Dave Mullins; **Companhias de produção:** Walt Disney Pictures, Pixar Animation Studios; **Intérpretes:** Edward Asner (Carl Fredricksen), Christopher Plummer (Charles Muntz), Jordan Nagai (Russell), Bob Peterson (Dug / Alpha), Delroy Lindo (Beta), Jerome Ranft (Gamma), John Ratzenberger, David Kaye, Elie Docter, Jeremy Leary, Mickie McGowan, Danny Mann, Donald Fullilove, Jess Harnell, Josh Cooley, Pete Docter, etc. **Duração:** 96 minutos; **Distribuição em Portugal:** Zon Lusomundo; **Classificação etária:** M/ 6 anos; **Estreia em Portugal:** 13 de Agosto de 2009.

Animação



ENVIRONMENTAL FILM FESTIVAL



15-27 March 2011 • Washington

ACTIVIDADES PARALELAS

CineEco2010



CONFERÊNCIA

Biodiversidade como factor de desenvolvimento económico

Casa Municipal da Cultura de Seia

Actividades
Paralelas

“Biodiversidade como factor de desenvolvimento económico” é o tema da conferência que decorrerá no âmbito do Cine'Eco, no dia 16 de Outubro, no Auditório do CISE – Centro de Interpretação da Serra da Estrela, em Seia. A Conferência que se realiza no dia da abertura do Cine'Eco - Festival Internacional de Cinema de Ambiente, contará com a presença da Ministra do Ambiente, no encerramento da conferência e assinatura do protocolo entre o Município de Seia e a Comissão Nacional da Unesco.

Com início marcado para as 9:30 horas, para recepção aos participantes e inauguração de uma Exposição da Comissão Nacional da Unesco, a conferência será moderada por Alexandre Tavares da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra.

A primeira intervenção será de Gonçalo Poeta Fernandes, Docente da Escola Superior de Turismo e Hotelaria de Seia / IPG, que apresentará “Turismo e Biodiversidade: Desafios e Compromissos para as áreas de montanha”. A intervenção seguinte será de António Neves de Carvalho, Director da EDP - Sustentabilidade e Ambiente e Sara Carvalho Fernandes, também da EDP – Sustentabilidade e Ambiente, cuja apresentação tem por título “Gerir para o sucesso sustentado - o valor da cascata da Serra da Estrela”. A encerrar, Helena Freitas, do Departamento Ciências da Vida, Universidade de Coimbra apresentará - “Biodiversidade: um compromisso global”.

As inscrições para participação, gratuitas, encontravam-se abertas a todos os interessados na Casa Municipal da Cultura de Seia e no CISE.

A organização é do Município de Seia em parceria com a Escola Superior de Turismo e Hotelaria de Seia / IPG e Instituto da Conservação da Natureza e Biodiversidade.

WORKSHOP

sobre Documentarismo

Casa Municipal da Cultura de Seia

I 297 I
cineeco2010

Actividades
Paralelas

A Casa Municipal da Cultura Seia acolheu, no passado dia 2 de Outubro, um Workshop sobre Documentário, no âmbito do Cine'Eco – Festival Internacional de Cinema de Ambiente da Serra da Estrela.

Procurando dar respostas às perguntas: “O que é um documentário? Como se faz um documentário?” o programa do workshop contempla os inícios do cinema e breve história do documentário; modos de representação da realidade; procedimentos para a criação de um documentário e visionamento de documentários.

Esta acção de formação que decorre durante todo o dia, das 9 às 18 horas será orientada por Manuela Penafria, Doutorada em Ciências da Comunicação /especialidade Cinema, pela Universidade da Beira Interior. Autora dos livros: “O Filme Documentário, História, Identidade, Tecnologia” (Edições Cosmos) e “O Paradigma do Documentário. António Campos, Cineasta” www.livroslabcom.ubi.pt. É co-editora da revista DOC On-line (www.doc.ubi.pt).

As inscrições foram gratuitas e limitadas (máximo 20 pessoas).

WORKSHOP

para jornalistas no Cine'Eco, "Informação em Contexto"

Casa Municipal da Cultura de Seia

No âmbito das temáticas da Década das Nações Unidas da Educação para o Desenvolvimento Sustentável (2005-2014) dinamizada pela UNESCO, a Comissão Nacional da UNESCO, em parceria com a RTP, o Comité Português Planeta Terra e a Câmara Municipal de Seia vão organizar uma acção de formação, intitulada "*Informação em Contexto*", destinada a jornalistas e outros profissionais da comunicação social.

Actividades Paralelas

Esta acção de formação terá lugar em Seia, no Centro de Interpretação da Serra da Estrela – CISE, no dia 23 de Outubro de 2010, no âmbito do Festival Internacional de Cinema de Ambiente de Seia (Cine'Eco - 16 a 23 de Outubro de 2010).

A referida acção de formação visa dotar os profissionais da comunicação social de conhecimento científico relacionado com dinâmicas que envolvem o funcionamento de sistemas naturais, de modo a promover uma melhor contextualização da notícia. Como intérpretes de realidades que denotam um crescente conflito entre as sociedades actuais e a natureza, tal conhecimento revela-se necessário e pertinente no desenvolvimento adequado das suas actividades quotidianas de disseminação de informação relacionada com problemas ambientais actuais de relevância social.

Desastres e riscos naturais, alterações climáticas, perda da biodiversidade são temas recorrentes na agenda informativa dos Media, que geralmente reportam os impactos, por vezes devastadores, do crescente desequilíbrio na relação entre os cidadãos e a natureza, mas raramente referem as suas causas.

É possível minimizar tal desequilíbrio se a sociedade adoptar comportamentos ajustados às dinâmicas dos processos naturais, valores que são necessários incorporar nas notícias em torno da temática ambiental – cujas implicações ficam, frequentemente, por reconhecer.

A formação profissional específica para jornalistas nestes domínios constitui uma necessidade fundamental, já que se reflectirá numa cobertura mais atenta e com maior qualidade destas questões. "*Informar em contexto*" é um dos contributos essenciais da comunicação social na promoção dos valores de sustentabilidade social, económica e ambiental.

Serão formadoras, a Prof^ª Doutora Maria Helena Henriques (Coordenadora do Comité Português Planeta Terra e docente na Universidade de Coimbra), **a Dra. Sílvia Alves** (Jornalista da RTP/ Universidade Nova de Lisboa) e **a Dra. Elizabeth Silva** (Responsável pelo Sector das Ciências da Comissão Nacional da UNESCO e Ponto Focal para a Década das Nações Unidas da Educação para o Desenvolvimento Sustentável).

Este curso será destinado a 20 formandos e relativamente ao **Programa, o curso assenta em quatro módulos interligados entre si**, em que serão apresentados e debatidos temas a partir de casos concretos – tais como notícias, reportagens e artigos – a fim de serem assimiladas novas abordagens práticas na comunicação social, nomeadamente:

Módulo 1 – Introdução: “A Comunicação Social como Mediadora – do Conhecimento Científico ao Conhecimento Público”

Módulo 2 – “Biodiversidade: Interdependências, vulnerabilidades e (Ab)usos da Natureza”

Módulo 3 – “Desastres Naturais ou Riscos Fabricados? – intersecção disciplinar (Ciências da Terra / Ciências Sociais)”

Módulo 4 – “Alterações Climáticas ou Alterações Mediáticas?”

Actividades
Paralelas

Cada módulo terá um convidado especial para orientar os formandos nas novas abordagens que se pretendem debater e que estes possam ter em conta quando produzem as suas notícias/reportagens. Serão convidados o **Prof. Doutor Jorge Paiva** (Biólogo, Centro de Ecologia Funcional / Universidade de Coimbra), que fará a ligação entre a Biodiversidade e a Sustentabilidade e a Biodiversidade e as Alterações Climáticas, o **Prof. Doutor Domingos Rodrigues** (Universidade da Madeira / Depto. de Geologia) e a **Prof^ª Doutora Iva Miranda Pires** (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas / Universidade Nova de Lisboa), que farão a intersecção disciplinar entre as Ciências da Terra e as Ciências Sociais, no que diz respeito à temática Desastres Naturais, o **Prof. Doutor Filipe Duarte Santos** e a **Prof^ª Doutora Maria João Cruz** (Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa / SIAM), para a temática Alterações Climáticas.

No final dos quatro módulos, terá lugar um debate aberto em que poderão participar, para além dos formandos, jornalistas e outros profissionais da comunicação social participantes no Cine'Eco.

As inscrições para a 1^ª edição da Acção de Formação “Informação em Contexto” estarão abertas até dia 1 de Outubro de 2010, devendo ser enviado um e-mail para elizabeth.silva@unesco.pt solicitando a referida inscrição, e no qual deverá constar o nome do formando, cargo, nome da entidade e respectivos contactos (telefone, e-mail, telemóvel, fax).

As referidas inscrições serão seleccionadas por ordem de chegada e posteriormente confirmadas por e-mail.

| 300 |
cineeco2010

EXPOSIÇÃO | Herman Mertens

Ligação

Casa Municipal da Cultura de Seia

Actividades
Paralelas

Fotografar é para Herman Mertens mais do que carregar no botão. É entrar na imagem que vê. Sentir um momento da vida dos outros. Ou voltar aos tempos passados. Admirar um mundo que está perto de si, conhecido e encantado, ou em contrário, muito longe e estranho. São sempre aventuras numa fracção de segundo com “Ligação” ao eterno.

Hermen Martins tem 59 anos. Nasceu na Bélgica perto de Antuérpia. Fez estudos de publicidade e decorador de interiores, montras e exposições. Vive em Portugal desde 2000. Nos últimos anos retomou a sua primeira paixão, a fotografia. Desde jovem que trabalha na Câmara escura, tendo-se convertido mais recentemente ao digital. Frequentou vários cursos de fotografia e participou em várias exposições individuais.

CONCERTO

Bernardo Sassetti Trio

Dia 16 | 22h00

Cine-Teatro Casa Municipal da Cultura de Seia

Concerto de Abertura CineEco

O Bernardo Sassetti Trio é considerada a formação mais estável do jazz português em actividade. Neste concerto, comemora o seu 10º aniversário. Bernardo Sassetti, Carlos Barretto e Alexandre Frazão têm, cada um deles, múltiplos projectos separados e são certamente dos mais talentosos músicos de jazz do nosso país. Começaram a tocar juntos em agrupamentos diversos com outros músicos, muito antes de formarem o Trio. Aprenderam a três o que Sassetti descreve como “ uma consciência colectiva do tempo e do espaço”.

Neste trio o entendimento é tão forte que cada um consegue prever os caminhos que os outros vão seguir e assim preparar-se para a justa resposta imediata. O profundo conhecimento que cada um tem dos outros dois parceiros, do modo como funcionam e da sua qualidade musical, da sua personalidade, não poderia resultar num jazz estéril e inerte, sem direito à surpresa.

PIANO Bernardo Sassetti **CONTRABAIXO** Carlos Barretto **BATERIA** Alexandre Frazão; Cultrede;
DURAÇÃO 90 min.; **ENTRADA LIVRE** mediante levantamento prévio do ingresso

ESPECTÁCULO

NICOLAU – 50 ANOS DE CARREIRA

Dia 20 | 22h00

Cine-Teatro Casa Municipal da Cultura de Seia

Espectáculo integrado na programação do CineEco

Prestes a comemorar 50 anos de carreira, Nicolau Breyner faz uma reflexão sobre os muitos papéis que já interpretou e sobre a relação que hoje tem com o mundo. Num tom intimista partilha com o público as histórias mais divertidas dos bastidores do teatro, cinema e televisão, bem como algumas das suas inquietações actuais. «Porque é que os computadores nunca funcionam?» ou «Quem é que inventou as casas de banho inteligentes? Acompanhado por um trio de músicos, Nicolau Breyner cantará ainda algumas canções, acompanhado ao vivo por um trio de músicos, tendo como pano de fundo as imagens mais marcantes da sua carreira. Humor, música e Nicolau Breyner no seu melhor.

Actividades
Paralelas

TEXTO Nicolau Breyner, Patrícia Castanheira e Roberto Pereira; **DIRECÇÃO MUSICAL** António Palma; **DESENHO DE LUZ** Paulo Sabino; **INTERPRETAÇÃO** Nicolau Breyner; **PIANO** António Palma; **BAIXO** Nuno Oliveira; **BATERIA** Alexandre Alves; uma co-produção UAU/Produções Fictícias; **DURAÇÃO** 1h20, sem intervalo.



Bilhetes Normal: 5 euros,
Cartão M. Juventude e Idoso: 2,5 euros

CONCERTO

COUPLE COFFEE

Dia 23 | 22h00

Cine-Teatro Casa Municipal da Cultura de Seia

Sessão de Encerramento do Cine'Eco

Dona de uma voz carismática, a cantora Luanda Cozetti faz duo com o virtuoso baixista Norton Daiello no grupo Couple Coffee. Depois de três álbuns lançados, o actual repertório dos seus concertos mistura sobretudo temas dos dois últimos: “Co’as Tamanquinhas do Zeca!”, dedicado à obra de Zeca Afonso, e “Young and Lovely”, dedicado aos 50 anos da Bossa Nova. O resultado, já testado em vários palcos, é absolutamente original. E fica ainda mais interessante com a participação de Ruca Rebordão (percussão) e Sérgio Zuraskwy (guitarra eléctrica) na formação denominada Couple Coffee & Band, que se encontra actualmente em digressão pelo país.

Actividades
PArelelas

Entrada Livre mediante reserva de lugar.



CineEco2010

XVI festival internacional de cinema e vídeo de ambiente
serra da estrela seia_portugal



Junho
2011

ARTE
NATUREZA
CULTURA

XIII FIGA

XIII FESTIVAL INTERNACIONAL
DE CINEMA E VIDEO AMBIENTAL





seia



CineEco

PRÉMIO NACIONAL
DO AMBIENTE 2006

(Confederação Portuguesa
das Associações de Ambiente)

